

"UM DOS THRILLERS MAIS AGUARDADOS DE 2018." – VANITY FAIR

UMA MÃE PERFEITA

AIMÉE MOLLOY

ASA



Ficha Técnica

Título: UMA MÃE PERFEITA
Título original: THE PERFECT MOTHER
Autor: Aimee Molloy
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Ana Saldanha
Revisão: Simão Sampaio
Capa: Jaya Miceli
Imagem da capa: Shutterstock e Jonathan Knowles/Getty Images
Fotografia da autora: Nina Subin
ISBN: 9789892342368

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2018, Aimee Molloy.
Letra de “Rebel Yell” usada com a permissão de Billy Idol.
© 2018, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

**UMA
MÃE
PERFEITA**

AIMEE MOLLOY

Para Mark

Três ratos cegos, três ratos cegos,
Vê como correm, vê como correm!

PRÓLOGO

DIA DA MÃE

14 DE MAIO

Joshua

Acordo, febril. A claraboia acima de mim palpita com a chuva e eu estendo os dedos como pernas de aranha pelos lençóis e lembro-me de que estou sozinha. Fecho os olhos e arranjo maneira de voltar a dormir, até acordar de novo, invadida por uma dor profunda e súbita. Tenho andado a acordar com uma sensação de náusea todas as manhãs desde que ele partiu, mas sei imediatamente que isto é diferente.

Passa-se algo de errado.

Custa-me andar, e rastejo da cama, pelo chão, que está com areia e pó. Encontro o telemóvel na sala de estar, mas não sei a quem telefonar. Ele é a única pessoa com quem quero falar. Preciso de lhe contar o que está a acontecer e ouvi-lo dizer que está tudo bem. Preciso de lhe recordar, só mais uma vez, o quanto o amo.

Mas ele não vai atender. Ou pior, vai atender e zangar-se comigo ao telefone, dizer-me que não vai continuar a suportar isto, avisar-me que, se alguma vez eu lhe voltar a telefonar, ele...

A dor ataca-me as costas com tanta força que não consigo respirar. Espero que passe, pelo momento de alívio que me foi prometido, mas ele não vem. Não é isto que os livros diziam que aconteceria, nada como aquilo com que o médico me disse para contar. Diziam que seria gradual. Que saberei o que fazer. Que vou cronometrar as coisas. Sentar-me na bola de ioga que comprei em segunda mão. Ficar em casa o máximo de tempo possível, evitar as máquinas, os medicamentos, todas as coisas que fazem no hospital para levar o bebé a nascer antes de o corpo estar pronto.

Não estou pronta. Ainda faltam duas semanas para o fim do tempo, e eu não estou pronta.

Concentro-me no telemóvel. Não é o número dele que marco, mas o dela, o da *doula* – uma mulher com *piercings* chamada Albany com quem só me encontrei duas vezes.

Estou a assistir a um parto e não posso atender neste momento. Se estiver...

Rastejo com o portátil para a casa de banho e sento-me no chão de ladrilhos frios, com uma toalha humedecida no pescoço e o computador fino pousado nos contornos salientes do meu filho. Abro o email e começo a escrever uma nova mensagem para elas, as Mães de Maio.

Estou na dúvida se isto é normal. As minhas mãos tremem enquanto escrevo. Sinto náuseas. A dor é intensa. Está a acontecer demasiado depressa.

Não vão responder. Estão a jantar fora, a comer qualquer coisa picante para apressar o seu trabalho de parto, a beberem goles da cerveja dos maridos à socapa, a desfrutarem de um serão tranquilo juntos, algo com que as mães com experiência nos avisaram que não devíamos voltar a contar nunca mais. Não vão ver o meu email até de manhã.

O aviso de chegada de um email soa imediatamente. A querida Francie. Está a começar! escreve ela. Cronometra as contrações e pede ao teu marido que te faça pressão constante no fundo das costas.

Como é que vai isso? escreve Nell. Passaram vinte minutos. Ainda o sentes?

Estou deitada de lado. Custa-me escrever no computador. *Sim*.

A casa de banho fica às escuras e quando volta a luz – daí a dez minutos, daí a uma hora, não faço ideia – sinto uma dor surda a despontar de um galo na testa. Volto a rastejar para a sala de estar, a ouvir um ruído, um uivo de animal, antes de me aperceber de que o som vem de mim. *Joshua*.

Consigo chegar ao sofá e encostar as costas às almofadas. Ponho a mão entre as pernas. Sangue.

Visto uma gabardine fina por cima da camisa de noite. De alguma maneira, consigo descer as escadas.

Por que não fiz a mala? Todas as Mães de Maio escreveram tanto sobre o que meter na mala, e no entanto a minha ainda está no armário do quarto, vazia. Sem um iPod com música relaxante, sem água de coco, sem óleo de hortelã-pimenta para as náuseas. Sem sequer uma cópia impressa do meu plano de parto. Seguro a barriga à luz de um lampião até chegar o táxi e entro para o assento traseiro húmido, tentando não reparar na expressão perturbada do rosto do motorista.

Esqueci-me do fato para a saída do hospital que comprei para o bebé.

No hospital, alguém me indica o sexto andar, onde me dizem que aguarde na sala de triagem. – Por favor – digo por fim à mulher que está sentada à secretária. – Sinto muito frio e tonturas. Pode chamar a minha médica?

A minha médica não está de serviço esta noite. É outra médica da clínica, uma que não conheço. Sinto-me dominada pelo medo quando me sento e começa a

sair de dentro de mim para a cadeira de plástico verde um líquido que cheira a terra, como a lama no quintal que a minha mãe e eu costumávamos remexer à procura de minhocas quando eu tinha seis anos.

Vou até ao corredor, decidida a manter-me em movimento, de pé, a recordar o rosto dele quando lhe contei. Ficou furioso, insistiu que eu o tinha enganado. Exigiu que me livrasse do bebé. *Isto vai dar cabo de tudo*, disse. *Do meu casamento. Da minha reputação. Tu não me podes fazer isto.*

Não to permito.

Não lhe disse que já tinha visto a luz verde a piscar dos batimentos do coração, que ouvira o seu ritmo, uma corda de saltar a girar rapidamente, emanando das colunas no teto. Não lhe disse que nunca quis tanto nada como quero este bebé.

Uns pulsos fortes levantam-me do chão. Grace. É o que diz no crachá de identificação dela. A Grace leva-me para um quarto, com as mãos à volta da minha cintura, e diz-me para me deitar na cama. Resisto. Não quero deitar-me na cama. Quero saber que o bebé está bem. Quero que a dor passe.

– Quero uma epidural – digo.

– Lamento – diz a Grace. – É demasiado tarde.

Agarro nas mãos dela, ásperas por as lavar muito com o sabão e a água do hospital. – Não, por favor! Demasiado tarde?

– Para a epidural. – Parece-me ouvir passos no corredor a correrem na direção do meu quarto.

Parece-me que o ouço chamar por mim.

Cedo e deito-me. É ele. É o Joshua, a chamar-me no escuro. A médica está aqui. Está a falar comigo e estão a pôr qualquer coisa à volta do meu bíceps, a espetar-me suavemente uma agulha debaixo da pele, na curva do braço, como lâminas de patins sobre o gelo. Estão a perguntar quem veio a acompanhar-me, onde está o meu marido. O quarto roda à minha volta e sinto o cheiro. O líquido que se escoia de mim. Como terra e lama. Sinto os ossos a fenderem-se. Sinto-me a arder. Algo deve estar errado.

Sinto a pressão. Sinto o fogo. Sinto o meu corpo, o meu bebé, a rasgar-se em dois.

Fecho os olhos.

Faço força.

CAPÍTULO UM

CATORZE MESES DEPOIS

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 4 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: AOS CATORZE MESES

Em honra do feriado, o conselho de hoje é sobre independência. Já reparaste que o teu pequerrucho, antes todo destemido, subitamente sente medo de tudo quando estás longe da vista? O adorável cão do vizinho é agora um predador aterrorador. A sombra no teto tornou-se um fantasma sem braços. É normal que o teu bebé comece a pressentir o perigo no seu mundo, e cabe-te agora a ti ajudá-lo a conquistar estes medos, fazê-lo saber que está em segurança e que, mesmo que a mamã esteja longe da vista, estará sempre lá para o proteger, aconteça o que acontecer.

Como o tempo passa depressa.

Era o que as pessoas andavam sempre a dizer-nos, pelo menos; as mãos de estranhos nas nossas barrigas, a dizer-nos como devíamos ter o cuidado de desfrutar desse tempo. Como tudo acabaria num abrir e fechar de olhos. Como, sem darmos conta da passagem do tempo, eles começariam a andar, a falar, a deixar-nos.

Já lá vão quatrocentos e onze dias e o tempo não passou nada depressa. Tenho andado a tentar imaginar o que o doutor H diria. Por vezes, fecho os olhos e imagino-me no consultório dele, quase no fim da consulta, com o paciente seguinte a bater ansiosamente com o pé no chão da sala de espera. *Tem tendência para matutar nas coisas*, diria ele. *Mas, o que é interessante, nunca nos aspetos positivos da sua vida. Pensemos nesses.*

As coisas positivas.

O rosto da minha mãe, como parecia tranquilo por vezes, quando estávamos só as duas, no carro a ir às compras; a caminho do lago.

A luz nas manhãs. A sensação da chuva.

Aquelas tardes preguiçosas de primavera, sentada no parque, com o bebé a dar cambalhotas dentro de mim, os meus pés inchados a transbordarem das sandálias como pêssegos demasiado maduros. Antes de todo o problema começar, quando o Midas não se tornara ainda o *Bebé Midas*, a causa mais recente de toda a gente, quando era só mais um recém-nascido em Brooklyn, um entre milhões, nem mais nem menos extraordinário do que a cerca de uma dúzia de bebés com futuros brilhantes e nomes esquisitos adormecidos no círculo interior de um encontro das Mães de Maio.

As Mães de Maio. O meu grupo de mamãs. Nunca gostei desse termo. *Mamã*. Tem tanta carga, é tão ideológico. Não éramos *mamãs*. Éramos mães. Pessoas. Mulheres que por acaso ovularam no mesmo período e depois deram à luz no mesmo mês. Estranhas que – para bem dos bebés, a bem da nossa sanidade – optaram por se tornarem amigas.

Inscrevemo-nos através do *site* The Village – «O recurso mais precioso dos pais de Brooklyn™» – e ficámos a conhecer-nos por email meses antes de nos encontrarmos em pessoa, muito antes de darmos à luz, dissecando a nossa nova sina com um nível de pormenor que as nossas amigas reais nunca tolerariam. Como descobrimos que estávamos grávidas. A maneira engraçada como contámos às nossas mães. Trocando ideias para nomes para o bebé e preocupações com os nossos músculos pélvicos. Foi Francie quem sugeriu que nos encontrássemos pessoalmente, no primeiro dia da primavera, e lá nos arrastámos todas até ao parque naquela manhã de março, sob o peso das nossas barrigas de terceiro trimestre. Sentadas à sombra, com o cheiro a erva recém-acordada no ar, sentíamo-nos contentes por estarmos juntas, por finalmente podermos dar um rosto a cada nome. Continuámos a encontrar-nos, inscrevemo-nos nas mesmas aulas de preparação para o parto, no mesmo curso de SBV, pusemo-nos de gatas umas ao lado das outras no mesmo ginásio de ioga. Depois, em maio, os bebés começaram a chegar, tal como esperado, mesmo a tempo do verão mais quente em Brooklyn de que havia registo.

Conseguiste! escrevíamos em resposta ao anúncio de mais um nascimento, a arrulhar como avós experientes ao vermos a fotografia anexada ao email de um bebé minúsculo embrulhado num cobertor azul e cor-de-rosa de hospital.

Essas bochechinhas!

Bem-vindo ao mundo, pequerrucho!

Algumas mães do nosso grupo não se sentiam suficientemente seguras para saírem de casa durante semanas, enquanto outras mal podiam esperar para nos encontrarmos, para mostrarem o seu bebé. (Os bebés ainda eram uma novidade

tão grande para nós que não nos referíamos a eles pelos seus nomes – não como o Midas, o Will, a Poppy, mas, simplesmente, como «o bebé» ou «a bebé».) Libertadas por alguns meses dos nossos empregos, se não das preocupações com as nossas carreiras, encontrávamo-nos duas vezes por semana, sempre no parque, usualmente à sombra do salgueiro perto do campo de basebol, se alguém tivesse a sorte de chegar lá primeiro e reclamar para nós aquele lugar disputado. No início, o grupo mudou bastante. Chegavam novas pessoas e outras que me acostumara a ver desapareciam – as céticas dos grupos de mamãs, as mães mais velhas que não conseguiam suportar a ansiedade coletiva, as que já estavam de partida para os subúrbios caros de Maplewood e Westchester. Mas eu podia sempre contar com a presença das três habituais.

Primeiro, a Francie. Se o nosso grupo tinha uma mascote, alguém disposta a revestir-se de penas e a liderar a nossa equipa em três vivas pelas mamãs, era ela. A Miss Simpatia, obcecada por não pôr um pé em falso, cheia de esperança e dos hidratos de carbono das comidas do Sul.

E depois a Colette, a preferida de todas, a nossa amiga de confiança. Uma das bonitas, com o seu cabelo castanho avermelhado de anúncio a champô, os seus modos fáceis de rapariga criada no Colorado e o seu parto em casa sem fármacos – a mulher perfeita, polvilhada com açúcar.

E finalmente a Nell: britânica, *cool*, sem querer saber dos livros e dos conselhos de especialistas. Muito «confia nos teus instintos». Muito «realmente não devia». (Realmente não devia comer esse queque com pepitas de chocolate. Essas batatas fritas. Não devia beber esse terceiro *gin* tónico.) Mas havia algo mais na Nell, algo por baixo do exterior ousado, que detetei desde o primeiro dia: ela, tal como eu, era uma mulher com um segredo.

Eu nunca fui um dos elementos mais assíduos, mas ia tantas vezes quantas conseguia aguentar, primeiro a arrastar o meu corpo de grávida e depois a empurrar o carrinho de bebé pela rua íngreme abaixo até ao parque. Sentava-me na minha manta, com o carrinho estacionado perto dos outros à sombra do salgueiro, a sentir-me cada vez mais entorpecida enquanto escutava as ideias delas sobre os cuidados com o bebé, sobre as maneiras muito específicas como certas coisas tinham de ser feitas. Amamentação materna exclusiva. Atenção extrema a sinais de sono. Usar o bebé sempre que possível, como se ele fosse uma peça especial de vestuário comprada nos armazéns Bloomingdale's.

Não admira que tenha começado a detestá-las. Na verdade, quem consegue suportar ouvir aquele nível de certeza? Deixar-se ficar sentada a assistir ao julgamento?

E se uma pessoa não conseguir manter-se à altura daquilo tudo? E se não estiver a amamentar? E se, por exemplo, o leite quase já secou, por mais ervas chinesas que se ingiram ou por mais horas que se passem ligada à bomba a meio da noite? E se uma pessoa se sentir arrasada pela exaustão e por todo o tempo e dinheiro gasto a aprender a decifrar sinais de sono? E se simplesmente não se tiver a energia necessária para trazer um lanchinho para partilhar?

A Colette trazia os queques. Todas as vezes sem falta – vinte e quatro miniaturas de queques da pastelaria cara que abrira recentemente onde era antes o bar de tapas. Abria a caixa de papel e passava-a à volta, por cima dos corpos dos bebés – Winnie, Nell, Scarlett, sirvam-se – dizia. – São do outro mundo.

Muitas no círculo recusavam delicadamente, citando o peso que ainda tinham a perder e pegando nas suas tiras de cenoura e fatias de maçã, mas não eu. A minha barriga já estava tão lisa e firme como antes de engravidar. Posso agradecer à minha mãe por isso. Genes bons – é o que as pessoas dizem sempre sobre mim. Referem-se ao facto de eu ser alta e magra, de ter um rosto quase simétrico. Ao que não se referem é aos *outros* genes que herdei. Aos que me foram transmitidos não pela minha mãe, igualmente simétrica, mas pelo meu pai, exceccionalmente bipolar.

Os genes do Joshua não são melhores. Por vezes, eu falava com ele sobre isso, perguntava-lhe se o preocupava, o ADN a que ele tem de se esforçar por levar a melhor. O seu pai louco: o médico brilhante, tão caloroso e encantador com os pacientes. O alcoólico violento à porta fechada.

No entanto, como o Joshua não gostava que eu falasse sobre o pai dele, aprendi a ficar calada. É claro que não mencionava nada disto – os meus genes, o Joshua, o pai dele – às Mães de Maio. Não lhes dizia como tudo era difícil sem o Joshua. Como o amava. Como daria tudo – tudo – para voltar a estar com ele. Mesmo que fosse só por uma noite.

Não lhes podia contar isso. Não podia contar a ninguém. Nem sequer ao doutor H, um psiquiatra de primeira, que fechou o consultório quando eu mais precisava dele e se foi embora para a Costa Oeste com a mulher e os três filhos. Eu não tinha mais ninguém e por isso, sim, no início fui aos encontros na esperança de descobrir algo em comum com elas; algo na nossa experiência de sermos mães que pudesse ajudar-me a atenuar a escuridão daqueles primeiros meses, que toda a gente dizia serem os mais difíceis. *Vai tornar-se mais fácil*, escreviam os especialistas de saúde. *Dê tempo ao tempo*.

Bem, as coisas *não* ficaram mais fáceis. Fui culpada pelo que aconteceu naquela noite do Quatro de Julho. Mas não se passa um dia em que não recorde a

verdade a mim mesma.

A culpa não é minha. É delas.

Foi por causa delas que o Midas desapareceu e que eu perdi tudo. Mesmo agora, passado um ano, sentada sozinha nesta cela de prisão, a tocar na cicatriz dura e irregular na minha barriga, penso em como tudo poderia ter sido diferente se não fossem elas.

Se não me tivesse inscrito no grupo delas. Se elas tivessem escolhido outra data, outro bar ou outra pessoa que não a Alma para tomar conta do bebé nessa noite. Se aquela coisa com o telemóvel não tivesse acontecido.

Se pelo menos as palavras que a Nell disse naquele dia – com a cabeça inclinada para o céu, as feições inundadas pelo sol – não fossem tão prescientes: *Acontecem coisas más num tempo de calor como este.*

CAPÍTULO DOIS

UM ANO ANTES

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 30 de junho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 47.º DIA

A maioria das mães já deve ter entrado no ritmo da amamentação durante as últimas seis semanas, mas, para as que ainda estão a debater-se com dificuldades – não desistam! O leite materno é de longe a melhor coisa que podes dar ao teu bebé. Se estás a sentir alguma dificuldade, presta atenção ao teu regime alimentar. Os lacticínios, o glúten e a cafeína podem fazer diminuir a quantidade de leite produzido. E se sentes dor ou desconforto, considera a hipótese de contratar uma consultora de lactação para te ajudar a resolver os problemas. Pode ser o melhor dinheiro que alguma vez gastarás.

– O que é que isso quer *dizer*, acontecem coisas más num tempo de calor como este? – pergunta Francie, com os caracóis crespos à volta do pescoço e uma expressão perturbada.

Nell afasta uma mosca com o jornal que está a usar como leque. – Estão trinta graus – diz. – Em Brooklyn. Em junho. Às *dez* da manhã.

– E então?

– Então, talvez isso seja normal no Texas...

– Eu sou do Tennessee.

– ... mas não é normal aqui.

Um vento quente levanta a ponta da manta, cobrindo o rosto do filho de Francie. – Bem, não devias dizer coisas dessas – diz Francie, pondo o bebé contra o ombro. – Eu sou supersticiosa.

Nell pousa o jornal e abre o fecho do saco das fraldas. – É algo que diz o Sebastian. Ele cresceu no Haiti. Pode dizer-se que estão mais acostumados do que nós os americanos a prestar atenção ao planeta.

Francie ergue as sobrancelhas. – Mas tu és britânica.

– Está tudo bem aí? – Colette pergunta em voz alta a Scarlett, que está entre o grupo de carrinhos de bebé na sombra, com os bebés a dormirem dentro deles.

Scarlett ata as pontas de uma manta fina de algodão às pegadas do seu carrinho de bebé e regressa ao círculo.

– Julguei que o bebé estava acordado – diz, voltando a ocupar o seu lugar ao lado de Francie e tirando do saco um frasco de desinfetante das mãos. – Foi uma noite longa, por isso, por favor ninguém se aproxime dele. O que é que perdi?

– O mundo vai acabar, ao que parece – diz Francie, e suga o chocolate de um *pretzel*, a única doçaria que se permite.

– É verdade – diz Nell. – Mas eu tenho o antídoto ideal. – Empunha a garrafa de vinho que tirou do saco das fraldas.

– Trouxeste *vinho*? – Colette sorri e apanha o cabelo num puxo enquanto Nell abre a garrafa.

– E não é um vinho qualquer. É o melhor vinho verde que se pode comprar por doze dólares às nove e meia da manhã. – Deita dois dedos num pequeno copo de plástico dos que tirou do saco das fraldas e estende-o a Colette. – Bebe depressa. Está morno.

– Para mim não – diz Yuko, que está a andar à volta da manta a embalar a filha contra o peito. – Tenho ioga logo.

– Para mim também não – diz Francie. – Estou a amamentar.

– Oh, tretas! – exclama Nell. – Nós estamos *todas* a amamentar. – Ergue a mão, a clarificar. – A não ser que tu não estejas. A não ser que vás para casa, corras os cortinados e lhe dês leite em pó às escondidas. Isso também não tem mal nenhum. Seja como for, não é um pouco de vinho que vai fazer mal.

– Isso não é o que vem nos livros – diz Francie.

Nell revira os olhos. – Francie, para de ler a propaganda. Não tem mal *nenhum*. Em Inglaterra, a maior parte das minhas amigas bebia um pouco, durante toda a gravidez.

Colette dirige um aceno a Francie, a sossegá-la. – Bebe um copo se te apetece. Não vai fazer mal ao Will.

– A sério? – Francie olha para Nell. – OK, tudo bem. Mas só um bocadinho.

– Para mim também. Para celebrar – diz Scarlett, a estender a mão para um copo. – Já vos disse? Estamos prestes a assinar o contrato de compra de uma casa. Em Westchester.

Francie solta um gemido. – Tu também? Porque é que toda a gente está a mudar-se para os subúrbios de repente?

– Eu preferia mudar-me para mais longe, para ser franca, mas o Senhor Catedrático meu marido acabou de entrar para o quadro na universidade de Columbia e precisa de viver mais perto. – Scarlett olha à volta para o grupo. –

Sem ofensa, até conheço muitas pessoas que adoram, mas eu não consigo imaginar-me a criar uma criança nesta cidade. Desde que tive o bebé, só consigo ver como isto é imundo. Quero que ele tenha ar puro e árvores.

– Eu não – diz Nell. – Quero que o meu bebé seja criado na imundície.

Francie bebe um gole de vinho. – Quem me dera que nós tivéssemos posses para nos mudarmos para Westchester.

– Winnie? – pergunta Nell. – Queres vinho?

Winnie está a olhar para um ponto à distância, a ver um casal atirar um disco voador um ao outro no prado comprido, com um *border collie* a correr estonteado entre eles. Não parece ouvir Nell. – Winnie, minha querida. Volta para nós.

– Desculpa – diz Winnie, sorrindo a Nell e lançando um olhar a Midas, que está a começar a despertar na dobra das pernas dela, com as mãos a tapar as orelhas. – O que disseste?

Nell estende-lhe um copo. – Queres um pouco de vinho?

Winnie pega em Midas, encosta-o ao peito e olha para Nell, com a boca enterrada no cabelo preto do bebé. – Não. Não devia.

– Por que não?

– O álcool nem sempre me cai bem.

– Mas o que se passa convosco, minha gente? – Nell deita vinho no seu copo e volta a arrolhar a garrafa. Uma tatuagem grande de um colibri – esfumado e em tons pastel – desponta de debaixo da manga da sua *t-shirt* preta. Bebe um gole. – Meu Deus, isto é horrível. Oh, ouçam-me esta. Saí com a bebé ontem para ir tomar um café. Uma mulher olhou para a minha barriga, deu-me os parabéns e perguntou-me para quando estava previsto.

– Isso é indesculpável! – exclama Yuko. – O que é que lhe respondeste?

Nell ri-se. – Que era para novembro.

Francie olha para Winnie, que está mais uma vez a olhar para o outro lado do relvado, com uma expressão tensa no rosto. – Estás bem?

– Estou ótima. – Enfia uma madeixa de cabelo por trás da orelha. – Este calor está a dar cabo de mim.

– Por falar nisso, podemos conversar sobre outro ponto de encontro? – pergunta Yuko, enquanto deita o filho na manta e procura uma fralda limpa dentro do seu saco. – Só vai ficar mais calor. Os bebés derretem aqui no parque.

– Podíamos ir para a biblioteca – sugere Francie. – Têm uma sala vazia nas traseiras que podíamos reservar.

– Bem, isso parece-me horrível – diz Nell.

– Já alguém esteve naquela esplanada nova perto do parque infantil grande? – pergunta Colette. – O Charlie e eu fomos lá um destes dias e havia alguns grupos de mães com os bebés. Talvez pudéssemos fazer isso de vez em quando. Podíamos encontrar-nos para almoçar.

– E para beber umas sangrias – diz Nell, com um brilho nos olhos. – Ou melhor ainda, e se fizéssemos algo do género à noite? Sairmos *sem* os bebés.

– Sem os bebés? – pergunta Francie.

– Sim. Eu regresso ao trabalho na semana que vem. Estou morta por me divertir um bocado enquanto ainda posso.

– Acho que não – diz Francie.

– Porque não?

– O bebé ainda só tem sete semanas.

– E então?

– Então, não é um pouco cedo para o deixar? Além disso, ele é insuportável à noite. Aparentemente, estamos no auge da amamentação ininterrupta.

– O teu marido que tome conta dele – diz Scarlett. – É importante que estabeleçam laços nestes primeiros meses.

– O meu marido? – pergunta Francie, com a testa franzida.

– Sim – responde Nell. – Sabes quem é, o Lowell? O homem cuja ejaculação concebeu metade do teu bebé?

Francie estremece. – Nell. Que grosseria! – Olha para Winnie. – Tu ias?

Winnie envolve Midas no *Moby Wrap* que traz ao peito e pega na sua manta. – Não tenho a certeza.

– Oh, anda lá! – diz Colette. – Vai ser bom para nós tirarmos uma folga dos bebés.

Winnie põe-se de pé, com o vestido cor-de-rosa a cair-lhe até aos tornozelos. – Ainda não tenho *babysitter* para o Midas.

– E o teu...

– Merda – diz Winnie, olhando para o relógio fino de prata que traz no pulso. – É mais tarde do que julgava. Tenho de me apressar.

– Aonde vais? – pergunta Francie.

Winnie põe uns óculos de sol grandes e um chapéu de algodão com grandes abas que lhe deixa na sombra o rosto e os ombros. – Sabes como é, um milhão de afazeres. Até à próxima.

Todas as pessoas sentadas na manta ficam a ver Winnie atravessar o relvado e subir a encosta, com o seu cabelo preto solto à volta dos ombros e o vestido a esvoaçar-lhe contra os calcanhares.

Depois de ela desaparecer pelo arco, Francie suspira. – Sinto pena dela.

Nell ri-se. – Sentes pena da *Winnie*? Porquê, porque ela é tão linda? Ou, espera, é por ela ser assim tão magra?

– É por ser mãe solteira.

Colette engole o vinho. – O quê? Como é que tu sabes isso?

– Ela disse-me.

– Estás a brincar. Quando?

– Há uns dias. Parei no Spot, pelo ar condicionado e para comer um *scone*. O Will fez uma birra enquanto eu estava na fila. Fiquei toda embaraçada, e nessa altura apareceu a Winnie. O Midas estava a dormir no carrinho e ela pegou no Will e encostou-o ao peito. Ele acalmou-se imediatamente.

Nell semicerra os olhos. – Eu sabia que aquelas mamas eram mágicas. Só olhar para elas já me acalmou a mim algumas vezes.

– Convivemos por uns momentos. Foi agradável. Ela é tão reservada, não é? Mas disse-me que é solteira.

– Disse-to assim, sem mais? – pergunta Nell.

– Sim, mais ou menos.

– Quem é o pai?

– Não perguntei. Reparei que ela não usa aliança, mas perguntar-lhe assim de chofre? Parecia-me uma intromissão. – A expressão de Francie torna-se pensativa. – Também me disse que estou a fazer um ótimo trabalho com o Will. Foi uma doçura. Não dizemos coisas dessas uns aos outros com a frequência com que devíamos. O Will consegue ser tão difícil! – Francie parte um *pretzel* a meio. – A maior parte do tempo sinto que estou a falhar. É agradável ouvir dizer que talvez não esteja.

– Oh, Francie, não sejas tonta – diz Colette. – O Will está ótimo. Tu estás a sair-te muito bem. Nenhuma de nós sabe o que está a fazer.

– Não é estranho nós não sabermos isso sobre ela? – pergunta Yuko. – Que ela é solteira?

– Nem por isso. – Nell pousa o copo de vinho ao seu lado e puxa para baixo a gola já esticada da sua *t-shirt*. Leva ao peito a filha, Beatrice, e começa a amamentá-la. – Só falamos de coisas relacionadas com *os bebés*.

– Ter um *marido*? – diz Francie. – Isso de certo modo está relacionado com *os bebés*. Meu Deus, conseguem imaginar? Fazermos isto sozinhas? Que solitário!

– Eu morria – diz Colette. – Se o Charlie não se encarregasse de algumas das mamadas da noite e não fosse comprar as fraldas eu dava em doida.

– Eu também, mas... – Scarlett começa a falar, mas cala-se.

– Mas o quê? – pergunta Colette.

– Não, nada.

– Não, Scarlett, o quê? – Francie está a olhá-la fixamente. – O que é que ias dizer?

Scarlett mantém-se em silêncio por um momento. – OK, tudo bem. Preocupa-me que esteja a passar-se mais qualquer coisa.

– O que é que queres dizer com isso?

– Não quero revelar nada do que ela me tenha dito, mas demos uns passeios juntas. Somos vizinhas, e parece que seguimos o mesmo percurso quando estamos a tentar que os nossos bebés façam uma sesta. Eu não vos contava isto se não pensasse que tenho de o fazer... mas ela está deprimida.

– Foi ela quem te disse? – pergunta Colette.

– Deu a entender. Sente-se assoberbada. Não tem ninguém a ajudá-la. Também me disse que o Midas tem muitas cólicas. Chora durante horas.

– Cólicas? – pergunta Francie, incrédula. – O *Will* tem cólicas. O Midas parece um bebé tão fácil!

– A uma minha amiga de Londres foi diagnosticada uma depressão pós-parto severa – diz Nell. – Sentia-se demasiado envergonhada com os pensamentos que andava a ter para os contar a alguém até o marido a obrigar a procurar auxílio.

– Não sei – diz Colette. – A Winnie não me parece deprimida. Provavelmente, é só a melancolia típica de ter tido um bebé. Quem de nós não sentiu isso de tempos a tempos?

– Olá, pessoal.

Olham todas para cima e veem Token ali de pé, com o contorno de um bebé dentro da faixa que lhe atravessa o peito. Ele limpa a testa à manga da *t-shirt*. – Meu Deus, está calor. – Descalça os ténis e estende a manta que tirou do saco das fraldas no chão ao lado da de Colette. – A Autumn está mesmo a tentar não fazer a sesta da manhã. Ando a passeá-la há uma hora para ver se adormece. – Senta-se. – Estão a beber vinho?

– Estamos – diz Nell. – Queres?

– Claro que sim. É bom?

– O suficiente para dar resultado.

Francie continua a fitar Scarlett. – Temos de fazer alguma coisa, certo? Talvez devêssemos organizar qualquer coisa para ela, dar-lhe algum tempo para descontraír, sem estar a olhar pelo bebé.

– Para quem? – pergunta Token.

– Para a Winnie.

Token para, com o copo a meio caminho da boca. – O que se passa com a Winnie?

Francie olha para ele. – Não se passa nada. Estávamos só a dizer que talvez ela precise de tirar uma folga por uma noite.

Yuko franze a testa. – Mas esperem lá. Talvez ela não tenha posses para isso. Como mãe solteira? Com uma *babysitter*, bebidas e jantar, uma saída à noite pode custar-lhe uns duzentos dólares.

– Duvido que isso seja problema – diz Francie. – Já reparaste nas roupas que ela usa? Não me dá a impressão de ser alguém com preocupações de dinheiro. A questão é arranjar uma *babysitter*.

– Eu pergunto à Alma se pode – diz Nell.

– A Alma?

O rosto de Nell ilumina-se. – Oh, esqueci-me de vos contar, pessoal. Finalmente arranjei alguém. Começa amanhã por umas horas e depois a tempo inteiro quando eu voltar para o trabalho na próxima semana, Ela é *incrível*. Ofereço-me para lhe pagar por essa noite. É o meu presente de despedida para a Winnie. – Nell estende a mão para o seu telemóvel, que está em cima da manta, e verifica o calendário. – E que tal a noite do dia quatro de julho? – Olha para cima, para o grupo. – Ou ficam todos em casa a recitar o Juramento de Lealdade nessa noite?

– Eu costumo ficar – diz Colette. – Mas abro uma exceção este ano.

– Eu alinho – diz Token.

– Eu também – diz Francie. – Yuko? Scarlett?

– Claro – diz Yuko.

Scarlett franze a testa. – Acho que os meus sogros vêm ver a nova casa. Mas não quero estragar-vos os planos. Quem sabe quanto mais tempo vou estar em Brooklyn?

– Eu envio um email a todas as Mães de Maio – diz Nell. – Fazemos uma saída em grande. Vou arranjar um sítio divertido para irmos.

– Ótimo! – diz Francie. – Só não te esqueças de convencer a Winnie a ir.

Nell deita Beatrice na manta diante de si. – Vai ser o máximo. Algumas horas fora de casa. Um gostinho de liberdade. – Levanta o copo e emborca o resto do vinho. – Nada de que nos arrependamos. Só uma bebida.

CAPÍTULO TRÊS

4 DE JULHO

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 30 de junho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 51.º DIA

Nesta sétima semana, o teu bebé deve começar a dominar o controlo muscular: a dar pontapés, a contorcer-se e a manter a cabecinha levantada. Enquanto se vai tornando mais apto fisicamente e vai ficando em sintonia com o ambiente que o rodeia, não poupes nos beijinhos e nos sorrisos e nuns poucos *hip hip hurra!* para lhe mostrar como a mamã se sente orgulhosa por todos os grandes passos que está a dar.

20:23

O ar está pesado com álcool e calor, a música suficientemente alta para desencadear uma dor de cabeça instantânea. Ribomba das colunas, misturando-se com vagas de risadas juvenis. Rapazes e raparigas dos seus vinte e poucos anos, de regresso à cidade para as férias universitárias, juntam-se ao balcão, com os cartões de crédito dos pais entre os dedos; estão junto à zona do *bocce*, a aguardar a sua vez de atirar uma bola por uma pista de areia; dançam muito juntos numa sala ao lado, mal iluminada, perto de um homem em tronco nu a fazer girar discos.

Nell abre caminho por entre a multidão e avista o grupo no pátio nas traseiras. Token está a juntar umas mesas, à procura de cadeiras extra. Francie, com um vestido de algodão preto com um decote extremamente revelador, está a cumprimentar toda a gente com um abraço: Yuko; Gemma; Colette, que parece ainda mais bonita do que de costume, com o seu cabelo brilhante solto pelas costas e os lábios pintados de cor-de-rosa vivo. Está por perto um grupo de outras mulheres, muitas das quais Nell não reconhece, que já não comparecem aos encontros há algum tempo e cujos nomes ela não será capaz de recordar.

– Olá – diz Nell, aproximando-se de Token. Ele está com o seu uniforme habitual – uma *t-shirt* desbotada com o nome de uma banda de que Nell nunca

ouviu falar, calções e ténis *Converse* coçados. – Este bar é um bocado duvidoso, não é?

– Não há dúvida de que é.

– Quem o escolheu?

– Foste tu.

– Oh, certo. É um bocado mais barulhento do que eu esperava. – Põe-se a olhar para a multidão à procura de uma empregada de mesa, pouco à vontade com a maneira atenta como Token parece estar a observá-la. Ele bebe um gole de cerveja, que lhe deixa um trilho de espuma no lábio superior. Nell resiste ao impulso de a limpar com o dedo. – Onde é que arranjaste essa bebida?

– Tens de ir ao bar – diz Token, aproximando-se ainda mais. – Não há serviço de mesa neste momento. – Francie aparece subitamente ao lado deles. As suas pálpebras brilham com uma sombra prateada.

– Onde é que está a Winnie?

– Olá, Francie. Estou ótima, obrigada.

– Desculpa – diz Francie. – Olá e isso tudo. Mas ela sempre vem?

– Vem. Não deve tardar a chegar – responde Nell, duvidando que Winnie apareça de facto. Depois de dois emails e um telefonema, Winnie continuou a recusar-se a vir, dizendo só que não estava disponível. E depois, já tarde na noite anterior, Nell recebeu a mensagem, a dizer que ela tinha mudado de ideias.

Quero ir ter convosco, escreveu Winnie. A Alma sempre pode vir tomar conta do Midas?

– Suponho que ela está a ambientar o Midas à Alma – diz Nell a Francie.

– OK, ótimo. Mantenho-me de olho para a ver chegar.

– E eu vou buscar uma bebida. – Nell volta a entrar no bar e dirige-se ao balcão. Pede um *gin* tónico, a recordar a discussão que teve com Sebastian na semana anterior. Estava na casa de banho, a escovar os dentes, e disse a Sebastian que tinha ido contra a vontade dele e oferecera o emprego a Alma.

– Nell. – Havia irritação na voz dele.

– O que foi? – Ela olhou-o no espelho.

– Nós falámos sobre isto. Gostava mesmo que não o tivesses feito.

– Porquê?

– Tu sabes porquê. – Fez uma pausa. – Ela é uma imigrante ilegal.

Nell cuspiu para o lavatório. – Queres dizer que não tem documentos.

– Não vale a pena arriscar.

– Arriscar o quê? As nossas promissoras carreiras na política? – Nell enxaguou a boca e passou por Sebastian em direção à cozinha para ligar a

chaleira elétrica. – Tenho quase a certeza de que a minha carreira política acabou no quintal do Michael Markham quando eu tinha quinze anos.

– Sabes que não é disso que falo. Sabes que tens de ter cuidado...

Nell sente uma palmada no ombro e Colette aparece ao seu lado, a fazer sinal ao empregado do balcão. – Estás toda gira! – diz Colette, olhando para o ombro de Nell. – E já alguma vez te disse o quanto adoro essa tatuagem fabulosa?

– Queres saber uma coisa? – Nell inclina-se para Colette e levanta a parte de baixo da camisa. – Estou de calças de grávida. A bebé já tem dois meses e eu *ainda* ando de calças de grávida.

Colette ri-se. – A maravilhosa recompensa da gravidez: descobrir as cinturas com elásticos largos. – Olha para lá de Nell. – Oh, ótimo. Ela chegou.

Nell vira-se e vê Winnie de pé, sozinha, perto da entrada. Está com um vestido amarelo justo, que revela o brilho suave do seu pescoço e clavícula, e uma barriga surpreendentemente lisa para uma mulher que deu à luz há sete semanas. Parece estar a observar a multidão à sua volta.

– Ela parece... preocupada – diz Nell. – Certo?

– Achas? – Colette está a observá-la. – Bem, quem a pode criticar? Deve ser muito duro deixar o bebé com uma estranha pela primeira vez. Eu ainda não o fiz.

Nell acena para atrair a atenção de Winnie antes de pegar na sua bebida e seguir Colette para a mesa lá fora, passando por um grupo de jovens que fedem a erva.

– Olá – diz Winnie, abrindo caminho por entre a multidão na esplanada, com uma bebida na mão.

– Correu tudo bem? – pergunta Nell.

– Correu. O Midas já estava a dormir quando a Alma chegou.

– Não te preocupes com nada – diz Nell. – Ela é uma verdadeira profissional.

Sentam-se e chocam os copos num brinde – Às Mães de Maio! – grita Francie, sobrepondo a voz à música, e prometem não falar dos bebés.

– Mas de que raio vamos falar então? – pergunta Token num tom sardónico. – Dos nossos próprios interesses?

– O que é isso? – pergunta Yuko.

– Alguém leu alguns livros bons?

– Eu acabei de comprar aquele novo livro sobre como regular o sono – diz Francie. – *Doze Semanas para a Paz*.

– Leram aquele outro de que toda a gente anda a falar? – pergunta Gemma. – *A Abordagem Francesa*, ou coisa do género?

– Não me parece que isto conte como não falar sobre os bebés – diz Nell. – Colette, ajuda-nos aqui. O que é que andas a ler?

– Nada. Não posso ler quando estou a escrever um livro. Mexe-me demasiado com a cabeça.

– Estás a escrever um livro?

Colette desvia o olhar de Nell, como se não tivesse tencionado revelar aquela informação.

– Espera lá – diz Nell. – Somos amigas há quatro meses e só agora te deu para partilhares essa notícia connosco?

Colette encolhe os ombros. – O nosso trabalho não veio à baila.

– Que tipo de livro? – pergunta uma mulher perto do fim da mesa, que tem as unhas pintadas de um cor de laranja néon... aquela que, pensa Nell, tem gémeos.

– Umas memórias.

– Na tua idade? É impressionante.

Colette revira os olhos. – Nem por isso. As memórias não são minhas. Sou uma escritora fantasma.

– O que é que queres dizer? – pergunta Francie. – Tipo, andas a escrever o livro de uma pessoa famosa?

– Mais ou menos. Gostava de poder dizer quem é, mas... – Colette acena com a mão e olha na direção de Winnie, que, repara Nell, tem estado a fitar o ecrã do seu telemóvel desde que se sentaram. – Está tudo bem? – pergunta-lhe Colette.

Winnie desliga o ecrã. – Sim, ótimo.

Nell repara nas unhas de Winnie, roídas até ao sabugo, e no ar de preocupação mal disfarçado sob o seu sorriso. Ainda antes de Scarlett lhes contar que Winnie confessara sentir-se assoberbada, Nell já se apercebera de que Winnie parecia muitas vezes distraída, ocasionalmente deprimida, de que começava a faltar a muitos encontros.

Um empregado de mesa de cabeça rapada e uma fila de *piercings* por cima de uma das sobrancelhas aproxima-se da mesa. – O serviço de mesa já começou, minhas senhoras. O que vai ser?

Nell pousa a mão no braço de Winnie. – O que estás a beber? Esta rodada é por minha conta.

Winnie sorri. – Um chá gelado.

Nell recosta-se na cadeira. – Um chá gelado?

– Sim. Têm um chá gelado bom. Sem açúcar.

– Um chá gelado *bom* sem açúcar? Não existe tal coisa. – Nell ergue as sobrancelhas. – Não quero pregar-te o sermão de antes do baile de finalistas,

mas esta noite é para tomares umas bebidas a sério.

– Eu estou bem – diz Winnie, e lança um olhar ao empregado de mesa. – É só o chá gelado.

– Como queiras – diz Nell, erguendo o seu copo. – Mais um *gin* tónico para mim. Quem sabe quando poderei ter outra noite como esta.

– Não sei como vais conseguir – diz Francie depois de o empregado de mesa acabar de anotar os pedidos e se afastar. – Voltar para o trabalho *na próxima semana*.

– Oh, não sejas tonta – diz Nell. – Vai correr tudo bem. De facto, estou ansiosa por voltar ao trabalho. – Desvia o olhar, esperando que ninguém consiga adivinhar a verdade: sente-se doente só de pensar em terminar a licença de maternidade daí a só mais cinco dias. Não está pronta para deixar a bebé, ainda não, mas não tem outra opção. A sua empresa, a Simon French Corporation, a maior editora de revistas do país, está a forçá-la a regressar.

– É claro que não estamos a *forçar-te* a regressar, Nell – disse Ian quando telefonou do escritório três semanas antes para «ver como iam as coisas». – É só que, bem, tu és a principal funcionária dos serviços tecnológicos e esta mudança para o novo sistema de segurança é a única razão por que te contratámos. – Fez uma pausa. – És a única pessoa que pode fazer isto. O *timing* é mau, mas isto é importante.

Importante? Nell teve vontade de perguntar a Ian, o seu patrão que, com a sua poupa cheia de gel, parecia uma personagem de desenhos animados. Ian, com os seus cintos ironicamente betinhos – azul-marinho com baleias cor-de-rosa, verde vivo com ananases entretecidos. O que é que era importante? Assegurar-se de que ninguém acedia indevidamente aos ficheiros seguros da empresa? Manter afastados os operacionais russos na sombra, decididos a obter acesso à tediosa entrevista a Catherine Ferris, uma qualquer estrela de um *reality show* da televisão, que desvendava as suas dicas supersecretas para ter uma pele lisa (duas colheres de sopa de óleo de peixe todas as manhãs, uma chávena de chá de jasmim todas as noites)?

Nell olha para o fundo da mesa, para o grupo de mulheres com os rostos descaídos de compaixão. – Oh, vá lá, minhas senhoras – diz ela. – É bom para os bebés verem as suas mães saírem para o trabalho. Torna-os autónomos. – *E o que é que eu havia de fazer?* apetece-lhe perguntar. Não pode arriscar-se a ser substituída, não com o custo de vida em Nova Iorque, não com a renda do T2 a dois quarteirões do parque, não com a dívida dos empréstimos para os estudos de ambos. Ganha mais do que o dobro do que Sebastian recebe como curador

assistente no MoMA, e é o salário dela que lhes permite viver em Nova Iorque. Não pode pôr tudo em risco por mais quatro semanas de licença de maternidade sem vencimento.

– Fui ao Whole Foods ontem – diz Colette, com as suas pulseiras douradas a refletirem a luz. – A empregada da caixa disse-me que só lhe deram quatro semanas de licença depois de ter o bebé. Sem vencimento, claro.

– É contra a lei – diz Yuko. – Têm de lhe garantir o lugar por três meses.

– Eu disse-lhe isso. Mas ela limitou-se a encolher os ombros.

– Tenho uma amiga que vive em Copenhaga – diz Gemma. – Teve dezoito meses de licença de maternidade depois de ter o filho. *Paga.*

– No Canadá – diz Colette –, têm de garantir o emprego de uma mulher durante um ano. De facto, os Estados Unidos são o único país, para além da Papua Nova Guiné, que não reconhece o direito à licença com vencimento. *Os Estados Unidos.* O país dos valores da família.

Nell bebe um gole e sente o álcool a fazer-lhe efeito nos músculos. – Achem que se recordarmos às pessoas que os bebés eram fetos há relativamente pouco tempo se vão sentir mais inclinadas a apoiar o direito à licença de maternidade?

– Ouçam-me só isto – diz Yuko, e lê alto no seu telemóvel. – «Finlândia: dezassete semanas de licença paga. Austrália: dezoito semanas. Japão: catorze semanas. América: zero semanas.»

A música muda. «Rebel Yell», de Billy Idol, soa atroadora pelas colunas. Nell espeta um dedo no ar e canta, a acompanhar: – *She doesn't like slavery. She won't sit and beg. But when I'm tired and lonely, she sees me to bed.* Isto devia o ser o hino das mães – diz ela. – A nossa canção de combate. *I walked the ward with you, babe. A thousand miles with you. I dried your tears of pain, babe. A million times for you.*¹

Nell repara que Winnie está a olhar mais uma vez para o seu telemóvel, e estende o braço, tira-lho das mãos e pousa-o em cima da mesa.

– Anda daí, dança comigo – diz, pondo-se de pé e puxando Winnie. – *I'd give you all and have none babe, justa justa justa just to have you here by me, because...* Aqui vamos nós! – Nell agarra a mão de Winnie quando o volume da cantoria aumenta subitamente, com todas as mulheres sentadas à mesa a desatarem a cantar o refrão. – *In the midnight hour, we need more, more, more. With a rebel yell, we cry more, more, more.*²

Nell ri-se e ergue o copo. – Abaixo o patriarcado! – berra.

Winnie sorri, afasta a mão delicadamente da de Nell e desvia o olhar da mesa, para lá de Nell, para lá da multidão que se comprime à volta deles, e nesse

momento o *flash* de uma máquina fotográfica ilumina os traços do seu rosto perfeito por um só instante.

21:17

Ao balcão do bar, Colette tem de berrar duas vezes para ser ouvida – um uísque com gelo – e pensa pedir um duplo, com as ancas a moverem-se ao som da música. O empregado do balcão faz deslizar a bebida na direção dela e ela bebe um longo gole. Há meses que não sai assim, que não toma uns copos com amigos, sem ter de cuidar de Poppy ou de se preocupar com o livro e o prazo de entrega que se aproxima rapidamente. Na maior parte das noites, por esta altura está sentada com o portátil na cama (a divisão que imaginara como escritório em casa quando os pais de Charlie lhes compraram o apartamento há dois anos tornou-se entretanto o quarto da bebé), a fitar uma página em branco e a sentir-se exausta e incapaz. *Como é que eu escrevia dantes?* pergunta-se. Escreveu um livro inteiro – as memórias de Emmanuel Dubois, o supermodelo de certa idade – em dezasseis semanas, mas, desde que teve Poppy, as palavras tornaram-se como sopros de ar, ultrapassando a capacidade do seu cérebro de as captar.

Bebe mais um gole, a saborear o calor do uísque na garganta, e sente uma mão no fundo das costas. Vira-se e vê Token.

– Olá – diz ele. Ela afasta-se para o lado e ele enfia-se entre ela e uma mulher com um chapéu à *cowboy* que está a tentar atrair a atenção do empregado do balcão. – Está um calor infernal lá fora.

– Não me digas. Queres uma bebida?

– Desculpa, o quê?

Ela aproxima-se mais dele. – Posso oferecer-te uma bebida?

– Ainda tenho. – Ele ergue o seu copo, meio cheio. – Vi-te a vir cá para dentro. Pensei em dizer-te olá e aproveitar o ar condicionado.

Ela sorri e desvia o olhar. Está com Charlie há quinze anos, há toda uma vida, mas Token é exatamente o tipo de homem por quem em tempos se teria sentido atraída: calado, discreto e talvez surpreendentemente bom na cama. Nell tem a certeza de que ele é *gay* (– Ouvi eu própria – disse Nell. – Ele usou a expressão «a pessoa com quem vivo»), mas Colette duvida. Tem andado a observá-lo nestas últimas semanas, desde que ele chegou pela primeira vez a um encontro das Mães de Maio ao lado de Winnie. Colette vê pela maneira como Token olha para Winnie por vezes, pela sua tendência para lhe tocar no braço quando falam, que é indubitavelmente heterossexual.

– Então – diz ele. – Não podes dizer-nos de quem é o livro que andas a escrever, mas podes dizer-me como está a ir? Não consigo imaginar ter de escrever um livro *e* cuidar de um recém-nascido.

Colette pensa em mentir e contar-lhe a história que tem contado a Charlie – *Tudo bem, estou a desenhencilhar-me* – mas decide confessar a verdade. – É horrível. Aceitei a proposta duas semanas antes de descobrir que estava grávida. – Faz um esgar de dor, na brincadeira. – A bebé não foi propriamente planeada.

Ele fita-a e acena com a cabeça. – Vais conseguir?

Colette encolhe os ombros e o cabelo solta-se-lhe do puxo, espalhando-se sobre os ombros e pelas costas abaixo. – Quando estou a escrever, sinto a necessidade de estar com a Poppy. E quando estou com ela, a única coisa em que penso é que preciso de me pôr a escrever. Mas garanti ao editor *e* ao *mayor* que a bebé não vai interferir com o cumprimento do prazo, daqui a quatro semanas. Queres saber a verdade? Estou pelo menos um mês atrasada.

Ele ergue as sobrancelhas. – O *mayor*? O *mayor* Teb Shepherd?

Colette sente uma pontada de arrependimento. – Costumo ser boa a guardar segredos. Deita as culpas a este uísque escuro e delicioso. Mas, sim, estou a escrever as segundas memórias dele.

Token acena com a cabeça. – Como todo o mundo, li as primeiras. – Bebe um gole lento da sua cerveja. – Também escreveste essas?

Ela acena que sim com a cabeça.

– Estou impressionado.

– Não contes às outras, está bem? Nem sei porque é que o mencionei à mesa. Este grupo é de mamãs da pesada, de mamãs a tempo inteiro. A minha situação é complicada.

– Não te preocupes. – Inclina-se para ela. – Eu também sou bom a guardar segredos. – Um homem por trás dele empurra-os, pressionando Token contra Colette. Ele acena na direção do pátio. – Vamos?

Voltam para o exterior e sentam-se no momento em que Francie está a bater com uma faca no seu copo. – Não quero interromper as conversas – diz Francie. – Mas chegou a hora.

– De quê? – pergunta Nell.

Francie vira-se para Winnie. – Winnie?

Winnie levanta os olhos do telemóvel que tem no regaço. – Sim?

– É a tua vez.

– A minha vez? – Parece ter sido apanhada desprevenida pela atenção da mesa. – A minha vez de quê?

– De contares a história do teu parto. – Colette gosta de Francie. Ela tem bom feitio e é muito nova – pela aparência, não terá mais do que trinta anos –, uma daquelas mulheres muito exclamativas. Mas Colette gostava que ela se deixasse deste ritual. A ideia foi de Scarlett, quando ainda estavam todas grávidas: que comessem cada encontro com alguém a explicar o seu plano para o parto. Depois de nascerem os bebés, a tradição transformou-se em longas histórias pormenorizadas da experiência do parto de cada uma, e vale muito pouco a pena negar o que aquilo é realmente. Uma competição. Quem desempenhou melhor o seu primeiro ato no papel de mãe? Quem foi a mais corajosa? Quem entre elas (as mamãs da cesariana) foi um fracasso? Colette tinha a esperança de que o grupo não tardasse a desistir daquela coisa, mas não pode negar que sente curiosidade de ouvir o que Winnie tem a dizer.

No entanto, Winnie limita-se a lançar um olhar à volta da mesa. – Sabem que mais? Vou seguir o conselho da Nell. Vou buscar uma bebida. Uma bebida a sério. – Acena para o copo vazio de Token. – Queres vir comigo?

– Com certeza – diz Token.

Colette fica a vê-los afastarem-se e depois vira-se para apanhar algumas das conversas que estão a decorrer à sua volta – faz os possíveis por se manter envolvida, sente-se surpreendida pela rapidez com que terminou a sua segunda bebida e pergunta-se se deveria ir buscar mais uma. Levanta-se para ir à casa de banho. No caminho, avista Winnie de pé ao balcão. Está a falar com um tipo – um tipo espantosamente atraente. Ele traz um boné de basebol de um vermelho vivo e está inclinado para ela, a falar-lhe ao ouvido. Token não se vê em lado nenhum. Colette tem a sensação de que devia desviar o olhar, de que está a presenciar algo que não deveria ver. Mas não tira os olhos deles. Em vez disso, contorna um casal que está à sua frente para os ver melhor. A mão do tipo está na cintura de Winnie e ele está a mexer no laço do vestido dela. Segreda qualquer coisa e ela afasta-se e olha-o nos olhos, irritada. Há algo nele, na maneira como posiciona o corpo tão perto do dela, algo na expressão dela...

– Estás bem? – pergunta Nell. Apareceu diante de Colette, tapando-lhe a visão de Winnie, com uma ementa na mão.

– Estou ótima. Vou à casa de banho.

– Quero dizer, tens fome? Posso pedir qualquer coisa.

– Não, obrigada – diz Colette. – Já comi. – Nell dirige-se para o balcão do restaurante e Colette volta a olhar para o bar.

Eles desapareceram.

Percorre a multidão com o olhar e depois dirige-se para a casa de banho, serpenteando por entre as pessoas na zona do *bocce* para se pôr na fila por trás de um trio de raparigas com roupas quase idênticas que estão a escrever mensagens nos telemóveis. Colette abana a cabeça. Ele é alguém que Winnie conhece, pensa. A apreensão que sente é o resultado do uísque e da exaustão; é só a sua mente a pregar-lhe uma partida, algo que já aconteceu algumas vezes nestes últimos dias, tal como esta manhã, quando deitou sem querer café num dos biberões de Poppy.

Despacha-se na casa de banho e sai para o passeio em frente ao bar para telefonar a Charlie, que lhe diz que Poppy está a dormir e que ele está a trabalhar nas revisões mais recentes do seu romance. – Demora o tempo que quiseses – diz ele. – Está tudo sob controlo aqui. – Colette regressa à mesa, senta-se ao lado de Francie e vê o telemóvel, junto dos frascos pegajosos de molhos picantes em frente ao lugar onde Token estivera sentado.

– Onde é que está o Token? – pergunta a Francie, que está a meter o seu telemóvel na mala de mão.

– Foi-se embora.

– Estás a brincar. Quando?

– Há um minuto. Foi mesmo esquisito. Saiu a toda a pressa. Disse que tinha surgido qualquer coisa em casa.

– Isso é estranho. Eu estava lá fora, a telefonar ao Charlie. Não o vi. – Colette estende a mão para o telemóvel. – Deixou ficar isto.

Nell regressa, a equilibrar nas mãos duas travessas de batatas fritas quentinhas. – Que tipo de bar não serve vinagre com as batatas fritas? – pergunta, e senta-se. – Isso seria uma ofensa federal em Inglaterra. – Nell repara em Colette. – A sério? Primeiro a Winnie e agora tu, colada ao telemóvel? Nós saímos hoje com o único objetivo de passarmos a noite a olhar para o telemóvel?

– Não é dela – diz Francie, afastando a travessa de batatas fritas e estendendo a mão para a água. – É do Token. Deixou-o ficar.

– Na verdade, não é do Token. É da Winnie. – Colette vira o telemóvel e mostra a fotografia de Midas como fundo do ecrã. – E também há aqui uma chave. Dentro da capa do telemóvel.

– Onde é que está a Winnie? – pergunta Francie. – Não voltou de ir buscar a tal bebida.

Colette passa um dedo no ecrã, que se ilumina com um vídeo de má qualidade, de um brilho vivo esverdeado como algas. – Esperem lá, o que é *isto*? – Vira o

telemóvel para Nell e Francie mais uma vez. – É o quarto do Midas?

Francie arranca o telemóvel da mão de Colette. – É um vídeo. É o berço dele.

– Deixa-me ver – diz Nell. Francie hesita. – Francie, deixa-me ver. Acho que é aquela aplicação. – Nell lambe o sal dos dedos e tira o telemóvel a Francie. – É mesmo. Conheço a pessoa que criou esta aplicação.

– Conheces? – pergunta Francie. – Como?

– Trabalhei com ele em Washington depois da faculdade, em segurança de dados. É uma boa ideia. Pode-se ver o monitor do bebé no telemóvel, desde que se tenha rede.

– Já ouvi falar nisso – diz Francie. – É o Peek-a-Boo! Estava a pensar descarregá-la, mas custa uns vinte e cinco dólares. Por uma aplicação? É uma loucura.

– O que é uma loucura é o facto de ela ter estado a olhar para isto – diz Nell. – Um vídeo pouco nítido do berço do Midas.

– Não vejo que mal possa ter – diz Francie.

– De que serve pagar a uma *babysitter* se vais pôr-te a vigiar o bebé a noite toda? – pergunta Nell.

– É a primeira vez que ela o deixa. Poupa-a – diz Francie. – Mas, realmente, onde é que ela está?

– Estava a falar com um tipo qualquer – diz Colette. – Um tipo ridiculamente giro.

– Eu também vi isso – diz Francie. – Ele foi direito a ela quando ela foi ao bar. Mas isso foi há para aí um quarto de hora. – Francie estica o pescoço para olhar para a multidão. – Ele parecia um bocado atrevido. Viste como lhe tocava? Vou à procura dela. Deve querer o telemóvel.

Francie estende a mão, mas Nell aperta o telemóvel contra o peito. – Ela é mãe solteira, está sem o bebé pela primeira vez. Deixa a rapariga divertir-se.

– Nell – diz Colette, lançando um olhar ao copo diante de Nell e perguntando-se quantas bebidas ela já terá tomado. – Não sejas assim. Ela vai querer o telemóvel.

– Só um segundo. – Nell passa um dedo no ecrã.

– O que é que estás a fazer? – pergunta Francie.

– Estou a ter o que é, com toda a certeza, uma ideia terrível.

– O quê? – pergunta Colette.

Nell mantém-se em silêncio enquanto passa o dedo no ecrã, prime e depois o desliga. – Está feito.

– O que é que tu fizeste?

– Apaguei a aplicação. A tal coisa do Peek-a-Boo! Já se foi.

– Nell! – exclama Francie, levando a mão à boca.

– Oh, por favor. Caiam na real. Nós estamos aqui esta noite por *ela*. Para ela poder descontraí, fazer uma pausa. Ficar a olhar para o bebé toda a noite não é uma coisa nem a outra. – Nell baixa a mão para pôr o telemóvel de Winnie na sua mala. – Numa boa. É para o bem dela. Leva-lhe dois minutos a voltar a instalar a aplicação, se quiser.

Colette sente uma dor cada vez mais intensa por trás dos olhos – a música, a multidão a juntar-se à volta delas no pátio, o que Nell acabou de fazer. Está pronta para ir para casa.

– Pelo menos, dá-me o telemóvel dela – pede Francie. – Tem a chave na capa. Deixa-me ficar com ele até ela voltar à mesa.

– Eu trato disto. Relaxa. – Nell vira-se para Colette e inclina-se para as mulheres do outro lado dela. – De que é que estão a falar, meninas?

– Da minha irmã – responde uma delas. – Está com trinta semanas e acabou de descobrir que tem um prolapso do útero. É uma chatice. Tem de fazer uma sutura labial.

– Mas que raio é uma sutura labial?

– Eu sei – diz Nell, num tom um nadinha exagerado. – Mete-se na vagina. Tem um gancho na ponta, para puxar o carrinho do bebé. Facilita as idas ao supermercado e à lavandaria. – Faz tilintar as pedras de gelo no seu copo e engole o resto da bebida. – Volto já. – Põe-se de pé, a cantarolar entre dentes, e encaminha-se para o balcão do bar. – *I want more, more, more. More more more.*

22:04

– Eu acho que ela precisa de menos, menos, menos – comenta Francie com Colette, afastando com a mão uma nuvem de fumo dos cigarros que as pessoas estão a fumar junto à balaustrada, diante do cartaz com os dizeres *Não Fumar*. Francie espera até não conseguir suportar mais e depois espreita para o telemóvel que tem dentro da sua mala. Já passaram doze minutos e Lowell ainda não respondeu à mensagem que ela lhe enviou. A noite está a ficar cada vez mais abafada – com uma humidade como nunca sentiu no Tennessee – e ela começa a sentir a cabeça a latejar. É o terceiro dia sem cafeína, e está a começar a ressentir-se. Tem andado mortinha por um gole de café, mas não pode ser. Tudo o que tem lido diz que a melhor coisa a fazer se começar a faltar o leite é deixar de tomar café. Will tem andado muito irritável e maldisposto nestes

últimos dias. Nunca foi um bebé fácil – a enfermeira de serviço na linha de atendimento não urgente da clínica pediátrica está sempre a dizer a Francie que é um caso clássico de cólicas. Que vai passar por volta da quinta semana. Mas Will está com sete semanas e dois dias e a situação só está a piorar. Não são cólicas, decidiu Francie. Ele anda irritável porque ela está a ficar sem leite e a fazê-lo passar fome. Sem dúvida que pode deixar de tomar café, se isso ajudar.

Decide enviar mais uma mensagem a Lowell, embora saiba que ele lhe vai dizer que deixe de ser obcecada com o bebé e que se divirta. Mas Francie não conseguiu parar de pensar em Will desde que saiu de casa e tem a certeza de que ele passou as duas últimas horas a chorar inconsolavelmente, como faz por vezes ao fim do dia, até vomitar.

Está tudo bem? Recebeste as minhas últimas mensagens? Envia a mensagem e sente-se imediatamente aliviada ao ver os três pontos que indicam que Lowell está a responder. Espera, com o telemóvel na mão.

Queres as notícias boas ou as más?

Uma onda de medo percorre-lhe o corpo. O que aconteceu? Envia a mensagem e aguarda. Lowell, responde-me. Quais são as más notícias?

Três pontos. Nada. Três pontos. Os Cardinals não prestam para nada.

Francie deixa de sustar a respiração. Não faças isso, por favor. Como está o bebé?

Essa é a boa notícia. Está a dormir. Tomou o biberão e caiu redondo.

Francie sente uma pontada de preocupação. Disse a Lowell para só dar a Will o biberão de leite em pó que ela tinha preparado no caso de ele não sossegar. Era a primeira vez que Will tomava leite em pó. Ela tem posto o despertador para acordar cedo nas últimas manhãs, na esperança de acordar antes do bebé para tirar leite a mais com a bomba, mas não tem quase nada, nem sequer 15 ml.

Escreve Isso quer dizer que estava muito desassossegado, e alguém se senta na cadeira ao lado da dela. Olha para cima, na esperança de que seja Winnie a regressar à mesa. Mas é Colette.

– Acabei de dar uma volta rápida lá dentro no bar – diz Colette. – Não encontro a Winnie.

Francie deixa cair o telemóvel na mala. – É tão estranho! Ela não pode estar ainda a falar com aquele tipo.

– Porque não? – pergunta Colette. – É solteira. Talvez tenha ido com ele para casa.

– Com ele para *casa*? A Winnie não faria uma coisa dessas.

– Porque não?

– Porque não se ia embora sem o telemóvel e a chave. E porque tem de ir para casa dela, para junto do Midas.

– Não sei. As outras estão a começar a ir-se embora. Eu também quero ir.

– Não podemos ir-nos embora sem ela – diz Francie, a parecer cada vez mais preocupada. – E agora onde é que diabo se meteu a Nell?

Um grupo de raparigas sai para o pátio a fazer muito ruído, a acenderem os cigarros umas das outras com um isqueiro que partilham, e sentam-se ao colo dos rapazes que vieram ocupar as cadeiras deixadas vazias pelas Mães de Maio, que entretanto foram para casa, para junto dos seus bebés. – Vou procurá-la – diz Francie.

Lá dentro, dá a volta ao bar e verifica a sala lateral, serpenteando por entre os casais que estão a dançar, com a batida da música a soar-lhe surda dentro do peito. Winnie não está lá. Também não está na zona do *bocce* nem no passeio na parte da frente do bar, ou, tanto quanto Francie consegue ver por baixo das portas de cada cubículo das sanitas, na casa de banho. Para ao espelho; duas taças de champanhe deixaram-na zonzas. Passa uma toalha de papel humedecida no pescoço e regressa à mesa, quase dando um encontrão a Nell pelo caminho.

– Ah, estás aí. Onde é que andaste? – Francie repara que Nell está a cambalear e tem os olhos toldados.

Nell ergue um copo. – Fui buscar uma bebida.

– Demoraste este tempo todo? Estavas com a Winnie?

– Com a Winnie? Não. Não a vejo desde... bem, tu sabes.

– Não, o que queres dizer? Desde quando?

– Desde antes. Quando a vi.

Francie pega no cotovelo de Nell. – Anda daí.

Colette está sozinha à mesa. – Onde é que está toda a gente? – pergunta Nell.

– Foram-se todas embora. São horas de irmos também.

– Já?

– Sim – responde Colette. – Podes dar-me o telemóvel da Winnie?

– O telemóvel dela? – Nell senta-se. – Certo. O telemóvel. – Pega na sua mala, mas deixa-a cair e o seu conteúdo espalha-se no chão. – Merda – diz, e tomba sobre os joelhos à toa. Atira para dentro da mala um porta-moedas gasto e uma embalagem de toalhetes. – Este raio desta minha mala. É demasiado grande.

Francie acocora-se e pega num estojo de óculos de sol. – Está aí dentro?

– Não – responde Nell. Belisca a cana do nariz. – Quem me dera que pusessem a música mais baixa. Estou com uma dor de cabeça de morte.

– Telefonem para o número da Winnie para ver se ouvimos o telemóvel tocar
– sugere Colette quando Francie e Nell se põem de pé, com Nell a agarrar-se à mesa para se segurar.

– Ela não voltou cá e não o levou, certo? Uma de nós tê-la-ia visto. – Francie percorre novamente o pátio com o olhar. – Acham que ela foi para casa? Isso seria uma pena. Eu queria mesmo que ela tivesse uma noite divertida.

– A Winnie disse à Alma que voltava às dez e meia – diz Nell. – A Alma tem uma filha de um ano e não gosta de trabalhar à noite.

O empregado aproxima-se da mesa. – Mais uma rodada?

– Não – diz Nell, e afasta-o com um aceno. – Não queremos mais bebidas.

– Vamos na mesma todas juntas a pé para casa, certo? – pergunta Francie. – Sei que não é longe, mas não quero ir a pé sozinha para casa.

– Eu estou pronta – diz Colette. – Já bebi mais do que a conta e tenho de trabalhar amanhã.

Um telemóvel toca dentro da mala de Nell. – Oh, graças a Deus! – exclama Francie. – É o telemóvel da Winnie?

Nell está mais uma vez a remexer dentro da sua mala. – Não, é o meu. – Fecha um olho e fita o ecrã. – Que esquisito. *Estou?* – Tapa o ouvido com um dedo. – Fala mais devagar, não entendo. – Nell está em silêncio, a escutar. E depois algo muda na sua expressão.

– O que foi? – pergunta Francie. – Quem é?

Nell está a acenar lentamente com a cabeça.

– Nell – diz Francie. – Diz alguma...

Mas antes de ter tempo de terminar a frase, Nell abre a boca e, com a voz estrangulada pelo terror, sai-lhe um som como um gemido. – *Nãaaao*.

22:32

– O que é que queres dizer, o Midas desapareceu como?

– Não sei. Foi o que disse a Alma.

– Desapareceu para onde?

– Não *sei*. Desapareceu. Não está no berço.

– Não está no berço?

– Não.

– O que é que isso quer dizer?

– Não sei. Ela foi vê-lo e o berço estava vazio. Era difícil compreendê-la. Estava descontrolada.

– A Winnie está lá? Deve ter ido a casa e levou-o para algum lado.

– Não. A Alma telefonou-lhe, mas foi parar ao *voicemail*. Onde *raio* está o telemóvel dela?

– A Alma contactou a polícia?

– Contactou. Ainda não chegaram. Ela está lá, à espera.

Francie agarra na sua mala. – Vamos. Venham daí.

22:51

Os sons dos passos delas no passeio e da sua respiração ofegante ecoam pelas ruas, que estão incaracteristicamente desertas, com toda a gente fora no fim de semana do feriado ou à beira-rio, a recolher crianças cansadas e malas térmicas com garrafas de cerveja vazias, depois de esperarem mais tempo do que contavam pelo início do fogo de artifício.

– Aqui em cima! – berra Colette, alguns passos à frente de Nell e de Francie. – Mais um quarteirão.

Para diante de um edifício de esquina neo-gótico muito trabalhado. A placa do prédio, n.º 50, brilha vermelha e azul com as luzes de um carro da polícia estacionado nas imediações. – Este é o prédio dela? – pergunta Francie.

– É o número cinquenta? – Nell está sem fôlego; as palavras saem-lhe arrastadas. – É a morada que ela me pediu para eu dar à Alma.

Colette sobe o degrau para a porta da rua. Procura uma fila de campainhas. – Só há uma campainha. Qual é o número do apartamento dela?

– Espera, olhem. – Francie aponta e a seguir desata a correr e dobra a esquina em direção a um caminho ajardinado que desemboca numa porta vermelha, deixada entreaberta, no lado do prédio.

Colette e Nell seguem Francie de perto quando ela entra silenciosamente num átrio. Há uma dúzia de telas gigantes ao estilo de Rothko penduradas nas paredes de mármore cinzento-claro, o pé direito é de pelo menos seis metros e quatro degraus largos de mármore conduzem a um corredor, ao fundo do qual se ouve alguém a soluçar.

– Oh, meu Deus – diz Nell. – A casa dela é o edifício todo.

Seguem o som, percorrendo o corredor e entrando numa grande cozinha em que há uma escadaria com uma claraboia. Um agente fardado da polícia, com um crachá em que se pode ler CABRERA, está nos degraus, a escutar um rádio que tem preso ao ombro.

– Quem são as senhoras?

– Somos amigas da Winnie – responde Colette. – Ela está aqui?

– Saíam – diz ele, visivelmente irritado.
– Podemos só... – diz Francie.
– Rua! – diz ele, a remexer nos bolsos à procura do seu telemóvel, que está a tocar, e virando-se abruptamente para subir as escadas a correr. – Isto é a cena de um crime.

Elas ignoram-no e avançam para uma grande sala de estar. Veem-na assim que entram.

Winnie está enroscada num cadeirão diante de uma parede de vidro escurecido pela noite, com os braços à volta dos joelhos e uma manta branca sobre os ombros. Tem um olhar vazio e está a puxar o lábio inferior. Um detetive está sentado a uns passos dela, a escrever num bloco de apontamentos, com um café trazido de fora esquecido no chão ao seu lado.

– Foi a massa – está a dizer Alma no outro extremo da sala, fora do alcance dos ouvidos de Winnie, com as palavras entrecortadas por soluços. Está sentada num sofá de pele, com um terço numa das mãos, e faz pausas de vez em quando para fechar os olhos e acenar ao teto com uma mão-cheia de lenços de papel amarrotados, a dizer uma prece em espanhol que ninguém compreende. Comeu demasiado do empadão de massa que trouxe de casa. Isso deixou-a letárgica, e foi sentar-se no sofá com o telemóvel para dizer boa noite à sua bebé, que estava em casa com a irmã de Alma. Deve ter adormecido – é tão incaracterístico, insiste, lançando um olhar envergonhado a Winnie, mas a sua filha tinha acordado quatro vezes na noite anterior, por causa dos dentes. Quando Alma acordou, foi espreitar o intercomunicador. O berço parecia vazio.

– Não ouviu nada? – pergunta um segundo detetive. As suas sobrancelhas grisalhas e farfalhudas ameaçam invadir-lhe a testa, e usa um anel de curso num dos dedos grossos. Um crachá da NYPD com o seu nome em maiúsculas – STEPHEN SCHWARTZ – pende-lhe de uma corrente fina ao pescoço, a balouçar muito ligeiramente para a frente e para trás, como o pêndulo de um relógio de parede a ficar sem corda.

– Nada – responde Alma, e depois começa a soluçar outra vez.

– Nem uns passos? Nem um choro?

– Nada. Não ouvi choro nenhum. – Schwartz pega na embalagem de *Kleenex* da mesa e estende-lha. Alma tira um lenço, lançando uma nuvem de pó do papel para o ar à volta do rosto dele. – O intercomunicador. Estava aí mesmo. – Ela limpa os olhos e aponta para onde o detetive está sentado. – Aí mesmo, onde o senhor está sentado. Esteve aí o tempo todo.

– E estava ligado?

– Estava.

– Não o desligou?

– Não. Não lhe toquei, a não ser para o verificar algumas vezes.

– O que viu quando o verificou?

– O bebé. Estava a dormir. Foi só quando acordei que me dei conta de que ele tinha desaparecido.

– E o que fez quando se apercebeu?

– O que fiz?

– Sim. Foi verificar a janela no quarto dele? Foi dar uma volta à casa? Revistar o andar de cima?

– Não. Já lhe disse. Corri de volta para aqui, para o meu telemóvel. Estava em cima da mesa. Telefonei à Winnie, mas ela não atendeu.

– E a seguir o que fez?

– Telefonei à Nell.

– Bebeu alguma coisa?

– Se bebi alguma coisa? É claro que não. A não ser o chá gelado que a Winnie me tinha feito.

– Ela fez-lhe chá gelado – diz Schwartz, escrevendo alguma coisa no seu bloco de apontamentos. Baixa a voz. – E diga-me outra vez: onde é que estava a mãe?

– Saiu.

– Saiu, certo. Mas ela disse-lhe onde ia, exatamente?

– Não me lembro. Ela deixou escrito. Saiu para beber um copo.

Ele olha para cima, com as sobranceiras erguidas. – Saiu para beber um copo, disse?

– É o último aviso, minhas senhoras – diz o agente chamado Cabrera da escadaria, passando por elas com uma mulher de casaco do uniforme da polícia.

– Ponham-se daqui para fora. Não me obriguem a dizer-lhes outra vez.

– Já vamos – responde Colette. Francie e Nell seguem-na pelo corredor, para o átrio, para a rua, em silêncio. Mas não antes de as três se aproximarem de Winnie e lhe apertarem a mão. Não antes de a abraçarem tão demoradamente que levam para casa o perfume do champô dela. Não antes de Francie se ajoelhar para tomar o rosto de Winnie entre as mãos, com os olhos de ambas a centímetros de distância. – Eles vão encontrá-lo, Winnie. Vão. Vamos todas ter o Midas de volta. *Prometo-te*. – E não antes de ficarem paradas por um momento no gradeamento do pátio da casa de Winnie, a olhar para Brooklyn, para os milhões de janelas por trás das quais dormem bebés, são e salvos – com os habitantes daquelas casas, possivelmente, a retribuírem-lhes o olhar, três mães

destroçadas, com o cabelo a esvoaçar ao vento quente de julho e o coração cheio de temor.

[1](#) Ela não gosta de escravatura. Recusa-se a sentar-se e suplicar. Mas quando estou cansado e só, ela vai-me deitar. Acompanhei-te, querida. Mil milhas contigo. Sequei as tuas lágrimas de dor, querida. Um milhão de vezes por ti. (*N.da T.*)

[2](#) Dar-te-ia tudo e ficaria sem nada, querida, só só só só para te ter aqui ao meu lado, porque... à meia-noite precisamos de mais, mais, mais. Com um grito de rebeldia, gritamos mais, mais, mais. (*N. da T.*)

CAPÍTULO QUATRO

PRIMEIRO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 5 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 52.º DIA

Quantas vezes ouviste este conselho: dorme quando o bebé dormir? Sabemos que pode parecer cansativo (ah!) ouvir isto, mas é verdade. Como algumas mamãs sentem dificuldade em relaxar quando o seu pequerrucho dorme, aqui vão algumas dicas: evita as bebidas com cafeína e com açúcar. Pratica alguns dos exercícios respiratórios que aperfeiçoaste na preparação para o parto. Experimenta tomar um copo de leite quente ou comer um pedaço de queijo ou até mesmo um pouco de peito de peru antes de ires para a cama – estes alimentos contêm triptofano, que contribui para promover uma boa noite de sono.

Francie está de pé na sua minúscula cozinha, absorta diante de um armário aberto em que o sol nascente projeta uma sombra cor-de-rosa, resistindo ao impulso de beber a *Coca-Cola Diet* que viu no frigorífico. Não deve ter dormido mais do que duas horas na noite anterior, entre o momento em que adormeceu por fim encostada ao ombro de Lowell e aquele em que acordou em pânico. Tinha sonhado que deixara Will no supermercado, a dormir no seu carrinho junto à vitrina dos iogurtes. Demorou muito tempo a escolher entre os oito tipos de iogurte, entre todos os aromas diferentes, e quando se apercebeu do que fizera já ia a meio caminho de casa. Voltou a correr para o supermercado, com os músculos fracos, a roupa húmida de suor. Quando levantou a capota do carrinho, viu que estava vazio. Will tinha desaparecido.

O sonho fê-la acordar de repente, e inclinou-se para o berço. Foi só depois de pousar a palma da mão no peito de Will, de o sentir a subir e a descer com a respiração, que acreditou que tinha sido um sonho. Will ainda ali estava, a dormir ao seu lado. Mas o ruído fê-lo acordar sobressaltado, com um choro tão desesperado que Francie não sabe como Lowell conseguiu continuar a dormir. Foram precisas duas horas a andar com ele à volta da sala de estar, para a frente e para trás no corredor estreito, a murmurar-lhe palavras, a embalá-lo, a

amamentá-lo apesar da dor no seu seio direito, para ele voltar finalmente a adormecer, a girar lentamente no balouço de bebê, com os dedos enclavinados como parêntesis à volta dos olhos.

Ela, entretanto, estava totalmente desperta. Nas duas últimas horas, tem andado de um lado para o outro na sala de estar, sete passos para a frente e sete para trás, com pedras de gelo a derreterem-se num dos paninhos do bebê na sua nuca, a ver o rosto de Winnie enquanto falava com o detetive na noite anterior. Francie ainda está a tentar encaixar as peças dos acontecimentos do serão para tentar compreender o que aconteceu. Winnie chegou. Parecia calada, mas não triste. Francie sugeriu que ela contasse a história do seu parto, e depois ela e Token foram ao bar buscar uma bebida. Winnie pôs-se a falar com aquele sujeito. E depois, subitamente, desapareceu.

Francie sente-se atormentada por uma sensação de culpa. Se ao menos não tivesse perdido Winnie de vista. Se ao menos não tivesse entregado o telemóvel de Winnie a Nell. Sente-se furiosa consigo mesma por ter confiado aquele telemóvel a Nell – a Nell, que estava claramente bêbeda ao chegar o fim da noite. Francie não podia ser a única a ter reparado na maneira como ela deixou cair as batatas fritas no regaço, no seu olhar toldado, já para não falar do facto de ela ter levado vinho para o encontro das Mães de Maio na semana anterior.

Francie abre o frigorífico para tirar os ovos e procura o pimento verde que iria jurar que comprou. Lowell anda sempre a dizer-lhe que pare com os «e se», mas *e se*? E se ela tivesse insistido, como quisera, em ficar com o telemóvel? E se Nell não tivesse conseguido apagar a aplicação do Peek-a-Boo!? Francie teria mantido o telemóvel em cima da mesa, mesmo à sua frente – tem a certeza de que era o que teria feito. E depois, talvez o movimento no quarto de Midas tivesse feito despertar o ecrã e ela teria visto Midas no seu berço e a seguir uma pessoa junto a ele. Teria dito a Nell para telefonar a Alma, o que a teria acordado. Teria telefonado à polícia. Midas ainda estaria...

Sente uma mão na cintura, no pneu grosso acima do elástico das calças do seu pijama, e retrai-se tão rapidamente que deixa cair os ovos, esvaziando toda a embalagem aos seus pés, com as gemas a escorrerem-lhe por entre os dedos.

– Desculpa – diz Lowell. – Não queria assustar-te.

O perfume do sabonete Irish Spring emana da pele dele. – Não te ouvi a levatares-te. – Três dos ovos partiram-se em cima do balcão da cozinha, e Francie pergunta-se por um momento se poderá aproveitá-los, tirar os pedaços de casca e fazê-los mexidos com um pouco de leite. Não suporta a ideia de ir ao supermercado. Hoje não. Os corredores estreitos e apinhados, as filas

intermináveis para as caixas ou a longa caminhada para casa neste calor, com um bebé amarrado ao peito, as coxas a roçarem debaixo da sua última saia limpa, sacos de compras a baloiçarem dos seus braços doridos. Lowell vai à despensa buscar a esfregona enquanto ela limpa a gema de ovo dos pés com papel de cozinha. É só nesse momento que repara que ele está vestido para o escritório. – Vais sair já?

– Daqui a uns minutos.

– Mas ainda nem são sete horas. Pensei que podíamos tomar o pequeno-almoço juntos.

Ele afasta-lhe os pés com a esfregona. – É uma pena. Mas tenho de me preparar para amanhã.

– O que é que se passa amanhã?

Ele ergue as sobrancelhas. – Deves estar a brincar.

É claro. A reunião. Ele anda preocupado com ela há dias – a última ronda de entrevistas; a renovação de uma igreja para a transformar num pequeno hotel de luxo. Como é que ela pode ter-se esquecido? O projeto seria o seu maior contrato, mais dinheiro do que já ganharam desde que Lowell decidiu, há dois anos, abandonar a firma em Knoxville e mudar-se para Nova Iorque – uma cidade que ela nunca tinha sequer *visitado* – para abrir um gabinete de arquitetura com um colega de curso. Ela ainda tentou levá-lo a reconsiderar. (– Também precisam de projetos de arquitetura para prédios aqui mesmo, no Tennessee – estava sempre a dizer-lhe.) Mas aquele era o seu sonho, dizia ele, e é claro que ela concordou em mudar-se. – Além disso – argumentou ele –, os hospitais em Nova Iorque são os melhores. Talvez a coisa da FIV resulte melhor lá.

– Desculpa. É claro que me lembro. – Limpa as mãos ao *top* – um *top* de alças largueirão que usou durante toda a gravidez, agora manchado com queijo creme e gotas secas e estaladiças de leite materno, e tira a esfregona das mãos de Lowell. – Precisamos mesmo deste contrato. Estás pronto para ele?

Ele acena com a cabeça e contorna-a para abrir o frigorífico. – Quase. Tu estás bem?

– A notícia já apareceu no jornal.

Ele para. – Já?

– Já, no *New York Post*. – Francie encontrou-a no telemóvel enquanto amamentava o bebé às três da madrugada, depois de clicar num título pequeno: SUSPEITA DE RAPTO DE BEBÉ DESAPARECIDO DE BROOKLYN. – Era um artigo curto. A

polícia diz que não havia sinal de entrada forçada. Não mencionaram o nome da Winnie, mas é claro que é ela.

– Deve ser um mal-entendido. Talvez o pai dele o tenha ido buscar.

– Que pai? Não há pai nenhum.

– A sério? – Ele faz uma careta. – Ela é a Virgem Maria?

– Não. Quero dizer... se fosse isso que tivesse acontecido, tinham-no escrito no jornal. Está a ser tratado como um caso de rapto.

– Não te preocupes, France. Hão de encontrá-lo. – Toca-lhe no braço. – Provavelmente, foi uma confusão qualquer. Alguém da família ou coisa do género. Costuma ser. – Tira duas bananas já com pintas castanhas da taça que está em cima do balcão da cozinha e mete-as no bolso exterior da mala do portátil. – Tenta não pensar no assunto. Eu volto para almoçar.

Ela despede-se dele com um beijo, tentando não revelar a sua decepção por ele ter de trabalhar. Por a deixar só, a seguir a esta terrível notícia.

Ele está a fazê-lo por nós, recorda a si mesma enquanto enxagua a garrafa vazia de cerveja que Lowell deixou no balcão da cozinha na noite anterior. Trabalha o tempo todo para pagar a renda. O seguro de saúde. Os ovos que ela acabou de desperdiçar. É claro que tem de trabalhar muitas horas, por mais que queira passar mais tempo com o bebé, com eles os dois. E ela tem de compreender. Afinal, foi ela quem o convenceu a usar o dinheiro que os pais dele lhes deram no casamento para a FIV, e depois, quando o primeiro tratamento não resultou, foi ela quem lhe implorou que pedisse um empréstimo ao irmão, um anestesista de sucesso em Memphis, para tentarem de novo.

O som da porta a fechar-se nas costas de Lowell acorda Will. Ela tira o corpinho quente dele do baloiço antes de ele começar a chorar, leva-o pelo corredor para o quarto e pousa-o no fraldário que improvisou em cima da cómoda. A manhã estende-se interminável à sua frente – pelo menos cinco horas para matar até Lowell voltar para casa para almoçar. Porque não planeou alguma coisa? O que realmente lhe apetece é enviar um email às Mães de Maio, perguntar se alguém está livre para um encontro não planeado. Quer estar com elas, juntamente com os bebés, à sombra do salgueiro, a falar sobre Midas, a processar o que aconteceu. Mas não é uma opção viável. Ontem à noite, depois de saírem da casa de Winnie, Colette convenceu-as de que não lhes competia contar ao grupo; que deviam esperar que Winnie partilhasse a notícia. E Francie sabe que, mesmo que as outras tenham visto por acaso aquele artigo do *New York Post*, mesmo que tenham lido que foi raptado um bebé em Brooklyn, nunca

pensarão por um segundo que poderia ser na sua vizinhança; que aconteceu na verdade a uma *delas*.

De facto, Francie viu que, enquanto estava com Colette e Nell em casa de Winnie, Yuko estava em casa a criar um álbum de fotografias na página do Facebook das Mães de Maio – UMA SAÍDA À NOITE – e a convidar as pessoas a publicarem as suas fotos do Jolly Llama. Francie não suportava a ideia de abrir o álbum, de ver as imagens de toda a gente a divertir-se enquanto Midas estava a ser arrancado ao seu berço, roubado à sua mãe.

Francie leva Will para a sala de estar, contornando um cesto cheio a transbordar de roupa suja e panos de bolçar. Está a pensar que tem roupa para lavar que chega e sobra para preencher a manhã quando o telemóvel toca.

– Estou? – A palavra sai-lhe com demasiado entusiasmo. Não reconhece o número e imagina – espera que seja – Winnie a telefonar para lhe dizer que Midas foi encontrado. Lowell tinha razão. Foi só um mal-entendido. Mas não é Winnie.

– Olá, Mary Frances. É a tua mãe.

Francie fica paralisada. – Mãe. Olá. – Pega no comando e tira o som à televisão. Há um silêncio do outro lado da linha. – Desculpa – diz. – Não reconheci o número.

– Comprei um telemóvel.

– Compraste? – Francie não quer acreditar. Marilyn Cletis, a mulher que proibia música na sua casa, que fazia todas as roupas da família, a pessoa que tinha uma vaca para dar leite não pasteurizado aos filhos – esta mulher tem agora um *telemóvel* ?

– Comprei. Uma amiga da igreja convenceu-me de que já era tempo. Até posso enviar mensagens.

– Isso é ótimo, mãe.

– Recebi o anúncio do nascimento que enviaste. Uma foto amorosa. Mas...

– O quê?

– Kalani?

– Sim. William Kalani. Eu já te disse. Chamamos-lhe Will.

– Isso é nome de preto?

Francie não consegue reprimir uma risadinha. – Nome de preto? Não. É do Havai. – Ouviu-o na lua de mel. Significa «enviado dos Céus». É o nome perfeito para o seu filho.

– Oh! Julguei que talvez fosse uma coisa de Nova Iorque. – Francie ouve a mãe a arrumar pratos. – Eu disse ao teu avô. Não tenho a certeza de que ele

tenha compreendido bem, mas pareceu sentir-se honrado por teres escolhido William.

Francie não quis dizer à mãe que, de facto, não escolhera o nome do bebé por ser o do pai em grande medida ausente de Marilyn, mas por ser o de Lowell, cujo segundo nome próprio é William. Francie pousa Will delicadamente no tapete de brincar, por baixo da banda de guizos de animais da quinta, e põe-se diante da ventoinha da janela, a afastar o *top* do corpo. – Desculpa por eu não ter tido tempo de te ligar ultimamente – diz. – Ando numa roda-viva.

– Não precisas de me dizer. Eu também fui mãe. – Marilyn para de falar, mas Francie não sabe bem como reagir. – Como está o bebé?

– Está bem – responde Francie. – A maior parte do tempo. Estou a ter alguma dificuldade para o amamentar. Não parece estar a comer o suficiente.

– Então dá-lhe leite em pó. Mistura um bocadinho de cereais para bebés.

– Oh, isso já não se usa. E estou a tentar não...

– As pessoas da igreja têm rezado por ti. A Cora Lee perguntou-me como correu o parto e eu dei-me conta de que não sabia. Não me chegaste a contar.

– Não? – Francie sente-se mais leve. – Foi perfeito. Consegui ter um parto natural, sem nenhuma medicação para as dores. – Não foi fácil. Cerca de mil vezes durante as nove horas do trabalho de parto quis desistir e optar pela epidural, mas suportou tudo, andando às voltas no quarto do hospital, dançando lentamente com Lowell por entre as dores. Não consegue deixar de reparar nos olhares de admiração que Lowell lhe lança agora por vezes: não como a sua mulher com um metro e sessenta e aspeto mediano, com coxas gordas e caracóis rebeldes prematuramente grisalhos aos trinta e um anos, mas como uma guerreira imparável, a deitar fogo pela boca, a dar à luz um filho saudável com três quilos e meio, ainda por cima no Dia da Mãe.

– Natural? O que é que isso quer dizer? Não te deram a epidural?

– Não. Nem sequer um analgésico.

Silêncio. – Propositadamente?

– Sim.

– Porque é que farias uma coisa dessas?

Francie fecha os olhos, sentindo-se de novo como se tivesse dez anos. Mantém a voz firme. – Porque eu quis, o Lowell e eu queríamos uma experiência de parto o mais natural possível. Os partos sem medicação são agora...

Marilyn solta uma risadinha. – Oh, Mary Frances, isso é mesmo teu. Não podes fazer nada como as outras pessoas todas. – Francie fica surpreendida por sentir lágrimas a queimarem-lhe a garganta. – Seja como for, estava a telefonar

porque tenho uma coisa para o William. Um vestido de batizado. – Marilyn faz uma pausa. – E gostava de ir visitar-vos.

– Visitar-nos? – Francie não julgava que Marilyn alguma vez viesse a Nova Iorque. Nunca tinha posto um pé fora do Tennessee. – Não tens de fazer isso, mãe. O Lowell e eu estamos a poupar para comprar umas passagens de avião para tu conheceres o Will.

– Provavelmente o batizado será daqui a pouco tempo. Eu podia procurar um voo, talvez no próximo fim de semana? Vais precisar de ajuda, imagino.

– Desculpa, mãe. No próximo fim de semana não dá. – Puxa pela cabeça, à procura de uma desculpa plausível. – O Lowell tem uma entrevista importante. Anda a trabalhar o tempo todo e ia-se sentir mal se não pudesse passar algum tempo contigo. Além disso, as Mães de Maio. Somos...

– As Mães de Maio?

– É um grupo de amigas que fiz. Um grupo de mamãs. – Francie consegue imaginar como a sua mãe as julgaria a todas: Nell, com a tatuagem grande e berrante a cobrir-lhe o ombro. Yuko, a amamentar sem se tapar no café, diante dos maridos de outras mulheres. Token, um papá *gay* que não trabalha. – Mas aconteceu uma coisa terrível...

– Ele vai precisar deste vestido de batizado. Foi teu, e antes disso foi meu. – A mãe dela aguarda. Sabe o que está a fazer. Sabe que Francie não vai batizar Will. Está a forçá-la a mentir. – Quando é o batizado?

– Ainda não temos bem a certeza. Como eu disse, o Lowell anda a trabalhar muito neste momento. – Apesar da ventoinha, o suor acumula-se nas costas de Francie. Vira-se de costas para a janela e lança um olhar a Will no seu tapete e ao aparelho da televisão sem som, a tentar decidir o que dizer.

E depois para-lhe o coração.

É Winnie. Na televisão. Mas não a Winnie que ela conhece. Esta é muito mais nova – uma adolescente. Está num palco, com um vestido dourado, sem alças, o cabelo apanhado num puxo solto, de braço dado com uma mulher mais velha quase idêntica a ela, que deve ser a sua mãe. Aparece outra imagem: Winnie com um fato de ginástica de um rosa pálido e uma saia comprida de tule e sapatos de *ballet* com tiras até aos joelhos. Francie pega no comando que estava no aparador e aumenta o volume.

– Gwendolyn Ross é mais conhecida pelo seu papel na série televisiva de culto *Bluebird*, que foi para o ar no início da década de 1990.

– Mary Frances?

– Desculpa, mãe. Tenho de desligar. O bebé acordou.

Pousa o telemóvel em cima da mesa. A repórter está de pé numa rua com árvores, com a fita amarela da polícia visível por trás de si. Francie aproxima-se do televisor. O edifício diante do qual se encontra... É a casa de Winnie.

– As fontes do departamento da polícia não estão a divulgar nenhuma informação neste momento, dizendo só que, de facto, estão a considerar esta situação um caso de rapto e que todas as pistas estão a ser seguidas. O bebé desapareceu há já quase nove horas. Zara Secor, ao vivo de Brooklyn.

– Obrigada, Zara. Vamos agora para outra notícia desanimadora. A cimeira das alterações climáticas atingiu um...

Francie vai à mesa de cabeceira buscar o seu portátil. *Bluebird*. Alguém, talvez Gemma, mencionou uma vez que Winnie era atriz, mas metade das pessoas que Francie conheceu desde que se mudou para Nova Iorque dizem ser atores. Não sabia que era *aquilo* que Gemma queria dizer. Winnie é famosa. A estrela de um programa de televisão no início dos anos 1990 sobre uma jovem bailarina a prestar provas para um lugar de estudante no City Ballet de Nova Iorque. Winnie – que dava pelo nome Gwendolyn – era a bailarina. Era a rapariga a que chamavam Bluebird.

Francie não fazia ideia. Devia ter onze anos quando foi transmitido *Bluebird*, exatamente o tipo de programa – com laivos de sexualidade adolescente e de uma relação interracial – que a sua mãe nunca teria permitido que fosse visto lá em casa. Abre a Wikipédia e encontra a página dedicada a Winnie. Estudos de bailado clássico na School of American Ballet, um verão na Royal Ballet School. Uma fundação da família, no nome da sua mãe, que dava bolsas de estudo a jovens bailarinas.

Francie não devia sentir-se surpreendida. Soube, mal viu Winnie no primeiro encontro das Mães de Maio quatro meses antes, que havia algo especial nela. Ainda consegue recordar a cena. Gemma estava a contar ao grupo que pagara para guardar o sangue do cordão umbilical do seu filho – um processo de que Francie nunca ouvira falar. – É caro, mas pode salvá-los se alguma vez tiverem uma doença que lhes ponha em risco a vida, salvo seja – estava Gemma a dizer quando as pessoas começaram a desviar a atenção para um ponto do outro lado do relvado, para a mulher que estava a encaminhar-se para elas, com uma barriga de grávida visível sob o seu vestido curto azul-turquesa e uma pulseira larga de prata em cada pulso. Toda a gente se afastou para arranjar lugar para ela, se pôs a reorganizar as mantas e a mudar os bebés de posição, e ela veio ocupar o lugar mesmo ao lado de Francie. Francie puxou para baixo os calções e

a *t-shirt* húmida que se lhe colava à barriga enquanto via Winnie instalar-se, dobrando as suas longas pernas debaixo de si.

– Sou a Winnie – disse, com os dedos pousados na curva da barriga, mesmo abaixo dos seios. – Desculpem o atraso.

Francie teve dificuldade em desviar o olhar dela, absorvendo aquela beleza. Um rosto de capas de revista e de passarelas: a mão-cheia de sardas na cana do nariz, a pele morena impecável que não tinha necessidade do corretor que Francie não dispensava há cerca de dez anos.

E depois aquele momento que as duas partilharam no café. Francie sentia-se profundamente embaraçada com o súbito acesso de choro de Will, consciente dos olhares reprovadores dos dois homens novos que estavam a trabalhar nos seus portáteis perto da montra e da má cara da rapariga que estava a servir ao balcão, à espera de Francie, que, por sua vez, se sentia demasiado exausta para escolher o que queria beber. Winnie apareceu do nada, e, sem se deixar perturbar pelo choro de Will, tirou-o dos braços de Francie e serpenteou por entre as mesas enquanto lhe dava palmadinhas no rabo e lhe sussurrava algo ao ouvido para o acalmar.

– Como é que fizeste isso?– perguntou Francie quando se foi sentar à mesa ao canto. – Eu sinto que sou a única que não faz ideia do que anda a fazer.

– Não sejas tonta – disse Winnie. – Aquelas Mães de Maio tentam ao máximo dar a ideia de que é fácil, mas não deixes que te enganem. – Tinha uma expressão cúmplice nos olhos, como se ela e Francie fossem amigas desde sempre, a partilhar um segredo. – Isto não é fácil para *nenhuma* delas. Vai por mim.

Mais de uma hora depois de Will finalmente adormecer no berço com o aspirador a trabalhar no mesmo sítio para o acalmar, Francie encontra o obituário de Audrey Ross, a mãe de Winnie. Morreu no dia em que Winnie fez dezoito anos, a caminho do supermercado onde ia comprar gelado. A sua morte foi notícia em vários jornais nacionais, porque Audrey Ross não só era mãe de Gwendolyn Ross, a famosa jovem atriz, mas era também a herdeira do negócio imobiliário do seu pai, avaliado em muitos milhões de dólares e um dos maiores do país.

Faz todo o sentido. A casa de Winnie. As suas roupas. O carrinho de bebé que Francie invejava; o mesmo que tanto cobiçou no Babies “R” Us, até ver que custava quase tanto quanto Lowell e ela pagam de renda por mês. Encontra uma fotografia do funeral: Winnie e o pai a entrarem na igreja de província perto da sua casa de fim de semana no norte do estado de Nova Iorque, não longe de onde

Audrey Ross morrera. Foi um acidente estranho. Os travões falharam, sem explicação. O carro de Audrey precipitou-se por uma encosta, derrubou um gradeamento e caiu de uma altura de vinte e quatro metros para o fundo de uma ravina. Winnie abandonou *Bluebird* passados uns meses. O programa foi cancelado pouco depois.

Francie não quer crer quando ouve os sinos distantes de uma igreja a anunciarem o meio-dia, a despertá-la do computador. Fecha o portátil, estremece ao ver a pilha de roupa para lavar em que não tocou e vai para a cozinha para começar a fazer o almoço. Esgotada e com os olhos cansados, sabe que precisa de se pôr no estado de espírito adequado ao regresso de Lowell a casa. Ele vai chegar exausto e com fome, desejoso de a ver. Mas ela não pode negar o nó no estômago que sente ao pensar em tudo o que Winnie perdeu, tudo o que conseguiu realizar – uma carreira de atriz bem-sucedida, a estrela do seu próprio programa, um relacionamento feliz com um músico, que mencionou na única entrevista que concedeu depois da morte da mãe.

«Tenho-me apoiado no Daniel», disse, referindo-se ao namorado, quando um jornalista lhe perguntou como estava a lidar com tudo. «Ele é a única coisa que me ajuda a suportar a dor do luto.»

E tudo aquilo aos dezassete anos.

Francie põe água ao lume para o macarrão e não consegue evitar pensar no que ela própria andava a fazer nessa idade: cantava no coro da igreja, era catequista, deixava que Mr. Colburn, o professor de Ciências, lhe levantasse a saia e metesse os dedos dentro dela no laboratório durante o período de estudo acompanhado. Pelo menos, foi assim que começou. Demorou pouco tempo até ele lhe fazer aquilo no carro dele depois das aulas, estacionado por trás da antiga sapataria Payless no centro comercial, e depois na casa dele, um sótano apartamento de duas assoalhadas pago pelo programa de voluntariado. Era uma coisa da Igreja Católica. Os alunos de boas universidades passam o ano depois de se licenciarem a dar aulas numa escola secundária desfavorecida na parvónia, como a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a escola secundária de Francie em Estherville, no Tennessee. Foi nesse apartamento que ela bebeu vinho tinto e fumou marijuana pela primeira vez. Foi também lá que Mr. Colburn – James, como ela se atrevia a chamar-lhe quando estavam sós – a segurou à força e lhe despiu o equipamento de voleibol, apesar dos protestos dela.

Francie ouve os passos pesados de Lowell nas escadas quando está a raspar os últimos pedaços do atum da lata para a taça. Limpa as mãos aos calções e apressa-se a ir à casa de banho para se ver ao espelho, ajeitar o cabelo

encrespado e aplicar uma nuvem de *spray* corporal floral em cada pulso. Antes de Lowell ter tempo de meter a chave na fechadura já ela está a abrir a porta. – Adivinha lá. A Winnie apareceu nas notícias. É uma atriz famosa...

Mas depois repara na barba escura por fazer no rosto do homem, na sua cintura grossa, no chumaço de uma arma contra a anca. Francie para de falar e as palavras ficam suspensas no ar enquanto fita os olhos cinzentos deste estranho, sem expressão sob a pala de um boné da NYPD.

– Nell. – Nell sente uma mão no braço. – Tens de acordar.

Nell, está aqui a polícia.

Passa-se quinze anos antes, e ela está no seu apartamento em Washington, a abrir os cortinados e a ver o carro escuro estacionado do outro lado da rua, com um homem de *t-shirt* preta e óculos de sol encostado a ele, a acender um cigarro e de olhos postos na janela dela.

– Nell. – Sebastian está a sacudir-lhe o ombro, a dissipar a recordação. – Acorda.

Nell tem um sabor azedo na boca, e tenta sentar-se, mas sente a cabeça a latejar. Sebastian pousa uma caneca com café em cima da mesa de cabeceira e afasta-lhe o cabelo dos olhos.

– Está aqui a polícia.

Ela senta-se na cama. – A sério? Porquê?

– Querem falar contigo. Sobre a noite passada.

A noite passada.

Vem-lhe tudo à memória. Winnie. Midas. Voltar para casa, acordar Sebastian, contar-lhe o que tinha acontecido antes de tombar num sono interrompido, torturado.

– Estão à espera na sala de estar.

Sai devagar da cama e vislumbra o seu reflexo no espelho por cima da cómoda, ainda com a camisa que usou na noite anterior. Tem rímel borratado debaixo dos olhos e os lábios como uvas passas, incrustados com batom seco. – Onde está a bebé?

– Está a dormir.

Nell pega na caneca. O café queima-lhe a garganta. – OK. Já vou.

O quarto anda à roda quando ela se dirige para a casa de banho da suíte. Abre a torneira, à espera que a água fique o mais fria possível, e lava o rosto. Fecha os

olhos com força.

O que aconteceu?

Do início da noite ainda se lembra. De ir bebendo um copo de vinho enquanto se preparava para sair. De chegar ao bar e sentar-se nas traseiras. Do calor dos corpos à sua volta, das conversas. Sente os picos da primeira bebida, o sabor do *gin* na boca. Billy Idol. Pegou no telemóvel de Winnie, enfiou-o na sua mala. E depois – Nell não consegue recordar-se dos pormenores. Só que Francie e Colette estavam preocupadas com Winnie. Não sabiam onde ela estava. Nell procurou o telemóvel de Winnie. Tinha desaparecido.

Sebastian está a pousar um prato com bolachas de chocolate que a mãe dele tinha enviado de Inglaterra na mesa de apoio diante do detetive quando Nell entra na sala de estar, com calças de ioga e uma túnica de algodão fino que tirou do cimo do cesto da roupa suja. O detetive tem uns quarenta e poucos anos e é bem-parecido, com uns olhos castanhos melancólicos, a sombra escura da barba a crescer-lhe no rosto e uma vaga semelhança com Tom Cruise. Tem uma tatuagem grande de uma águia no antebraço direito, com o número 1775.

– Fuzileiros Navais – diz ele, virando o braço para que ela possa ver melhor a tatuagem. – O ano em que fomos fundados. Estive ao serviço seis anos. – Acena com a cabeça para o ombro direito dela. – Um colibri?

– É. – A voz sai-lhe áspera. – Um colibri calíope, para ser mais precisa. Representa a fuga. E a liberdade.

A palma da mão dele contra a dela está húmida. – Detetive Mark Hoyt. Desculpe vir incomodá-la em casa. – De pé por trás dele está um homem com sobrelhas grisalhas farfalhudas, e de repente ela lembra-se. Stephen Schwartz. Era o que estava a falar com Alma na casa de Winnie. Hoyt debruça-se do cadeirão, tira uma bolacha e depois pega no prato e estende-o a Schwartz, que tira três.

– Desculpem – diz Schwartz. – Foi uma noite atarefada. Não tomei o pequeno-almoço.

– Estamos a tentar formar uma imagem do que aconteceu ontem à noite – diz Hoyt, voltando a pousar o prato em cima da mesa antes de olhar Nell nos olhos. – A falar com algumas das pessoas que estiveram com a Winnie Ross.

Nell senta-se no sofá, com a cabeça a latejar. – OK. – Repara na câmara de vídeo em cima de um tripé com um ar frágil. Schwartz põe-se por trás da máquina e prime um botão. – Não se importa que gravemos isto? – pergunta Hoyt. – É o novo protocolo de procedimento no nosso departamento.

– Com certeza. Posso ir buscar um copo de água antes de começarmos?

Hoyt olha-a com atenção e faz um sorriso. – Foi uma noite da pesada?

Ela não lhe retribui o sorriso. – Todas as noites com um recém-nascido são da pesada.

– Eu vou buscar-te água – diz Sebastian.

– Então, este grupo das Mães de Maio – diz Hoyt. – Pode falar-nos um pouco sobre ele?

Ela pigarreia para aclarar a garganta e concentra-se. – É, sabe, um grupo de mães. Todas temos bebés da mesma idade. Encontramo-nos há cerca de quatro meses, desde a época em que ainda estávamos grávidas.

– Nesse bar? No Jolly Llama?

Escapa-lhe uma risada superficial. – Não. Encontramo-nos no parque.

– E de quem foi a ideia disto tudo? De se encontrarem?

– Foi da Francie.

Schwartz lança um olhar ao seu bloco de apontamentos. – Mary Frances Givens?

– Sim. Bem, a ideia de começar o grupo não foi dela. Inscrevemo-nos todas através do *site* The Village. Mas foi a Francie quem sugeriu os encontros regulares. – A ideia de ir à cozinha servir-se de um copo de vinho tinto passa-lhe pela mente – é a única coisa que poderia fazer com que a sala parasse de andar à roda – e aperta com força a caneca de café que tem nas mãos.

– Hum. – Hoyt acena com a cabeça. – E o que fazem nesses encontros?

– Oh, sabe como é. Coisas de recém-mamãs.

Ele ergue as sobrancelhas. – Tais como?

– Falar obsessivamente sobre os nossos bebés. Olhar com adoração para os bebés. Voltar a falar obsessivamente sobre os nossos bebés.

Hoyt sorri. – Ms. Ross comparecia a todos esses encontros?

– A muitos deles. Principalmente no início. – Nell vê mentalmente Winnie a encaminhar-se para o círculo, geralmente com um quarto de hora de atraso, a tomar o seu lugar, a envolvê-las numa nuvem do seu perfume suave e caro – exatamente como se imaginaria que uma mulher com o seu aspeto cheiraria.

– Falava muito sobre si mesma?

– Nem por isso.

Hoyt sorri. – Sabe que ela foi atriz?

Nell para, com a caneca do café a centímetros da boca. – Ela é atriz?

– Foi. Era a estrela de uma série de televisão de culto há uns vinte e tal anos.

O *Bluebird*?

– Não fazia ideia.

– Alguma vez o viu?

Lembra-se de as raparigas na sua escola secundária falarem sobre essa série, sempre muito entusiasmadas por ser tão ousada, pelos riscos que corria – uma personagem que era *gay*, uma gravidez na adolescência. – Ouvi falar nele, mas nunca o vi. Interessava-me mais pela Matemática do que pela televisão nessa idade, para ser franca.

Schwartz aproxima-se para pegar em mais uma bolacha. – E foi a senhora que contratou Alma Romero para tomar conta do bebé ontem à noite.

Não lhe saiu como pergunta.

– Fui.

Hoyt bebe um gole de café e acena com a cabeça a Sebastian, que voltou à sala com a água para Nell. – Está muito bom, obrigado. – Fica com a caneca nas mãos. – Insistiu que Mrs. Romero tomasse conta do Midas para Ms. Ross poder sair?

– Não sei se insisti...

– Não podia ter arranjado ela própria uma *babysitter*?

– Sim, mas...

– E também, num email que enviou, ofereceu-se para pagar à Alma, se a Winnie acedesse a ir sair?

Nell pega no copo de água e engole metade. – Vejo agora que é uma tolice – diz. – Mas, na altura, nenhuma de nós sabia que a Winnie tinha dinheiro.

– Hum. Onde encontrou Mrs. Romero?

– Obtive o nome dela na secção de classificados do The Village.

– E há quanto tempo a conhecia antes de lhe oferecer o emprego para cuidar da sua bebé?

Nell julgara que a entrevista não demoraria mais do que uma hora – Alma foi, de facto, a sexta ama potencial com quem Nell falou. Nenhuma das outras mulheres parecera adequada, e depois chegou Alma, um raio de sol e de boa disposição. Ficou quase a tarde toda, sentada com Nell na sala de estar, a tomar chá, a partilhar o pacote grande de M&Ms que trazia na mala, a passar Beatrice do seu colo para o de Nell. Alma falou a Nell da sua vila nas Honduras, onde fora parteira, ajudando a dar à luz o primeiro bebé aos doze anos. Contou-lhe como viera para os Estados Unidos três anos antes, atravessando a fronteira sozinha, clandestinamente, numa parte menos funda do Rio Grande, grávida de seis meses e disposta a fazer o que fosse preciso para dar uma vida melhor ao seu filho.

Antes de se ir embora, Alma ofereceu-se para olhar por Beatrice enquanto Nell tomava um duche e desfrutava de alguns minutos para si mesma. Quando Nell se deitou na cama, com as pernas depiladas pela primeira vez desde o parto, ouviu Alma pelo intercomunicador a cantar à bebé em espanhol. Acordou sobressaltada daí a duas horas e correu pelo corredor até ao quarto da bebé. Beatrice estava ferrada no sono ao colo de Alma, com os minúsculos dedos a agarrarem o polegar dela, a *babysitter* com um romance esquecido em cima dos joelhos.

– Há cerca de cinco horas – responde Nell a Hoyt.

– Verificou as referências dela? – pergunta ele.

– Verifiquei.

– Investigou se tinha cadastro?

– Não.

– Não? Isso é um pouco surpreendente.

– É?

– Uma vez, a minha mulher pensou em contratar uma ama. – Dispara um olhar ativo a Schwartz. – Pá, ela verificou os antecedentes daquelas mulheres de tal maneira que eu lhe disse que o melhor era eu ficar em casa e ela ir trabalhar para o FBI. – Volta a olhar para Nell. – Mas quem a pode censurar? Pode ser aterrorizador. As coisas que se leem.

– Eu não fiquei preocupada – diz Nell. – Nunca conheci um criminoso que cantasse uma canção de embalar em duas línguas. Mas talvez seja só eu.

– E o que sabe sobre o estatuto de imigrante dela? – pergunta Hoyt.

– O estatuto de imigrante dela? – Nell faz uma pausa, tendo o cuidado de evitar olhar para Sebastian. – Não falámos disso.

Sebastian senta-se no sofá ao lado de Nell, e o movimento da almofada provoca-lhe uma vaga de náusea. – Não compreendo – diz Sebastian, inclinando-se para a frente, com os cotovelos pousados nos joelhos. – Porque é que está a fazer essas perguntas? Não pode pensar que a Alma teve alguma coisa a ver com isto.

– Só estou a tentar cobrir todos os factos. Ou antes, descobri-los. – Hoyt ri-se do seu jogo de palavras e consulta o bloco de apontamentos. – E quando chegaram ao bar? Reparou em algo estranho? Pessoas a chegarem ou a saírem que parecessem fora do comum?

– Não, de uma maneira geral mantivemo-nos à parte. Estávamos nas traseiras, no pátio.

– E a Winnie manteve-se com o grupo todo o tempo?

Subitamente, Nell vê-se a si mesma. Está junto ao lavatório da casa de banho das senhoras, a inspirar o cheiro fétido a urina e a lixívia, a beber água das mãos em concha, com a visão toldada. Uma escuridão atravessa-se atrás dela e reflete-se no espelho.

– Ms. Mackey?

– Estávamos lá há cerca de uma hora, penso eu, quando a Winnie foi ao bar. – As palavras ecoam nos seus ouvidos. – Token foi com ela. Foi a última vez que a vi.

– Há uma mãe no vosso grupo que se chama Token?

– Não. É um homem. Um pai.

Sente as mãos de alguém no seu corpo, a puxar-lhe a camisa, dedos a cravarem-se-lhe no ombro. Um hálito quente no seu pescoço.

As sobranceiras de Schwartz erguem-se outra vez. – Um pai? No vosso grupo de mães?

– Sim. Acho que é *gay*.

Schwartz acena com a cabeça e Hoyt assinala alguma coisa no seu bloco de apontamentos. – Token. O que é isso? Um nome indiano?

– Não. Ele é branco. É uma alcunha. Chamei-lhe isso num dos primeiros encontros, porque era o único homem... sabe, o homem simbólico. Pegou. Nem sequer me lembro do nome verdadeiro dele, para ser franca. Não tenho a certeza que alguém se lembre.

Sebastian ri-se nervosamente e estende a mão para a de Nell. – Ela é notoriamente má a lembrar-se de nomes.

– Podem dar-me um minuto? Tenho de ir à casa de banho. – Nell põe-se de pé, com a mão no ombro de Sebastian para se amparar, percorre o corredor até ao quarto e depois entra na casa de banho, fecha a porta e olha-se ao espelho. Foi só um sonho. Tinha de ser.

Põe-se de cócoras diante da sanita. Já há alguns anos que não tinha um daqueles pesadelos – do tipo que em tempos a acordava sobressaltada quase todas as noites. Ser seguida. Pessoas à espera dela ao dobrar da esquina. Tem de ser isso. Lembrar-se-ia se alguém tivesse estado com ela na casa de banho do bar, a tocar-lhe.

Ouve Beatrice a chorar e depois uma pancada na porta. É Sebastian. – Nell. Estás bem? – Vê a sua camisa da noite anterior, enrodilhada no chão onde a deixou. Sebastian bate à porta com mais força. – Nell.

– Saio já. – Pega na camisa. Está rasgada ao longo da costura do ombro direito.

Pede desculpa a Hoyt quando volta à sala de estar.

– Não tem problema. Só mais umas perguntas e depois podemos deixá-la em paz. O que sabe sobre o pai?

– O pai da Winnie? – pergunta Nell, lançando um olhar à câmara de vídeo. – Nada.

– Não, minha senhora. O pai do Midas.

– Oh. Nada. Só há pouco tempo é que descobri que ela era solteira. – O calor aumenta à sua volta. – Tive o telemóvel da Winnie durante algum tempo, mas depois não consegui encontrá-lo. A chave dela estava na capa do telemóvel. – Engole em seco. – Alguém a encontrou? Foi assim que entraram na casa dela?

– Isso faz tudo parte do que estamos a tentar averiguar – responde Hoyt.

– Quanto bebeu ontem à noite?

Nell olha para Schwartz, que fez a pergunta. – Quanto?

– Sim.

– Não sei. Duas bebidas, talvez? Mal toquei na segunda.

– Ficou embriagada?

Ela sabe que devia limitar-se a contar-lhes a verdade. Sabe quais são os riscos de mentir à polícia. – Não – responde, com um nó no estômago. – É claro que não fiquei bêbeda.

Sebastian aparece diante dela, contornando a mesa de apoio ao sofá, a encher de novo as canecas de café de todos. Ela lança-lhe um olhar sub-reptício. Aos seus caracóis castanhos, ao seu corpo enxuto de futebolista, a imaginá-lo na primeira vez que o viu: sentado do outro lado de um melancólico bar londrino, a beber uma *Guinness* à luz fugaz de um fim de tarde de domingo, a desenhar num bloco de apontamentos *Moleskine*, o rosto de um homem concentrado na sua arte. O seu olhar era bondoso quando a abordou mais tarde e lhe perguntou se o lugar ao lado dela estava ocupado e se podia oferecer-lhe uma bebida.

Nell fecha as mãos no regaço enquanto tenta concentrar-se na pergunta seguinte de Hoyt, mas o seu olhar é de novo atraído para Sebastian, que está a andar lentamente de um lado para o outro na sala de estar com a filha dos dois deitada na curva do braço, e vê um rosto inteiramente diferente do que recorda daquele dia há seis anos. O rosto de um homem aterrorizado e preocupado.

Um homem com o mesmo pânico que ela. *Por favor. Isto não. Não outra vez.*

CAPÍTULO CINCO

SEGUNDO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 6 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 53.º DIA

Estás a pensar em dormir com o bebé? Não é demasiado tarde. Embora talvez não seja para toda a gente, os benefícios são numerosos. Os bebés que dormem com os pais tendem a dormir mais. Torna a amamentação mais fácil, contribuindo para manter a produção de leite da mamã. E, acima de tudo, dormir com o bebé cria um laço especial. Além disso, quem não adora uma boa festinha a meio da noite?

Está um calor abrasador na plataforma apinhada do metro – com pessoas a inclinarem-se para os carris, a tentarem avistar as luzes de um comboio a chegar. O homem à esquerda de Colette está a mastigar uma tira de bife seco, do tipo caro que começa a aparecer nos pequenos supermercados da vizinhança. As duas mulheres à sua direita estão a falar demasiado alto, com carteiras de marca penduradas no braço e os telemóveis na mão.

– Tenho uma amiga que nada com o dela. Tu fazias isso?

– No mar?

– Sim.

– Nunca. – A rapariga olha para os dedos esticados da sua mão esquerda e ajusta o anel com um diamante grande e brilhante. – Nem sequer gosto de tomar um duche com o meu, para ser franca.

Colette dá uns passos na plataforma e detém-se junto ao quiosque dos jornais, onde está um homem com um turbante, que respira o ar poluído do metro todo o dia, a vender garrafas de água e a chocalhar embalagens de *Tic Tac*. O rosto de Winnie aparece na primeira página do *New York Post* : uma fotografia antiga. Está com um casaco comprido e óculos de sol, e tem o rosto voltado para a rua. Colette devia sentir-se surpreendida por a ver, mas não. A história está prestes a

tornar-se notícia nacional desde que Winnie publicou ontem o vídeo a suplicar que Midas lhe seja devolvido.

Colette viu-o pelo menos uma dúzia de vezes na noite anterior, na cama, com Poppy a dormir a sono solto ao seu lado. Charlie estava a trabalhar, e ela desistiu de tentar dormir depois de passar uma hora deitada no escuro, com os pensamentos a fervilhar de preocupação. No vídeo, Winnie estava sentada num cadeirão estofado num tecido cinzento diante das janelas que davam para o terraço da sua casa. Parecia muito bonita: o cabelo apanhado para trás, a linha forte do seu maxilar, o seu pescoço comprido e fino a despontar da gola de uma simples blusa preta de crepe.

– Por favor – disse Winnie, a fitar a câmara, a articular cada sílaba lentamente –, por favor não façam mal ao meu bebé. Por favor, sejam quem forem, por favor devolvam-mo.

Colette ouve o chiar dos travões de um comboio que se aproxima e procura duas moedas no fundo da mala. Dentro da carruagem apinhada, tenta equilibrar-se no meio da multidão a baloiçar que se comprime contra ela enquanto abre o jornal para ler o artigo. É da autoria de um repórter chamado Elliott Falk; no título lê-se:

OH DIABO!

As pessoas estão a começar a abanar a cabeça à forma como o comissário de polícia Rohan Ghosh está a tratar do caso de Midas Ross, o bebé com sete semanas que desapareceu há dois dias. O desaparecimento do bebé a 4 de julho foi comunicado pela sua *babysitter*, Alma Romero. O *Post* pôde confirmar que a polícia demorou mais de vinte e três minutos a responder à chamada de Romero para o número de emergência, algo que atribui à carga de trabalho excessiva do departamento policial devido à segurança do Quatro de Julho e a um acidente perto da ponte de Brooklyn que envolveu dois autocarros urbanos e no qual dezenas de pessoas ficaram feridas, entre elas duas crianças pequenas e uma jovem mãe, neste momento ainda em estado crítico. Depois de a polícia chegar à casa de Ross, não assegurou devidamente a inviolabilidade da cena do crime, permitindo até talvez que pessoas que poderiam encontrar-se dentro da casa saíssem por uma porta deixada sem vigilância.

A mãe do bebê, a ex-atriz Gwendolyn Ross, tinha saído para passar o serão com membros do seu alegado grupo de mamãs.

Colette para de ler; volta à frase: *...que pessoas que poderiam encontrar-se dentro da casa saíssem por uma porta deixada sem vigilância.*

Será possível? A pessoa que levou Midas poderia estar ainda dentro da casa quando os agentes da polícia chegaram? Seria por isso que a porta lateral da casa de Winnie estava aberta?

O artigo é acompanhado por algumas fotografias. Numa delas, Midas está deitado de costas num tapete de pelo de carneiro ao lado de uma pequena girafa de plástico, a fixar a objetiva, com a sua pele de porcelana, os seus olhos castanhos tão brilhantes que parecem envernizados. Na fotografia por baixo dessa, Winnie está sentada numa manta no parque, com Midas nos braços. Colette sustém a respiração quando se apercebe de que é a fotografia que deu ao detetive Mark Hoyt na véspera, quando ele apareceu no seu apartamento ao fim da tarde, depois de Charlie ter ido correr levando Poppy consigo, e quando ela estava a fazer o jantar.

– O que sabe sobre os antecedentes dela? – perguntou-lhe Hoyt. – Que tipo de pormenores sobre si mesma é que ela partilhou?

Havia algo que parecia vagamente familiar em Winnie, admitiu Colette. Mas há mais de vinte anos que ela não aparecia na televisão, e Colette não estabelecera a ligação entre Winnie e Gwendolyn Ross, embora tivesse visto o programa ocasionalmente. Por vezes, enquanto as outras raparigas da escola se juntavam com garrafas de vinho e ganza roubadas aos pais de alguém, Colette convencia a mãe – nos raros fins de semana em que Rosemary não se encontrava em viagem de trabalho – a sentar-se com ela no sofá, ambas com os rostos pegajosos por causa da máscara de clara de ovo e mel cuja receita Colette lera na revista *Seventeen*, e com uma taça de pipocas no sofá entre as duas, a verem *Bluebird*.

O metro chega ao destino de Colette e ela sobe as escadas e atravessa o City Hall Park, passando por uma multidão de turistas a tirarem fotografias diante da fonte. Houve uma conversa que Colette teve com Winnie e que não mencionou a Mark Hoyt, de que só se lembrou na noite anterior.

Foi na tarde em que ela e Winnie foram as duas juntas a pé para casa, depois do primeiro encontro das Mães de Maio. Não se apressaram, caminhando ao longo do muro do parque, mantendo-se na sombra. Colette ainda consegue sentir o cheiro a amêndoas tostadas do vendedor à esquina, onde Winnie parou para

comprar um saco de caju. Foi ali que Colette confessou sem querer que se sentira aterrorizada quando soube que estava grávida.

– Durante meses, achei que tinha sido um erro – disse Colette. – Agora sinto-me entusiasmada, mas foi todo um processo. Não estava pronta para a bebé.

A expressão de Winnie era sombria quando olhou para Colette. – Consigo compreender isso.

– Consegues? – perguntou Colette, sentindo-se cheia de alívio. Desde que aderira ao grupo das Mães de Maio, sentia-se como alguém de fora, se não mesmo como uma impostora entre as outras mulheres, que pareciam todas ter passado a vida inteira só à espera de serem mães. Que tinham passado anos a fazer gráficos dos seus ciclos menstruais, a medir a temperatura corporal, a manter-se de pernas suspensas no ar depois das relações sexuais, esperando que aquele mês fosse o tal. Mulheres como Yuko, que deixou de tomar a pílula na noite em que ficou noiva. Como Scarlett, que adotou uma dieta macrobiótica por acreditar que assim prepararia melhor o seu corpo para a gravidez e o parto. E como Francie, que, bastante cedo nos encontros das Mães de Maio, lhes contara a provação de sofrer dois abortos e de finalmente engravidar depois de dois tratamentos de FIV que os tinham deixado com milhares de dólares de dívidas.

– Qual é a tua história? – perguntou Colette a Winnie. Mas ela afastou a questão com um gesto.

– Guardamo-la para outra ocasião – respondeu, procurando dinheiro na carteira. Uma mulher mais velha à frente delas virou-se, com um cone de papel com amêndoas tostadas nas mãos. Sorriu, ao reparar nas barrigas das duas. A mulher pousou a mão livre no braço de Winnie. – Não fazem ideia do que estão as duas para ter – disse, com os olhos brilhantes. – A dádiva mais maravilhosa do mundo.

– Foi muito querida – disse Colette depois de a mulher se afastar.

– Achas que sim? – Mas Winnie não estava a olhar para ela. Estava a fitar um ponto para além dela, para além do muro de pedra, para dentro do parque. – Porque é que toda a gente gosta de dizer às grávidas o que estamos prestes a ganhar? Porque é que ninguém quer falar sobre o que temos a perder?

Enquanto Colette sobe os degraus da câmara municipal, os seus pensamentos viram-se para a legenda da fotografia de Midas: *a Girafa Sophie, um brinquedo de plástico de França muito popular na América, e uma mantinha azul de bebé também desapareceram. A polícia pede a quem tiver informações que contacte a linha 1-800-NYPDTIP.*

Quem quer que tenha levado Midas levou aquelas coisas por que motivo? É um bom sinal, pensa Colette ao entrar no elevador. Afinal, só uma pessoa que goste do bebé – ou, pelo menos, que não tencione fazer-lhe mal – pensaria em levar também a mantinha e o brinquedo preferido dele.

Aquele pensamento persiste quando as portas do elevador se abrem no quarto andar. O átrio encontra-se estranhamente silencioso, e Allison está à sua secretária, a olhar para o computador. Olha para cima quando ouve os saltos de Colette a martelarem o chão de mármore.

– Boa tarde – diz Allison, e Colette vê a imagem no ecrã do computador, uma cadeira para dar de comer ao bebé, uma cadeira de segurança para o carro, uma banheira de plástico azul em forma de baleia.

– Deixe-me adivinhar – diz Colette. – É a lista dos presentes para o bebé? – Allison confidenciou a Colette há uma semana que estava grávida. – Só estou de oito semanas, por isso não conte a ninguém – dissera. – Especialmente ao *mayor* Shepherd. Ele já tem muito com que se preocupar, com esta eleição e o livro.

– Isto é uma loucura – diz Allison agora, aproximando-se mais. – Não consigo acreditar na quantidade de coisas de que se precisa quando se tem um bebé.

Colette lança um olhar ao ecrã do computador. – Não vai precisar realmente disso tudo. O bebé sobrevive se for limpo com um toalhete à temperatura ambiente.

– Foi o que disse a minha irmã – diz Allison. – Acho que devia confiar nas especialistas. Obrigada. E sabe que mais? Ele está atrasado.

– Deve estar a brincar. – Colette ergue as sobrancelhas a fingir surpresa. – O *mayor* Shepherd está atrasado?

Allison ri-se. – Disse para a Colette beber o café todo dele. Como castigo. Acabei de o preparar, e há uns pastéis lá dentro, da reunião anterior.

– Obrigada – diz Colette, subitamente consciente de que está com fome. Comeu muito pouco desde as batatas fritas no Jolly Llama há duas noites, demasiado preocupada com o caso de Midas para pensar em comida.

O gabinete do *mayor* parece-lhe um oásis de paz. Embora já aqui venha há vários meses, nunca consegue deixar de se sentir impressionada. As grandes janelas que proporcionam uma vista da ponte de Brooklyn, o fogão de sala em funcionamento, a secretária que pertenceu a James Baldwin – uma oferta da família – um contraste tremendo com o gabinete sem janelas do diretor da Escola Pública 212 no Bronx onde ela e Teb passaram juntos horas intermináveis, quatro anos antes, a trabalhar nas suas primeiras memórias, com cerveja e *burritos* que mandavam vir do restaurante mexicano da zona. O livro

tivera mais êxito do que o esperado, atraindo críticas de primeira página, perfis em revistas, uma digressão nacional do autor, e depois, um ano mais tarde, uma candidatura bem-sucedida à presidência da câmara de Nova Iorque. O editor oferecera-lhe uma fortuna para um segundo volume, centrado na relação dele com a sua mãe, uma ativista dos direitos civis que tinha marchado com Martin Luther King Jr. em Selma.

Colette serve-se de uma caneca de café e senta-se à mesa redonda com vista para o City Hall Park, tentando não se sentir irritada por ter de esperar por ele – mais uma vez. Devia aproveitar este tempo sozinha, um tempo que poderia usar para avançar com o novo material que se espera que entregue daqui a uns dias. Tira o portátil da mala e abre o documento, lendo por alto os capítulos que enviou na tarde anterior a Aaron Neeley, o chefe de gabinete de Teb. Sente um arrepio de embaraço. Aquelas páginas são terríveis. O texto é artificial e infantil, o diálogo quase impossível de ler.

Ouve apitar o seu telemóvel, a indicar um novo email, e pega nele, grata pela interrupção. É Francie. Colette tem mantido um contacto frequente com Nell e Francie nos últimos dois dias; partilham artigos sobre o «Bebé Midas», como ele começava a ser rapidamente conhecido nos meios de comunicação, contactam-se para saberem se há novidades, se alguma delas já teve notícias de Winnie.

Colette enviara um email a Winnie no dia anterior, e daí a umas horas ela respondeu.

Quem terá o meu bebé? Como vou sobreviver a isto?

Colette escreveu-lhe imediatamente, a perguntar se queria companhia, a oferecer-se para lhe ir às compras. Mas Winnie ainda não respondeu ao email de Colette nem à mensagem que ela lhe enviou passadas umas horas.

Vocês já viram isto? escreveu Francie. Vem anexada ao email dela uma ligação para um blogue sobre crimes – um dos muitos que constituíam todo um mundo de detetives amadores na Internet e de que Colette desconhecia a existência até àquele momento; pessoas que pareciam dedicar uma quantidade surpreendente de tempo a deslindar crimes por resolver. Colette lê a publicação:

Uma vizinha disse que tinha passado por uma mulher perto da casa de Winnie por volta das 9:30 dessa noite. Ela ia a descer a rua íngreme com um bebé a chorar que poderia ser da idade do Midas.

Uma nova mensagem de Nell chega imediatamente. As pessoas têm noção de que estamos em Brooklyn, certo? Passam-se muitas a mulheres que vivam aqui e que, a certa altura, não sejam vistas com um bebé ao colo.

– Olá, Colette. Desculpe o atraso. – Colette fecha o email. Aaron Neeley está de pé à porta. Tem a camisa engelhada e há uma linha de barba escura por fazer no queixo, que lhe falhou quando se barbeou.

– Está tudo bem? – pergunta ela.

Aaron traz contra o peito uma pilha de dossiês, que pousa um a um na secretária de Teb. – Está... ele está numa reunião com o Ghosh. Esta coisa do rapto. Que pesadelo. – Lança-lhe um olhar. – Deduzo que ouviu falar do caso?

Ela pigarreia. Devia explicar a situação – devia dizer a Aaron que Winnie é uma sua amiga, que ela estava lá naquela noite – mas algo lhe diz para esperar, para falar em particular com Teb sobre o assunto. Sabe o que poderia significar para ele se se ficar a saber que alguém do seu círculo íntimo está relacionada com o caso. – Ouvi.

– Com quantos meses está a Patty?

– A Poppy. Quase com oito semanas.

Aaron abana a cabeça. – Os meus gémeos têm sete anos. Nem consigo imaginar.

– Qual é a última sobre o caso? – pergunta Colette.

– Oh, não sei. O Ghosh está na defensiva. Um dos agentes, um rapaz novo, saído da academia da polícia há uma semana, fez uma grande borrada. Não usou luvas, deixou impressões digitais por toda a parte. É uma verdadeira confusão. – Aaron suspira e depois olha para Colette. – Seja como for, o *mayor* já não deve demorar muito. Está cheio de vontade de falar sobre o material que a Colette enviou ontem. Estamos a chegar ao que interessa, hein?

– Não há dúvida de que estamos. – Colette vira-se para o ecrã quando Aaron sai do gabinete. Uma reunião com Rohan Ghosh. Gosh e o *mayor* eram amigos dos tempos da universidade, e quando Teb foi buscar Ghosh ao seu posto de comissário adjunto em Cleveland, toda a gente afirmou que se tratava de um caso clássico de nepotismo. Ghosh era geralmente considerado uma das pessoas menos experientes para ocupar o cargo máximo da NYPD.

Colette abre o documento mais uma vez, fazendo os possíveis por se manter concentrada. No entanto, ao ver os dossiês que Aaron deixou em cima da secretária de Teb, pergunta-se se estarão ali os comentários dele sobre os capítulos que ela enviou na véspera. Põe-se de pé e dirige-se ao aparador para pegar num pastel e ao mesmo tempo lança um olhar à pilha de dossiês. Para e

tem de olhar duas vezes para se assegurar de que leu corretamente o nome escrito a tinta preta em letra fina na etiqueta de uma pasta de papel pardo no topo da pilha.

ROSS, MIDAS.

Colette vai até à porta e fecha-a uns centímetros. De novo à secretária de Teb, com o pastel na mão, abre a pasta e espreita lá para dentro. Há uma fotografia de um homem. É alto e magro. Traz uma *sweatshirt* com capuz e está a entregar qualquer coisa a um empregado de uma loja. Há uma outra, tirada pela mesma câmara de videovigilância, quando ele está a virar-se do balcão, com o rosto de perfil. A seguir, está a dirigir-se para a porta e lança um olhar para cima, diretamente para a câmara de videovigilância. Colette folheia os papéis que estão por baixo: cópias de mensagens escritas à mão; uma fotografia do berço de Midas, com lençóis de um verde vivo e um decalque de aves finas e delicadas a voarem na parede acima do berço. E depois outra fotografia do homem, essa nítida e a cores. É de ascendência do Médio Oriente e está a olhar para a objetiva, com óculos de sol empoleirados na cabeça e a segurar um bebé no antebraço. O bebé está parcialmente coberto com uma manta.

Colette pega na fotografia para a ver mais de perto, mas nesse momento ouve passos lá fora. Volta a pôr a fotografia na pilha, fecha a pasta e corre para a mesa. Os passos não param à porta do gabinete de Teb e ela olha para os seus apontamentos – a história de como Teb finalmente confrontou o namorado violento da mãe – mas não consegue afastar aquela imagem da mente. O sorriso do homem. As suas mãos. Como seguravam em concha a cabeça do bebé.

Quem terá o meu bebé? Como vou sobreviver a isto?

Sem pensar no que está a fazer, Colette pega na sua mala da cadeira ao seu lado, dirige-se à secretária de Teb e mete a pasta na mala. Sai calmamente para o átrio e percorre o corredor até à sala das fotocópias, onde fecha a porta e a trava. O suor das palmas das suas mãos esborrata a tinta na parte superior de cada folha – ALTAMENTE CONFIDENCIAL – enquanto folheia o maço, sabendo a grande violação que está a cometer ao seu contrato com Teb. Segundo o acordo de confidencialidade que assinou, não pode aceder a nenhuma informação que ele não tenha especificamente partilhado com ela. Não pode falar com ninguém sobre as coisas que vai ficando a saber no decurso do seu trabalho. Nem pode sequer admitir a ninguém – «parente, amigo, membro do público» – que é a pessoa que escreve os livros dele.

Ouve uma pancada na porta.

– Olá? – É Allison. O puxador da porta roda. – Está alguém aí dentro?

Colette volta a enfiar os papéis na pasta e põe-na debaixo de uma caixa, numa prateleira por cima da máquina fotocopidora. Pega na mala, que tinha pousado no chão, remexe dentro dela e desabotoa os quatro botões de cima da sua camisa, revelando a parte de cima do seu *soutien* de amamentação. Tenta respirar mais calmamente antes de entreabrir a porta.

– Perdão. – Dirige um sorriso apologetico a Allison e mostra-lhe a sua bomba manual. – O *mayor* ainda não chegou e eu preciso de tirar leite. A casa de banho é um ambiente um bocado sujo. Torna isto mais difícil.

A testa de Allison enrugase com o embaraço. – Oh, meu Deus, lamento muito ter vindo incomodá-la! É claro. Eu fico a vigiar.

– A Allison é o máximo. – Colette volta a travar a porta e aguarda uns momentos antes de pegar de novo na pasta. Daí a dez minutos, sai para o corredor e encaminha-se lentamente para Allison. – Está a ver o que a espera?

No gabinete de Teb, volta a pôr a pasta na pilha. Acabou de se sentar e de abrir a tampa do portátil quando Teb entra. Vem sem o casaco do fato e tem as mangas arregaçadas até aos cotovelos, com o tecido da camisa retesado sobre os músculos firmes das suas costas.

– Odeia-me? – pergunta, atirando um bloco de apontamentos para cima da secretária. Tem um sorriso rasgado e radiante, o sorriso que agora adorna painéis publicitários por todo o país, integrado na campanha publicitária «Verdadeiros Heróis» da Ralph Lauren, sem indícios da reunião difícil de que acaba de vir.

– Não, é claro que não, *mayor*.

Ele faz uma careta. – Quantas vezes tenho de lhe pedir que não me chame isso? Soa mesmo esquisito, vindo de si.

– Desculpe lá. Não, não o odeio, Teb Marcus Amedeo Shepherd.

– Ena. Também não vale a pena exagerar. – Folheia as pastas que Aaron lhe deixou e depois põe-nas em cima do aparador ao lado da secretária. – Tenho más notícias.

Colette sente um aperto no peito. – Sobre o Midas?

– O Midas?

Ela abana a cabeça. – O Midas Ross. Aquele bebé das notícias. O Aaron disse que o Teb esteve com o Ghosh. Pensei que ia dizer...

– Estava a pensar se isto não a iria afetar, Colette. Aquele bebé é da idade da Poppy. – Vira-se de costas e serve-se de uma chávena de café. – Que tipo de monstro raptaria um bebé?

– Tem alguma...

Ele acena com a mão, a afastar a pergunta. – Não, a má notícia não é sobre ele. É sobre si e mim. – Vira-se para ela, e Colette prepara-se para o pior. – Vou ter de cancelar esta reunião. Não tive oportunidade de ler o que enviou ontem, e agora tenho outra reunião.

A tensão no peito dela dissolve-se com o alívio. Não vai ter de passar a próxima hora a falar sobre este horrível livro. Pode sair daqui, tentar interpretar o que acabou de ler e ver.

– Teb... – Esforça-se por parecer aborrecida.

– Eu sei – diz ele. – Sou um parvalhão. Desculpe. Pode passar por cá amanhã?

Ela começa a arrumar o portátil e o bloco de apontamentos. – Com certeza.

– Não. Espere. Vou estar fora todo o dia em Long Island, para uma angariação de fundos. No dia a seguir?

Ela acena com a cabeça. – O que lhe convier.

– Obrigada, C. – Senta-se à secretária, a percorrer a lista de chamadas no telemóvel. – E como está a minha bebé?

– Adorável.

– Ah sim? Anda a dar que fazer à mamã? Porque, se andar, eu tenho uma conversinha com ela.

– Não tenho a certeza de que mesmo o Teb seja suficientemente convincente, mas esteja à vontade para lhe dizer que é melhor ela começar a dormir a noite toda.

Ele mantém os olhos pregados no telemóvel e estende a mão. – Deixe-me ver. – Olha para cima. – Preciso de ver uma foto recente.

O telemóvel dela está na mala. Teb levanta-se da cadeira e ela vira-lhe as costas. Está a abrir o fecho da mala cuidadosamente quando Aaron aparece à porta.

– Desculpe, mas estão à sua espera. Não têm muito mais tempo.

– OK, entendido. – Teb bebe um longo gole de café e depois pousa a caneca em cima do aparador, ao lado dos dossiês. – Mande-me algumas por mensagem – diz ele, estendendo a mão para tocar no braço a Colette à saída.

Colette despede-se de Allison e na rua caminha rapidamente por entre as pessoas, num ar perfumado com o cheiro forte a óleo queimado de fritar *pretzels*, em direção ao metro. Dentro do comboio, senta-se num lugar vazio na parte de trás da carruagem gélida. Daí a dez minutos, quando o comboio sai do túnel para a ponte de Brooklyn, vê o caudal de peões a percorrerem o caminho sob o sol quente de julho. Pega no telemóvel, com as lágrimas a arder-lhe nos olhos enquanto escreve.

Estão livres amanhã de manhã para virem até minha casa? Tenho uma coisa que preciso de vos contar.

CAPÍTULO SEIS

SEGUNDA NOITE

Não sei o que fazer.

Estou a tentar manter presente o que a *doula* me disse: respirar fundo desencadeia o sistema nervoso parassimpático, um estado de repouso e relaxamento. Mas não está a resultar. Sinto o peito demasiado contraído e não consigo inspirar oxigénio suficiente. Preciso de sair daqui, de respirar ar puro, mas os jornalistas estão lá fora, a rondar, à espera para me fazerem perguntas. Aquele tipo do *Post*, o Elliott Qualquer Coisa, com roupas foleiras, um corte de cabelo baratucho e a pele oleosa, a deixar a mãe toda orgulhosa por ver o nome dele no jornal. Está sempre ali, a falar com os vizinhos. Onde estava nessa noite? O que lhe parece que aconteceu? O que me pode dizer sobre *a mãe*?

Ando de um lado para o outro. Percorro, uma e outra vez, o corredor, evitando instintivamente a sexta trave do soalho em frente ao quarto do bebé, que range. Mantenho os cortinados fechados. Não quero que ninguém saiba que estou aqui. Não quero mais uma visita de um detetive, a perguntar-me se posso falar, a querer saber se há mais alguma coisa que eu possa acrescentar.

Não tenho nada a acrescentar. Como posso, quando me lembro de tão pouco – quando os pormenores daquela noite vão e vêm, como uma sucessão esfumada e rápida de acontecimentos estáticos?

Lembro-me de ler o email de Nell, a sugerir uma saída à noite, umas horas longe dos bebés.

Lembro-me de pensar que não, é claro que não vou a isso. Mas depois li e reli o email, a considerar a proposta. Nell foi tão persistente. Venham todas, especialmente a Winnie. Não aceitaremos um não como resposta.

Tudo bem, decidi de repente. Não darei um não como resposta. Darei um sim como resposta! E porque não? Merecia tanto uma saída à noite como qualquer pessoa. Merecia divertir-me. Porque é que tinha sempre de ser a pessoa que ficava em casa, obcecada com um bebé, quando todas as outras mães do mundo não parecem ter problema em sair, comemorar um feriado, beber um copo ou dois? Parecem conseguir navegar sem dificuldade este novo mundo. Tão calmas. Tão autoconfiantes. Tão perfeitas, merda!

Porque é que eu *não podia* ser mais como elas?

Vesti-me. Lembro-me disso. Lembro-me de escolher o vestido que me aperta a cintura como um par de mãos fortes. Lembro-me de entrar no bar, de as avistar, os seus olhos cansados debruados a lápis, as olheiras disfarçadas sob uma camada excessiva de corretor, os lábios a brilharem com o batom que não usavam há meses.

«Rebel Yell». Cantei com elas, dancei, fazia parte do grupo, todas nós membros da mesma tribo seleta. Lembro-me de me sentir mal de repente, como se precisasse de sair dali. Mas depois aquele tipo apareceu do nada. A oferecer-me uma bebida, com os seus olhos de mar profundo, os seus lábios cheios. Tipos como ele: têm-me metido em trabalhos toda a merda da minha vida.

Lembro-me de muito pouco depois disso.

Por vezes, quando fecho os olhos e tento dormir, vejo-me a andar no parque, a manter-me à sombra. Rezei.

Meu Deus, por favor devolve-me o Joshua. Faço o que for preciso.

– Está tudo bem?

Tinha-me sentado num banco e estava um homem diante de mim, com um cão aos seus pés, o rosto à sombra do lampião por trás dele. Ainda não sei se era real ou mais uma alucinação.

Porque é que ele me deixou? apeteceu-me berrar ao homem. *Eu não mereço isto, não depois de tudo o que fiz por ele.*

– Estou bem – respondi ao homem com o cão, depois de ele se sentar no banco ao meu lado, com a coxa a roçar na minha e o braço esticado nas costas do banco por trás de mim. – Obrigada. Só preciso de falar com uma pessoa.

Era tudo o que eu queria fazer, na verdade. Só queria *falar* com Joshua. Dizer-lhe que estar com ele é a única coisa que alguma vez teve importância para mim. Falar-lhe das cartas que lhe tenho escrito, talvez oferecer-me para lhe ler uma ou duas, para ele saber exatamente aquilo que sinto e o quanto ainda o quero. Como lamento o que possa ter feito de errado.

Não, detetive, lamento. Não lhe posso contar nada disto.

Desculpe lá, senhor repórter Elliott gorducho. Não tenho mais nada a acrescentar.

Ainda me treme a mão enquanto escrevo isto. Sinto-me fraca e confusa. Esforcei-me tanto por ser uma boa mãe. Dei o meu melhor, dei mesmo.

Meu Deus, o que é que eu fiz?

CAPÍTULO SETE

TERCEIRO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 7 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 54.º DIA

Falemos da barriguinha! Pôr o teu bebé de barriga para baixo é de importância crítica – mesmo que seja só por uns dez minutos de longe a longe. O tempo passado de barriga para baixo vai ajudar a fortalecer os músculos do estômago e do pescoço, e nesta fase, enquanto está de barriga para baixo, ele já deve estar a tentar alcançar os brinquedos, os teus dedos ou até o teu nariz. (Talvez também seja boa altura para investir numa tesoura das unhas para bebé!)

Francie vê a sua imagem distorcida na superfície prateada das portas do elevador e evita olhar para a maneira como a faixa em que traz o bebé ao peito lhe acentua as gordurinhas; como é baixa ao lado de Nell, que está ao seu lado com os seus, no mínimo, mais dez centímetros de altura, o seu ousado corte de cabelo curto e a sua enorme tatuagem. Francie ajeita os caracóis, desejando ter tido tempo para lavar o cabelo ou, pelo menos, para aplicar uma camada de rímel e de batom. Mas esta manhã foi particularmente difícil. Will acordou às cinco e chorou durante uma hora, recusando-se a mamar.

Francie inclina-se para a frente e espreita para dentro da camisa para as rodela de batata que meteu dentro do *soutien* nessa manhã.

Nell lança-lhe um olhar. – Estás a fazer batatas fritas aí dentro?

– Não. – Francie desloca as batatas de modo a cobrirem o inchaço vermelho e quente. – Foi a Scarlett que me disse para fazer isto. – Convencida de que tinha um ducto mamário entupido, Francie abordou Scarlett a pedir-lhe conselho. Ela é uma *daquelas* mães – daquelas que parecem saber intuitivamente o que fazer, sempre a enviar emails ao grupo com dicas úteis: doze saquetas de chá de camomila na água do banho para curar as assaduras do rabinho do bebé de Yuko, uma crítica do novo *swaddle* para embrulhar o bebé que se pode encomendar na boutique para bebés perto do Starbucks.

Ainda bem que perguntaste, porque conheço o truque para isso, escreveu Scarlett a Francie na noite anterior, em resposta ao seu pedido desesperado de ajuda. Em primeiro lugar, NADA DE CAFEÍNA. Em segundo lugar, uma camada de rodela de batatas biológicas dentro do *soutien* durante três horas, todas as manhãs. Sei que parece estranho, mas deverá proporcionar-te um alívio imediato. No entanto, Francie já passou cinco horas com as batatas e ainda lhe ardem os seios. Está a repreender-se por ter ido contra o que lhe parecia melhor e ter comprado batatas não biológicas esta manhã, só para poupar três dólares. Devia ter seguido o conselho de Scarlett à risca e gastado o dinheiro. Provavelmente, é por isso que não está a resultar.

As portas do elevador abrem-se e elas dirigem-se para o 3A, onde Colette lhes abre a porta ainda antes de baterem. Francie cora ao ver Colette, que está sem camisa, com os seios fartos a transbordarem de um soutien cor-de-rosa rendado e os braços e a barriga sarapintados com sardas cor de canela.

– Desculpem – diz Colette, a apanhar o cabelo, o que deixa à mostra os pontos pretos dos pelos a despontarem-lhe nas axilas. – A bebé acabou de bolçar para a minha última camisa limpa. – Encaminha-as para a sala de estar. – Dobrei roupa lavada hoje de manhã e, quando ia arrumá-la, o Charlie disse-me que eu tinha acabado de dobrar dois cestos cheios de roupa suja. Deu-me vontade de matar alguém.

– A sério? – diz Francie, mas está demasiado admirada com o apartamento de Colette para ter ouvido o que ela disse. A não ser a casa de Winnie, nunca esteve dentro de um apartamento em Nova Iorque tão bonito como aquele. O soalho de madeira brilhante. A sala de estar suficientemente grande para caberem nela dois sofás grandes e dois cadeirões. A mesa de jantar junto à parede com janelas grandes, com espaço para dez pessoas. Só esta sala é maior do que o apartamento todo de Francie, que é tão pequeno que não podem convidar ninguém para jantar; onde ela tem de guardar as roupas do bebé em cestos de plástico no canto do único quarto de dormir; onde tem de amamentar na sala de estar, à vista dos residentes do prédio de luxo que foi construído recentemente do outro lado da rua. Lowell tem andado a insistir para que considerem a hipótese de um apartamento maior, mais longe em Brooklyn, talvez até em Queens, mas Francie não quer ouvir falar disso, não com o agrupamento de escolas em que estão. Precisam de aguentar, pelo bebé, pela vizinhança, pela promessa de uma educação de qualidade.

– Que tal correu? – pergunta Colette a Nell.

Nell tomba pesadamente no sofá. – Horivelmente. – Enviou-lhes no dia anterior um email a contar que despedira Alma e ia deixar Beatrice no seu primeiro dia no Happy Baby Daycare, para ela se habituar durante umas horas antes de começar a ficar a tempo inteiro daí a dois dias, quando Nell regressar ao trabalho. – Choros histéricos. Foi uma cena do pior. Todas as outras mães ficaram a olhar embasbacadas.

– Souberam consolar a Beatrice? – pergunta Francie.

– Não foi a Beatrice – responde Nell. – Fui eu. – Limpa o nariz com o lenço de papel húmido e amarrotado que tem na mão. – Fiz figura de tola.

Colette senta-se ao lado de Nell e rodeia-lhe o ombro com o braço, mas Francie sente-se paralisada no seu lugar. Como é que Nell consegue fazer aquilo? Deixar a sua *bebé*, todo o dia, ao cuidado de estranhos? A melhor coisa que se pode fazer, pelo menos nos primeiros seis meses, é andar com o bebé ao colo o máximo possível. Uma auxiliar de um infantário ou uma ama não vão fazer isso. Por vezes, enquanto está a amamentar Will, Francie põe-se a ver no telemóvel as publicações mais recentes em isawyournanny.com, um fórum para os pais publicarem as coisas que viram amas fazerem a crianças – a ignorá-las, a berrar-lhes, a falarem ao telemóvel enquanto a criança brinca sozinha.

– Vai correr tudo bem, certo? – pergunta Nell, à procura de um lenço de papel limpo na mala. – Não vão magoá-la?

– É claro que vai correr tudo bem – responde Colette. – Milhões de mulheres fazem isso todos os dias.

– Eu sei. – Nell acena com a cabeça. – E pelo que estamos a pagar naquele sítio, espero voltar estar tarde e vê-la com as unhas polidas, rodela de pepino nos olhos e um cálice de leite ao lado. – Limpa os olhos, deixando um borrão de rímel preto ao longo da face direita. – Sinto-me mesmo mal por ter despedido a Alma, mas o que é que havia de fazer? Ela anda a ser perseguida pelos jornalistas. Não quero expor a Beatrice a isso.

– É repugnante – comenta Colette. – O Charlie trouxe o jornal para casa hoje de manhã. Há uma fotografia dela no parque infantil com a filha. Escorraçaram-na de lá.

– Estou um farrapo – desabafa Nell. – Ando sempre a implicar com o Sebastian. Tudo o que ele diz me irrita. E a bebé anda a acordar de hora a hora outra vez.

Colette vai à cozinha e pega numa caixa de papel de uma pastelaria. – Não ajuda muito, mas comprei queques com pepitas de chocolate hoje. Achei que precisavam deles. – Põe os queques num prato e pousa-os em cima da mesa de

apoio aos sofás antes de ir pelo corredor à zona dos quartos na parte de trás do apartamento. – Preciso de encontrar uma camisa. O café está feito, se quiserem.

Nell senta-se no sofá. – Para mim não. Já tomei quatro hoje.

Francie entra na cozinha, que está separada da sala de estar por uma grande bancada. Passa a mão pela madeira lisa e pelas superfícies brancas até ao rústico lava-loiça duplo. Detém-se antes de abrir o frigorífico, a observar a série de fotografias coladas à porta. Poppy, deitada numa colcha macia cor-de-rosa, encostada a uma almofada de amamentação. Colette e um homem alto e bem-parecido, que Francie presume ser Charlie, com os braços morenos e enxutos à volta da cintura um do outro, o cabelo comprido castanho arruivado de Colette sacudido pelo vento e revoltado, o rosto repleto de sardas recentes. Uma mensagem em letra de homem, com o papel a encaracolar e desbotado pela luz do sol que entra pela grande janela perto do frigorífico:

Atenção a todos os utensílios de cozinha, livros por terminar, «artefactos inúteis da infância» e objetos do lar em geral: tenham cuidado. A Colette Yates está a fazer o ninho. Nenhum de vós está a salvo.

Colette aparece a nadar numa *t-shirt* branca de homem. – Conhece-la? – pergunta Nell a Colette. Nell está de pé em frente a uma estante, com uma fotografia emoldurada na mão.

Colette lança um olhar a Nell e depois vai à cozinha servir-se de café. – Conheço.

– Como?

– É a minha mãe.

– Estás a brincar!

– Quem é? – pergunta Francie. Nell vira a fotografia e Francie aproxima-se para ver de mais perto. É a imagem de uma mulher mais velha, com o cabelo branco à pagem, de pé numa canoa, com os braços erguidos triunfalmente acima da cabeça.

– Rosemary Carpenter. – Pela expressão de espanto no rosto de Nell, é evidente que Francie deveria saber quem aquela pessoa é.

– Desculpa, mas não sei quem é.

– Ela fundou o WFE – diz Nell.

Francie fica chocada. – A organização de luta livre?

Colette e Nell riem-se, e Francie cora de embaraço.

– Não – responde Nell. – O movimento das Mulheres para a Igualdade. A organização feminista.

– Na realidade, é de certo modo uma organização de luta livre – diz Colette.

Nell volta a pôr a fotografia no seu lugar. – A minha mãe deu-me um exemplar autografado do livro dela quando acabei o secundário.

– Que engraçado! – diz Colette. – A minha também.

Francie não sabe bem o que se espera que diga e pergunta-se porque é que toda a gente em Nova Iorque parece ser uma pessoa famosa ou conhecer alguém famoso. Winnie. A mãe de Colette. A única pessoa famosa que Francie conheceu antes de se mudar para Nova Iorque foi o proprietário da maior cadeia de *stands* de automóveis no oeste do Tennessee, cujo retrato de família ela ajudou a tirar no estúdio fotográfico onde trabalhava.

– Como é que era? – pergunta Nell a Colette.

– Queres dizer como era ser a filha da mulher que era conhecida por ter cunhado a frase «A única coisa pior para uma mulher do que tornar-se dependente de um homem...

Nell termina a frase: – «... é ter uma criança dependente dela.»

– Que horror! – exclama Francie, sem conseguir conter-se.

– Era complicado, mas não podemos ir por aí neste momento. O Charlie volta daqui a pouco e eu tenho uma coisa para vos contar.

– É sobre o Midas? – pergunta Francie.

– É.

– Ainda bem. Tenho andado a pensar muito nas coisas. – Francie solta Will da faixa e pousa-o no chão antes de tirar o seu bloco de apontamentos do saco das fraldas. Ajoelha-se na carpete macia e abre o bloco de apontamentos na página da cronologia da noite, incluindo quem estava presente e a que horas cada um se tinha ido embora. – Tenho andado a tentar estabelecer uma cadeia clara dos acontecimentos, ver se poderia haver alguém que preenchesse os espaços vazios. Onde é que esteve a Winnie? A que horas se foi embora? Com quem se foi embora, se é que se foi embora com alguém?

Nell senta-se no chão ao lado de Francie.

– O trabalho da polícia nisto... há algo que não bate certo – diz Francie. – O tio do Lowell trabalha na polícia. Tenho andado a ler-lhe as notícias e ele está abismado com a quantidade de erros que a polícia tem cometido. Viram isto? – Francie procura no saco o artigo de Elliott Falk que imprimiu do *site* do *New York Post* esta manhã. – Aparentemente, alguém abriu as janelas no quarto do Midas e mexeu nos lençóis do berço antes de serem tiradas fotografias.

– E leram o artigo de ontem? – pergunta Colette. – A sugerir que a pessoa que levou o Midas poderia estar *dentro da casa* quando a polícia chegou?

– Eu sei, também vi isso – diz Nell. – Era por isso que a porta estava aberta quando lá chegámos?

– Começamos por tentar perceber como é que alguém conseguiu entrar na casa. – Francie senta-se. – Nell, tenho de te perguntar outra vez. Já voltaste a pensar na questão da chave e do telemóvel dela? Fazes alguma ideia do que possa ter acontecido? Eles não podem ter simplesmente *desaparecido*.

Nell mantém o olhar fixo no bloco de apontamentos de Francie. – Não sei. Meti o telemóvel dela na minha mala. Sei que o fiz. Vocês viram-me.

– Quando deixaste cair a mala e as coisas se espalharam pelo chão, pensas que o telemóvel possa ter caído? Talvez tenha deslizado para debaixo de uma mesa perto da nossa?

– Eu deixei cair a minha mala?

– Não te lembras? – Francie tenta suprimir um tom de irritação. – Quando estavas a tentar encontrar o telemóvel da Winnie?

– Certo – diz Nell, mas Francie deteta o tom de incerteza na voz dela. – Não penso que o telemóvel da Winnie tenha caído.

– Conta-me a par e passo o que recordas – pede Francie.

Nell pressiona os olhos com as mãos. – Fui ao balcão do restaurante pedir as batatas fritas. Daí a pouco, fui ao bar buscar uma bebida com a Scarlett. Voltámos...

– Não, estás enganada. – Francie bem *sabia*. Nell estava ainda mais bêbeda do que ela julgara. – A Scarlett não estava lá.

– Não?

Francie sente uma nova vaga de remorsos. *Porque é* que confiara o telemóvel de Winnie a Nell? Tinha plena consciência de que Nell já bebera demasiado. *Porque é* que não tinha sido mais esperta? – Não. Olha. – Aproxima de Nell o bloco de apontamentos e aponta para uma lista de nomes. – A Scarlett não foi.

– OK, Francie, relaxa. Enganei-me no nome – diz Nell num tom defensivo. – Eu já vos disse, sou *terrível* com nomes. Quem é a rapariga que veio, mas se foi embora pouco depois? A do Pilates. Fomos buscar uma bebida juntas.

– A Gemma. Com um *top* sem alças azul e calças de ganga?

– Sim, a Gemma. Foi ela.

– E depois, o que fizeste? – pergunta Francie.

– Foi tudo. Fui à casa de banho. Voltei para a mesa, conversámos todas durante um bocado e depois a Alma telefonou-me.

– Tens a certeza? – pergunta Francie. – Não pediste a ninguém que te segurasse a mala? Não a perdeste de vista em nenhum momento?

– Francie, respira – aconselha Colette. – Ainda desmaias.

Francie senta-se nos calcanhares. – Simplesmente não consigo dar um sentido a nada disto. Onde é que estava a Winnie quando a Alma telefonou? E quando é que voltou para casa nessa noite? E ouviram o que a Patricia Faith disse no *The Faith Hour* hoje de manhã?

Nell solta um suspiro de irritação. – A Patricia Faith. Odeio essa mulher. Como é que o facto de ter sido Miss Califórnia a habilita a ter um *talk-show* de uma hora na televisão por cabo?

– Sabes qual era o talento dela no concurso de beleza? – pergunta Colette. – Comentário social.

– Por favor – diz Nell. – O quê? Pôs-se num palco em biquíni a argumentar a favor de dar armas aos estudantes?

– Quase se vê a espuma a formar-se na boca dela – diz Colette. – Um bebé rico que foi raptado. A mãe, uma mulher linda, em tempos uma atriz famosa e agora mãe solteira. Ela vai fazer uma fortuna à cadeia de televisão.

– Eu sei, mas, ouçam – diz Francie –, ouviram o que ela disse hoje de manhã? Sabem de nós. Que entrámos na casa.

Nell sustém a respiração e agarra no pulso de Francie. – O que é que queres dizer? – Ficou sem pinga de sangue no rosto. – Ela falou sobre nós? Disse o nosso nome?

– Não, o nosso nome não – responde Francie, pondo-se de pé e pegando em Will, que está a começar a ficar rabugento. – Chamou-nos «amigas de Gwendolyn Ross». Disse que nos deixaram entrar no local do crime.

Francie não podia negar o estranho sobressalto que sentiu ao ouvir as palavras, sabendo que era a ela – Francie Givens, de Estherville, no Tennessee, com uma população de 6360 habitantes – que Patricia Faith se referia (mesmo que não o fizesse pelo nome) como amiga de Winnie Ross. Retira um artigo da pilha com o pé e fá-lo deslizar para mais perto de Nell. – A imprensa aproveitou a informação.

Nell lê em voz alta: – «Conforme noticiado em primeira mão pela personalidade televisiva Patricia Faith, três amigas de Gwendolyn Ross, não identificadas por nome, aparentemente chegaram à casa de Ross e entraram, sendo posteriormente removidas à força por um agente da NYPD.»

– Removidas à força? – diz Colette. – Isso é um pouco exagerado.

– Eu sei – diz Francie. – Mas essa não é a pior parte. – A pior parte foi o que a Patricia Faith acrescentou, a mesma coisa que Francie já lera noutra local, a informação que agora lhe provoca um nó no estômago. Quando se trata de determinar se um bebé raptado será encontrado vivo, as primeiras vinte e quatro horas são de importância *crítica*. – Se a polícia foi tão incompetente como estes artigos dão a entender, compreendem o que isso poderia significar? – Ela nem quer pensar nessa hipótese, na ideia de que Midas poderia estar ainda em maior perigo por causa de uns quaisquer polícias incompetentes.

Colette pousa a chávena de café na mesa à sua frente. Algo na sua expressão faz com que Francie pare de embalar Will. – O que foi? – pergunta Francie.

– OK, ouçam. Sinto-me esquisita a partilhar isto, mas tenho novas informações. Sobre o Midas.

– O que é que queres dizer? – pergunta Francie. – Eu tenho andado a ler tudo. Se foi noticiado...

– Não foi noticiado. Encontrei-o através do meu trabalho.

– Do teu trabalho?

– Sim. O livro de memórias que ando a escrever? É do Teb Shepherd.

– Estás a brincar! – diz Nell. – Do *mayor* Shepherd?

– Sim. Sou a escritora fantasma dele.

– Para que é que ele precisa de uma escritora fantasma? O primeiro livro dele foi um espanto.

– *Eu* escrevi esse primeiro livro – diz Colette.

– Tu? – diz Francie. Até mesmo ela está a par da existência desse livro. Foi tema de conversa durante meses a fio: as memórias tão bem escritas de Teb Shepherd, o jovem e incrivelmente atraente diretor de uma escola secundária no South Bronx. Lowell fez uma noitada para o ler; o círculo de leitura da mãe de Francie debateu-o. O negócio ainda ia de vento em popa no café grego perto do apartamento da mãe de Shepherd em Washington Heights que ele disse no livro que frequentava, com grupos de mulheres de meia-idade a fazerem fila na esperança de o avistarem a uma mesa na parte de trás a tomar o seu pequeno-almoço habitual dos sábados de manhã: um bolo de milho torrado acompanhado por *bacon*.

– É o que eu faço – diz Colette. – Escrevo livros que outras pessoas dizem que escreveram. Como não estou autorizada a contar-vos isso, podem imaginar até que ponto não devia contar-vos o que vou dizer a seguir. Mas estive no gabinete do *mayor* ontem e encontrei o dossiê do Midas. Da investigação.

– Estás a brincar – diz Nell. – E o quê? Leste-o?

– Pior. – Colette ajoelha-se no chão e mete a mão debaixo do sofá, tirando uma pasta grossa de papel pardo. – Fiz cópias.

– Oh, meu Deus! – exclama Francie. – Alguém sabe que fizeste isso?

– Ninguém. Podia meter-me em trabalhos. Nem sequer contei ao Charlie. Estou tão atrasada com este livro que não podia admitir quanto tempo passei ontem à noite, quando ele pensava que eu estava a trabalhar, a ler o que aqui está.

– O *mayor* sabe que tu és amiga da Winnie?

– Não. Ia dizer-lhe, mas, depois de pegar no dossiê, pareceu-me demasiado arriscado. Agora, não posso. Ele ia perguntar-se porque é que eu não lho disse logo.

Francie não consegue tirar os olhos do dossiê que Colette tem nas mãos. – O que é que diz?

– Parecem ser relatórios recentes, coisas específicas que querem que o Teb veja. – Se olharem... – Soa a campainha. – Merda. – Colette aguarda um momento. – Vou ignorar a campainha. Provavelmente, é uma encomenda para o Charlie. Deixam-na lá em baixo.

– Na verdade, acho que é o Token – diz Francie.

Colette dispara um olhar irritado a Francie. – Convidaste o Token?

Ele tinha enviado um email a Francie nessa manhã a perguntar-lhe se queria ir tomar um café com ele ao Spot. Era muito estranho. Nunca a convidara para fazerem nada só os dois, e ela sabe muito pouco sobre ele. Francie nunca se esquecerá do espanto que sentiu, no início de junho, quando ia a correr pela encosta em direção ao salgueiro, dez minutos atrasada para o encontro das Mães de Maio, e avistou um homem no círculo. Estava sentado ao lado de Winnie, a segredar-lhe ao ouvido. Winnie escutava-o, divertida, e depois desataram ambos a rir. Francie supôs que ele era o marido de Winnie (embora não fosse de modo nenhum tão atraente como ela supusera que seria o marido de Winnie). Trazia um boné de basebol azul-celeste esfiapado, da cor exata dos seus olhos, e vestia-se como muitos dos homens em Brooklyn – uma *t-shirt* desbotada e calções, ténis coçados, óculos de sol à aviador enfiados na gola da *t-shirt*. Mas, quando Francie se sentou, reparou na faixa atravessada no seu peito com um bebé enroscado dentro dela. Não era o marido de Winnie. Era um papá.

– Sou um PECO – disse ele daí a pouco, em jeito de apresentação.

– És um peco? – perguntou Nell. – Ótimo. Vais integrar-te bem.

– Não – disse ele. – Não sou peco. Sou um PECO.

– Um peco? – Nell olhou-o com atenção. – Isso é uma coisa?

– Um Pai que Está em Casa por Opção. Um P-E-C-O. Pá, esta piada costuma resultar. – Sorriu e encolheu os ombros. – A minha cara metade trabalha no mundo da moda e viaja muito. Eu não pago as contas, e fico em casa com a Autumn. A esforçar-me ao máximo para não a traumatizar.

Tornou-se uma presença habitual quase de imediato, mas nunca contou mais do que alguns pormenores sobre si mesmo – nada suficientemente significativo para que Francie o recordasse sequer. Francie continua a não compreender onde ele foi naquela noite no Jolly Llama, depois de desaparecer da mesa, e por isso, hoje de manhã, quando ele lhe enviou um email a propor que se encontrassem, ela disse-lhe a verdade, que ela e Nell iam a casa de Colette, e convidou-o a ir ter com elas, na esperança de lhe arrancar alguma informação. – Ele perguntou se podia vir – diz Francie em voz baixa, ouvindo os passos de Token no corredor à porta do apartamento de Colette. – Eu não sabia que íamos falar sobre *isto*.

– Olá – diz Token quando Colette abre a porta. Está com um aspeto terrível: por barbear, com a *t-shirt* húmida de suor. Francie fica surpreendida ao ver que não está com a faixa em que traz sempre Autumn. – A bebé está com a minha mãe – diz ele antes de Francie ter tempo para perguntar.

– Porque é que vieste, então? – Francie apercebe-se do tom de acusação da sua voz. – Quero dizer, se eu tivesse uma folga do bebé, punha-me a dormir.

Token senta-se no sofá. – Queria ver-vos. – Pousa a testa nas mãos e Francie repara nos cabelos grisalhos que lhe alastram das têmporas. – Estou tão preocupado com o Midas! Com tudo o que aconteceu... Vocês são as únicas pessoas com quem posso realmente falar do assunto.

Colette serve um café a Token e volta a sentar-se no chão.

– OK, então, quanto a isso – diz ela. – Token. Meninas. O que vou contar-vos... não podem contar *a ninguém*. – Abre a capa e pousa três fotografias no chão. – Têm um potencial suspeito.

Token ergue a cabeça de súbito. – Têm um suspeito?

– Têm. É este tipo. Chama-se Bodhi Mogaro. Acham que está ligado ao caso.

Francie ajoelha-se ao lado de Colette. O homem da fotografia tem uns olhos de um castanho avermelhado e pele morena; usa o cabelo preto quase rapado.

– O que é que sabemos sobre ele? – pergunta Token.

– Foi visto a rondar a casa da Winnie duas vezes. A 3 de julho, comprou cerveja e cigarros no bar do outro lado da rua. Pagou com um cartão de débito. É por isso que sabem o nome dele. O empregado lembra-se de o achar pouco à vontade. Disse que ele saiu e se foi sentar num banco lá perto, junto ao muro do parque, a olhar para a casa da Winnie. A vigiá-la, aparentemente. Na noite

seguinte, foi avistado em frente à casa dela outra vez, a comportar-se de uma maneira desvairada. A berrar ao telemóvel.

– Na noite em que o Midas foi levado? – pergunta Nell.

– Sim.

– Vive em Detroit – diz Token, a ler um papel que tirou da capa, com a luz do sol que entra pela janela a desvanecer-lhe as feições, de tal modo que Francie não consegue interpretar a sua expressão.

– Pois vive – diz Colette. – Veio de avião para Nova Iorque no dia 3 de julho. Tinha o voo de regresso marcado para o dia 5, mas não embarcou. Não sabem onde ele está.

– O que é que queres dizer com «não sabem onde ele está»? – pergunta Francie.

– Quero dizer que a polícia não o consegue encontrar. Desapareceu.

– Meu Deus! – exclama Nell.

– Acham que ele raptou o Midas para pedir um resgate? – pergunta Francie. – Provavelmente, as atrizes lidam constantemente com este tipo de coisa. Mas o Lowell disse-me que, se isto tivesse a ver com um resgate, já o teriam pedido. – Francie ainda está convencida de que Lowell talvez esteja errado. Afinal, o tio de Lowell, a fonte dele de informações sobre a polícia, é xerife lá na terra, em Estherville. O que é que ele saberia sobre um caso assim tão importante, com uma atriz em tempos famosa, multimilionária, filha de um magnata do setor imobiliário bem relacionado?

– Não há nenhuma menção a um pedido de resgate. Pelo menos, não neste dossiê.

– Viram que ele é originário do Iémen? – pergunta Nell.

– Sim, mas já vive cá há doze anos – diz Colette. – Pesquisei-o na Internet. Não há grande coisa sobre ele. Tem uma página no Facebook, mas é privada, e está tudo escrito em árabe. Encontrei alguém com esse nome que é mecânico numa empresa perto de Detroit que aluga jatos particulares a clientes ricos. Tem de ser ele.

Aviões?

– Ele tem acesso a aviões? – pergunta Francie.

Poppy chora num quarto algures ao fundo do corredor. – Voltei a telefonar à Winnie – diz Colette, pondo-se de pé. – É a terceira vez. Não está a atender.

Nell esfrega os olhos. – E a cena à volta do apartamento dela, com as câmaras e os jornalistas. Está descontrolado. Um parvalhão qualquer tentou falar comigo

quando eu passei por lá a caminho daqui, perguntou se vivia por perto, se queria fazer um comentário.

Bastantes vizinhos de Winnie já deram entrevistas, já lhes foi perguntado o que sabiam sobre ela, se tinham reparado em algo suspeito naquela noite. Francie sente-se enojada com a quantidade de pessoas dispostas a meter a sua colherada, a dizer o que for preciso para verem o nome nos jornais: que Winnie parecia calada, um pouco distante. Que nunca a tinham visto com um homem. Que se sentiam curiosos, tinham de o admitir, por saber quem é «o pai».

Token põe-se de pé e dirige-se lentamente para a janela, de onde olha para o outro lado da rua, para o parque. – Vão transformar isto numa merda de um circo – diz. – Dá para perceber.

Colette percorre o corredor em direção ao choro de Poppy e Francie continua a examinar o conteúdo do dossiê, lendo os apontamentos de Mark Hoyt. Não quer dizer nada, mas ela própria também já passou pela casa de Winnie algumas vezes nos últimos três dias, ao fim da tarde, depois de os jornalistas se irem embora. Will fica muito chatinho por volta da sete da tarde, antes de Lowell chegar a casa para a ajudar. Custa ficar no apartamento quando ele está a chorar daquela maneira, ali presa no calor. Francie tem-no levado a passear pela colina acima.

Costuma sentar-se num banco no passeio em frente à casa de Winnie. A casa tem estado às escuras. Na noite anterior, no entanto, com o céu a começar a escurecer e os mosquitos a zumbirem à volta da sua cabeça, apertou Will com força contra o peito, a murmurar-lhe ao ouvido, a suplicar-lhe que se calasse, com a certeza de que vira alguém a andar dentro da casa.

CAPÍTULO OITO

QUARTO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 6 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 55.º DIA

Achas que o sorriso do teu companheiro é de derreter o coração? Espera só. O primeiro sorriso de um bebé surge mais ou menos ao mesmo tempo em todas as culturas, por isso, se ainda não aconteceu, prepara-te para seres recompensada por todos os teus cuidados de amor com um sorriso rasgado e desdentado só para ti. Provavelmente, vai fazer-te saltar de alegria (mesmo que tenhas acabado de passar a pior noite *de sempre*).

Nell passa em revista os vestidos que pendem como corpos sem esqueleto do varão de metal fino. Olha para o relógio – ainda faltam duas horas para ir buscar Beatrice ao infantário. Um mulher nova aproxima-se, com um sorriso cor de cereja pintado à volta de uns dentes espantosamente brancos. – Quer que lhe reserve um provador? – Tem uma rosa de tecido preto pregada nos caracóis louros e uma camisa tão curta que revela as suas costelas protuberantes.

– Não, já estou pronta – responde Nell, e segue-a até à parte de trás da loja, até um pequeno provador separado dos varões com as roupas pelo mesmo cortinado com um estampado de flores que Nell chegou a pensar comprar na IKEA.

– Diga-me se precisar de outro tamanho – diz a rapariga, fechando o cortinado. Nell tira os calções e a *t-shirt*, com as lágrimas a virem-lhe aos olhos pela terceira vez nesta manhã. Não pode acreditar que vai ter de regressar ao trabalho no dia seguinte, deixando Beatrice a cargo de estranhos por um período de nove horas por dia. Teve de implorar a Sebastian que fosse ele a telefonar a Alma e a dizer-lhe que tinham decidido que seria melhor, pelo menos para já, pôr Beatrice num infantário. Alma estava destroçada. Nell escutou Alma ao ouvido de Sebastian, a dizer como lamentava, que não conseguia dormir, que os jornalistas estavam sempre a telefonar e a aparecer-lhe em casa, que já tinha sido interrogada três vezes pela polícia.

– Perguntam-me tudo, uma e outra vez. O que é que eu vi? O que é que ouvi? Como se comportou a mãe? O senhor padre está aqui. Ando a rezar para ser perdoada.

Nell tenta fechar a fresta entre a cortina e a parede antes de vestir um par de calças. Dois tamanhos acima do que usava antes de engravidar, e mesmo assim não consegue fazer com que lhe passem das coxas. A blusa que experimenta a seguir também não é melhor. Corta-lhe a circulação nos braços e fica demasiado justa no peito. Escorrem-lhe gotas de suor pelas costas abaixo quando enfia pela cabeça um vestido a direito, sem forma. Fica irritada ao ver que não há espelho no provador, e abre discretamente o cortinado, à procura do espelho de corpo inteiro perto do varão dos saldos. Numa questão de segundos, a rapariga da loja está em cima dela.

– Esse fica-lhe bem. – Nell não reage, na esperança de que o seu silêncio obrigue a rapariga a voltar para a loja, mas em vez disso ela inclina a cabeça, com as suas feições de passarinho contraídas, a pensar, enquanto trinca o lábio inferior. – Sabe do que precisa este vestido?

– De um desconto de sessenta por cento?

A rapariga ri-se. – De um colar espalhafatoso. Algo para chamar a atenção para cima, para o pescoço. Para a desviar das coisas que quer esconder.

– E se a coisa que eu quero esconder for o meu pescoço?

A rapariga estica um dedo para cima e dá meia-volta nos saltos grossos dos seus botins. – Deixe-me ver o que temos.

Nell volta para dentro do provador, nervosa e frustrada – por causa da rapariga, por causa do quão mal lhe assenta aquele vestido –, a perguntar-se porque se tem sentido tão sobressaltada desde que viu aquelas fotografias de Bodhi Mogaro na tarde anterior. Atira com o vestido para o monte de outras roupas e foge, primeiro do provador e depois da loja, com o tilintar da sineta a reverberar por trás de si. Serpenteia por entre as pessoas no passeio, sem saber bem para onde se dirige, e passa sem entrar pelas outras boutiques que planeava visitar para comprar roupas para o trabalho, alguma coisa que lhe sirva de facto, agora que pesa mais sete quilos. Mas não consegue lidar com isso. Não hoje. Não com outra loja. Com outro vestido. Com outra empregada de tamanho 34, a cheirar a produtos para o cabelo e a pastilha elástica com sabor a canela.

Seria ele?

Seria Bodhi Mogaro no bar naquela noite?

Não consegue afastar aquelas perguntas da mente.

Terá sido ele quem lhe rasgou a camisa? É ele que ela vê quando fecha os olhos, a figura esfumada por trás dela na casa de banho, um par de mãos nos seus ombros?

Tê-la-á seguido, lutado com ela pela chave de Winnie, tudo sem ela se lembrar?

Não.

A ideia é absurda. Nell contorna dois rapazes numa lambreta e uma jovem mãe a comprar a uma criança pequena com tranças um cone de papel com sorvete multicolorido num carrinho de gelados. Ela lembrar-se-ia disso; a sua mente está a pregar-lhe partidas. Está arrasada com a falta de sono e a preocupação. Na noite anterior, andou de um lado para o outro na sala de estar horas a fio, a puxar pela cabeça, a tentar preencher os espaços em branco dessa noite.

Se ao menos a imprensa noticiasse alguma coisa que a ajudasse. Não houve ainda menção a Bodhi Mogaro, nem sequer uma insinuação de que a polícia tenha identificado um suspeito. Em vez disso, os jornalistas da televisão e os comentadores só querem falar sobre os erros que a polícia anda a cometer. Esta manhã, Elliott Falk escreveu no *New York Post* que o agente James Cabrera, que Nell reconheceu como sendo o tipo que lhes disse para saírem da casa de Winnie, está de licença com vencimento, acusado de ter deixado a porta por trancar, de ter permitido que entrassem pessoas na casa de Winnie antes de serem recolhidas as provas. Segundo certas fontes, provavelmente será despedido.

Ainda bem, escreveu Francie num email. Deviam despedi-lo. Alguém tem de ser responsabilizado por dar cabo desta investigação.

Patricia Faith está na suas sete quintas, a apelar à demissão imediata do comissário Ghosh, a atribuir as culpas de tudo ao *mayor* Shepherd por ele ter escolhido o seu amigo incompetente para chefiar o departamento da polícia, por se preocupar mais em aparecer em painéis a fazer publicidade a marcas de roupa do que em proteger crianças inocentes. «Estarei louca?» perguntou Patricia Faith. «Ou é quase como se este *mayor* não quisesse ver este caso resolvido?»

Nell detém-se na esquina à espera de que o semáforo mude, o calor como um manto de lã a amortilhar-lhe o corpo e pessoas a darem-lhe encontrões nos braços ao passarem por ela a toda a pressa. Uma superfície branca de luz do sol reflete-se de uma parede de janelas no edifício do banco do outro lado da rua. Ela fecha os olhos.

Vem-lhe uma recordação à cabeça. Está de pé ao balcão, com uma bebida fresca na mão. *More, more, more.* Alguém está a cantar-lhe essas palavras. Sente um queixo no pescoço, lábios junto à orelha.

Fecha os olhos com mais força, sentindo umas mãos na cintura. Alguém está a segurar-lhe os braços.

I want more, more, more.

Abre os olhos e desata a correr.

O homem que está sentado na outra extremidade do bar tem uns trinta e poucos anos. Traz uma *t-shirt* preta e calções de camuflado e tem ambos os braços cobertos com tatuagens pretas e cinzentas. Está a beber lentamente uma caneca de cerveja e a olhar de vez em quando para o desafio de futebol que está a passar num dos grandes ecrãs de televisão, pendurado por cima das filas de garrafas com bebidas alcoólicas, com uma esferográfica a pender sobre um exemplar do *New York Times* aberto na página das palavras cruzadas. A única outra pessoa presente é o empregado do bar, que está inclinado sobre um lava-loiça a lavar copos. Sacode o detergente dos pulsos quando Nell se aproxima. – O que deseja?

– Uma água com gás.

Bebe metade antes de descer do banco e atravessar o bar, com o ar impregnado com cheiro a lixívia e a cerveja, até ao pátio nas traseiras. Leva uma cadeira para o lugar que ocupou naquela noite e tenta recriar mentalmente a cena. Colette e Francie estão em frente a ela. Winnie está à sua direita. Token – pelo menos durante algum tempo – está algures por ali. Nell fecha os olhos e vê Winnie, a beber chá gelado e a deitar olhares furtivos ao telemóvel que tem no regaço.

Quando Nell abre os olhos, o homem do bar está a observá-la. Volta a fechar os olhos, desta vez vendo-se a si mesma. Sente o calor e a música atroadora. A multidão adensa-se à volta deles. Tira o telemóvel de Winnie a Francie.

Apaga a aplicação.

Porquê? Porque é que fez aquilo? Não tinha aprendido a lição? Uma decisão impulsiva pode destruir uma vida inteira. Se alguém devia saber isso é ela.

Levanta-se e põe-se a andar de um lado para o outro no pátio vazio.

Pensa, pensa, pensa.

Volta a entrar no bar e passa pela *jukebox* e pela zona do *bocce*, agora escura e deserta. Dirige-se ao balcão do restaurante, onde tinha pedido as batatas fritas. Levou-as para a mesa e, a certa altura, foi com Gemma, ou fosse quem fosse, buscar mais uma bebida.

Nell abre os olhos de repente. *O cigarro*. Percorre o espaço com o olhar, vendo a porta na parede do outro lado, perto das casas de banho. Pousa a bebida no balcão. A porta que dava para o pátio dos fumadores não está fechada à chave, e sai para uma pequena zona com gravilha, cheia de mesas e bancos periclitantes e rodeada por uma vedação enfeitada com luzes de Natal. *Silêncio, por favor. Respeitem os nossos vizinhos*. Sente o fumo no seu cabelo, a língua pesada com a nicotina e o alcatrão. Está a falar com alguém, a pedir-lhe um cigarro, esquecendo-se que não deve usar o termo britânico, *fag*, a ouvi-lo rir-se. Foi por isso que se sentiu tão nauseada no dia seguinte, foi por causa do cigarro. Há mais de um ano que não fumava, desde que ela e Sebastian decidiram tentar ter um bebé.

Anda de um lado para o outro, visualiza um homem, uma imagem pouco nítida, a estender-lhe um maço de cigarros, o *clique clique* do isqueiro antes de se acender. Ele tinha olhos escuros, e ela contara-lhe porque estava ali. – Pertença a um grupo de mães – disse ela, arrastando as últimas palavras como se estivesse a admitir algo demasiado absurdo para ser verdade. – Eu. Num grupo de mães. Dá para acreditar? – Sente uma mão no seu braço e o bafo de uma gargalhada no seu cabelo enquanto o calor aumenta ao seu redor.

– Mais uma água? – pergunta o empregado do bar quando ela volta para dentro.

– Sim – responde Nell. – E deite um pouco de vodka nesta.

Ele faz deslizar o copo com a bebida no balcão na direção de Nell e o gás do primeiro gole que ela bebe faz-lhe cócegas na língua.

– Oh, merda! – O empregado do bar está a olhar para cima, para o ecrã que se encontra mais perto de si, sintonizado para as notícias locais. Pega no comando. – Isto outra vez não.

A mulher no ecrã está com uma blusa sem mangas preta e uma saia de um amarelo-vivo, com a testa franzida de preocupação. Nell observa o que rodeia a mulher e depois põe-se de pé e vai até à montra. Do outro lado da rua, vê – o amarelo de abelha das roupas da mulher, a luz da câmara de televisão, uma carrinha das notícias estacionada por perto.

O empregado do bar aumenta o volume e a voz da mulher ribomba das colunas perto do teto. «*O bebé está desaparecido há quatro dias, e, sem nenhuma notícia*

de um suspeito, o caso começa a parecer mal parado. As nossas fontes informam-nos que esta manhã a ama, Alma Romero, originária das Honduras, compareceu a um interrogatório adicional. A polícia está também a pedir a quem possa ter qualquer informação útil que telefone para o número que aparece no ecrã.» – A mulher vira-se e faz um gesto na direção da entrada do bar. *«Como sabes, Jonah, na altura do rapto do bebé, a sua mãe, a ex-atriz Gwendolyn Ross, encontrava-se num bar com elementos do seu grupo de mamãs. Esse bar, o Jolly Llama, localiza-se...»*

O ecrã fica negro. O empregado do bar atirou com o comando para o lado do lava-loiça, derrubando uma caneca de cerveja que estava a secar. – Lá vamos nós outra vez. De cada vez que aparecemos nas notícias, temos mais uma rodada de adolescentes a entrarem, a apresentarem-me bilhetes de identidade falsos, a quererem ver o «famoso» bar do Bebé Midas que apareceu no Facebook. – Volta a enfiar os braços na água com detergente da loiça. – Esses parvalhões nem deixam gorjeta.

Pela montra, Nell vê a repórter a atravessar a rua com o seu operador de câmara. Procura uma nota de dez dólares na mala, deixa-a em cima do balcão e sai a toda a pressa pela porta lateral para a zona de fumadores quando a repórter entra e se apresenta ao empregado do bar. – Sou Kelly Marie Stenson, das notícias locais da CBS. Será que poderia perguntar...

Nell arrasta um banco do bar até à vedação. Sobe para ele e agarra o arame, dá um impulso e passa uma perna para o outro lado. Como tem as palmas das mãos húmidas, elas escorregam-lhe e Nell solta-se, ao mesmo tempo que as sandálias lhe deslizam ao longo do arame. Tomba para o outro lado, aterrando com força no cimento do parque de estacionamento ao lado do bar. A sentir o sabor a sangue por ter mordido o lábio, põe-se de pé e atravessa o parque de estacionamento a correr até ao passeio, onde sente o ombro duro de um homem a bater-lhe de lado. – Parvalhão! – berra. – Vê por onde andas.

Ao subir a rua íngreme, de volta ao parque, abranda o passo. Quando atravessa a rua, sente que vem alguém atrás de si, a segui-la, e recorda-se de tudo. Pessoas à espera à esquina, a vigiá-la, a tentar documentar cada passo seu. Desata a correr de novo, atabalhoadamente, ignorando a dor na cicatriz da cesariana e ao longo da parte interna da coxa direita; atravessa a rua, percorre um quarteirão e dirige-se ao infantário. Ainda falta uma hora para ir buscar Beatrice, mas obriga-se a manter o passo acelerado, com os pés a arderem nas suas sandálias de solas finas. Em menos de dez minutos chega ao infantário. Espreita pela janela, por entre os girassóis e as borboletas recortados em papel que estão

colados ao vidro. Vê duas mulheres ajoelhadas no chão em frente a uma cadeira de baloiço, inclinadas para o bebé que está preso nela. Uma delas está a pressionar o peito do bebé. As mulheres – parecem aflitas. O bebé está a sufocar. Nell muda de posição para um ângulo diferente. O bebé diante do qual estão ajoelhadas é Beatrice.

Nell corre para a porta e roda o puxador, mas está trancada. Bate com força no vidro, aos murros, a imaginar Beatrice lá dentro, a sufocar com um objeto deixado por descuido ao seu alcance, o rostinho a ficar roxo. Finalmente a fechadura abre-se com um clique. Nell corre pelo corredor e abre a porta de par em par, dando com o olhar sobressaltado de uma jovem com calças de ganga rasgadas e uma *t-shirt* em que estão estampados um *cupcake* e as palavras HAPPY BABY DAYCARE.

– Ms. Mackey. A senhora...

Nell passa por ela a correr e tomba de joelhos ao lado das duas mulheres. Estende os braços para a bebé e ouve o seu telemóvel tocar dentro da mala ao mesmo tempo que se apercebe da expressão no rosto da sua filha.

Beatrice está a sorrir.

Nell vira-se para a mulher. A coisa na mão dela: é um telemóvel. Estava a tirar uma fotografia.

– Olhe-me só para este sorriso lindo! – diz a mulher, sorrindo para Beatrice.

– Sorriso?

– Sim.

– Não são gases?

A mulher ri-se e o telemóvel de Nell volta a tocar. – Desta vez não. É um sorriso. Ainda não a tinha visto fazer isto?

– Não – responde Nell. – Tenho estado à espera dele. – Senta-se sobre os calcanhares e pega no telemóvel, com as lágrimas a arderem-lhe nos olhos, e sustém a respiração quando lê a mensagem de Francie.

Encontraram-no.

—

Quero a minha mãe.

Colette corre a toda a velocidade na etapa final ao chegar ao cimo da rua íngreme. Já não tem idade para ter aquele pensamento, e no entanto está sempre a imaginar a cena: sentada com a mãe à grande mesa da cozinha na sua casa no Colorado, com os cães aos seus pés, as portas de vidro abertas para o pátio

enquanto o pai dela prepara umas bebidas e Colette conta tudo à mãe. Como a preocupa que Midas nunca venha a ser encontrado. Que tirou o dossiê do gabinete de Teb e fez cópias e as mostrou a Nell e a Francie. Como se sente profundamente arrependida da decisão de partilhar a informação com Token, que mal conhece. Quer admitir que aquilo que tem escrito é tão mau que é embaraçoso, e contar-lhe o que se passou hoje de manhã no consultório do médico quando foi fazer o segundo *check-up* pós-parto, aos soluços no consultório diante do Dr. Bereck, a confessar como se sente assoberbada e ansiosa, a dificuldade em adormecer que anda a ter.

– O que é que lhe provoca mais ansiedade? – perguntou o Dr. Bereck.

– Tudo, mas principalmente a Poppy. Preocupa-me que haja algo de errado com ela. – Colette tem andado a tentar, sem grande sucesso, ignorar as suas preocupações: que os membros de Poppy parecem fracos, que ainda não consegue sustentar a cabeça completamente, que por vezes tem dificuldade em estabelecer contacto visual. – Quando estou com os outros bebés no meu grupo de mães... não sei. Parecem diferentes. Mais fortes – disse Colette, permitindo-se finalmente chorar. – E recebo umas dicas diárias do The Village. Ela não está a atingir os estádios que dizem que devia.

– Em primeiro lugar, deixe de ler essas coisas – disse o Dr. Bereck. – Partem do princípio de que todos os bebés se vão desenvolver exatamente ao mesmo ritmo. Não é assim que isto funciona.

– Eu sei, mas mesmo assim... Não suporto a ideia. O Charlie diz que estou louca. Que ela está ótima. Mas eu sou a mãe dela. Sinto-o. Alguma coisa pode estar errada.

Colette quer contar estas coisas à sua mãe, mas não pode. Nem sequer sabe onde ela está. Da última vez que falaram, uns dez minutos ao telefone numa linha cheia de interferências há mais de duas semanas, Rosemary estava nas Ilhas San Blas, ao largo da costa do Panamá, a fazer investigação sobre uma das últimas sociedades matriarcais existentes. O pai de Colette, recentemente aposentado da cátedra de Biologia na Universidade do Colorado Boulder, tinha-a acompanhado. (– Como membro de uma família matriarcal, sinto que me integrarei bem – disse ele, quando os pais lhe telefonaram a comunicar que estariam ausentes durante três meses, com partida uma semana depois da data prevista para o nascimento de Poppy.)

Colette está ofegante quando Alberto, o porteiro, lhe abre a porta, e ao sair do elevador no terceiro andar e parar para desatar os atacadores dos ténis, ouve Charlie dentro do apartamento, na cozinha, a falar com alguém ao telefone.

Ele afasta o telefone da orelha quando ela entra. – Ena! – diz sem som. – Que brasa.

Ela lança um olhar ao espelho por cima da mesa no *hall* de entrada. Tem o cabelo encharcado, as sardas vermelhas, a camada de protetor solar que aplicou a caminho do consultório do médico embranquece-lhe a pele. É a primeira vez que foi correr desde o parto, e teve de parar e abrandar o passo várias vezes. – Presumo que queres dizer que estou cheia de calor – diz ela a Charlie.

– Não – segreda ele. – Quero dizer que estás mesmo uma brasa. – Beija-lhe a mão e depois volta a falar ao telefone. – Podemos fazer com que isso resulte. Só não posso deixar que estas coisas atrapalhem o processo de terminar o novo livro. – Serve uma chávena de café e passa-a a Colette. – E, provavelmente, não devia afetar-me nenhuns feriados importantes. Duvido que a bebé alguma vez me perdoasse por isso.

– Ou a mãe da bebé – diz Colette, supondo que ele está ao telefone com o seu agente publicitário, a falar sobre mais um convite para fazer uma palestra algures. Charlie terminou a digressão do seu livro há dois meses, mas os pedidos para outras cidades continuam a chegar. Colette enche um copo com água e repara que a mesa de jantar – uma mesa rústica *vintage* que Charlie comprou no Natal anterior – está posta para dois, com os pratos da avó dela e guardanapos de linho. Uma mão-cheia de margaridas de um azul vivo, com algumas das pétalas flácidas e a murcharem, está disposta numa caneca de viagem de aço inoxidável no centro da mesa.

Colette tira uma uva da taça que se encontra junto ao cotovelo de Charlie, passa os braços à volta da cintura dele, encosta a face à cova familiar entre as espáduas dele e sente o seu cheiro – a desodorizante *Speed Stick* e a alho assado – enquanto ouve *Womb Noises* vindo do intercomunicador em cima da prateleira. Permite-se sentir a alegria fácil do momento. O calor do corpo de Charlie. Poppy a dormir no seu quarto. O ritmo do apartamento. Se ao menos pudesse permanecer aqui mesmo, neste preciso momento, para sempre!

Colette desprende-se e vê o livro – *Tornar-se uma Família* – no balcão ao lado da cafeteira. Pega no seu café e no livro e senta-se num banco na ilha enquanto Charlie corta um ramo grosso de salsa com movimentos rápidos e seguros, o telemóvel entalado entre o ombro e a orelha. Colette abre o livro numa parte inicial sobre a gravidez, lendo de relance os apontamentos de Charlie nas margens e vendo os cantos das folhas que ele dobrou para marcar certas páginas.

Nove semanas: o bebé é do tamanho de uma uva.

Como preparar o seu acompanhante do parto.

Coisas a evitar: peixe cru e carne mal cozinhada, exercício físico excessivo, banhos quentes.

Colette sente um nó na garganta enquanto lê as palavras, a recordar aquelas semanas iniciais. A dor nos seios quando subia escadas. O cheiro nauseabundo do sabonete e do perfume de estranhos no metro. Vomitar na casa de banho da editora, a meio de uma reunião para falar sobre a orientação do segundo livro.

O choque devastador ao ver as duas linhas cor-de-rosa no teste da gravidez.

Foi uma falha no seu sistema. Um mês não. Ela conhecia suficientemente bem o seu corpo para evitar tomar a pílula, que, nos poucos meses em que de facto a tomou, a deixou a sentir-se furiosa e deprimida. (Charlie brincara com ela, dizendo que, se todas as mulheres reagiam à pílula como ela, compreendia a sua eficácia. Punha as mulheres tão em baixo que ninguém queria fazer sexo com elas.) Colette tinha ido consultar o Dr. Bereck, a precisar de uma confirmação. O corpo muda, disse o Dr. Bereck. Ela tinha quase trinta e cinco anos. As coisas estavam a começar a alterar-se.

Cinco semanas: o bebé é do tamanho de uma semente de papoila.

Cinco semanas: a noite de setembro em que ela disse a Charlie que estava grávida. Fizeram amor a seguir, e ele deitou-se ao lado dela, com o peito contra as suas costas e a mão na curva da sua cintura. – Tu. Um bebé. O meu livro – disse ele. – Isto é tudo o que eu sempre quis. – Ela deixou-se ficar ali deitada, sem se mexer, a tentar imaginar como seria. A gravidez. Um bebé. Ser mãe.

Não conseguia. Não conseguia imaginar nada disso. A sua imaginação já estava ocupada por outras coisas. Pela viagem de dois meses ao Sudeste Asiático que ela e Charlie planeavam fazer depois de ele terminar o segundo livro. A maratona para que ela começara a treinar. Deixar finalmente de escrever os livros de outros e publicar outro livro seu. Essas coisas conseguia imaginar. Mas isto?

Telefonou à mãe na manhã seguinte, a questionar como iria conseguir, como continuaria a ser ela mesma, confessando que tinha bebido três uísques uma noite antes de saber que estava grávida; que tinha feito uma série de corridas árduas.

– E se eu já tiver prejudicado o bebé?

– Colette – disse-lhe a mãe –, quando o aborto era ilegal, as mulheres tinham de se atirar por umas escadas abaixo. Tu não vais matar o teu bebé acidentalmente.

A recordação dissolve-se quando Charlie desliga o telefone e vem beijar-lhe a testa. Ela fecha o livro. – Fizeste-me ovos mexidos? – diz ela. – O que estamos a celebrar?

– A tua consulta médica. – Acena com a cabeça para o livro. – Consultei os especialistas e, segundo eles, já estamos fora do túnel.

– Fora do túnel?

Ele vai ao frigorífico dos vinhos ao lado da máquina da louça e pega numa garrafa de champanhe, a que tira a rolha com um movimento rápido. – Sim. A bebé vai começar a sorrir em breve. Vai-se desenvolver um horário à medida que ela for compreendendo a diferença entre o noite e o dia. Oh, e... – Deita um pouco de champanhe num copo para a água e puxa Colette para ela se levantar. – Podemos voltar a fazer amor. Bebe lá, mulher.

O corpo de Colette fica tenso quando Charlie lhe envolve com os braços o fundo das costas, com as ancas contra as suas, e a conduz às arrecuas até ao frigorífico, onde a comprime contra a porta. Sexo? A ideia é-lhe repugnante. Sente-se exausta e desgastada; doem-lhe os seios e as costas. Dormiu mal na noite anterior, e ouviu Charlie a andar pela sala de estar depois de Poppy ter acordado à meia-noite, a pôr a tocar uma série de discos de *jazz* para a sossegar, a ler-lhe do seu romance, o capítulo em que o jovem soldado deixa a mãe e vai combater na guerra. Colette sabia que devia ter-se levantado, oferecendo-se para amamentar Poppy, algo que a faria adormecer imediatamente, mas estava demasiado exausta para se obrigar a fazê-lo, para se arrastar de debaixo do peso dos cobertores no quarto com o ar condicionado ligado, para se arrancar aos seus pensamentos sobre Midas. Sobre Winnie. Sobre Bodhi Mogaro. Será que era ele que tinha Midas? O bebé ainda estaria vivo?

Colette afasta Charlie delicadamente. – Tens noção de que tenho de sair daqui a pouco, certo? Vou encontrar-me com o Teb.

Charlie estaca e fecha os olhos antes de tocar com a sua testa na dela. – Vais encontrar-te com o Teb.

– Esqueceste-te.

– Esqueci-me.

– Hoje é o teu dia com a bebé – diz Colette. – Eu fiquei com ela ontem. E disse-te, ele teve de adiar a reunião na última vez...

– Não, eu sei. Esqueci-me. A Poppy acordou três vezes ontem à noite. Estou exausto.

– Lamento – diz Colette. – Mas esta noite é minha, e vais ter folga da Poppy a maior parte do tempo amanhã.

Ele suspira e solta-a. – Tens de tirar mais leite. Usei o que estava no congelador.

– Já o fiz. Hoje de manhã. Está lá.

– E precisamos de falar sobre tudo isto.

– Tudo o quê?

– Esta coisa que estamos a fazer, dividir a meias os cuidados da bebé. Não está a resultar.

Colette sente-se imediatamente irritada. – Não posso prescindir de mais tempo – diz, tentando manter a voz firme e tirando um pedaço de ovos mexidos diretamente da frigideira para a boca. – Estou um bocado atrasada no livro do Teb. – Ainda não lhe contou até que ponto: como tem a certeza de que não cumprirá o prazo, ou como o que tem escrito não presta. Está demasiado asoberbada para admitir que está a sentir imensa dificuldade em tentar gerir tudo, que sabe que já não têm detergente para a roupa e que há uma fuga na cabeça do chuveiro, que o som daquilo está a dar com ela em doida, e que acabou de marcar uma consulta no pediatra, por sugestão do Dr. Bereck.

– Não estou a pedir-te que te encarregues de cuidar da bebé, Colette. Estou a dizer que precisamos de contratar uma ama. – A expressão dele suaviza-se. – Sei que andas assustada. Esta coisa do Midas é horrível. Mas nós não podemos fazer tudo. Não podemos ambos tentar trabalhar a tempo inteiro e cuidar de uma recém-nascida sem ajuda. – Pega nas mãos dela. – Não é como se não tivéssemos posses para isso. Podemos recorrer a algum do dinheiro dos meus pais.

Ela afasta a mão da dele. – Eu não quero contratar uma ama, Charlie. – Não consegue suportar a ideia de deixar a bebé com uma estranha. Passa por ele e dirige-se para o quarto, a tirar a *t-shirt* húmida.

– Bem, então o que é que havemos de fazer? – Segue-a para dentro da casa de banho. – Se não concordas que contratemos uma ama, tens de aguentar tu.

Ela liga o chuveiro e tira a banheira de plástico cor-de-rosa do chão da banheira, evitando olhar para o tufo de cabelo no ralo que lhe caiu durante o duche do dia anterior. – Mas não foi o que combinámos.

– Eu compreendo. Mas ter uma filha é um pouco mais difícil do que quer tu quer eu esperávamos. Precisamos de reconsiderar. O meu livro tem de estar

pronto daqui a dois meses.

– E o meu daqui a um.

– Eu sei, querida. – Charlie tem os maxilares cerrados. – Mas tu sabes o que está em jogo com o meu.

– Tenho de me arranjar. – Fecha a porta e toma um duche lento, esfregando o corpo com um novo exfoliante que comprou por impulso no supermercado no dia anterior, a tentar livrar-se da frustração, da exaustão. Quando sai do quarto, com uma blusa e uma saia limpas, daí a vinte minutos, Charlie está no seu escritório com a porta fechada. Ela entra de mansinho no quarto da bebé, onde, às escuras, ecoam os sons de cetáceos do CD *Womb Noises* e paira no ar o perfume da sua filha. Colette não resiste ao impulso de se inclinar para o berço, de tocar na face de Poppy e lhe afastar da testa uns fios de cabelo – tão cor de laranja como tarte de abóbora. Um rosto tão parecido com o da mãe de Colette!

Como decide não interromper Charlie, sai do apartamento sem fazer barulho e dirige-se para a estação de metro, onde se põe num dos extremos da plataforma, longe do quiosque, a querer passar algumas horas alheada das notícias mais recentes sobre Midas. No comboio, fecha os olhos e pensa como é ridícula aquela discussão com Charlie. Ele está no auge da sua carreira. Recebeu um avultado adiantamento para o seu primeiro romance, as críticas entusiásticas consideraram-no uma das novas vozes mais promissoras das últimas décadas, e está a terminar o seu segundo livro, que é aguardado com grande expectativa.

E aqui está ela.

A caminho do gabinete do *mayor*, para se sentar à espera de Teb, a escrever um livro que ele vai dizer que foi da sua própria autoria, a fazer-lhe ganhar uma fortuna em direitos de autor, com demasiado medo para tentar escrever um livro seu. O seu primeiro livro, uma biografia de Victoria Woodhull, a primeira mulher a candidatar-se à presidência, foi publicado há seis anos. Colette passou anos a fazer pesquisa e sentia-se infinitamente orgulhosa do seu trabalho. Mas as vendas foram abismais, e, embora tivesse escrito mais duas propostas para um livro, nenhum editor se mostrou interessado. Demasiado receosa para tentar de novo, a conselho da sua agente começou a aceitar trabalho como escritora fantasma. Só por algum tempo, disse-lhe a agente. Só até lhe ocorrer uma ideia melhor para o próximo livro. Isso tinha sido há quatro anos.

O seu telemóvel toca a anunciar uma nova mensagem quando ela vai a subir as escadas da estação de metro perto da câmara municipal, distraíndo-a dos seus pensamentos. É de Charlie.

Tenho estado a pensar numa coisa, escreveu ele.

Em quê?

No aquecimento global. Que chatice, hein? Ela espera. E também, que me dizes a um jantar romântico cá em casa esta noite? Depois de a bebé adormecer.

Parece-me bem.

Até te deixo cozinhar.

Colette para na rulote que vende café à entrada do parque. – Um café gelado grande – diz ao homem que está lá dentro. – E um *donut* com cobertura de açúcar, por favor.

Que generoso, escreve.

Também acho. O que é que vais fazer?

Um *soufflé*.

Fantástico. De que tipo?

Do tipo invisível.

Mas já fizeste isso ontem.

Colette ainda dispõe de dez minutos até à hora marcada para a reunião com Teb, e decide ir tomar o seu café sentada num banco no parque, perto de um arbusto de budleia com flores púrpuras. Seria tudo muito mais fácil se ela pudesse contar a verdade a Charlie. Quer deixar de trabalhar. Quer concentrar-se em Poppy. Parte o *donut* em pedaços, a imaginar a vida que gostaria de ter: ser só mãe neste momento. Assegurar-se de que Poppy está bem. Que é amada, que está saudável, fazer as coisas de que ela necessita.

Afasta a ideia. Não pode dizer isso a Charlie.

Não pode *ser* isso.

Colette Yates, a filha de Rosemary Carpenter, *a* Rosemary Carpenter, que fez carreira a escrever sobre as provações de ser mãe, o sexismo inerente à situação doméstica, a necessidade de as mulheres evitarem a dependência de um homem. E *ela* ia optar por ser uma mãe que ficava em casa?

Colette acaba o *donut* e abre o email, consciente de que tem de se recompor e preparar-se para o seu encontro com Teb. Há uma nova mensagem de Aaron Neeley, com notas sobre os capítulos de que vão falar hoje.

Não está realmente a transmitir a ideia desta parte – o impacto emocional que a morte da Margeaux teve no *mayor*. A cronologia aqui está toda baralhada. Volte a ler o perfil dele na *Esquire*. Esse escritor acertou.

Colette ergue o rosto para o céu, a sentir o calor do sol na pele, e ouve o sinal de mais uma mensagem. Tenta não pensar no comentário de Aaron nem na hora

que vai ter de passar a falar sobre este livro ou na imagem de Winnie sentada sozinha no seu apartamento, com o berço de Midas vazio, rodeada por recordações da ausência dele. Só quer pensar, pelo menos por mais cinco minutos, no sol no seu rosto, no jantar com Charlie, na consulta no pediatra amanhã, onde lhe vai ser dito que está tudo bem. Poppy é normal. Os receios dela são infundados.

Pega no telemóvel para ver o que Charlie escreveu. Mas a mensagem não é de Charlie.

É de Francie.

—

Colette tenta parecer recomposta ao cumprimentar Allison.

– Entre e instale-se – diz Allison. – Ele está a acabar outra reunião.

Dentro do gabinete de Teb, Colette senta-se à grande mesa redonda e abre o portátil.

Encontraram-no. É tudo o que diz a mensagem de Francie.

Escreve o endereço do *site* do *New York Post*, a preparar-se para uma notícia devastadora. O artigo está na página inicial.

SUSPEITO NO RAPTO DE MIDAS ROSS ENCONTRADO NA PENSILVÂNIA

Colette respira fundo e pousa a testa na palma da mão. Francie não se referia a Midas. Referia-se a Bodhi Mogaro.

Um homem de 24 anos do Iémen, que se crê estar relacionado com o rapto de Midas Ross, foi detido esta manhã em Tobyhanna, na Pensilvânia, a duas horas a oeste da cidade de Nova Iorque.

A polícia interpelou-o por invasão de propriedade, depois de o seu carro ter sido avistado estacionado nos terrenos do Depósito do Exército em Tobyhanna, que alberga equipamento de vigilância usado pelo Departamento da Defesa. A polícia confirma que andava à procura de Mogaro há dois dias, depois de testemunhas oculares o terem visto a rondar a residência de Gwendolyn Ross na noite de 4 de julho, altura do rapto do filho dela. Um saco contendo quase 25 000 dólares em dinheiro

foi encontrado na mala do carro de Mogaro, um *Ford Focus* de 2015, alugado no aeroporto JFK ao princípio da manhã de 5 de julho.

25 000 dólares em dinheiro.

Colette lê outra vez a frase. Porque é que ele teria esse dinheiro?

O Departamento de Segurança Interna envolveu-se na investigação e está a averiguar os motivos pelos quais Mogaro poderia estar a tentar assaltar o Depósito do Exército, ao mesmo tempo que tenta determinar se algum pessoal militar poderia estar a cooperar com Mogaro. A mulher de Mogaro, professora catedrática de Economia na Universidade Estatal Wayne, não respondeu a vários pedidos para fazer um comentário.

O telemóvel de Colette toca a anunciar nova mensagem. É Nell. O que é que isto quer dizer?

– Colette. – Allison está à porta. – Desculpe interromper, mas o *mayor* está atrasado uns minutos.

Colette acena com a cabeça. – Tudo bem – diz, mal pronunciando as palavras. – Obrigada.

– E tenho de a avisar. A fotocopiadora avariou. – Allison fala mais baixo. – O técnico só vem daqui a uma hora, se a Colette precisar de usar a sala. Posso pôr um aviso na porta. Ninguém a incomoda lá.

Colette lança um olhar ao artigo do jornal. – Vem mesmo a propósito. Eu ia ver se a casa de banho está vazia.

Allison dirige-lhe um sorriso rasgado. – Dê-me um minuto.

Colette tira a sua mala de debaixo da cadeira e dirige-se para o aparador ao lado da secretária do *mayor*. O dossiê ainda lá está, mais pesado do que dois dias antes. Allison faz um sinal com o polegar da secretária a Colette e ela dirige-se para a sala das fotocópias e, uma vez lá dentro, trava a porta. Quando tira o dossiê da sua mala, cai alguma coisa dela e aterra-lhe aos pés. Uma *pen*. Pousa-a em cima da máquina fotocopiadora e folheia rapidamente os papéis dentro da pasta, à procura do nome de Bodhi Mogaro. Com a pressa, faz um corte com o papel na dobra do polegar e do indicador, deixando um risco doloroso nos dedos e um trilho do seu sangue na página de cima.

– Merda – murmura, tentando apagar o sangue por cima das palavras: «Lista de membros: Mães de Maio».

Folheia cópias do questionário que teve de preencher quando se inscreveu nas Mães de Maio através do *site* The Village. Vê o perfil de Nell. De Yuko. De Scarlett. De Francie. Como é que a polícia teve acesso àquilo?

Vê o seu perfil.

Pega nele e olha para a fotografia incluída, tirada na viagem à ilha Sanibel que ela e Charlie fizeram antes de Poppy nascer. A noite em que a pediu em casamento, o aniversário do primeiro encontro dos dois, a primeira noite que passaram juntos, acordando de manhã no seu apartamento em Brooklyn Heights e vendo o primeiro avião atingir a torre. – Ficarei contigo para sempre – disse ela naquele dia na praia da Flórida, com o cabelo espesso da areia e da água do mar e a aliança na mão. – Mas tu conheces-me, Charlie. Casar não é comigo. – Mal se reconhecia naquela fotografia. Só há dois anos, mas parece tão jovem!

E depois dá-se conta de que Teb vai ver aquilo. Vai descobrir que ela conhece Winnie. Vai saber – se não sabe já – que ela esteve lá naquela noite. Vai querer saber por que motivo ela não lhe disse nada.

Olha para o triturador de papel ao lado da máquina fotocopadora e, sem pensar duas vezes, mete o papel na ranhura no topo. Num só movimento rápido, aparecem tiras do outro lado da máquina.

Volta a folhear os papéis na pasta. Fotografias do pátio traseiro do Jolly Llama. Fotografias da casa de Winnie. Da cozinha. Um relatório de um laboratório, que Colette não compreende. Para na transcrição de um interrogatório com várias páginas.

HOYT: Pode soletrar o seu nome?

MERAUD SPOOL: M-E-R-A-U-D S-P-O-O-L.

HOYT: E é amiga de Ms. Ross?

SPOOL: Fomos amigas. Já não falamos há anos, mas éramos íntimas quando éramos mais novas.

HOYT: É certo que queremos chegar ao incidente com o Daniel que presenciou, mas antes disso fale-me sobre a sua relação com Ms. Ross.

SPOOL: Conhecemo-nos nos *castings* para a série *Bluebird*. Tínhamos muito em comum e simpatizámos logo uma com a outra. Quando a minha mãe e eu nos mudámos para cá por causa da série, a mãe da Gwendolyn convidou-nos a ficar em casa delas enquanto o apartamento que comprámos estava em obras. Passávamos os fins de semana na casa de campo deles, no norte do estado. Winnie e eu partilhávamos um quarto. Era como se ela fosse minha irmã.

HOYT: OK.

SPOOL: Bem, acabámos por ser ambas seleccionadas. A Winnie, obviamente, ficou com o papel principal.

[Risos]

HOYT: Como se sentiu em relação a isso?

SPOOL: Como me senti? Para ser franca, custou. A todas as raparigas, não só a mim. Ela não era a melhor dançarina. Mas era a mais bonita.

HOYT: Ela dava-se bem com as outras raparigas?

SPOOL: Não, na verdade não. Era esquisita.

HOYT: Esquisita?

SPOOL: Sim, como se nunca soubesse realmente como ser simplesmente ela própria. Estava sempre a mudar, a tentar ser o que pensava que os outros queriam que ela fosse. A tentar transmitir a imagem, fosse ela qual fosse, que se adequava à situação. Mas tornou-se mais confiante depois de conhecer o Daniel.

HOYT: E onde é que eles se conheceram?

SPOOL: Não faço ideia, para ser franca. Ele era um magricelas. Com acne. Chocou as outras raparigas todas que eles namorassem, mas a mim não, não depois de ver os dois juntos. Fazia imenso sentido. Ele era muito como ela. Estudioso. Virado para as artes. Eles amavam-se de verdade. *[Risos]* Quero dizer, da maneira como amamos quando temos dezassete anos. Um amor de miúdos. Embora, aos trinta e nove anos, com três filhos e doze anos de casamento, comece a pensar que isso, de facto, é que é o verdadeiro amor. Isto? Isto é trabalho. Estou a falar demasiado? Não sei bem se estou a responder às suas perguntas.

HOYT: Está a sair-se muito bem.

SPOOL: Bem, seja como for, a série estava a ter sucesso. A Winnie tinha o Daniel. Tinha-me a mim. E depois a mãe dela morreu. E...

HOYT: Sim?

SPOOL: E depois as coisas, bem... Olhe, vocês contactaram-me para me perguntar se podiam fazer-me algumas perguntas, e eu faço todo o gosto em ajudar. Tenho três filhos. Nem consigo imaginar aquilo por que ela deve estar a passar. Mas tenho medo de dizer a coisa errada.

HOYT: Tente não se preocupar com isso. Só estamos a recolher factos.

SPOOL: Ela enlouqueceu. Quero dizer, quem não enlouqueceria? Perder a mãe assim tão nova. Foi horrível. Aquele acidente estranho, que ninguém foi capaz de explicar. Ficar sem travões quando vai a descer uma encosta? Foi muito estranho. Ainda por cima, o tipo tinha voltado. O Archie Andersen.

Colette para de ler. Ontem, Francie mencionou num email que havia um homem que perseguia Winnie, e perguntou-se se ele teria contacto com Winnie desde os tempos de *Bluebird*.

SPOOL: Ele tinha desaparecido há vários meses, depois da providência cautelar, mas a seguir apareceu no funeral da mãe dela, a fazer uma grande cena, aos gritos na parte da frente da igreja. Foi de mais para ela.

HOYT: A senhora está bem?

SPOOL: É tão triste! A Winnie e a mãe eram muito próximas. Era o tipo de relação que todas as raparigas novas querem ter com a mãe. E depois, num abrir e fechar de olhos, ela foi-se. A Winnie começou a ter ataques de pânico. Terríveis crises de choro. Recordava-me a minha madrastra, na verdade.

HOYT: A sua madrastra?

SPOOL: Ela tinha acabado de ter a minha meia-irmã nessa altura. Ela é uma série de anos mais nova do que o meu pai. Ficou marada depois do parto. Só chorava. Não conseguia dormir. Acabou por ser hospitalizada por uns tempos. Com psicose pós-parto.

HOYT: E como é que isso lhe recorda a Winnie?

SPOOL: Bem, a Winnie... ela... não estava em si. E depois aconteceu aquele incidente.

HOYT: Fale-me sobre isso.

Alguém está a bater à porta da sala das fotocópias. Colette enfia os papéis na capa e mete-a a toda a pressa dentro da sua mala, juntamente com a *pen*. – Só um momento, diz para a fresta de luz entre a porta e a ombreira. – É a última mama, estou quase a acabar. – Tira a bomba manual da mala, desabotoa a camisa até abaixo do *soutien* e abre a porta.

É Aaron Neeley. – Está tudo bem? – Baixa os olhos para o *soutien* dela.

Colette abotoa atabalhoadamente a camisa, o rosto corado de embaraço. – Sim, tudo bem.

– Estamos à sua espera.

– OK, ótimo. – Mete a bomba na mala. – Já estou pronta.

Allison dispara um olhar a pedir desculpa a Colette quando ela segue Aaron de volta ao gabinete de Teb. Ele está sentado na sua cadeira, a ler uma versão impressa do texto, com os pés em cima da secretária a revelar umas meias vermelhas com pintas brancas. Aaron aponta para uma das cadeiras vazias em frente da secretária. – Dê-me só um segundo – diz Teb.

Colette mantém a mala no regaço e lança um olhar a Aaron e depois à parede por trás de Teb, onde se exhibe uma coleção de fotografias emolduradas dele a posar com variadas celebridades, que vai mudando de longe a longe. Foram acrescentadas algumas novas. Teb com Bette Midler. Com um jovem que foi recentemente contratado para jogar nos New York Mets. Com o ex-secretário de estado Lachlan Raine, que, foi anunciado esta manhã, é provável que seja nomeado para o Prémio Nobel da Paz pelo trabalho que a sua fundação está a desenvolver na Síria.

– Fixe, não? – Teb está a olhar para ela.

– Muito.

– Encontrei-me com o Raine há duas semanas, naquela minha coisa no Cipriani's. Está a angariar milhões para a minha campanha, mas, pá, aquele tipo é maluco. Não estou a brincar, não houve uma empregada no restaurante a quem ele não se atirasse.

Colette tenta manter um tom de voz descontraído. – Estou chocada.

Teb ri-se. – Pois, certo. – Pousa a última folha. – OK, C. Tenho de ser franco. Penso que estamos a ir na direção errada em alguns sítios.

Ela põe o cabelo atrás das orelhas, esforçando-se por parecer indiferente. – Compreendo. – Aaron está a assistir, com um misto de tédio e cansaço. – Pode ser mais específico?

Teb recosta-se na cadeira e examina o teto. – O primeiro livro. Com quem é que aquele crítico comparou a minha escrita? – pergunta a Aaron.

– Prosa de Hemingway. Humor de David Sedaris – responde Aaron.

Colette ri-se. – Para ser franca, Teb, isso foi um bocado excessivo.

– Tudo bem, mas este? Não vai impressionar ninguém. – Olha para Aaron. – Certo?

Aaron solta uma longa baforada de ar. – Sim, *mayor*, tenho de concordar. Percebo que lhe esteja a ser pedido que escreva depressa, Colette, mas não podemos contentar-nos com algo medíocre. Não com as expectativas que o *mayor* criou com o primeiro livro dele.

– OK. – Colette acena com a cabeça. – Vamos lá rever.

Na hora seguinte, tenta concentrar-se no que estão a pedir dela, mas o peso do dossiê na sua mala de mão distrai-a – e se Teb já o tiver lido todo? E se já tiver visto o formulário de inscrição dela? Colette não consegue desviar os olhos por muito tempo da televisão sem som, ligada no canal NY1, e acaba por ver uma fotografia de Bodhi Mogaro a passar no ecrã, a fotografia que a polícia deve ter fornecido aos meios de comunicação – a mesma que ela tem em casa, na capa debaixo do sofá. *Homem do Iémen preso por invasão de propriedade, possível ligação ao rapto de Midas Ross*. Sente-se inundada pelo alívio quando Allison bate levemente à porta e espreita lá para dentro.

– *Mayor*, as pessoas seguintes já chegaram. Estão à espera na 6B. Arranjei-lhes o almoço.

– Ótimo, obrigado, Allison. – Teb endireita os papéis e passa-os por cima da mesa a Aaron antes de pegar no telemóvel. – Isto foi útil, certo? Vai voltar a encarrear-nos.

– Absolutamente – diz Aaron.

Colette pega no computador e no bloco de apontamentos e mete-os na mala, junto ao dossiê. Sai para o átrio, onde um dos jovens assistentes do gabinete de imprensa está a conduzir uma visita pública, apontando para as obras de arte nas paredes e a encaminhar o grupo para a grande janela, que proporciona uma vista da ponte de Brooklyn. Colette serpenteia por entre as pessoas até à casa de banho e aguarda lá dentro, junto à porta, a vigiar o átrio do gabinete de Teb. Quando vê Teb e Aaron a dirigirem-se para a reunião seguinte, aproxima-se de Allison, que está ao telefone à sua secretária. – Acho que deixei cair o porta-moedas lá dentro – murmura Colette.

Allison faz sinal a Colette para que entre. Ela finge inspecionar o chão à volta da cadeira onde se sentou, depois ao lado da secretária de Teb, e volta a pôr o dossiê no seu lugar.

Acena a despedir-se de Allison e carrega no botão a chamar o elevador. Duas mulheres entram à pressa mesmo antes de as portas se fecharem, com copos de café e isqueiros nas mãos.

– Dizem que é do Iémen. Muçulmano – diz uma à outra numa voz rouca de fumadora de longa data. – Isso não pode ser bom sinal.

A outra mulher abana a cabeça. – O que eu quero saber é: onde é que está a mãe? Porque é que não dá entrevistas? Só uma mulher com algo a esconder se recusaria a falar aos meios de comunicação.

As mulheres olham ambas para Colette. Ela sorri e carrega no botão para o átrio de entrada, o coração a bater com força e a mala apertada contra o peito, ainda com a *pen* dentro.

CAPÍTULO NOVE

QUARTA NOITE

Sinto-me melhor aqui.

Protegida pelas árvores e pelas sombras, pela aba de um chapéu. Só a duas horas da cidade, e é como se estivesse a um mundo de distância. Graças a Deus. Não tinha a certeza de ser capaz de partir, mas simplesmente meti a mala no carro a meio da noite, pus-me a caminho antes do nascer do sol, sem uma palavra a ninguém, e entrei antes de os vizinhos estarem acordados, com a chave deixada no vaso de flores.

Foi a opção certa, deixar a cidade e vir para aqui. Sinto-me estável, lúcida. Eufórica até. Para ser franca, já não me sentia assim tão bem há meses. Provavelmente é o ar puro do campo e aqueles comprimidos que o médico me receitou antes de eu ter alta do hospital, algo para atenuar as sensações.

OK, preciso de ir direta ao assunto. Não sei porque estou a sentir uma certa relutância em escrever isto, mas...

O Joshua e eu. Estamos juntos de novo.

É demasiado bom para ser verdade, e, meu Deus, como detesto azarar isto, mas é isso mesmo. Fi-lo. Fui vê-lo. Pensei que ia ficar zangado comigo por lhe aparecer assim, a dizer-lhe que só precisava de desabafar, de uma vez por todas. Mas ele não ficou zangado. Mantive a compostura e expliquei como era duro viver sem ele e como me tenho sentido sem esperança e deprimida, recordei-lhe como éramos felizes no princípio, aquelas longas noites na banheira. Deitados na cama aos domingos de manhã, a ler alto. Shakespeare. Maya Angelou. *A Tree Grows in Brooklyn*. E sabem que mais? Ele deixou-me falar. Não, ele *queria* ouvir estas coisas.

– Eu trato das coisas – disse eu. – Por ti. Por nós. – Ele sorriu. – Se o fizer, vens para casa comigo? – Aproximei-me, puxei-o para mim, perdida na sensação da pele dele, no seu cheiro, no seu corpo encostado ao meu. – Precisas de mim tanto como eu preciso de ti. Tu sabe-lo.

Não posso mentir. Sinto-me nervosa. Estou a ter dificuldade em confiar em todas as minhas decisões, e esta não é diferente. Mas depois penso naquela placa pendurada na parede da sala de espera do Dr. H.

*Alguns querem que aconteça. Alguns desejam que aconteça.
Alguns fazem com que aconteça.*

Faz-me rir agora, recordar a primeira vez que vi o Dr. H, como tirei aquela placa foleira da parede e a levei para dentro do consultório dele. A sala cheirava a champô de alcatifas e a um ténue perfume de uma água de colónia deixado pelo seu paciente anterior. – Deve estar a brincar – disse eu, e descalcei as havaianas e sentei-me em cima das pernas, com a placa no regaço.

– Como? – perguntou ele, as mãos unidas no regaço e uma expressão de benevolência nos olhos. (É do Milwaukee). – Com o que é que estou a brincar?

– Esta placa. O quê? Os cartazes com gatos a dizerem AGUENTA-TE AÍ estavam esgotados?

Mas aquela placa estava correta. Eu não podia ficar de braços cruzados o resto da minha vida *a pensar* em estar com o Joshua. Não podia simplesmente *desejar* estar com ele. Tinha de fazer com que acontecesse, custasse o que custasse.

Não vai ser fácil. Penso que ambos o sabemos. Vamos ficar aqui tanto tempo quanto possível, até decidirmos para onde ir a seguir. Ando a considerar a hipótese da Indonésia, como naquele livro que toda a gente adorou. Corto o cabelo. Arrendamos uma casa num arrozal, fazemos ioga, descobrimos quem somos. Eu aprendo a cozinhar.

Mas os pormenores podem esperar. Neste momento, só quero estar aqui, a desfrutar do ar fresco e da brisa morna, com Joshua. Esta noite grelhei uns bifos para o jantar e abri a garrafa de vinho mais cara que encontrei na adega. Deitámo-nos na cama a seguir, e, depois de ele adormecer, não consegui tirar os olhos dele. Sei que vai acordar e perguntar-se onde estarei, mas sinto-me tão contente, envolta neste roupão de seda, a escutar os grilos, a fitar os campos iluminados pelas estrelas deixados pelas pessoas que já não têm posses para continuarem a dedicar-se ao seu cultivo.

Uma coisa posso dizer: preciso de deixar de ler as notícias. Os meios de comunicação – todos eles – andam obcecados com a história. A ex-atriz que tinha tudo.

Dinheiro!

Beleza!

Um maravilhoso bebé!

Patricia Faith está até decidida a encontrar um motivo para a data – a *coincidência* de um bebé desaparecer no Quatro de Julho, a mãe libertada do

fardo de cuidar dele, no Dia da Independência. Tanto a data como o nome dele assumiram uma espécie de valor simbólico. Midas. O grande rei grego que transformava em ouro tudo aquilo em que tocava e que depois, pelo menos na versão de Aristóteles, morreu à fome por causa da sua «prece vã». (Noutras versões, é claro, salvava-se no último momento de uma morte certa.)

Mas o que é que eu esperava? É claro que andam obcecados. Há carreiras que se construíram à volta de histórias como esta. Incomoda Joshua que eu leia as notícias, mas estou a ter dificuldade em afastar-me delas. Preciso de saber o que as pessoas andam a dizer. Para onde estão a apontar o dedo. Especialmente hoje, agora que Bodhi Mogaro foi encontrado. As pessoas têm-se virado para as secções de comentários como membros de uma turba febril. *Um tipo apanhado com 25 000 dólares em dinheiro? Alguém acabou de comprar um lugar na cadeira elétrica.*

Andam sempre a ser raptadas crianças em África e em zonas desfavorecidas de cidades na América, mas ninguém parece querer saber. Essas histórias não chegam à primeira página do New York Times.

Porque é que este jornal não noticia os relatos de testemunhas presenciais de que um homem branco de meia-idade foi avistado na noite de 4 de julho sentado num banco em frente à casa dela? Aparece em todos os blogues de crimes e foi confirmado por pelo menos duas fontes anónimas dentro da NYPD. O tipo é um agressor sexual cadastrado, em liberdade condicional depois de ter molestado um menino pequeno.

Admito-o. Aquela última informação fez-me sorrir. Fui eu quem a plantei. Porquê? Porque alguém vai pagar pelo que aconteceu, e vou assegurar-me de todas as maneiras e mais uma de que não serei eu.

Seja como for, o que eu devia era deixar repousar a minha mente, desfrutar da paz que sinto. Ou da paz que sentiria se não estivesse com os nervos tão esfrangalhados, se não imaginasse constantemente que ouço o meu bebé chorar.

CAPÍTULO DEZ

QUINTO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 9 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 56.º DIA

Parabéns, bebé! O teu pequerrucho faz hoje oito semanas. Conseguieste! (É difícil recordar um tempo em que ainda não eras mãe, certo?) É o momento para celebrar estas últimas semanas a cuidar, a alimentar, a aconchegar e a amar o teu novo tesourinho. E vá lá, come uma fatia de bolo. Já a mereceste.

Encontraram um menino pequeno em Nova Jérсия.

Toda a força policial de uma pequena comunidade costeira foi convocada, mas foi um elemento do grupo voluntário de busca que o descobriu. Estava a cerca de um quilómetro e meio ao longo da praia, a caminhar à procura de conchas, duas horas depois de se afastar dos pais enquanto a mãe desembrulhava as sanduíches.

Uma menina no Maine foi vista pela última vez a sair do autocarro escolar perto da sua casa. A polícia fez buscas durante toda a noite, criou um posto de comando ao longo da Estrada 8; foi trazido um cão de resgate. Na manhã seguinte, foi encontrada viva em casa de um tio.

Está sempre a acontecer: uma criança desaparece e vem a ser descoberta sã e salva pouco depois. No entanto, observa Francie mais uma vez enquanto percorre as histórias no *site* do Centro para Crianças Desaparecidas, esses miúdos foram todos encontrados em menos de vinte e quatro horas.

Cinco dias.

Já passaram cinco dias inteiros, e a polícia continua a não dizer *nada*. Se encontraram algum vestígio de Midas ou se está em segurança. Nem sequer divulgaram nenhuma informação a relacionar Bodhi Mogaro – que ainda está detido por invasão de propriedade – com o rapto.

Francie tira o biberão da panela com água a ferver que está no fogão e leva Will para o baloiço, a poucos centímetros da ventoinha da janela. Protegendo-o da luz do sol que se infiltra pelo cortinado, encaixa-o no braço e leva o biberão à boca dele, na esperança (não pode negá-lo) de que ele recuse o leite em pó, de que não aceite mais nada a não ser o seu leite, de que chore com repugnância pelo cheiro químico. Roça-lhe os lábios com a tetina cor de laranja e ele abre a boca – com o líquido fino e cinzento a espalhar-se no seu lábio inferior – e depois bebe em goles rápidos e quase frenéticos.

Francie ignora a pontada de decepção e pega no comando. Oliver Hood está a ser entrevistado na CNN. Hood, um advogado de direitos civis que fez nome a defender a libertação de seis prisioneiros de Guantánamo, anunciou ontem que aceitou o caso de Bodhi Mogaro, *pro bono*.

«Tanto quanto sei», está a dizer o entrevistador – um homem de meia-idade com óculos com armação escura e uma camisa berrante aos quadrados – «Mogaro está atualmente detido por invasão de propriedade. Mas o verdadeiro interesse está em determinar o seu papel no rapto do Bebé Midas. Oliver Hood, o que pode dizer-me sobre o assunto?»

Hood é um homem magro com grandes olhos redondos. «Bem, posso dizer-lhe muitas coisas, mas a principal é que o meu cliente está inocente. Não invadiu propositadamente uma propriedade privada e não há dúvida nenhuma de que não teve nada a ver com o desaparecimento do Bebé Midas. Este é um caso paradigmático de discriminação racial. Quais são as provas contra ele? Foi visto perto da casa de Winnie Ross, e é originário do Médio Oriente. É tudo.»

«Bem, se falar...»

«E ainda há pior. Falei com dois detetives que dizem que o homem identificado por uma testemunha ocular como sendo Bodhi Mogaro, na noite de 4 de julho, o homem que alegadamente foi visto perto da casa de Ms. Ross, ostensivamente na altura do rapto, a berrar a um telemóvel e a comportar-se de um modo errático» – Oliver Hood faz uma pausa dramática – «*não* é Bodhi Mogaro.»

«O que quer dizer?»

Hood mostra uma fotografia de um homem com uma bata de médico. «Chama-se Raj Chopra e é o cirurgião-chefe do Hospital Brooklyn Methodist. Ia a correr para o trabalho, na noite de folga dele, para tratar do caso dos dois meninos pequenos e da jovem mãe que ficaram gravemente feridos numa colisão de autocarro.»

Francie fecha os olhos, a compenetrar-se do que acabou de ouvir. Bodhi Mogaro nem sequer estava lá naquela noite? A ser verdade, é possível que a polícia não tenha pistas credíveis.

«Bem, algumas pessoas poderiam argumentar que não se deve tomar à letra nada do que um *detetive* diz sobre isto. Não com a incompetência com que têm tratado do caso. E o que é facto é que a sua afirmação, Mr. Hood, não explica o porquê de Mogaro ter aquele dinheiro no carro.»

«Falei demoradamente com o Bodhi, e com a mulher e os pais dele. O Bodhi foi a Brooklyn buscar dinheiro a amigos e familiares na zona para ajudar a pagar as despesas do funeral de uma tia que tinha morrido no Iémen. É a tradição na cultura muçulmana.»

O entrevistador faz um sorriso trocista. «E beber cerveja e fumar cigarros, como Bodhi Mogaro esteve alegadamente a fazer durante a noite de 3 de julho, sentado num banco a olhar para a casa de Winnie? É também isso que fazem na cultura muçulmana?»

Oliver Hood ri-se. «Olhe, Mr. e Mrs. Mogaro são pais há pouco tempo.» Pega num papel da secretária à sua frente e segura-o para a câmara. Francie sustém a respiração. É a fotografia de Bodhi Mogaro que ela viu no apartamento de Colette: aquela em que está com um sorriso rasgado, com um bebé nos braços e óculos de sol na cabeça. «Este é o alegado raptor e o seu filho de seis semanas. Tomou uma bebida e fumou uma noite? Sim, mas por favor. É pai há pouco. Dê-lhe um desconto.»

«E o voo?»

«Perdeu o avião. Deixou-se dormir. Foi um erro natural. Não tinha posses para comprar outro bilhete e por isso alugou um automóvel para voltar para casa.»

O entrevistador olha de lado para Oliver Hood. «Ele foi encontrado três dias depois de perder o tal avião. Não penso que demore três dias a ir de carro de Brooklyn a Detroit. Até a avó da minha mulher, que tem oitenta e quatro anos, seria capaz de fazer essa viagem num dia.»

«Ele parou para visitar um tio em Nova Jérсия. Depois, perdeu-se no caminho. Não sabia que tinha entrado numa propriedade do exército. Estou a dizer-lhe, Chris, o tipo está inocente. É trágico o que lhe está a acontecer. A polícia deve apresentar alguma prova credível e acusá-lo, ou terão de o libertar.»

«OK, devo dizer que apresenta um argumento interessante. Isto será certamente fascinante de acompanhar. Obrigado, Oliver Hood. Agora, comigo via satélite de Santa Mónica, está a minha próxima convidada, a autora Antonia Framingham.» Francie inclina-se para a frente. Adora esta senhora. Tornou-se

muito rica com uma série de romances policiais para jovens – Francie devorou-os a todos – e anunciou ontem que ia doar 150 000 dólares à NYPD para auxiliar a investigação. A sua filha foi raptada há quinze anos. A polícia nunca chegou a encontrar uma única pista credível.

«Antonia, porque decidiu doar este dinheiro?» pergunta o entrevistador.

«Porque sei que não há nada pior do que uma mãe perder um filho.» Francie olha para Will, para os seus olhos brilhantes a fitá-la enquanto toma o biberão. «Qualquer mãe que tenha perdido um filho sabe...»

Francie tira o som à televisão e pousa o comando em cima da mesa ao seu lado. Os travões de um autocarro chamam lá fora e o sabor do fumo do gasóleo penetra na sala e instala-se nos seus lábios. Não quer pensar na perda de Antonia Framingham. Ou na perda de Winnie. Em especial, não quer pensar mais, como nestes últimos dias – com os pensamentos às voltas na sua cabeça – na perda dos seus próprios três filhos.

A primeira, uma menina. Tem andado a ver a cena, muito clara na sua cabeça quando está só. A sala com azulejos brancos, o fedor do desinfetante, os rostos aterrorizados das outras adolescentes à espera, sentadas nas cadeiras duras de plástico na zona da receção. Elas, pelo menos, estavam ali com alguém – com rapazes igualmente aterrorizados; com amigas sentadas nervosamente ao lado delas, a mastigar metade de uma tira de pastilha elástica que tinham partido para partilhar. Uma rapariga até estava ali com a mãe, que usava argolas grandes e agarrava a mão da filha, a dizer à enfermeira que não queria saber das regras, ia acompanhar a filha para a sala. A mãe de Francie estava à espera dela no carro, às voltas no parque de estacionamento do Big Lots, ao lado da clínica, com medo de ser avistada por alguém da igreja.

– Compreende os riscos para o seu corpo? – perguntou uma enfermeira a Francie depois de ela ser finalmente conduzida a uma sala estéril e gélida e de lhe ser dada uma bata de papel azul.

– Compreendo.

– E tem a autorização do pai?

– O meu pai não vive connosco – diz Francie. – Foi-se embora quando eu era bebé.

– Não do *seu* pai. Do pai do bebé.

– Oh. – Sentiu um acesso de pânico. – Preciso disso?

A enfermeira olhou para cima. – Legalmente, não. Mas seria bom. – Francie manteve os olhos baixos. – Pode dizer-me o nome do pai?

– O nome dele?

A esferográfica da enfermeira pairava sobre a sua prancha. Soltou um suspiro muito irritado. – Sim, o nome dele. Presumo que o sabe?

É claro que o sabia. James Christopher Colburn. De vinte e dois anos. Licenciado pela Universidade de St. James, membro dos Voluntários Católicos, professor de Ciências na escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Ela tinha ficado para trás depois da aula prática no laboratório e contou-lhe, falou dos enjoos matinais e do teste de gravidez positivo. Ele pegou nas suas coisas, disse que tinha de ir embora e prometeu que lhe telefonaria nessa noite. Quem estava na frente da sala de aulas no dia seguinte era o professor de ginástica. Ela nunca mais voltou a ver Colburn.

– Não, não sei o nome dele.

A enfermeira abanou a cabeça, com os seus caracóis louros a varrerem-lhe os ombros, e murmurou algo entre dentes enquanto apontava algo no papel. – Assine aqui, a dizer que dá o seu consentimento à intervenção. – Ela mordeu a pastilha elástica. – Temos de nos assegurar de que não se vai arrepender. – A mão de Francie tremia-lhe ao assinar o nome. Queria dizer àquela mulher que *não* dava o seu consentimento. Que queria ficar com o bebé. Poderia fazê-lo, pensou. O parto só seria no verão. Ela podia dar à luz depois de acabar o secundário, arranjar um emprego para se sustentar a ela e ao bebé.

Mas a mãe dela proibira-o. – Não, Mary Frances. Nem quero ouvir falar disso. Não há espaço na minha vida para isto – disse Marilyn enquanto amassava com força uma bola de massa para pão. – As coisas já são bem difíceis, criar duas filhas sozinha. Não preciso de mais uma boca para alimentar.

– Estás bem? – perguntou Marilyn quando Francie se sentou a custo no lugar da frente do *Cutlass* da mãe, uma hora depois da intervenção.

– Estou. Foi rápido.

Nunca mais voltaram a falar do assunto.

Os dois outros bebés que perdeu, os abortos espontâneos – também esses a destroçaram. O primeiro, só quatro meses depois do casamento, foi tão precoce que nem foi real. Isso, pelo menos, foi o que o obstetra em Knoxville lhe disse. – É muito cedo, era só um monte de células. Não se preocupe. Continue a tentar.

O que não era real naquilo? Era o que lhe apetecia perguntar, de mãos dadas com Lowell naquela manhã no consultório do médico, com o gel de um azul fantasmagórico da ecografia a secar-lhe na barriga. Os nomes que já tinha escolhido? A vida que andara a imaginar?

O segundo – daí a dois anos, depois de dezassete meses torturantes de tentativas vãs de engravidar, e de um tratamento de FIV a conselho do seu

médico – resultou de uma anormalidade do embrião. – Algo que não podemos explicar – disse o médico dessa vez. – É raro que alguém com vinte e tal anos tenha problemas reprodutivos. Mas tente outra vez. Talvez tenha mais sucesso na segunda tentativa.

Ela podia explicá-lo. Era exatamente o que a enfermeira na clínica tinha avisado que poderia acontecer – que a sua decisão seria algo de que ela viria a arrepender-se. Que haveria consequências. Nos dias anteriores à consulta, Francie deixara-se ficar deitada na cama, convencida de que o bebé era uma menina, a imaginar o aspeto que teria, a desejar ser suficientemente forte para fazer frente à sua mãe, para fazer o que fosse preciso pela sua filha. Ser mãe daquele bebé como *ela* queria. Mas não fizera nada. Sentia-se impotente.

Francie limpa as lágrimas dos cantos dos olhos e, quando volta a olhar para a televisão, Midas está no ecrã. É uma fotografia dele deitado de costas, com as mãos fechadas junto às faces, a fixar a objetiva. Francie estende a mão para o comando e aumenta o volume. Antonia Framingham está a levar um lenço de papel ao nariz.

«Não consigo deixar de imaginar o Midas, como costumava ficar deitada na cama a imaginar a minha filha depois de ela desaparecer.» Funga. «É como se conseguisse vê-lo. Está sozinho algures, sem a mãe, com uma dor no seu coraçõzinho, a perguntar-se onde ela estará. A perguntar-se quando virá buscá-lo.»

Francie desliga a televisão e atira o comando para o sofá. Já suportou mais do que pode por um dia. Vai à cozinha e pousa o biberão no balcão. O leite em pó deixou Will sossegado e sonolento, e ela prende-o delicadamente no carrinho, que carrega pelos quatro lanços de escadas até ao átrio, e depois sai para o calor e sobe a rua íngreme, seis quarteirões até ao parque. Para numa loja para comprar uma *Cola-Cola Diet* – a primeira cafeína que toma há mais de uma semana. Quando por fim se senta no banco, o *seu* banco, em frente à casa de Winnie, tem a *t-shirt* colada às costas. Põe o carrinho do bebé à sombra, tira a máquina fotográfica do saco das fraldas e sopra para afastar a poeira da lente antes de se pôr em cima do banco para ver por cima do muro para o parque, para o outro lado do prado até ao salgueiro preto, onde as Mães de Maio se vão encontrar daí a trinta minutos.

Está ansiosa por voltar a ver toda a gente. Passou um pouco mais do que uma semana desde que o grupo esteve junto à sombra daquela árvore e ela já lhe sente a falta. A expectativa dos encontros. O seu lugar no círculo entre as outras mães, a partilharem conselhos, rodeadas pelos bebés. Desce do banco e aponta a

máquina fotográfica para o outro lado da rua, indo de alguns dos jornalistas que continuam diante da casa de Winnie para as carrinhas dos canais noticiosos estacionadas nas imediações, e daí para uma janela a algumas portas abaixo, onde, dentro, consegue avistar uma série de retratos de família a preto e branco pendurados na parede por trás de um sofá e várias palmeiras em vasos ao canto. Roda a lente para fazer zoom, a aproximar-se, até conseguir ler os títulos dos livros que se encontram arrumados em fila numa prateleira.

Um cão começa a ladrar, e Francie dirige a máquina fotográfica para o passeio, para o homem com óculos grossos. Tem quarenta e muitos anos e ela já o viu aqui, a andar de um lado para o outro diante da casa de Winnie, com um minúsculo cão castanho pela trela. Anda sempre a espreitar às janelas, como se estivesse a tentar ver para dentro.

Francie não pode deixar de se perguntar se será ele: Theodore Odgard. O agressor sexual registado que vive algures neste quarteirão. Encontrou o nome dele na noite anterior, já tarde, enquanto dava o biberão a Will, a percorrer a lista do registo de agressores sexuais no seu telemóvel. E talvez ele seja o *mesmo* homem sobre o qual Francie leu num blogue de crimes – o que foi avistado sentado num banco em frente à casa de Winnie na noite de 4 de julho.

Francie observa-o a puxar o cão através do visor da máquina. Quando passa pela casa de Winnie, a porta da rua abre-se. O coração de Francie bate acelerado – Winnie está ali!

Faz zoom sobre a porta e fica dececionada ao ver que não é ela, mas um homem. Ele fecha a porta atrás de si e desce as escadas cautelosamente. É mais velho, talvez de uns sessenta e muitos anos, e usa uma camisa de golfe amarelo-clara com o nome HECTOR bordado no bolso do peito. O pequeno cão lança-se a ele quando ele chega ao passeio e explode numa série de latidos estridentes. Hector baixa-se para fazer festas ao cão e acena um olá ao homem que segura a trela e aos três jornalistas que estão sentados ali perto na berma do passeio. A seguir, põe-se a andar de um lado para o outro diante da porta da casa de Winnie, com as mãos unidas atrás das costas, parando para tocar no arbusto florido perto do acesso à casa e arrancar algumas pétalas murchas. Francie mantém-se imóvel, a ver. Apareceu muito pouco sobre o pai de Winnie, e Francie pergunta-se se será aquele homem. Não, conclui, da maneira como anda de um lado para o outro deve ser um segurança. Um polícia aposentado, talvez, que Winnie contratou para proteger a casa dela, para se assegurar de que ninguém tenta entrar, nenhum jornalista toca à campainha; para enxotar os estranhos bem-intencionados que vêm deixar um ramo de rosas da loja da

esquina, que começam imediatamente a murchar no calor, ou acrescentar mais uma Girafa Sophie à longa fila de Sophies postas lado a lado no passeio, que vão de uma ponta à outra do quarteirão de Winnie.

Finalmente, Francie telefonou a Winnie. Três vezes. Winnie nunca atendeu, mas Francie deixou sempre uma mensagem, a dizer a Winnie que tem pensado nela, a oferecer-se para lhe trazer compras do supermercado, preparar-lhe algumas refeições para ela meter no congelador. Francie também lhe quer dizer como anda a gostar de ver *Bluebird*. Encontrou a série em DVD no eBay, as três temporadas por apenas 60 dólares – uma compra que ela reza para que Lowell não repare no extrato bancário do próximo mês. Adora vê-la. Winnie é tão engraçada, tão natural, uma bailarina tão fenomenal!

Francie ainda se sente incomodada com a maneira como Lowell reagiu nessa manhã quando ela lhe falou dos telefonemas a Winnie.

– Não me parece que isso fosse boa ideia, France.

– Porque não?

– Provavelmente, o que ela quer neste momento é privacidade. E, além disso...

– Além disso o quê?

– Bem, nunca se sabe.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou-lhe ela. – Nunca se sabe o quê?

Ele suspirou, e não parecia disposto a dizer mais nada, mas Francie insistiu. – Onde é que ela estava quando o Midas foi levado? E como é que não há sinal de entrada forçada? Eu só estou a dizer é que não penso que seja uma boa ideia aproximares-te demasiado dela. E o que é certo é que não quero que o Will passe tempo nenhum na companhia dela.

Francie ficou furiosa. – Não me agrada nada o que estás a insinuar.

Francie vê Hector contornar a casa de Winnie e desaparecer e quer esquecer aquela conversa com o marido. Sente o telemóvel vibrar no saco das fraldas e põe a máquina fotográfica ao pescoço. É Lowell, a enviar-lhe uma mensagem. A pedir desculpa, supõe ela.

Más notícias. Não consegui a obra de renovação. Preferiram os outros tipos.

Francie volta a meter o telemóvel no saco, preocupada. Aquela obra era a única promessa de rendimento deles. Têm de pagar a renda dentro de três semanas. Will mexe-se no carrinho e ela devolve a máquina fotográfica ao estojo, empurra o carrinho na direção da entrada do parque na esperança de que o filho volte a adormecer, e sente pensamentos negros a infiltrarem-se na sua cabeça.

Tenta bloqueá-los.

Ela ama Lowell. Ele é um bom marido, um homem bondoso.

E no entanto... Porque é que ela não escolheu um homem mais do género daqueles com quem as Mães de Maio acabaram por casar? Um homem como Charlie, com posses para comprar aquele apartamento de luxo no parque, sempre a publicar fotos de Colette e de Poppy no Facebook com mensagens amorosas sobre como são ambas lindas, como ele tem sorte. Ou o marido de Scarlett, um catedrático que tem posses para manter uma casa grande nos subúrbios, dinheiro suficiente para ela ficar em casa sem preocupações. Uma vez, mencionou que ele até fazia questão de chegar a casa até às seis todas as noites, para se sentar a jantar com ela, dar banho ao bebé, ajudar na hora de ir dormir. Um homem nada como Lowell, que está sempre a trabalhar; que nunca, nem uma vez, deu banho ao bebé; cujo gabinete de arquitetura está a ir à falência, que começou a dizer-lhe, cada vez mais frequentemente, que ela tem de arranjar maneira de ganhar algum dinheiro. Foi ele quem teve a ideia de Francie organizar aquele encontro e se oferecer para tirar fotos aos bebés das Mães de Maio, para fazer um portfólio que lhe permita montar um negócio de fotografia de bebés, um interesse passageiro que ela mencionou uma vez.

Quando Francie chega ao salgueiro daí a um quarto de hora, já cansada devido ao peso do saco das fraldas e da máquina fotográfica, tem os caracóis todos crespos e húmidos. Colette já lá está, a estender a sua manta. Traz um vestido azul-claro curto e o cabelo numa trança pelas costas. Francie não sabe como Colette consegue; como parece sempre tão repousada e composta. Francie nem tem a certeza de ter escovado os dentes esta manhã.

– Tiveste notícias da Nell? – pergunta Francie depois de estacionar o carrinho de Will na sombra.

– Ainda não. – Colette abre a caixa de miniaturas de bolos e oferece uma a Francie. – Ficou de me telefonar no intervalo para o almoço. Espero que o primeiro dia de volta ao trabalho esteja a correr bem.

Token aproxima-se nesse momento. Tira os óculos de sol e veem-se-lhe os olhos vermelhos.

– Estás bem? – pergunta Colette.

– Estou – responde ele, desviando o olhar. – São as minhas alergias neste calor. É brutal.

Começam a chegar outras mães, mas Francie não reconhece nenhuma delas. Mulheres que ela nunca viu, que nunca se deram ao trabalho de vir a um encontro quando não estavam envolvidas fotos grátis dos bebés, aproximam-se cautelosamente da árvore e perguntam se é ali que as Mães de Maio vão

encontrar-se. Entretanto, não há nem sinal das mulheres que Francie tinha a esperança de ver – Yuko, Scarlett ou Gemma. Tenta disfarçar a sua decepção enquanto dispõe os adereços que trouxe para os retratos, e acaba por convidar as pessoas a tomar a sua vez. Nunca tirou fotos a bebés e lança-se ao trabalho com entusiasmo, ansiosa por se distrair das suas preocupações com o dinheiro, com Lowell, com a imagem que Antonia Framingham descreveu: Midas, sozinho, aterrado, a sentir a falta da mãe.

– Bom, eu sei que é mórbido, mas podemos falar sobre o Midas? – pergunta alguém das mantas atrás dela.

– Estivemos no pediatra hoje de manhã – diz outra mãe. – Esperei *uma hora e meia* para sermos atendidos e o meu telemóvel ficou sem bateria. Há novidades?

Francie tenta não as ouvir, concentrar-se na luz, nas sombras, em levar o bebé maldisposto e obstinado que tem diante de si a cooperar. – Houve uma entrevista esta manhã com aquele médico do Methodist, aquele que confundiram com o Bodhi Mogaro no dia 4 de julho. Foi o melhor do ano dele na escola de Medicina de Harvard. Não estava a «comportar-se de um modo errático». Estava a dar instruções aos berros a um paramédico pelo telemóvel. A mãe em estado crítico? Morreu ontem à noite.

– Oh, que triste!

– Esta coisa do Bodhi Mogaro é igualmente perturbadora – diz outra pessoa. – A mulher dele deu uma entrevista. Estão a dar a impressão de que eles acabaram de chegar do Iémen, mas são de facto cidadãos dos Estados Unidos. Ela é do Connecticut.

– A minha mãe não acredita numa palavra do que a mulher dele anda a dizer. – A pessoa que falou começa a rir-se. – É certo que, como a minha mãe só sabe as notícias pelo *The Faith Hour*, não tenho a certeza se a opinião dela é fiável.

– Continuo a não conseguir acreditar em nada disto. – Um grande suspiro. – Que isto tenha acontecido a uma de *nós*.

As agulhas secas de pinheiro picam os joelhos de Francie quando ela se ajoelha no chão, a suster a respiração para não sentir o cheiro de um caixote do lixo nas imediações que está a transbordar de copos de café e sacos plásticos com comida rejeitada com que se está a banquetear um enxame de moscas. Inclina-se para o bebé, a desejar que ele se mantivesse quieto, como imaginara, como os bebés ficam para aquela mulher de cujo nome não se lembra, aquela que os fotografa a dormir dentro de enormes pétalas de flores, com a cabeça coberta com uma folha de couve.

– Pode mudá-lo de posição, por favor? Ele está à sombra.

– Não consigo tirar isto da ideia... receber uma chamada a dizer-me que a minha bebé desapareceu. O meu marido e eu íamos sair juntos pela primeira vez ontem à noite, mas eu não fui capaz. Não consegui deixá-la com uma *babysitter*. Li algures que a ama, a tal Alma, pertence a um bando de tráfico de bebés.

Francie leu a mesma coisa na véspera e enviou imediatamente uma mensagem a Nell. A Alma? Pertence a um bando de tráfico de bebés? É verdade?

Nell respondeu com uma só palavra: É.

Francie telefonou-lhe imediatamente. – Nell, isto é horrível. Como é que tu...

– Estava lá escarrapachado no currículo dela – respondeu Nell. – «Ama há três anos. Mãe de dois filhos. Membro de um bando de tráfico de bebés.» – Francie ouviu Nell emitir um som reprovador do outro lado da linha. – O que mais podia fazer a não ser contratá-la? Tinha de voltar para o trabalho, e fazes uma ideia de como é difícil arranjar amas em Brooklyn nos dias que correm?

Francie ainda se sente incomodada por Nell achar graça àquilo. – Nada disto tem piada nenhuma, Nell.

– Eu sei, Francie. Mas a maneira como estão a arrastar a Alma para esta confusão toda e ao mesmo tempo a instilar medo em todas as mulheres que têm uma ama... É enfurecedor. Ela nunca faria mal a ninguém. *Tenho* de me rir com isto. De outro modo, podia dar-me para ir matar alguém.

– Muito bem, amiguinho – diz Francie agora ao pequenino na manta em frente a ela. – É isso mesmo. Deixa-te ficar assim sentado mais um minuto.

– Viram a *Us Weekly* ontem? – Francie está de costas para elas e não sabe quem está a falar. As vozes delas confundem-se. – Num artigo dizia-se que a Patricia Faith ofereceu dois milhões de dólares à Winnie para ela dar uma entrevista.

Francie ouve o som a anunciar a chegada de nova mensagem e faz uma pausa para lançar um olhar ao telemóvel, que está no chão ao lado do saco da máquina fotográfica. É Lowell de novo.

Vende mesmo esta ideia do negócio. Tenta fazer já marcações.

– Bem, eu ouvi dizer que uma empresa se ofereceu para lhe pagar para ela fazer um vídeo de exercício físico para novas mamãs. Repugnante. – O telemóvel de Francie apita de novo, mas ela ignora-o; não está para aturar Lowell.

Vira-se para o grupo, a sentir uma dor de cabeça por causa do sol e do calor. – Quem é a seguir? – pergunta, e nota que Colette está a fitar o seu telemóvel, de testa franzida. Colette olha Francie nos olhos, com uma expressão ensombrada pela preocupação.

– Vê o teu telemóvel – diz Colette em voz baixa. Francie atira com a máquina à pressa para a manta. É uma mensagem de Nell.

Ponham na TV o programa da Patricia Faith. Imediatamente.

Nell tem os braços erguidos acima da cabeça e a camisa subida, expondo a pele flácida da sua barriga a transbordar do elástico largo dos *jeans* de grávida. Tem uma bebida numa das mãos e com a outra segura o pulso de Winnie. Nell recorda-se do momento em que esta fotografia foi tirada. Foi ao princípio da noite. Estavam a queixar-se de não haver licença de maternidade paga nos Estados Unidos. Ela tinha-se posto de pé, a cantar a letra de «Rebel Yell», e puxou Winnie para ela se levantar. Dançaram. As pessoas acompanhavam a canção. Toda a gente se ria.

Quem teria feito uma coisa destas? Quem entre elas teria dado esta fotografia a Patricia Faith, cujo rosto presunçoso substitui agora o de Nell no ecrã da televisão? Ela está com um elegante vestido preto sem mangas e parece ter arranjado tempo para retocar as madeixas. Patricia Faith fita a câmara com tal intensidade que Nell sente que é como se a apresentadora a estivesse a ver, sentada sozinha na cantina da Simon French, com as palmas das mãos húmidas e a bÍlis a subir-lhe na garganta.

«Então, para recapitular», diz ela, com o queixo pousado nos dedos entrelaçados, «esta manhã foi-nos enviada esta perturbadora foto, que mostra Gwendolyn Ross na noite – talvez no preciso momento – em que o seu bebé, apenas com sete semanas de vida, foi tirado do seu berço.» A câmara exhibe uma imagem ampliada da fotografia e passa para o rosto de Winnie. Ela está a olhar diretamente para a câmara, com os olhos meio fechados e vácuos e uma expressão sonolenta no rosto.

«Olhem para isto. Ela está embriagada», diz Patricia Faith. «E desculpem lá, mas tenho de fazer a pergunta. O que significa uma foto como esta? Altera a história, ou deveria alterá-la? Eu sei que nos temos concentrado noutras coisas. Na incompetência do *mayor* e no horrendo trabalho policial. Em Bodhi. Em questões sobre a ama. Mas, bem, não sei. Uma mãe recente, só algumas semanas depois do parto, e deixa o bebé em casa para se comportar *assim*? É *esta* a definição do que é ser uma mãe moderna?»

A câmara passa para um dos convidados de Patricia Faith: um homem mais velho, com uns olhos pretos que não pestanejam e uma barbicha grisalha.

«Tenho o prazer de ter comigo Malcolm Jeders, o chefe da Igreja Calgary e membro da administração da organização Family America. E também Elliott Falk, do *Post*. Obrigada, meus senhores, por estarem aqui. Malcolm, gostaria de começar por si. Qual é a sua interpretação disto?»

«Um bebé está desaparecido, Patricia. Isso é trágico. Mas, se quer saber a minha opinião, estamos a chegar a uma conclusão sobre esta ideia de que as mulheres podem ‘ter tudo’. O que é que isso tem vindo a significar, exatamente? Que algumas semanas depois de darem à luz, elas possam ir a um bar, mamãs a embebedarem-se, a comportarem-se como se estivessem na semana do caloiro?»

«O Jolly Llama», diz Patricia. «Ou, mais apropriadamente, o Jolly *Mama*.»³ Sorri para a câmara, com uma sobancelha erguida por cima da armação de um cor de laranja vivo dos seus óculos de ler. «Concordo. Ninguém defende que as mulheres devam ficar em casa a fazer almôndegas todo o dia. Mas se eu tivesse um filho – ainda por cima, um *recém-nascido* – deixaria o bebé para ir a um bar? Não senhor. Quando a minha mãe teve o primeiro filho, a sua única prioridade era esse bebé, e foi assim até o mais novo entrar para o infantário. Ela nunca teria...»

Quatro mulheres jovens com taças de papel cheias a transbordar de salada sentam-se a uma mesa ao lado da de Nell a falar alto, abafando o som da televisão. Nell pega no seu tabuleiro e encaminha-se para um lugar recatado no canto, debaixo de um grande ecrã de televisão, com as palavras a passarem no fundo do ecrã. Patricia Faith vira-se para o seu outro convidado. «Elliott Falk, prazer em vê-lo de novo. As mulheres presentes nesta imagem com a Winnie Ross – chamemos-lhes as Mamãs Jolly, por conveniência. O que sabemos sobre elas e sobre o papel delas naquela noite?»

«Bem, Patricia, até ao momento os nomes destas mulheres não foram divulgados. Mas, como sabemos, a Winnie tinha saído com o seu grupo de mamãs. Este é um fenómeno cultural bastante recente. Permita-me que explique. Historicamente falando, as mulheres sempre dependeram de um círculo de outras mulheres para as ajudarem depois de darem à luz. É claro, não se *inscreviam* para aderir a esse círculo. Acontecia naturalmente. Eram as mães delas, as tias, as irmãs. Isso ainda se passa nos países em vias de desenvolvimento. Mas atualmente...»

– Nell? – Está uma mulher junto à mesa, com um tabuleiro com comida. Tem o cabelo brilhante preso num rabo de cavalo e, como está com o crachá de identificação virado ao contrário, Nell não consegue ler o seu nome. Nell dá voltas à cabeça. Assistiram à mesma conferência, partilharam uma garrafa de

vinho uma noite num jantar em Los Angeles. – Já não te via desde que foste de licença de maternidade. Quando é que voltaste?

– Hoje.

– Oh, pá. E que idade tem a bebé?

– Oito semanas. – Nell olha para cima, para a televisão.

A mulher faz um esgar. – Que tal vai isso?

– Ótimo.

– A sério? É ótimo deixares a tua filha para poderes vir trabalhar? Não acredito em ti. – Senta-se em frente a Nell. – O meu filho tem oito meses. Ainda me sinto cheia de culpa.

Nell acena com a cabeça e engole em seco. Não vai chorar, não no meio da cantina da empresa, não diante desta mulher. (Tenciona limitar as sessões de choro aos quinze minutos três vezes por dia que vai passar na casa de banho para deficientes a olhar para fotografias de Beatrice enquanto tira leite com a bomba.)

A mulher repara. – Oh, Nell. Lamento muito. As coisas vão melhorar. – Agita uma garrafa de uma bebida espessa com alto teor de proteína. – Era suposto darem-nos uma sala de amamentação...

É então que Nell o vê. Num outro ecrã, numa série de televisores do outro lado da sala. O rosto do ex-secretário de estado Lachlan Raine. Está a responder a perguntas de repórteres à porta da sua casa junto a um lago no Vermont, com uma expressão sombria. Nell conhece muito bem aquele ar: o lento abanar da cabeça, a expressão ensaiada de remorso.

– Tenho de ir. – Nell pega no seu tabuleiro, com o almoço intocado. – Tenho uma reunião daqui a uns minutos.

– OK. Só para saberes, há um grupo de novas mamãs na empresa que se encontra...

Nell sente-se estonteada quando enfia o tabuleiro ao lado dos outros no carrinho de metal perto dos caixotes do lixo. Está uma pequena multidão junto aos elevadores, com café gelado nas mãos e recipientes de plástico. Passa pelas pessoas e dirige-se para as escadas, que sobe duas a duas até ao sexto andar. O telemóvel toca quando ela está a fechar a porta do seu gabinete.

Inunda-a uma vaga de alívio quando vê o número. É só Francie.

– A Colette e eu estamos juntas – diz ela. – Corremos para o apartamento da Colette. Espera aí. Vou pôr-te em alta voz.

Nell afunda-se na cadeira à secretária, sem fôlego. – Aquela fotografia minha. Viste-a?

– Vi.

Nell fecha os olhos, a ver mentalmente a fotografia. As manchas de suor debaixo dos braços. A faixa da cintura das calças de grávida. A gordura leitosa da sua barriga. – Quem lha enviou?

– Um parvalhão oportunista, com certeza – responde Colette. – Não acho que tenha sido uma de nós. Vê-se pelo ângulo. Quem a tirou estava na outra ponta do pátio. E a sério, Nell, ninguém te vai reconhecer. Está demasiado esfumada. Não dá para ver a tua cara.

– Mas então porque é que o Lachlan Raine está a ser entrevistado? – pergunta Nell.

– O que é que queres dizer?

– Eu vi-o, na CNN ou coisa do género. A responder a perguntas.

– Dizem que estão a pensar nele para o Prémio Nobel da Paz. Julgaste que ele estava a comentar a fotografia em que tu apareces? – Colette ri-se. – Sei que algumas pessoas vão tratar a imagem de uma mãe a beber como uma questão de segurança nacional, mas envolver o ex-secretário de estado talvez seja um pouco excessivo, mesmo para a Patricia Faith e os seus novos amigos do canal por cabo.

Nell pousa a testa na palma da mão, com uma sensação de alívio a inundá-la. Ouve uma pancada ligeira no vidro do seu gabinete. Ian está no corredor, a apontar para o relógio. Nell ergue um dedo, a indicar que já vai.

Francie soa como se estivesse à beira das lágrimas. – Isto só está a piorar. O que é que as pessoas vão pensar?

– Quem se importa com o que as pessoas pensam? – diz Colette. – Não fizemos nada de *errado*.

Toca o telefone na secretária de Nell. – Merda. Esperem aí. O Sebastian está a telefonar-me. A bebé acordou com febre e ele está em casa com ela.

Deve ter visto o programa de Patricia Faith. Deve estar muito preocupado.

– Ainda bem que atendeste – diz ele, num tom de voz tenso. – Sei que tens uma reunião e tinha medo de não te apanhar.

– Eu sei. Tenho de ir agora. Viste-a.

– Vi-a? Vi o quê?

– A fotografia. A Patricia Faith.

– Não, mas...

– Não é por isso que estás a telefonar?

– Não, querida, ouve. – Baixa a voz, como se alguém estivesse à escuta. – A polícia está aqui. Querem falar contigo. Acho que tens de vir para casa.

Mark Hoyt está de pé na sala de estar de Nell, a olhar para os livros na estante. Cortou o cabelo desde a sua visita quatro dias antes.

– Ms. Mackey – diz ele, e vira-se para olhar para Nell enquanto ela está a fechar a porta atrás de si e a pousar a mala no chão ao lado do sofá. Nell não consegue decifrar a expressão dele. No táxi a caminho de casa, depois de dizer a Ian que a febre de Beatrice tinha subido e que precisava de ir para casa, Nell tentou convencer-se de que tudo estava bem, recordando a si mesma que não fizera nada de errado. Ou, pelo menos, nada de ilegal. No entanto, não pode negar a sensação crescente de temor. Mark Hoyt saberá alguma coisa sobre aquela noite? Terá descoberto alguma coisa que aconteceu nos momentos de que Nell não consegue lembrar-se?

O som de alguém a percorrer o corredor sobressalta-a, e quando se vira vê Sebastian. – Oh, ainda bem, chegaste – diz ele, e pousa uma caneca de café em cima da mesa. – Estás bem? – Segreda aquelas palavras, mas ela pressente a apreensão na voz dele.

– Estou. Como está a Beatrice?

– Está bem. A febre baixou. Está a dormir.

– Porque não se senta, Ms. Mackey? – sugere Hoyt.

Nell pega no café que Sebastian pousou na mesa, sabendo que é provável que ele o tenha feito para Hoyt, e senta-se no sofá. – O que o traz cá, detetive?

Hoyt encaminha-se lentamente para o grande cadeirão perto da janela e empoleira-se num dos braços. Ela resiste ao impulso de lhe dizer que se sente em condições, que, da maneira como se sentou, vai dar cabo da estrutura. O cadeirão foi um presente de casamento da mãe de Nell, e ela bem sabe quantas horas extraordinárias no hospital a mãe teve de trabalhar para o pagar.

– Só algumas perguntas – diz Hoyt, e arregança as mangas da sua *t-shirt* cinzenta. – Algumas pontas soltas em que talvez nos possa ajudar.

– OK.

– Em primeiro lugar, como está?

– Estou ótima.

Hoyt põe-se de pé e volta para junto da estante. – Está? Está mesmo bem? – Tira uma fotografia emoldurada da estante, uma fotografia do dia do casamento de Nell, e limpa o pó do vidro com o polegar. – Este é o seu pai?

– É o meu padrasto.

Ele acena com a cabeça. – Lindo vestido.

Nell aponta para a prateleira de baixo, para o grande álbum de fotografias ao lado de alguns dos livros sobre arte de Sebastian. – Aí tem o álbum completo. Diz «Dia do Casamento» na lombada. Se é por isso que está aqui, para ver as fotografias do meu casamento.

Hoyt ri-se. – Não, não exatamente.

– É uma pena. Foi um casamento fantástico. Só dezasseis pessoas. A minha sogra fez comida do Haiti. – Hoyt pousa a fotografia na prateleira. O silêncio dele dá uma sensação opressiva. – Então, detetive, hoje foi o meu primeiro dia de volta ao trabalho depois da licença de maternidade. Não foi realmente o momento ideal para dizer ao meu patrão que tinha de sair mais cedo. Além disso, a minha bebé apanhou a sua primeira constipação depois de quatro horas num infantário. Estou um bocado arrasada. Podemos avançar para aquilo que o trouxe aqui?

– Lamento realmente. – Está a abanar a cabeça e fala numa voz de polícia simpático. – Pensei que seria melhor passarmos em revista as minhas questões aqui do que, sabe, eu aparecer-lhe no escritório.

– Que questões?

– Ainda estamos a tentar esclarecer alguma da confusão sobre aquela noite. – Sebastian entra na sala com mais uma chávena de café, mas Hoyt recusa-a com um gesto. – Não, obrigado. Já tomei demasiada cafeína. – Dirige-se a Nell. – Vai ter de me perdoar se já abordámos isto. A minha memória já não é o que era. Mas, tanto quanto sei, foi a senhora quem organizou esta saída ao Jolly Llama. Correto?

– Não exatamente. Todas nós...

– Insistiu bastante para que Winnie Ross fosse convosco.

– Todas queríamos que fosse.

– Mas enviou um email a toda a gente. Escreveu algo... o que é que foi... «Venham todas, especialmente a Winnie. Não aceitaremos um não como resposta.» Ou algo semelhante. Estou certo?

– Não me lembro das palavras exatas.

– Não? – Ele tira um bloco de apontamentos do bolso traseiro das calças e abre-o. – Sim. Foi isso. Talvez afinal a minha memória não seja tão fraca como eu julgava.

Nell acena com a cabeça. – Já eu não posso dizer o mesmo. Mal me consigo lembrar de vestir as calças nos dias que correm. Ando com défice de sono.

Hoyt sorri, um sorriso arrapazado, uma expressão que Nell supõe que a mulher dele, provavelmente, acha irresistível. – Vejamos. Que mais? Oh, sim. – Olha para cima. – A aplicação do intercomunicador de Ms. Ross. Apagou essa aplicação do telemóvel dela?

Nell apercebe-se dos olhos de Sebastian postos nela. Sentira-se demasiado envergonhada para lhe contar que tinha feito isso. – Foi uma tolice, na realidade. Só estávamos a divertir-nos.

– A divertirem-se?

– A pregar uma partida. A Winnie estava sempre a olhar para o telemóvel, a vigiar o bebé. A intenção de irmos sair era afastarmo-nos dos bebés por umas horas. Por isso, quando ela saiu da mesa para ir buscar uma bebida e a Colette viu que ela tinha deixado o telemóvel para trás... – Nell tenta evitar que a voz lhe trema. – É claro que agora me sinto destroçada por ter feito isso. Ao pensar em como a noite podia ter acabado de um modo tão diferente se eu não o tivesse feito. – Sebastian pega na mão de Nell e entrelaça os seus dedos nos dela. – E, na realidade, ela poderia ter voltado a descarregar a aplicação sem problemas. Não demoraria mais do que um minuto.

– Ai sim? – Hoyt acena com a cabeça, solta uma gargalhada superficial. – Tenho de confessar que não sei nada sobre como funcionam todas estas coisas atualmente. A minha filha de onze anos anda sempre a gozar-me, diz que vivo na Idade Média. Cá entre nós, tenho quase a certeza de que a minha filha julga que a Idade Média começou por volta de 1995. Mas ela consegue fazer tudo de olhos fechados no portátil da minha mulher.

Nell não quer ouvir falar da filha ou da mulher deste homem. Quer que ele se vá embora.

– E porque telefonou para o telemóvel de Ms. Ross em duas ocasiões nessa noite, Ms. Mackey?

– Porque é que eu...

– O registo do telemóvel de Ms. Ross indica que entre as dez e trinta e dois e as dez e trinta e quatro... por volta da hora do rapto, segundo cremos... ligou duas vezes para o telemóvel dela. Ou – levanta a mão, a indicar que vai clarificar – suponho que deveria dizer que alguém que usou o seu telemóvel o fez.

Nell sente a palma da mão a ficar suada na mão de Sebastian. Hoyt ergue as sobrancelhas, à espera de uma explicação, mas ela não tem uma explicação. Não se lembra de fazer aquilo.

– Porque ligou para o telemóvel dela?

– Eu estava... eu devia estar...
– Quantas bebidas tomou naquela noite, Ms. Mackey?
– Já lhe disse. Duas.
– Certo. E Ms. Ross? Sabe quantas bebidas terá tomado naquela noite?
– Já me perguntou isso no outro dia. – Esforça-se por manter a compostura. – Francamente, o que é que isso interessa?

– O que interessa?
– Sim, que relevância tem? Acho que ela não bebeu naquela noite. Estava a tomar chá gelado. E, apesar do que a gentinha das notícias possa andar a dizer, as mães ainda têm direito a tomar uma bebida se quiserem.
– O álcool pode tornar a história dela um pouco menos credível – diz Hoyt, com uma expressão fixa. – E o mesmo se aplica à senhora.

Beatrice choramanga no quarto e Nell sente a mente toldada enquanto tenta decifrar o sentido do choro. Será que a febre voltou? Terá fome? Apercebe-se de que Hoyt está a olhá-la fixamente, à espera de que ela diga alguma coisa.

– Desculpe, não ouvi – diz ela. – Qual era a pergunta?
– Estava alguém perto dela quando ela foi pedir a bebida? Alguém que pudesse ter más intenções? Que possa ter-lhe deitado alguma coisa na bebida?
– Não, não que eu tenha visto. – Beatrice chora mais alto e Sebastian corre até ao quarto da bebé. Fecha a porta e Nell vira-se para Hoyt. – Já que estamos a fazer perguntas, detetive, talvez eu possa fazer-lhe algumas a si.

Nell vê algo a passar no rosto do detetive, mas ele compõe a expressão. – Dispare lá.

– Quem anda a falar aos meios de comunicação sobre a Alma?
– Quem...
– Sim, esta coisa de ela pertencer a um bando de tráfico de bebés. Estas insinuações de que talvez ela tenha estado envolvida. – Nell sabe que devia refrear-se, mas a fúria e a impaciência apoderam-se dela. – A não ser que haja algo muito concreto que me queira contar, juro pela vida da minha filha que ela não teve nada a ver com isto. Você e as pessoas do seu departamento têm de parar de sugerir o contrário. Isto pode arruinar a vida dela. – Nell sorri. – Ela talvez seja imigrante, mas não deixa de ser humana.

– Eu não sugeri nada...
Sebastian sai para o corredor, com um ar preocupado. – A febre voltou – diz. – Se calhar, devias amamentá-la.

Nell suspira e pressiona os olhos com a base das mãos, tentando conter a dor que se avoluma por trás deles. – Ouça, detetive, foi ótimo pôr a conversa em dia,

mas a minha bebé precisa de mim. Deduzo que tenho o direito de lhe pedir que se vá embora?

Hoyt acena com a cabeça. – É claro que tem esse direito. Terei todo o prazer em voltar quando lhe for mais conveniente. Sei como é com as crianças. – Revira os olhos. – Tenho três.

Nell põe-se de pé, a sentir as pernas pesadas, e encaminha-se para a porta. Abre-a para trás teatralmente. – Então sabe como pode ser difícil quando eles estão doentes.

Hoyt faz uma pausa. – É claro que sim, Ms. Mackey. Não é fácil. Cuidar dos filhos pode ser verdadeiramente arrasador. Principalmente quando são bebés. – O seu olhar é intenso. – Não concorda?

Ela fica em silêncio enquanto Hoyt se levanta do cadeirão e caminha lentamente para a porta. Para diante de Nell e tira um cartão de visita do bolso traseiro.

– É o meu número direto – diz ao entregar-lhe o cartão. – Telefone-me se lhe ocorrer alguma coisa que possa ajudar-nos. OK, Ms. Mackey?

Ela pega no cartão. – Sim, muito bem.

Antes de ela ter tempo de fechar a porta, ele mantém-na aberta com a ponta da bota, volta a espreitar para dentro e lança-lhe um olhar de curiosidade. – Esse é o seu nome verdadeiro, correto? Nell Mackey?

[3](#) Jolly significa alegre, bem-disposta. (*N. da T.*)

CAPÍTULO ONZE

SEXTO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 10 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 57.º DIA

Se ainda não implementaste uma rotina da hora de deitar, aqui vai uma pergunta: do que é que estás à espera? Uma rotina ajudará o teu pequerrucho a saber que é a hora de ir dormir, por isso pensa em passar tanto tempo quanto possível a embalá-lo, a cantar-lhe, a dar-lhe banho, a ler-lhe e/ou a fazer-lhe festinhas. Ambos ficarão prontos para uma boa noite de sono!

O sangue escorre do corte no pulso de Francie pelo seu antebraço e acumula na curva do cotovelo. Ela segura-se ao balcão da cozinha enquanto Lowell corre para ela, com o pano da louça amarelo, o bom, com girassóis. O sangue vai dar cabo do pano. Ela vai ter de o deitar fora.

– Meu Deus – diz ele, e pressiona o pano da louça no pulso dela.

– Desculpa.

– Tudo bem. Segura com força.

– Mas aquele prato. Era um dos da tua avó.

– Não te preocupes com isso. – Limpa o sangue do linóleo esfolado aos pés dela antes de tirar os pedaços de vidro do lava-loiça. Depois de ficar tudo limpo, Lowell encosta-se ao balcão. – Estás bem?

– Estou. Parece pior do que é. Foi tão esquisito! O prato escorregou-me da mão.

Ele acena com a cabeça. – Ouvi-te aqui ontem à noite. O que é que estavas a fazer?

– Julguei que tinha ouvido o Will chorar e depois não consegui voltar a adormecer. Estava só a ler umas coisas...

Lowell abana a cabeça. – Há pessoas a investigarem este caso, Francie. Profissionais. Se ele anda por aí, vão encontrá-lo.

Ela mantém os olhos baixos e continua a fazer pressão sobre a ferida. – Eu sei.

– Andas tão ansiosa e distraída! Isso não é bom para o Will.

Ela vira-se para ele. – O que é que isso quer *dizer*? Não é bom para o Will?

– Precisas de pensar nele agora. No que ele...

– Estás a falar a sério? O nosso bebé é a *única* coisa em que penso agora.

– Francie. Vá lá. Acalma-te.

– *Acalmo-me*? Não, Lowell, tu é que tens de te acalmar. As *peessoas* a investigarem isto? São uma cambada de palhaços incompetentes. Tu próprio o disseste. E o quê? Eu devia esquecer tudo? – Atira o pano da louça para cima do balcão. – Esta coisa toda do Bodhi Mogaro? Tens lido o que tem aparecido? Há pessoas a virem em defesa dele. A dizerem que está a ser vítima de discriminação racial. A União Americana pelas Liberdades Civis está a começar a prestar atenção ao caso. A polícia não tem provas *nenhumas* contra ele. Ele não tem cadastro. Não tem motivo. A mulher dele diz que ele perdeu o avião porque adormeceu. – Francie ouve o tom de acusação na sua voz a aumentar. – Ela diz que ele não anda a dormir o suficiente, porque se levanta por causa do filho à noite. Para *ela* poder descansar.

Lowell está em silêncio, com uma expressão impassível.

– Até mesmo a Patricia Faith anda a dizer que a polícia está a exceder-se ao mantê-lo preso. O tipo estava perdido. Era por isso que estava naquela propriedade do estado. Se tivessem alguma prova contra ele, já o teriam acusado formalmente.

– Eu não depositaria demasiada fé... – Lowell ergue as sobrancelhas e sorri – no que aquela mulher diz.⁴

– Não tem graça, Lowell.

– Eu sei que não, mas, Francie, tu não podes fazer nada. Falo a sério. Não andas a dormir. Mal comes.– Pousa os braços nos ombros dela. – Sei que não posso sugerir que o Midas está morto...

– Lowell, para.

– ...mas sabes que mais? Talvez esteja.

Ela afasta-se dele. – Lowell, *para*. Não sejas tão insensível. É da vida de um bebé que estamos...

– Francie, ouve-me. Talvez ele esteja morto, OK? É horrível, mas tens de te preparar para essa notícia.

– Ele **NÃO** está morto. – Lembra-se de que Will está na cadeira de baloiço na sala de estar e pode ouvi-los, e baixa a voz. – Eu sei.

– Como? Como é que sabes? Acontecem coisas más, France.

Francie fecha os olhos e recorda-se de uma coisa: de estar sentada à sombra do salgueiro entre as Mães de Maio apenas dez dias antes, com o sol no pescoço, e de ouvir as palavras de Nell: *Acontecem coisas más num tempo de calor como este.*

A cozinha parece andar à roda à sua volta. – A melhor coisa que podes fazer é cuidar de ti – diz Lowell, numa voz a soar-lhe ténue e distante aos ouvidos. – Não é bom para ninguém que andes a perder assim a cabeça. Eu tiro o dia de hoje. Posso cancelar uma reunião.

Ela olha para ele. – Porquê?

– Para tu poderes descansar.

Francie saboreia a ideia: meter-se na cama, passar umas horas sozinha. Há meses que não está sozinha mais do que quinze minutos – quando Lowell fica a tomar conta do bebé para ela ir a correr à loja comprar um frasco de molho. Devia aproveitar. Devia permitir-se uma pausa de Will e do seu choro, de pensar em Midas e de ler o *site* de Patricia Faith, com os seus comentários hediondos e as perguntas sobre Winnie que as pessoas estão a começar a fazer. Onde é que ela estava naquela noite? Porque é que não fala aos meios de comunicação, não dá entrevistas, a exigir que Midas lhe seja devolvido?

Mas Francie não pode fazer isso. Eles não podem dar-se ao luxo de Lowell faltar a uma reunião, não logo a seguir a ter perdido a obra com que estavam a contar.

– Não, tudo bem – diz. – Eu estava a planear levar o bebé a dar um passeio. Preciso de começar a fazer exercício.

– Tens a certeza?

– Tenho. Tu tens razão. Preciso de cuidar melhor de mim. Uma boa caminhada vai fazer-me bem.

Lowell parece suavizar. – Estou a oferecer-me. É a tua última hipótese de dizeres que sim.

– Tu precisas de ir trabalhar. Eu fico bem.

– OK, se tens a certeza. – Lowell beija-lhe a testa. – Vou tomar um duche.

Ela espera até ouvir a água do chuveiro a correr para ir ao quarto, fechar a porta silenciosamente atrás de si e tirar o bloco de apontamentos que escondeu na gaveta de cima, por baixo das cuecas rendadas que já não usa há meses. Abre-o na página com a lista que fez das pessoas presentes no bar naquela noite e vira para a página com a nova lista que elaborou – os nomes de todos os possíveis suspeitos.

Põe um ponto de interrogação à frente do primeiro nome na lista.

Bodhi Mogaro.

E se o advogado dele tiver razão? E se realmente não for ele? Francie passa em revista as outras opções.

Alguém relacionado com o negócio do avô da Winnie.

Alma. Nell insiste que Alma não desempenhou nenhum papel no caso, mas Francie já não sabe no que acreditar. Será realmente possível que alguém tenha entrado na casa de Winnie e tenha tirado Midas do berço sem Alma ouvir *nada*? Ontem, Francie leu que o irmão de Alma que vivia em Tucson foi detido há uns anos por roubar um carro. Que um tio dela nas Honduras tinha matado alguém.

No entanto, aquilo que começa realmente a perturbá-la é o perseguidor de Winnie. Archie Andersen. Traça vários círculos à volta do nome. Não há muita coisa escrita sobre ele, e ela não conseguiu encontrar nem uma foto dele na Internet. Foi há anos, antes da Internet e do Facebook e das notícias vinte e quatro horas por dia, e a única informação definitiva que ela conseguiu encontrar foi um artigo na revista *People* a dizer que Archie Andersen aparecera nos estúdios onde estava a ser gravado o programa *Bluebird* e conseguira chegar ao local da filmagem algumas vezes, o que obrigou a mãe de Winnie a ir às autoridades por mais do que uma vez, até finalmente pedir uma providência cautelar. Na altura, Archie tinha dezasseis anos, e estava convencido de que ele e Winnie estavam destinados a ficar juntos. E depois apareceu no funeral da mãe de Winnie, a chorar como se tivesse perdido a sua própria mãe, até ser removido à força pelo namorado de Winnie da altura.

Archie devia andar pelos trinta e poucos anos agora. Tal como aquele tipo no Jolly Llama— o que abordara Winnie tão repentinamente, mal ela ficou sozinha ao balcão. A última pessoa com quem ela foi vista.

Francie tinha enviado um email a Nell e a Colette algumas horas antes, a perguntar-lhes se achavam que a polícia estava a cometer um erro ao não investigar Archie Andersen.

Suponho que estão a tê-lo em consideração, respondeu Colette. Apesar do que os meios de comunicação andam a sugerir, a polícia não é assim tão burra.

Mas como é que Colette podia ter a certeza? Se Mark Hoyt e companhia estavam de facto a enganar-se nesta coisa de Bodhi Mogaro, que mais asneiras poderiam estar a cometer? Francie ouve parar a água do chuveiro e o cortinado a abrir-se, fecha o bloco de apontamentos e mete-o a toda a pressa na gaveta. Na sala de estar, tira Will da cadeira de baloiço, pega no saco das fraldas e na faixa de o levar ao peito e grita um adeus a Lowell.

Ele sai da casa de banho com os *boxers* vestidos e a secar o cabelo com uma toalha quando ela está a sair do apartamento. – Aonde vais?

– Às Mães de Maio. – Pigarreia. – Há um encontro de última hora no Spot. Recebi agora mesmo o email.

– Fico muito contente por ouvir isso, querida. – Volta a entrar na casa de banho. – É exatamente disso que estás a precisar.

Francie tenta esquecer o zunido de uma lâmpada no teto enquanto embala Will na sala de espera gélida e vazia, parando para dar uma vista de olhos às pilhas de panfletos em cima de uma mesa. Combater o Terrorismo através da Partilha de Informações. Trabalho de Proximidade junto da Comunidade LGBTQ. *Se vir alguma coisa, diga alguma coisa.*

Sobressalta-se ao ouvir uma porta bater atrás de si e quando se vira vê Mark Hoyt a entrar no átrio da esquadra da polícia com um homem de barba desgrenhada e um olhar furtivo, de *t-shirt* preta e calças de ganga largas. O homem olha para Francie, estabelecendo contacto visual por uma fração de segundo antes de desviar nervosamente os olhos. – Mrs. Givens. Desculpe fazê-la esperar. Quer acompanhar-me aqui para trás?

Francie segue-o, passando por um agente que está sentado a uma secretária por trás de uma parede de vidro, concentrado no Sudoku na última página do *Post*, e percorre um corredor bem iluminado. – Aquele sujeito esteve aqui para falar sobre a investigação? – pergunta a Hoyt.

– Não.

– É um dos suspeitos?

– Não.

Ao longo do corredor há pequenos gabinetes, e, quando chegam ao de Hoyt, ele afasta-se, convidando Francie a entrar primeiro. Podia ser o gabinete de uma série policial de segunda: uma secretária velha coberta de pilhas desordenadas de pastas de cartão pardo, com papéis a despontarem à toa. Três copos de papel, meio cheios de café, estão em fila ao lado de um computador arcaico. Uma camada enrugada de bolor castanho e verde cobre o cimo de um dos copos.

– Quer um café? – pergunta ele.

– Não, obrigada. Deixei de tomar cafeína. – Acena com a cabeça para Will, que traz ao peito. – Pelo bebé. – Sente uma pontada de culpa ao mentir ao polícia, mas o que é certo é que não tem obrigação nenhuma de lhes contar que

praticamente já não amamenta. E, além disso, ainda desata a chorar se o disser em voz alta.

– Sou capaz de conseguir arranjar-lhe um descafeinado, se quiser.

– Então, sim – diz ela. – Obrigada.

Hoyt fecha parcialmente a porta atrás de si e ela observa o gabinete dele. Mark Allen Hoyt. Nascido em Bay Bridge, em Brooklyn. Neto e filho de polícias. Seis anos nos fuzileiros navais dos Estados Unidos. Licenciado pela Academia de Polícia de Nova Iorque. Encontrou a biografia dele na Internet, publicada no âmbito de uma palestra que ele proferiu na feira das profissões de uma escola secundária em Staten Island no ano anterior. Francie inclina-se sobre a secretária e observa a pilha de pastas, partindo do princípio de que estão relacionadas com Midas. Ele não pode de maneira nenhuma estar a trabalhar noutro caso. Está a estender o braço a medo sobre a secretária quando a porta se abre para trás nas suas costas. Recolhe a mão e derruba com o cotovelo um copo com café, cujo conteúdo se espalha nas suas canelas, nas suas sandálias e na alcatifa manchada.

É Stephen Schwartz. – Peço imensa desculpa – diz ela, metendo a mão no saco das fraldas à procura de toalhetes. – Eu limpo isto. Não tinha a intenção de...

– Venha comigo.

O tom de voz dele é pouco amigável, severo até, o que a irrita. Talvez não devesse andar a coscuvilhar na secretária do detetive Hoyt, a entornar o seu café nojento, cheio de bolor, mas Schwartz devia ficar contente por a ver. Tanto quanto ele sabe, ela pode ter informações valiosas para auxiliar a investigação, algo que contribua para resolver efetivamente o caso e encontrar Midas vivo. Mas não há nem indício de gratidão na voz de Schwartz quando aponta para o fundo do corredor. – Deixe lá. Eu mando alguém tratar disso.

– Mas o detetive Hoyt está a vir para cá. Foi-me buscar café.

Schwartz acena com a mão. – Venha comigo.

Ela segue-o, aliviada por Will não dar sinal de ir acordar. O leite em pó que tem andado a dar-lhe ajuda-o realmente a dormir, e ela tem a esperança de que os 250 mililitros que ele mamou sofregamente num banco à porta da esquadra o mantenham adormecido por pelo menos mais uma hora.

Schwartz abre uma porta ao fundo do corredor. É um espaço gélido e nu, com a luz fluorescente a amarelecer a mesa de tampo branco, e quatro cadeiras de metal desdobráveis. Francie vê o seu reflexo na parede de vidro do lado oposto – os cabelos grisalhos na raiz, a barriga saliente – e desvia o olhar. Hoyt está sentado numa das cadeiras com as pernas estendidas para a frente e cruzadas nos tornozelos. Aponta para uma cadeira e passa-lhe um copo de papel com café.

– Sente-se.

– Vou ficar de pé, se não se importa. O bebé não aguenta que eu esteja parada.

– Francie pega no copo, sentindo-se nervosa. – Muitos bebés são assim. – Bebe um gole de café. Está morno e azedo, e tem borras a flutuar no líquido; resiste à vontade de o cuspir para dentro do copo. Schwartz fecha a porta e encosta-se a ela. – Então, Mary Frances Givens. A que se deve o prazer de a ver aqui esta manhã?

Ela pousa o café em cima da mesa e continua a embalar Will. – Queria informações atualizadas sobre a investigação.

Hoyt ergue as sobrancelhas. – Queria informações atualizadas?

– Sim. Já se passaram seis dias desde que o Midas foi raptado. Gostava de saber em que pé estão as coisas. – Esforça-se por evitar um tom de voz apreensivo. – Gostava de saber porque é que ainda não encontraram este bebé.

Schwartz lança um olhar a Hoyt. – Bem, já nos devia ter dito isso antes – diz Schwartz. Puxa uma cadeira vazia, senta-se e tira um pequeno bloco de apontamentos e um lápis do bolso da camisa. Lambe a ponta do lápis, e o seu rosto é uma verdadeira imagem de preocupação. – Pode dar-me o seu endereço de email?

– O meu endereço de email?

– Sim.

– Para quê?

– Quero enviar-lhe o relatório na íntegra. E atualizações à medida que as formos obtendo.

– As mensagens são muito mais práticas – diz Hoyt. – Talvez seja melhor pedires-lhe o número do telemóvel.

– Boa ideia. – O lápis de Schwartz está a pairar por cima do papel, as suas enormes sobrancelhas erguidas na expectativa. – Qual é o seu número de telemóvel?

– Está a fazer-se de engraçado.

Schwartz sorri, trocista, e atira com o lápis para cima da mesa. – Sim – diz. – Pode dizer-se que me estou a fazer de engraçado.

Ela sente-se corar com fúria. – Bem, pelo menos será possível dizer-me o que está a acontecer com o Bodhi Mogaro? Vão acusá-lo formalmente? Ou é verdade que foi confundido com aquele cirurgião?

– Francie – diz Hoyt. – Sabe que não podemos fazer comentários sobre uma investigação em curso. – Bebe um gole do seu café, a olhar para ela. – Foi por isso que veio cá hoje? Para ver o que sabíamos?

– Sim. Bem... Também tenho andado a pensar em algumas coisas. Em coisas de que talvez queiram tomar conhecimento. – Mantém os olhos em Hoyt. Ao contrário de Schwartz, ele usa aliança. Talvez tenha filhos. – Há um tipo que vive a uns quarteirões da Winnie.

– Certo – diz Hoyt.

– Um agressor sexual com cadastro.

Francie tem razão. Hoyt é compreensivo. Algo se suaviza no rosto dele quando ela diz aquilo e inclina-se para a frente, apoiado nos cotovelos. – Francie, faça um favor a si mesma. Pare de ler os blogues sobre crimes. Isso vai dar consigo em doida.

– Não, o detetive não está a entender. Parece que estava um tipo branco de meia-idade sentado num banco perto da casa dela naquela noite, e ele é um agressor sexual. Sim, tudo bem, li isto num blogue sobre crimes, mas, e depois? E pode-se ir verificar... onde moram os agressores sexuais. Vive um no complexo grande de apartamentos a uns quarteirões da casa da Winnie. – Francie sabe que está a falar demasiado depressa, e tenta falar mais pausadamente. – Tenho andado a vigiar a casa dela. – Mete a mão no bolso da frente do saco das fraldas para pegar na fotografia que tirou e mandou imprimir. – Este sujeito aparece muito por lá, a passear um cão pequeno. Parece ter um interesse esquisito pela casa dela. Tipo, está sempre a parar diante dela, a espreitar pelas janelas. Quase como se a andasse a vigiar, para ser franca.

– Porque tem andado a observar a casa da Winnie?

– Bem, não a tenho andado a vigiar propriamente, com binóculos ou coisa do género. Vivo perto. Passo lá quando vou passear o bebé. A ideia de que foi um vizinho que levou o Midas faz muito sentido. Pense nisso. Era a primeira vez que a Winnie saía à noite. A primeira noite longe do bebé. Tem de ser alguém que sabia isso. Que andava a vigiá-la.

– Dá a ideia de que *a senhora* é que a tem andado a vigiar – diz Hoyt.

– O quê? Não. Quero dizer... – Faz uma pausa para se recompor. – Ela é minha amiga.

– Há quanto tempo é que a conhece?

– Há algum tempo. Há quatro meses. Mas já nos conhecíamos por email há meses antes disso.

– Quatro meses? Isso não é muito tempo.

– Sim, é. E também, isto é diferente. Fomos mães há pouco tempo. O detetive não ia compreender. É um tipo especial de amizade.

Hoyt mantém-se em silêncio, a acenar com a cabeça, à espera de que ela continue a falar, mas ela não quer. Não quer explicar a este sujeito como é; como os elementos da Mães de Maio compreendem Francie de uma maneira como mais ninguém a compreende. Como estiveram sempre ao seu lado durante a gravidez, quando ela se sentia aterrada com a possibilidade de perder o bebé como tinha perdido os outros. A grande ajuda que tinham sido desde que Will nasceu – enviando-lhe artigos, respondendo às suas perguntas e às suas reflexões sobre ser mãe, ajudando-a a combater o seu isolamento.

– Eu não estou aqui para falar de amizade – diz ela a Hoyt. – Há algo mais que quero contar-lhe. Uma confissão, na realidade. – Hoyt lança um olhar à parede de vidro, e, por um minuto, ela pergunta-se se estará alguém por trás do vidro, a observá-los. – Aconteceu algo naquela noite, e só agora me dei conta de como foi estranho.

– E o que foi? – pergunta Schwartz. Parece entediado.

– Lembram-se daquele sujeito que mencionei quando me interrogaram? Do sujeito ao balcão que a abordou assim, sem mais?

– Sim.

– Deviam encontrar esse sujeito. Trazê-lo cá.

Schwartz recosta-se para trás, inclinando a cadeira de tal modo que ela fica equilibrada nas duas pernas traseiras, e entrelaça os dedos atrás da cabeça. – Eu não sou especialista em leis... mal consegui acabar o curso na academia de polícia, se quer saber a verdade... mas tenho a certeza de que abordar uma mulher e oferecer-lhe uma bebida é legal. Pelo menos em Nova Iorque.

– Eu não estou a sugerir que essas coisas sejam ilegais, detetive. – Ela está a fazer os possíveis por manter um tom de voz firme. – Estou a sugerir que esse comportamento é um pouco suspeito.

Schwartz começa a falar, mas Hoyt levanta a mão a mandá-lo parar. – Muito bem. Vou fazer-lhe a vontade. O que é que é suspeito no facto de um tipo falar com uma mulher num bar? Não é para isso que os homens vão a bares?

– Talvez. Mas...

– A sua amiga Winnie é uma mulher muito bonita.

– Sim, eu sei. Mas... – Will mexe-se contra o peito de Francie e ela apercebe-se de que parou de o embalar. – Mas eu faço uma ideia de quem esse sujeito possa ser. Não me ocorreu até hoje de manhã, na realidade. Isto é uma coisa que têm de investigar.

– O quê? – pergunta Schwartz.

– Conhece o nome Archie Andersen? O perseguidor da Winnie?

Schwartz solta um grande suspiro, põe-se de pé e dirige-se para a porta. – Vou voltar para o trabalho.

Ela olha para Hoyt depois de Schwartz sair, sentindo um certo alívio por ficarem os dois sozinhos. – Penso realmente que aquele sujeito no bar podia ser o Archie Andersen. Já o investigou?

Hoyt esfrega os olhos. – Francie, precisa de saber que nós estamos a fazer o que nos compete. Estamos a levar este caso muito a sério.

– Tem filhos? – A voz de Francie soa tensa, e ela repreende-se a si mesma em silêncio. Este não é um momento para chorar.

– Tenho três. – Mete a mão no bolso de trás para pegar na carteira e tira dela uma fotografia engelhada de três meninas pequenas numa piscina de borracha. – Sou da velha guarda. Ainda gosto destas coisas em papel. Isto foi há alguns anos. – Observa a fotografia com atenção, como se já não a visse há algum tempo. Abana a cabeça. – Elas crescem mesmo depressa.

– Consegue imaginar, detetive, como seria perder uma dessas meninas pequenas antes de elas terem a oportunidade de crescer? Como aconteceu à Winnie? – Tira o saco das fraldas das costas da cadeira e bate sem querer na cabeça de Will, o que o faz acordar sobressaltado. Ele abre as pálpebras e fica com o rosto cor-de-rosa, prestes a chorar. Francie sente o suor a acumular-se à volta da faixa em que traz o bebé, e uma súbita necessidade de ar fresco. – Eu já disse o que vinha cá dizer. Não conseguiria ficar tranquila se não o fizesse.

Dirige-se para a porta, mas Hoyt atravessa-se no seu caminho. – Ouça, Francie. Eu falei a sério. Estamos a fazer tudo o que podemos para encontrar o Midas. Quero tanto ver esse miúdo vivo como qualquer outra pessoa. – Francie acena com a cabeça e tenta avançar, mas ele pousa uma mão firme no braço dela. – E quer saber a verdade? Em casos como este, quando um bebé desaparece, quando não há sinal de entrada forçada, nenhum motivo de vingança, temos de começar a procurar em lugares em que não quereríamos procurar.

Francie solta o braço e apressa-se pelo corredor em direção à saída. Will está a chorar mais alto, a abafar o zunido da lâmpada, mas mesmo assim ela ouve as palavras de Hoyt enquanto se precipita para o átrio.

– Quero dizer que chegou o momento de começar a questionar os motivos das pessoas que o conheciam. Refiro-me, Francie, às pessoas próximas da família.

⁴ O apelido da apresentadora da televisão, Faith, significa fé. (*N. da T.*)

CAPÍTULO DOZE

SEXTA NOITE

A minha mãe sempre disse que eu era ingénua. É claro que, geralmente, estava a referir-se a uma interação com o meu pai: à minha mais recente decisão de o perdoar por alguma coisa que tivesse dito ou feito, pela maneira como voltava mais uma vez bêbedo para casa, me arrancava da cama por um braço, a deslocar-me o ombro, e me dizia que arrumasse a porra dos sapatos que eu tinha deixado no meio do corredor para tentar matá-lo.

– Ele está arrependido – dizia eu na manhã seguinte, evitando o olhar da minha mãe enquanto ela me punha um saco de gelo no ombro. – Não tinha intenção.

Ela abanava a cabeça. – És muito esperta em relação a tudo menos a ele. – Ainda consigo ver a decepção no olhar dela. – Quando é que vais aprender?

Talvez ela tivesse razão. Talvez eu nunca aprenda. A verdade é que isto é tudo muito mais duro do que eu esperava. Que estúpida fui ao pensar que poderia simplesmente fugir e ser feliz. Para começar, isto é um tédio de morte. Não há *nada* para fazer aqui. Nada para me ocupar os pensamentos. E Deus sabe que o tédio não me convém. O ócio, os males, e afins.

Com o Joshua é o mesmo. Só está feliz quando saímos, para ir à cidade comer uma sanduíche de peru e beber cerveja gelada na lojinha perto da biblioteca ou à piscina natural que descobrimos, debaixo da ponte, ao fundo da vereda no bosque, estendendo-nos depois num penedo, nus, sonolentos e vermelhos do sol. Mas eu disse-lhe hoje que já não me sinto segura a fazer essas coisas. Há pessoas por aqui – a passearem os seus cães, a entregarem o correio – e estão a começar a perguntar-me como estou. É o problema desta gente da província. São muito bisbilhoteiros. *Voltem para dentro*, apetece-me dizer-lhes. *Voltem lá para o vosso ponto de cruz e os vossos pratos congelados de macarrão com queijo e os vossos noticiários da televisão por cabo*. Tenho andado a ensaiar as minhas respostas; a rever a minha história uma e outra vez com o Joshua, a tentar não me enganar e acabar por acreditar nas minhas próprias mentiras.

Já devia ser uma verdadeira profissional nisto. Toda a minha vida tenho mentido.

A minha mãe não está a sentir-se bem. Está com gripe. Pede desculpa, mas pediu-me para telefonar a cancelar.

Não sejas ridículo, não te estou a pedir que deixes a tua mulher. Não estou interessada em nada mais do que aquilo que temos.

Dador de esperma, dizia eu, inclinando-me, sorrindo, como se esta pessoa – com maus modos suficientes para me perguntar quem era o pai quando começou a notar-se que eu estava grávida, aos cinco meses – fosse a única a quem eu estava a confiar o meu segredo. Estou a sentir o apelo de ser mãe, e não posso pôr-me à espera do tipo perfeito para sempre, não é?

Mas as coisas não são assim tão simples desta vez. As mentiras são mais complicadas, é mais fácil enredar-me nelas. Por isso, nada de voltarmos a sair, por mais entediados que nos sintamos. E nada de queixas também. Vou tirar o máximo partido de uma situação má. Como fiz com o querido pai.

Já comecei. Esta manhã, o Joshua acordou de mau humor e distante. Irritei-me? Exigi saber o que estava errado? Não. Deixei-o a remoer em frente à televisão e fui lá para fora, para o sol, dar um passeio na propriedade, apanhar flores silvestres que crescem perto do riacho. Trouxe-as para casa e meti-as entre as folhas de livros de culinária, como a minha mãe e eu costumávamos fazer. Ele estava muito mais bem-disposto quando voltei, e depois do pequeno-almoço passámos a casa em revista e deitámos fora coisas de que não gostamos – aquelas almofadas velhas com fronthas que arranham, as cortinas antiquadas no nosso quarto, as fotografias de família para onde já não suporto olhar – a reorganizar o espaço para dar mais a sensação de ser o *nosso* lar.

Também tenho andado a escrever este diário, como me recomendou o Dr. H. – Penso que devia anotar as coisas – dizia ele. – Será um espaço para a ajudar a processar os seus sentimentos. Uma maneira de se sentir centrada.

Estou a fazer isso, e a tentar adotar a atitude correta, mas não me agrada. Não quero estar a escrever estas coisas. Quero estar a falar com ele, no sofá de pele macia do consultório dele, com uma caneca de chá de hortelã-pimenta entre as mãos, uma brisa a fazer esvoaçar as cortinas transparentes, o zumbido de fundo da máquina de sons a acalmar-me os nervos. Queria que ele me orientasse nos exercícios que propunha quando me sentia particularmente ansiosa, aqueles em que fecho os olhos e me imagino num lugar mais feliz.

Queria dizer ao Dr. H onde estou e como me tenho sentido e que, honestamente, nunca foi minha intenção matar ninguém.

Mas é claro que não posso fazer isso. Já investiguei o assunto – ele teria de me denunciar à polícia. Isso seria horrível para ambos. Queria falar-lhe das vozes que ouço à noite por entre os sons das cigarras e dos grilos. De Mark Hoyt, a atazanar-me com perguntas. *Onde é que estava naquela noite? O que sabe?*

Depende do que quer dizer com onde.

Fisicamente: pensei que sabia, mas já não me lembro. A noite foi-se, como se já não existisse. Como se nunca tivesse acontecido.

Emocionalmente, espiritualmente: isso sei. Estava no inferno. Perdida. Torturada. Sem fazer ideia de como superar isto. De como lidar com isto. Com a tristeza avassaladora. O fracasso. A sensação de culpa por ser uma mãe tão imperfeita.

Preciso de me controlar. A melhor coisa que posso fazer neste momento é pensar no lugar para onde vamos a seguir, despachar-me e partir. Obviamente, não podemos ficar aqui mais tempo.

Não depois do que acabei de fazer.

CAPÍTULO TREZE

SÉTIMO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 11 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 58.º DIA

Ainda continuas a enfaixar o teu pequerrucho? Talvez seja o momento de deixares de o fazer. Embora enfaixar um recém-nascido possa ajudá-lo a sentir-se seguro e aconchegado, crê-se também que pode conduzir a uma incidência mais elevada de Síndrome de Morte Súbita Infantil quando as crianças começam a ter mais mobilidade e aprendem a virar-se no berço. Por conseguinte, embora talvez o bebé adormeça numa questão de segundos se enfaixado, é sempre melhor prevenir do que remediar.

Colette sente as palmas das mãos pegajosas na pega do carrinho do bebé e o sol queima-lhe a nuca, mesmo agora, que ainda nem são sete da manhã.

– Estou a morrer – diz Nell, com o rosto vermelho e transpirado. – Não posso acreditar que faças mesmo este percurso *a correr*.

Colette abranda o passo pelo de Nell. – Estamos quase lá. – Chegam ao cimo da encosta e começam a descer pela vereda à sombra, sob o arco, com as rodas dos carrinhos a rangerem no saibro.

– Pareço mais magra? – pergunta Nell quando param no grande espaço aberto onde um grupo de crianças pequenas de um acampamento de verão, com fatos de banho e coletes de um amarelo vivo, se dirigem para o parque de mãos dadas. – O Sebastian está à espera que eu volte a pôr-me nua à frente dele. Gostava que o meu rabo estivesse só uns sete quilos menos pesado do que aquilo a que ele está acostumado quando isso acontecer.

– Vira-te. Deixa-me ver.

Nell ri-se e vira-se de costas para Colette, mas a sua expressão ensombra-se ao ver algo à distância. – Oh, meu Deus – murmura Nell. – Olha.

É Midas.

O seu rosto está estampado numa faixa empunhada por duas mulheres mais velhas que estão a tentar descobrir como a fixar ao muro que rodeia o parque. Colette dirige-se para elas e aproxima-se de uma mulher com excesso de peso e cabelo grisalho preso num rabo de cavalo. Ela tem os antebraços pousados nas barras metálicas de um andarilho. Ali perto, um pequeno grupo de mulheres está a dispor cravos cor-de-rosa num círculo no passeio quente.

– O que está a fazer? – pergunta Colette.

A mulher inclina a cabeça para olhar mais de perto para dentro do carrinho, para Poppy, que está a dormir a sono solto, com os braços erguidos sobre a cabeça, perto das orelhas. – Que linda! – diz a mulher. – Estamos a fazer uma vigília de orações pelo Bebé Midas. Começa daqui a cerca de uma hora. – Nell vem pôr-se ao lado de Colette, e a mulher entrega a cada uma um folheto que tira de uma pilha que se encontra em cima de uma mesa de plástico desdobrável por trás dela.

UMA PRECE PELO MIDAS

Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto do seu filho que cria,
que não se compadeça dele, do filho do seu ventre?

Mas ainda que esta se esquecesse dele, eu não me esquecerei de ti.

– Isaías 49:15

Colette vê o que está impresso por baixo da citação da Bíblia – NEGLIGENCIAR AS CRIANÇAS É UM CRIME – e depois a fotografia. A que Patricia Faith mostrou, de Nell e Winnie no Jolly Llama. A imagem é desapiedada: Nell, com uma bebida na mão, a barriga à mostra. Winnie, a olhar para a objetiva, com uma expressão vazia e os olhos semicerrados.

Colette devolve o folheto e dá a mão a Nell. – Anda daí, vamos embora.

– Deviam juntar-se a nós – diz a mulher. – Este bebé precisa das orações de todos. E temos uma convidada especial. – Inclina-se para elas e fala baixo, quase a segredar. – É a Patricia Faith.

– Não me parece. – Colette conduz o carrinho com uma mão e puxa Nell para a frente com a outra. Nell está à beira das lágrimas quando chegam ao passeio, já fora do parque. Um homem novo, com uma barba escura e – apesar do calor – um gorro de inverno na cabeça, sai de uma carrinha com o motor a trabalhar que está à esquina, carregado com uma câmara de televisão.

– Aquela fotografia. – As palavras de Nell saem-lhe sufocadas. – Não é... faz-nos parecer...

– Vamos para minha casa – diz Colette.

– Tenho de me arranjar para ir para o trabalho. – As lágrimas acumulam-se nos olhos de Nell.

– Só por uns minutos. O Charlie não está. Tomamos um café. – Colette pega no braço de Nell e começam a andar mais depressa.

– Quem são aquelas pessoas? – pergunta Nell quando se aproximam do prédio de Colette, a uns quarteirões de distância. Alberto abre-lhes a porta e elas enfiam os carrinhos de bebé no elevador. Nell olha para o folheto, que traz ainda na mão. – O que é que estão a pedir?

– A condenação deste comportamento, penso eu.

O apartamento está em silêncio. Colette põe água a ferver para fazer o café e corta o bolo de limão que fez nessa manhã, depois de se levantar com a bebé às cinco horas. Nell senta-se no sofá, com Beatrice apertada contra o peito. – O que é que está a acontecer?

– Não sei.

– Isto é mau. Sinto que é. Vão deitar as culpas à Winnie.

– Pois é, eu sei. – Colette senta-se à ilha da cozinha. Sente a cabeça a latejar. – Só me surpreende que tenha demorado este tempo todo.

– É uma tolice. – Nell solta um suspiro. – Tudo o que nós fizemos... tudo o que ela fez... foi sair à noite.

– Nell, para. Nós não fizemos nada de errado. Nem sequer...

– Tens visto isto tudo, certo? Estás a ver o sentido para o qual a Patricia Faith está a manobrar as coisas? No programa de ontem esteve sempre a passar aquele vídeo da Winnie, o do dia a seguir ao rapto do Midas, a examinar cada gesto dela, a perguntar porque é que ela não voltou a dizer uma palavra.

– Sim – diz Colette. – Temos ambas de parar de ver essas tretas.

– A Winnie não tinha hipótese de...

Colette pressiona as têmporas. – Não sei.

– Não, não digas isso. Ela não podia ter feito algo assim tão malvado. Nós *conhecemo-la*.

Colette olha para Nell, hesitante. – Será que sim? Será que nos conhecemos realmente?

– Pelo menos o suficiente para sabermos se houvesse uma psicótica entre nós. Eu sei como toda a gente adora deitar as culpas à mãe, mas recuso-me a acreditar que ela seja responsável por isto. – Espalha as lágrimas nas faces com ambas as mãos. – Li ontem um artigo horrível. Era sobre a Winnie e o chamado complexo de Medeia, da mitologia grega. A filha de um rei que se vingou da traição do marido matando os filhos deles.

– Deixa de ler essas coisas, Nell. Falo a sério. Não fazem bem nenhum.

– E as coisas que as pessoas escreveram sobre a Winnie nos comentários. A sensação de ultraje coletivo, a dizerem que ela não devia ter deixado o bebé com uma estranha para se ir embebedar. Que, mesmo que o Midas seja encontrado, lhe devia ser tirado, que não é digna de ser mãe. – Nell abafa um soluço. – Não sabem como isto tudo é difícil? Só a pressão de manter vivos estes bebés. A tarefa de amar alguém assim, e como é fácil lixar tudo, como temos a certeza que as nossas mães fizeram. – Treme-lhe a voz. – Há dias, sinceramente, em que sinto que me vou abaixo. Sinto-me tão cansada! Sei que acontece, mas consegues sequer imaginar? Fazer mal à tua própria filha?

Colette espreita para Poppy, a dormir no carrinho de bebé ao seu lado.

– Porque é que eu fiz aquilo? – diz Nell. – Porque é que apaguei aquela aplicação? E depois perdi a chave dela. Não posso...

– Nell, basta. Não deixes que esta gente te meta ideias na cabeça. Tu não fizeste nada de errado. Nenhuma de nós fez. Mesmo que tenhas deixado cair a chave dela, não houve propriamente alguém que a encontrou e disse: «Aqui está a chave da Winnie. Acho que a vou usar para entrar na casa dela e levar o bebé.» O que quer que tenha acontecido foi *planeado*.

Nell acena com a cabeça. – Não paro de dizer isso a mim mesma, mas *por quem*? Porque é que a polícia não tem nenhuma pista? Porque é que o telemóvel e a chave dela não apareceram? – Desvia o olhar. – Tenho de te contar uma coisa.

O tom de voz de Nell põe Colette apreensiva. – OK.

– Bebi demasiado.

Uma risada breve escapa a Colette. – Nell. Nem me digas.

– Disse que só tinha bebido...

– Nell, eu sei. Tu não foste a única que bebeu demasiado naquela noite. Estávamos numa noitada. Sem os bebés. Não é um crime...

– Foi esquisito – diz Nell. – Bebi uns copos, mas depois, subitamente... bem, há uma grande parte da noite de que não consigo lembrar-me. Não é nada típico. Embebedar-me a esse ponto, esquecer-me das coisas. Isso não costuma acontecer. – Hesita. – E fiquei com a camisa rasgada no ombro. Reparei nisso na manhã seguinte. Estou preocupada que possa ter acontecido alguma coisa de que não consigo lembrar-me.

– Tal como?

– Não sei. É uma sensação que tenho, de alguém à minha volta, a tocar-me. Talvez quem tem o Midas estivesse lá naquela noite, à procura da Winnie, e me

tenha tirado o telemóvel e a chave dela e eu não me lembre. Mas depois penso, não. Não pode ser. Eu lembrar-me-ia de uma coisa dessas, certo? Já não sei o que é verdade. Tenho medo de estar a ficar louca. – Nell lança um olhar a Colette. – E porque é que ela passou a noite a olhar para o telemóvel, para o Midas no berço? Já pensaste nisso?

Colette acena com a cabeça. – É como se estivesse à espera de alguma coisa.

– Quero que isto acabe – diz Nell. – Quero que me digam que a Winnie estava em algum sítio que faça sentido. Quero saber que ele está vivo. – Começa a chorar com mais intensidade. – Se ele estiver morto, eu nunca me... – Para de falar, tira um toalhete da embalagem que está em cima da mesa e assoa-se, deixando uma película leitosa a brilhar na sua pele. – Quero saber que ela não fez isto.

– Pois é – diz Colette em voz baixa, lançando um olhar ao sofá da sala. Põe-se de pé. – Eu também.

Nell empurra um banco para mais perto da ilha da cozinha, com Beatrice deitada sobre o seu ombro. – Há quanto tempo tens isto?

– Há três dias.

– E ainda não viste o que está lá?

– Ainda não. – Colette prende o cabelo com o elástico do pulso e depois insere a *pen* no seu computador. Aparece uma pasta com uma lista de vários documentos. – Não devia tê-la tirado. Convenci-me a não ver, a pô-la onde a encontrei da próxima vez que esteja com o Teb.

Abre o primeiro documento e um vídeo preenche o ecrã. – Oh, meu Deus – diz Nell. – Sou eu. – Nell está sentada num sofá ao lado de um homem que Colette supõe que seja Sebastian. Tem o rosto pálido e os olhos vermelhos. Colette carrega no *play*.

«*Não se importa que gravemos isto?*» A voz é a de Mark Hoyt. «*É o novo protocolo de procedimento no nosso departamento.*»

«*Com certeza. Posso ir buscar um copo de água antes de começarmos?*»

– Isto foi naquela primeira manhã, quando vieram a minha casa. – Nell inclina-se para o ecrã. – Meu Deus, sou realmente assim tão gorda?

«*Foi uma noite da pesada?*»

«*Todas as noites com um recém-nascido são da pesada.*»

– Podemos ver o que mais há?– pede Nell. – Não consigo suportar olhar para mim.

Colette fecha o vídeo e abre o segundo documento. Novo vídeo.

– É a Scarlett – diz Colette. – Devem ter entrevistado toda a gente.

Stephen Schwartz aparece de detrás da câmara e senta-se em frente a Scarlett.

«Pelo que sei, não saiu ontem à noite.

«Não. A família do meu marido está de visita. Não consigo acreditar. Isto é horrível.» O rosto dela está ensombrado com preocupação. *«Simplesmente não consigo imaginar. Faz alguma ideia do que aconteceu?»*

«É por isso que estamos a fazer perguntas às pessoas que conhecem a Winnie. Este homem no vosso grupo.» Schwartz olha para o seu bloco de apontamentos. *«Creio que lhe chamam Token?»*

«Sim.»

«Conhece-o bem?»

«Não, na verdade não. Fui bastante aos encontros quando estava grávida, mas vamos mudar de casa e tenho andado muito ocupada. Para ser franca, sempre achei que a alcunha dele era uma infantilidade.»

– Ui! – exclama Nell. – Podemos continuar?

Colette fecha o vídeo e abre o terceiro da lista. – A Yuko – diz Colette, e fecha-o e passa ao seguinte: Gemma sentada a uma mesa de jantar. Está um homem de pé por trás dela, com o filho deles ao colo. *«Cheguei lá perto das oito e vinte, acho eu. Posso verificar no meu telemóvel. Enviei uma mensagem ao James quando cheguei, para saber como estava o bebé.»*

Colette sente um aperto no estômago. A entrevista dela também estará aqui? Teb já saberá que ela esteve no bar naquela noite? Abre o último documento da lista, a preparar-se para se ver a si própria. Ouve Nell sustar a respiração.

É Winnie. Está em casa, sentada no canto do sofá de módulos. O cabelo cai-lhe sem vida nos ombros e tem os olhos inchados. Fita a câmara com uma expressão vazia.

«Conseguiu dormir?» Desta vez, é a voz de uma mulher.

«Um bocado.»

«Ainda bem. Ótimo.» A mulher aparece de detrás da câmara. Veste umas calças pretas e uma blusa sem mangas cor-de-rosa. *«Só tenho mais algumas questões e depois deixo-a em paz. Em primeiro lugar, pelo que sei anda num psiquiatra.»*

A mulher arrasta um cadeirão sem braços e senta-se em frente a Winnie.

«Isso não me parece uma pergunta.»

A mulher suaviza a voz. *«Mencionou-o ao detetive Hoyt ontem à noite.»*

«Ai sim?»

«Não se lembra?»

«Vocês andam todos a fazer-me tantas perguntas. É difícil recordar-me de tudo.»

«Há quanto tempo anda nesse médico?»

«Há muito tempo.»

«Por que motivo?»

«Depressão.» Encolhe os ombros. *«Camaradagem. O meu pai forçou-me mais ou menos a ir às consultas, depois de a minha mãe morrer.»*

«E quando foi a última consulta?»

«Há alguns meses.»

A mulher ergue as sobrancelhas. *«Não desde que teve o bebé?»*

«Não.» A detetive começa a falar, mas Winnie interrompe-a. *«Eu andava a sentir-me bem depois de o Midas nascer. Melhor do que me sentia há anos.»*

«OK. Também quero fazer-lhe umas perguntinhas sobre o Daniel.»

Winnie mexe-se no seu lugar. *«O Daniel? Porquê?»*

«Namoraram quando andavam no secundário. Porque acabaram o namoro?»

Passa uma nuvem no rosto de Winnie. *«Eu não era capaz de lidar com nada na altura. Incluindo o Daniel.»*

«Mas mantiveram-se próximos?»

«Sim. Ele foi o meu primeiro amor.»

«Depois de ele se casar, chegaram a ter um caso?»

«Um caso?»

«Sei que isto é embaraçoso, mas tenho de...»

«Não, nunca tivemos um caso. Não sei realmente o que...»

Colette ouve o som de uma chave a ser metida na fechadura da porta do apartamento.

– Quem é? – segreda Nell.

A porta abre-se e Charlie entra, com dois cafés num tabuleiro e um saco de papel branco.

– Oh, olá – diz, e tira os auscultadores.

Colette fecha o portátil. – Querido, olá. – Tenta evitar que lhe trema a voz. – Voltaste cedo.

– Afinal, parece que vão pôr-se a cantar no café. Fui escorraçado pelos bebés e as suas amas. – Espreita para dentro do carrinho para Poppy e depois volta a fitar Colette. – O que estavam a ver?

Colette abre as mãos no regaço. – Um vídeo. Sobre como regular o sono do bebé.

– Ah sim?

– Sim, sabes como é – diz Nell. – Põe o bebé no berço com uma lata de sopa. Fecha a porta à chave. Volta daqui a umas semanas.

Charlie ri-se. – Depois da noite que passámos, vou já comprar a sopa. – Dirige-se à ilha da cozinha e pousa os cafés e o saco no balcão ao lado do portátil de Colette. – Trouxe-te um *croissant* de amêndoa e um café. E, Nell, se soubesse que estavas aqui...

– Eu estou bem. Na verdade tenho de me ir embora para ir para o trabalho.

Charlie beija a testa de Colette. – Eu também. Até logo.

Colette espera até Charlie fechar a porta do seu escritório. Quando ouve música *jazz* vinda de lá, reduz o volume do vídeo e põe-no a passar.

«Não, nunca tivemos um caso. Não tenho bem a certeza de onde quer chegar com essa pergunta.»

«Desculpe, Winnie. Sei que isto é difícil, mas temos de lhe fazer estas perguntas para obtermos uma imagem completa da situação.»

Lágrimas correm lentamente dos olhos de Winnie. *«O Daniel não tem sido mais do que um bom amigo para mim.»*

«Compreendo.» A detetive passa um lenço de papel a Winnie e depois inclina-se para a frente na cadeira, com o bloco de apontamentos a pender-lhe da mão. *«Falemos de outra coisa. Diga-me, se não se importa, onde esteve ontem à noite. Depois de sair do bar.»*

«Eu já lhe disse.»

«Bem, disse ao detetive Hoyt. Mas gostava de o ouvir eu própria.»

Winnie fecha os olhos. *«Fui ao parque.»*

«Ao parque.»

«Sim. Era a primeira vez que estava sozinha desde o parto. E aquele bar... não era onde eu queria estar. Saí e decidi continuar a andar. Acabei no parque.»

«Alguém a viu?»

«Não sei.»

«A caminho, talvez? Ou dentro do parque? Passou por alguém ou falou com alguém?»

«Não que me lembre.»

«Está a ter dificuldade em lembrar-se das coisas?»

«Não.» Winnie fita por um momento as mãos, que tem pousadas no regaço, mas depois ergue a cabeça abruptamente. *«Ouviu aquilo?»*

«O quê?»

«É o Midas.»

«O Midas?»

«Chiu, escute.» Winnie põe-se de pé a escutar algo à distância. «Lá está. Ouviu aquilo?»

«Não, o que é que está...»

«Ele está a chorar.» Winnie sai da frente da câmara. «Ouço-o chorar.»

«Winnie...»

Ela volta a aparecer no ecrã. «Já se calou.» Olha para o corredor, na direção do quarto do bebé. «Mas de onde é que está a vir?»

«Winnie, ouça. Quero telefonar ao seu médico. Pensamos que devia marcar uma consulta...»

«Eu não preciso de um médico.» Passa os dedos pelo cabelo e agarra-o com as mãos. «Preciso de encontrar o meu filho. Ele está a chorar agora. Precisa de mim. E você está sentada aqui, a fazer-me as mesmas perguntas uma e outra vez. Porque é que está aqui?» Vai até à porta do terraço e abre-a. «Porque é que não está lá fora, a procurar o meu bebé?»

A detetive põe-se de pé e encaminha-se toda empertigada para a câmara. «Vamos fazer uma pausa.» O resto das palavras dela é indecifrável, e depois o ecrã fica escuro.

Colette tem consciência do silêncio à volta delas e de um peso doloroso no peito. – Oh, meu Deus – diz Nell. – Ela perdeu o juízo. Achas que... Achas que ela...

—

Nell senta-se na sanita, com a bomba ao peito. Olha para o seu telemóvel e, embora saiba que não devia, fecha a fotografia de Beatrice e escreve o endereço do *site* de Patricia Faith. A apresentadora está, como Nell esperava, a transmitir ao vivo da praça do parque, sob um grande cabeçalho: UMA PRECE PELO MIDAS.

Hesitante, Nell abre o vídeo e o ecrã ganha vida – uma imagem de Patricia, com um vestido florido justo, a chamar uma mulher que vai a empurrar um carrinho de bebé duplo. «Desculpe», diz ela. «Tem um minuto?» A mulher para e Patricia aproxima-se dela em passos cautelosos nos seus saltos de sete centímetros. Por trás dela, Nell vê o círculo de mulheres, com cravos cor-de-rosa na mão e a cabeça baixa, a rezar. «Eu sou Patricia Faith, a apresentadora de *The Faith Hour*.»

«Sim», diz a mulher. «Eu sei.»

«Estamos aqui hoje a falar sobre o que algumas pessoas estão a chamar de fenómeno da Jolly Mama.»

«Acho que a Patricia é a única que lhe chama isso.»

«Então, já ouviu falar disto.»

«Sim», responde a mulher. «Infelizmente.»

«Ótimo. É mãe, obviamente. Parece ser alguém que ama os seus filhos.» Patricia ergue as sobrancelhas. «O que pensa sobre a ideia de grupos de mamãs se encontrarem em bares, beberem bebidas alcoólicas? Algumas até fazem isso à tarde, e levam os filhos, ouvi dizer.» Limpa discretamente a transpiração da testa com o dedo e aponta o microfone à mulher.

«Penso que quero lá saber.»

Patricia Faith olha para a câmara e faz um esgar.

«Não são os miúdos que bebem. Compreende isso, certo, Patricia?»

«Sim, mas as *mães* bebem. Com todos os lugares onde poderiam encontrar-se, não é irresponsável? Na noite em que o Midas foi levado, a mãe dele estava num bar.» Mostra à mulher o folheto que tem na mão, com a fotografia de Nell e Winnie. «Já viu isto? Esta é a noite...»

Nell desliga o telemóvel e tira a bomba do peito, silenciando o zumbido do motor. Não tirou tanto leite quanto esperava, mas a casa de banho está quente e abafada, e precisa de voltar para o trabalho. Aperta os botões da camisa, guarda a garrafa do leite e espera até a casa de banho ficar vazia para sair do cubículo. Precisa de um café – sente-se zozza desde que saiu da casa de Colette, com aquela imagem de Winnie fixada na mente.

Quando vai pelo corredor, fica surpreendida ao ver Ian à sua espera, com as mãos no topo da ombreira da porta do gabinete dela e a poupa encaracolada como um ponto de interrogação na sua testa – uma característica que Nell ouviu dizer que muitas das funcionárias mais novas da empresa acham irresistível. O cinto dele hoje: flamingos cor-de-rosa bordados num fundo azul celeste. – Olá – diz ele quando ela entra no gabinete e pousa a bomba debaixo da secretária. – Tens um segundo?

– Claro. – Está com uma mulher nova que Nell já viu algumas vezes de passagem, alguém da parte editorial. A mulher tem uns vinte e tal anos e usa um vestido de renda branco por cima de umas calças de ganga pretas e com umas sabrinhas cor de laranja. Tem o cabelo arranjado num puxo perfeitamente despenteado, e traz um dossiê nas mãos.

– Conheces a Clare? – pergunta Ian. Nell acena com a cabeça, consciente de que tem a camisa repuxada e a abrir-se entre os botões. Ainda não arranjou tempo para comprar roupas que lhe sirvam. Ian vai até à janela e empoleira-se no peitoril, afastando algumas das fotografias emolduradas de Beatrice que Nell colocou ali nessa manhã. – É o segundo dia de volta ao trabalho, não é? Que tal vai isso?

– Fantástico, obrigada.

– Sim? É bom? Estar de volta ao trabalho?

Ele está com peúgas de cores diferentes, o que, Nell presume, é deliberado. – Tenho de me adaptar. Mas estou contente por estar de volta.

– Pois é, eu sei como é.

Ela sorri. Não, ele não sabe. É um homem solteiro com quarenta e quatro anos, que, corre o boato, namora com uma das assistentes de *Wedded Wife*, a revista de noivas da empresa. O que é que ele sabe sobre ter num infantário durante nove horas por dia uma bebé que praticamente ainda é recém-nascida?

– Tenho de dizer que estou contente que tu estejas de volta – diz Ian. – Perdemos tanta boa gente para os seus bebés desde que vim para cá. Gozam a licença de maternidade, dizem-nos que voltam e depois, pumba!

Nell ergue as sobrancelhas. – Pumba?

– Sim, pumba. Alguns dias antes da data em que contamos que apareçam na empresa, recebemos a chamada. – Faz uma voz mais fina. – Não posso. Não posso separar-me do bebé. Ainda bem que tu não és assim.

Na mente de Nell surge uma imagem. Derrubar aquele filho da mãe, pôr-se a cavalo nele e esfregar-lhe a cara na alcatifa. – Obrigadíssima, Ian.

– De nada. E agora a Clare e eu precisamos de uma ajuda. – Faz sinal a Clare para que se aproxime. – Estamos em discordância relativamente a uma capa e decidimos vir diretamente à especialista. – Clare tira do seu dossiê duas folhas e pousa-as lado a lado na secretária de Nell. São esboços da capa desta semana da *Gossip!* – a maior revista da empresa – com a fotografia da atriz Kate Glass, que deu à luz recentemente. Está de pé numa praia em duas poses diferentes, vestida com a parte de cima de um biquíni e uns calções, e a empunhar a bandeira americana sob o título COMO RECUPEREI O MEU CORPO.

– O que achas? – pergunta Ian a Nell.

– O que acho? – Nell tem consciência de que Clare está a olhar para ela, na expectativa.

– Sim. Como nova mamã, que impressão é que isto te causa?

– Deixem-me ver. – Nell pega nas imagens. – Bem, sinto-me muito contente por saber isto.

Ian tem a cabeça inclinada. – Com que parte?

– Por saber que ela recuperou o corpo.

– É uma loucura, certo? – diz Clare. – Só teve o filho há cinco semanas.

– Uau! – exclama Nell. – Deve ter sido terrivelmente difícil para ela. Tentar olhar por um bebé, e tudo sem corpo. – Nell dirige-se a Clare. – Então, o que é que aconteceu? Alguém lhe tinha roubado o corpo? Aqueles abdominais foram encontrados num ginásio em Cleveland por uma equipa de buscas?

Ian ri-se. – Eu bem te disse que ela era hilariante – diz a Clare, ainda a olhar para as imagens. – Talvez seja um pouco tonto, eu sei. Mas estas capas pós-gravidez resultam sempre em grande. As mulheres adoram estas coisas. – Examina as duas versões, lado a lado. – Estou a pensar se devíamos tirar a bandeira que ela tem na mão.

– Acho que não.

– Não?

Nell não consegue conter-se. – Não. Tipicamente, todas as novas mães se lembram de meter no saco a bandeira americana quando vão passar um dia na praia.

Ele ri-se outra vez, com pouca vontade. A sua impaciência é evidente.

– Desculpa – diz Nell. – É só que... – Lança um olhar a Clare. – Esta revista em particular. Não é uma das minhas preferidas entre as que publicamos.

– Eu sei, eu sei. Mas lembra-te. Se não tivéssemos as receitas dos anúncios da *Gossip!* nunca poderíamos publicar a *Writers and Artists*⁵.

– OK, desculpa lá. Deixa-me ver mais uma vez. – Volta a observar as imagens. – Gosto desta – diz, erguendo uma imagem na mão esquerda. – E tirem a bandeira. É ridículo.

Clare bate palmas silenciosas, com as unhas pintadas de cor-de-rosa diante da boca. – Eu bem te *disse* que essa é a foto melhor.

Ian acena com a cabeça com uma expressão pensativa enquanto recolhe as imagens. – Não sei. Continuo a pensar que estamos a cometer um enorme erro.

– Um enorme erro? – Nell acena com a mão a afastar a ideia. Tirarem-nos uma fotografia num bar, bêbeda e com excesso de peso, com calças de grávida dois meses depois de ter o bebé, e depois ver essa fotografia distribuída aos residentes de Brooklyn: isso é que é um enorme erro. *Isto* é uma mera tolice. – Vai ficar bem. As fotografias são quase idênticas.

Ian está a abanar a cabeça mais uma vez. – Não é isso que quero dizer. – Volta para a janela e põe-se a olhar para Lower Manhattan, para o rio Hudson a alguns quarteirões de distância. – É um erro não optarmos por uma capa sobre o Bebê Midas.

Nell mantém uma expressão neutra quando Ian se vira e olha para ela.

– Mas já falámos disso um milhão de vezes – diz Clare. – *Toda a gente* vai fazer uma capa sobre isso. Estamos a apostar em atrair todos os leitores que estão fartos da história do Bebê Midas.

– Mas *ninguém* está farto da história do Bebê Midas – diz Ian. – As pessoas não querem ler menos. Querem ler mais. – Olha para Nell. – Certo? Não queres ler mais?

– Não – responde Nell. – Que interesse tem andar constantemente a abordar a história? Para além das receitas dos anúncios, quero dizer. Aquela família precisa...

– Mas quem é o pai do Midas? – Ian começa a ficar mais exaltado. – Porque é que ela não diz nada sobre isso?

– Ouvi dizer que foi um dador de esperma, e...

– Tudo bem, Clare, tudo bem. Mas então, porque não vir a público dizer isso? Por que não ir ao programa da Oprah, como tantas mães na situação dela já fizeram?

– A Oprah já se reformou.

– Tu sabes o que quero dizer, Nell. É o que esperamos, e a Gwendolyn Ross *sabe* isso. Foi criada no mundo dos meios de comunicação. Porque é que se remeteu ao silêncio? O que é que está a esconder?

– Não te esqueças de que vamos dedicar-lhe seis páginas – diz Clare num tom apaziguador. – Só estamos a falar da capa.

– Eu compreendo. Mas os leitores vão sequer chegar a essa história? Não seria mais esperto da nossa parte mantermo-nos focados no Midas? Já é hora de obtermos algumas respostas. Temos um jornalista em Queens a tentar fazer falar a ama. Pelo que ouço, ela nunca chegou sequer a *ver* um bebé. E este fenómeno da Jolly Mama? Podíamos passar semanas a abordar isso.

– Acho que devíamos ser superiores a essas coisas – diz Nell.

Ian vira a cabeça bruscamente para ela. – Seremos *superiores* a essas coisas? Não é essa a nossa função, Nell. A nossa função é *criar* as coisas.

Ela sabe que aquela discussão é inútil. – Bem, seja como for, continuo a concordar com a Clare quanto à capa. Inclina-me mais para comprar a revista se viesse com a Kate Glass na capa.

Ian suspira. – OK, tudo bem. Espero que tenham razão. As vendas baixaram. A senhora lá de cima não está satisfeita. – Levanta-se do peitoril da janela. – Acho que devíamos voltar todos para o trabalho. – Dirige-se para a porta, mas para. – Oh, é verdade. Quase me esquecia, Nell. A outra razão por que vim falar contigo. Vamos mandar-te para fora.

– Para fora.

Ele ri-se. – Não fiques com esse ar tão assustado. Quero dizer que precisamos que vás de viagem a algures durante as próximas duas semanas. Quatro dias. Para – faz uma pausa teatral – as Baamas. Estão a pensar nas Baamas para as instalações do novo servidor e querem que vás lá. Encontrar-te com os principais intervenientes. Em parte é trabalho e em parte diversão. Que tal te parece?

– Quatro dias?

– Sim. É mesmo à beira-mar.

– Parece-me fantástico – diz Nell, forçando-se a sorrir. – Vou já meter a bandeira na mala.

Nell lê o mesmo parágrafo no manual pela quarta vez, a esforçar-se por se concentrar, mas a ideia volta a infiltrar-se na sua mente.

Quatro dias fora.

Não pode pensar nisso. A primeira exposição de que Sebastian é curador abre daí a três semanas. Ele tem andado a trabalhar até tarde todas as noites e não conseguirá voltar para Brooklyn até às seis da tarde, a hora a que o infantário fecha. Quem irá buscar Beatrice? Como é que Nell conseguirá tirar leite suficiente para quatro dias com a bomba? Como poderá suportar estar longe da bebé durante esse tempo todo? Afasta a ideia, a viagem, a realidade (talvez a sua mãe possa tirar uns dias de férias, vir de Rhode Island), e tenta concentrar-se, mas está demasiado preocupada. Minimiza o pdf do manual.

Vai despedir-se.

Vai lá a baixo, agora mesmo, ao escritório de Ian. *Pumba!* dirá. *Pelo menos aguentei-me dois dias.*

Não, não vai lá a baixo. Vai lá *a cima*, ao décimo oitavo andar, ver a senhora lá de cima em pessoa. Adrienne Jacobs, a diretora criativa da Simon French Corporation, uma mulher de trinta e cinco anos, ex-*blogger* de moda, a primeira

mulher e a pessoa mais nova a dirigir a empresa de noventa e oito anos. A mulher do irmão de Sebastian. A cunhada de Nell.

Nell imagina a cena. Ela a marchar por ali dentro, a passar pelas assistentes de Adrienne, a entrar no gabinete envidraçado, com as suas paredes brancas imaculadas, os dois sofás brancos, o tapete branco importado da Turquia, que custou mais do que Nell ganha num ano. *Pumba!*

E depois? Só com o salário de Sebastian não têm posses para pagar a renda do apartamento, as prestações do empréstimo para os estudos dele ou as férias que prometeram que tirariam – as primeiras em quatro anos – no Natal. Pela primeira vez desde que começaram a namorar, estão bem, do ponto de vista financeiro. Muito melhor do que alguma vez imaginaram em Londres, quando Sebastian andava a estudar em Belas Artes e ela assistia a aulas para fazer o mestrado, ao mesmo tempo que dava algumas aulas sobre cibersegurança num instituto local. Quando comiam *noodles* instantâneos algumas vezes por semana e levavam discretamente pipocas de casa para o cinema para poupar as quatro libras.

E ela não conseguiria arranjar outro emprego com facilidade. Não com os seus antecedentes profissionais, o seu passado, as coisas que teria de contar às pessoas sobre si mesma quando concorresse a um novo emprego.

Tem sorte em ter este lugar. Anda a dizê-lo a si mesma desde o primeiro dia na Simon French Corporation, há um ano e meio; ainda desde antes disso, quando Sebastian lhe falou da proposta naquele dia gélido de outono, quando ela chegou ao apartamento deles em Londres depois de um dia a dar aulas, carregada com as compras do supermercado.

– Deves estar a brincar – disse ela, estacando.

– Não. – Tinha os olhos brilhantes de excitação. – Foi a própria Adrienne que telefonou quando tu não estavas em casa. Oferece-te o lugar. Vice-presidente de tecnologia. Encarregada de todas as questões de segurança na Internet.

– Questões de segurança na Internet? Essa é a descrição oficial do posto?

– Podes voltar a fazer aquilo que adoras.

– Sebastian, não. Ela não tem de...

– Não é um ato de caridade, Nell. A própria Adrienne o disse. «Não há ninguém melhor do que a Nell.» Quer-te na equipa dela. Disse que se encarrega de tudo. – Sebastian pigarreou. – E eu expliquei-lhe tudo. Que agora dás pelo nome de Nell.

– Eu não posso trabalhar lá.

– Porque não?

– Porque a principal revista deles é a *Gossip*! E eu tenho padrões.

Nell anda de um lado para o outro no seu gabinete, a recordar-se da expressão nos olhos de Sebastian. Tinha sido contactado recentemente pelo MoMA, foralhe oferecido o lugar com que ele sonhava, e ia ter de o recusar. Não podiam mudar-se para a cidade de Nova Iorque com o salário que o museu oferecia, especialmente porque ele e Nell tinham começado a tentar ter um bebé. Mas ela podia realmente dizer-lhe que não? Depois de tudo o que ele tinha feito por ela. Sem nunca julgar os erros passados dela. Aceitando-a como era, e não como a pessoa que outros diziam que era. E, além disso, era uma oportunidade de voltar para os Estados Unidos. De voltar para a sua terra. De ir viver para mais perto da mãe.

– OK, tudo bem – disse Nell. – Eu falo com a Adrienne.

Sebastian estava a sorrir quando atravessou a sala, e beijou-a antes de lhe pegar nos sacos das compras. – Obrigado. E não menciones que andas a tentar engravidar.

Nell ouviu o aviso da chegada de um novo email. Volta para a secretária, sabendo que tem de se pôr a trabalhar. Abre o email e vê seis novas mensagens das Mães de Maio. A atividade do grupo começou a ser retomada, após uns dias de inatividade depois da divulgação da notícia sobre Midas, quando ninguém parecia saber o que dizer.

Yuko escrevera com uma pergunta. Olá, mamãs. Preciso de ajuda. O Nicholas acordou com uma irritação na pele das costas. Anexo uma foto. Devo preocupar-me?

Nell lê as respostas.

Parece-me uma assadura do calor, respondeu Gemma.

Evita ir ao médico! escreveu Scarlett. Dão-te alguma coisa agressiva e tóxica, quando só precisas de pomada de calêndula.

Nell apaga as mensagens, e pergunta-se se Winnie ainda andará a receber os emails das Mães de Maio. Recorda-a naquele vídeo do interrogatório, com o rosto carregado, o olhar a vaguear pela sala. Ouve as palavras de Ian.

Quem é o pai do Midas? O que é que ela anda a esconder? Já é hora de termos algumas respostas.

Nell fecha os olhos. Pela décima vez desde que viu o vídeo do interrogatório de Winnie e pela centésima vez desde a noite em que Midas foi levado, ocorre-lhe a ideia: até que ponto é seguro o *site* do The Village? Quão difícil seria entrar nele, dar uma vista de olhos ao questionário que Winnie preencheu quando se inscreveu nas Mães de Maio – o mesmo que todas elas tiveram de

preencher? *O seu nome. O nome do seu companheiro. Fale-nos um pouco sobre a sua família.*

Nell põe-se de pé e fecha a porta do gabinete. De volta à secretária, sente o coração bater com mais força quando abre o *site* do The Village e começa a matraquear o teclado para entrar ilegalmente na página do administrador. Demora menos de cinco minutos. É algo para que tem um jeito natural desde a sua primeira aula de informática – um instinto, diria um seu professor mais tarde, ou, como ela prefere pensar, o seu superpoder. Na faculdade, foi a primeira aluna do primeiro ano a vencer uma competição nacional de codificação, o que contribuiu para ela obter o prestigiado estágio – escolhida entre mais de 8000 concorrentes – no departamento de estado dos Estados Unidos, a trabalhar diretamente para o secretário de estado Lachlan Raine.

Nell vê o perfil de Francie no topo da lista e abre-o. A fotografia que ela enviou é exatamente o que Nell esperaria: uma *selfie* com Lowell e a imagem da ecografia. Nell lê rapidamente o que Francie escreveu – ela e Lowell conheceram-se na cidade natal deles no Tennessee, e ela foi com ele para Knoxville, onde ele estudou arquitetura enquanto ela frequentava aulas de fotografia, trabalhava como assistente num estúdio fotográfico e fazia trabalhos por conta própria, a fotografar os gatos das pessoas. «De certo modo, somos novos em Nova Iorque e mal posso esperar para conhecer todas as outras mamãs!» escreveu Francie.

Nell fecha o perfil de Francie e passa uma vista de olhos por outros, surpreendida com algumas das coisas que lê; com o pouco que realmente conhece estas mulheres. Yuko trabalhou para um juiz do supremo tribunal estadual antes de ter o filho. Gemma é da cidade natal de Nell, em Rhode Island; frequentou a escola secundária rival.

É apanhada de surpresa quando o telefone que tem na secretária toca, e sai do *site*. – Estou, fala a Nell Mackey. – Ouve-se uma respiração pesada do outro lado. – Estou? Quem fala?

– Nell, sou eu.

Ela afasta-se da secretária. – Colette? – Há um silêncio, e a seguir Nell ouve Colette chorar. – Colette, o que se passa? Estás bem?

– Estou na sala das fotocópias no escritório do *mayor* – segreda ela. – Acho que está alguém à porta.

– O que é que queres dizer? Estás bem?

– Não. – Faz uma pausa. – Vi o dossiê da polícia. Vi uma coisa. Não foi noticiada. Não sei...

- O quê, Colette? O que foi?
 - Encontraram um corpo.
-

Francie passa a mão pelo tecido do sofá Ektorp e depois continua a percorrer o labirinto da loja, parando para ler a etiqueta do preço de uma cadeira de baloiço estofada com pele sintética branca. Dá uma palmadinha no rabinho de Will e volta a verificar o telemóvel. Colette tinha uma reunião com o *mayor* esta tarde e concordou em dar uma vista de olhos ao dossiê de Midas para ver se há alguma informação sobre Archie Andersen. Francie tem a esperança de que, depois da sua visita à esquadra da polícia ontem, Mark Hoyt se tenha dado conta de que ignoraram algo crucial. Já deviam ter localizado o paradeiro de Andersen e tê-lo interrogado.

Francie dirige-se para a secção do mobiliário de quartos. Esta é a sua quinta ida à IKEA em duas semanas. Lowell instalou finalmente o aparelho de ar condicionado na janela da sala de estar – um aparelho em segunda mão que ela encontrou nos anúncios do The Village –, mas é um traste velho que sopra um ar pútrido e morno. Francie sente-se desesperada por ter algum alívio do calor, que está cada vez mais intenso, mas não suporta a ideia de ligar o aparelho – quem sabe que gases tóxicos poderá emitir? Tem andado a tentar remediar a situação da melhor maneira possível, procurando refúgio na biblioteca, em aulas de música e aqui na IKEA, de que Will parece gostar. Talvez seja o choque das luzes fluorescentes, ou a sensação cavernosa, como se tivessem entrado num útero vasto e bem iluminado, mas ele acalma-se mal entram, o que proporciona a Francie pelo menos quarenta minutos de relativo sossego e lhe permite acalmar os pensamentos, que se abra uma fenda de luz no seu cérebro.

Will começa a ficar desassossegado na secção das almofadas, e ela apressa o passo e dirige-se para o café. O ar está empestado com o fedor a almôndegas, e ela posiciona uma cadeira virada para a janela e mete a mão no saco para tirar o biberão com água e a embalagem com leite em pó. Deita o pó no biberão e, quando está a agitá-lo, repara numa mãe jovem sentada ao lado do seu carrinho de bebé, a meter um pedaço de salmão cor de rosa na boca e a olhar fixamente para a embalagem de *Enfamil* que Francie tem na mesa diante de si.

Francie desvia o olhar, cada vez mais envergonhada enquanto enfia a tetina na boca de Will, e tenta ignorar os olhares da mulher. Gostaria de ter a coragem de

lhe explicar que sabe que o leite materno é melhor, mas que já não tem leite. O corpo dela já não é capaz de alimentar o seu bebé.

Will já quase acabou de tomar o leite quando o telemóvel dela toca. É Colette.
– Oh, ótimo – diz Francie, sentindo uma vaga de alívio. – Tenho estado à espera da tua chamada.

– Eu sei. Desculpa lá.

– Então? – diz Francie. – O que encontraste?

– Nada.

– Nada? Tens a certeza?

– Ouve, Francie. Tens de parar de me mandar mensagens sobre isto. Não imaginas os trabalhos em que me meto se alguém aqui descobrir o que eu fiz.

– Eu sei, desculpa. Mas não entendo. Procuraste no dossiê?

– Procurei.

– E?

– E não há nada sobre esse tal Archie.

Francie solta um suspiro de irritação. – *Nada?* Como é que isso é possível? O Mark Hoyt não está nem *ligeiramente* interessado em fazer o trabalho dele? Não vai realmente procurá-lo e interrogá-lo?

– Não quer dizer que não o tenha feito. Só quer dizer que não está aqui, neste dossiê. Isto não é tudo. Merda! Francie, tenho de...

– OK, mas espera. E o sujeito com quem a Winnie estava a falar no bar? Há alguma coisa sobre ele?

– Não há nada de novo no dossiê. – Francie ouve vozes em fundo. – Tenho de ir – diz Colette, e desliga.

Francie está à beira das lágrimas quando Will acaba de tomar o leite e quando se levanta sente-se a ponto de desmaiar. Estava demasiado perturbada hoje de manhã para comer e pensa em comprar alguma coisa, mas a ideia dá-lhe a volta ao estômago. Sai do café e já está a encaminhar-se para a saída quando se apercebe de que seguiu o caminho errado. Volta para trás, mas vê-se apanhada no complicado labirinto, sem saber ao certo onde fica a saída. Will começa a chorar e Francie encaminha-se a passos rápidos para a secção de tapetes, onde fica atrás de uma mulher com um carrinho de bebé que está a ocupar todo o corredor e a andar demasiado lentamente.

– Desculpe – diz Francie, tentando ultrapassá-la, mas vê o rosto da mulher e para. – Scarlett.

Scarlett olha-a com uma expressão confusa, e Francie sente-se dominada pela atrapalhão. Scarlett não está a reconhecê-la. – Sou eu, a Francie.

Scarlett solta uma risada de embaraço. – É claro. Desculpa. Deu-me uma branca. Podia dizer que é típico das grávidas, mas suponho que tenho de deixar de usar essa desculpa. – Scarlett olha para Will, que está a contorcer-se no carrinho e a chorar cada vez mais alto. – E o ducto mamário entupido? As batatas deram resultado?

– Deram – mente Francie, sentindo-se incapaz de lidar com mais um conselho naquele momento.

– Ainda bem. E continuas a não tomar café?

Francie hesita. – É, continuo. Já não tomo há uma semana. Como é que tu estás?

– Cansada. Entre o bebé e esta mudança, não tenho tido um momento para mim. – Scarlett lança um olhar para debaixo da manta que cobre o seu carrinho de bebé e baixa a voz. – Está a dormir há quase duas horas, graças a Deus.

– Há duas *horas*? O Will nunca fez uma sesta de duas horas.

Ela franze a testa. – Nunca? Asseguras-te de que ele mamou o suficiente antes de o pôr a dormir?

– Sim – responde Francie. – Acho que sim.

Scarlett acena com a cabeça e Francie não consegue deixar de reparar na sua expressão um tanto presunçosa. – Tive sorte com este pequerrucho. Sempre dormiu muito bem.

Francie acena com a cabeça. – Andas a fazer compras para a casa nova? – consegue perguntar.

– Ando. – Scarlett toca nas fibras de um tapete que está por perto. – O meu marido está sempre a dizer-me que as coisas aqui não prestam. Eu sei que ele tem razão. Devia realmente fazer compras no centro. – Francie põe-se a embalar Will, que começou a chorar mais alto. – E como é que tu estás? Já tenho saudades de ver toda a gente.

– Eu também – diz Francie, com um tremor na voz. – Tem sido duro, desde o que aconteceu ao Midas...

Scarlett fecha os olhos. – Ando doente com isso. Nem consigo imaginar aquilo por que a Winnie deve estar a passar.

– Eu sei. – Sem conseguir conter-se, escapam-lhe umas lágrimas. – Para ser sincera, estou um bocado fora de mim. O bebé tem acordado muito de noite, e é difícil, porque o Lowell precisa de dormir. O nosso apartamento é tão pequeno! – Ri-se. – Não é propriamente uma casa com quatro quartos nos subúrbios. E mesmo depois de ele adormecer eu fico acordada, a pensar no Midas. Tem de haver alguma explicação para o que aconteceu, certo? Como entraram, ou

porque é que alguém quereria levar um bebé. – Sabe que devia parar de falar, mas as palavras saem-lhe em catadupa. – A polícia tem feito um trabalho terrível, não achas? O detetive Hoyt. Simplesmente não parece saber o que anda a fazer. Recuso-me a acreditar que o Midas não esteja vivo. A Colette acabou de me telefonar. Temos andado a fazer tudo o que podemos para tentar compreender. – Gostaria de dizer a Scarlett que Colette era a sua última esperança de encontrar Archie Anderson, que fez muitas pesquisas na Internet para o localizar – para ver se alguma vez esteve preso, se ainda vive em Nova Iorque, se poderia ter estado perto da casa de Winnie naquela noite. Francie tira um toalhete do saco das fraldas e assoa-se. – Provavelmente, também não tenho andado a comer o suficiente. Queres ir comer qualquer coisa ou pelo menos tomar um café? Adorava ter companhia...

Quando Francie olha para Scarlett, sente-se inundada pelo embaraço. Scarlett está a fitá-la com uma expressão horrorizada. Francie olha para o chão, humilhada. *O aspeto que devo ter!* pensa. Ali no meio da IKEA, com um *top* manchado e engelhado que tirou do cesto da roupa suja, com o cabelo uma desgraça, a ficar histérica na secção dos tapetes.

– Desculpa lá – diz Francie. – Não era minha intenção incomodar-te com...

– Não tem mal – responde Scarlett. – Adorava ir tomar um café. – Sorri palidamente, com uma sombra de compaixão nos olhos. – Mas os homens das mudanças vão lá a casa daqui a uma hora para nos darem uma estimativa do preço.

– É claro – diz Francie. – Eu compreendo.

– Almoçamos esta semana, talvez no parque? – diz Scarlett, e começa a afastar-se. – Vamos andar entre Brooklyn e a casa nova mais uns dias. Eu mando-te um email.

Francie despede-se e começa a andar na direção oposta; atira com a embalagem de guardanapos de papel cor-de-rosa que ia comprar para um cesto cheio de pinças plásticas para salada e encontra por fim o caminho para as filas das caixas, serpenteando por entre pessoas que tentam empurrar carrinhos de compras pesados, a transbordar de caixotes de cartão compridos. Lá fora, no calor abrasador, avista um autocarro parado com o motor ligado do outro lado da rua e corre para ele.

Senta-se na parte de trás, com a cabeça encostada ao vidro, a abafar a vergonha. Por que diabo fez aquilo? Scarlett é tão calma, tão autoconfiante – uma casa em Westchester. A comprar mobília nova. Mais uma mãe com um bebé fácil e uma vida aparentemente ideal. E aqui está ela, a soluçar na IKEA,

com um bebé que não consegue controlar e um marido que não concorda em comprar um aparelho de ar condicionado novo para a sala de estar ou outro carrinho de bebé, mesmo depois de o travão no que a tia deles lhes ofereceu ter deixado de funcionar há dois dias. Francie anda a imaginar desgraças: que perde o controlo do carrinho de bebé com Will dentro dele, que o vê a precipitar-se por uma descida, demasiado depressa para ela o apanhar, e a sair para a estrada. Quando Lowell telefonou do escritório na véspera para ver como Francie estava, ela entrou em pânico e exigiu que ele parasse no Target ao vir do trabalho e comprasse um carrinho de bebé novo imediatamente. Ele recusou.

O movimento do autocarro ajuda Will a sossegar, e Francie procura dentro do saco a garrafa de *Coca-Cola Diet* daquela manhã e bebe-a toda, perguntando-se se deveria pensar no que Lowell sugeriu na noite anterior. Estavam deitados na cama, com Will entre os dois, quando ele lhe disse que ela devia ir ao médico. – A ideia foi da minha mãe – disse ele. – Telefonei-lhe hoje. Ela acha que talvez haja alguma coisa que possas tomar para diminuir a ansiedade e parares de chorar tanto.

– Eu não preciso de comprimidos – respondeu Francie. – Preciso que encontrem o Midas. Preciso de ajudar aquele bebé a voltar para junto da mãe dele.

Um homem senta-se no lugar vazio ao lado de Francie e ela aproxima-se mais da janela. Não quer pensar mais – em Lowell, em Scarlett ou na opinião da sua sogra. Tira o telemóvel do saco e vê o tempo – a temperatura vai chegar aos trinta e muitos graus nos próximos dias – antes de abrir o Facebook. O seu olhar prende-se na publicação no cimo da página – o convite para ver «Uma Saída à Noite», o álbum que Yuko criou com as fotos do encontro no Jolly Llama. Francie ainda não teve coragem para o ver, mas abre-o agora, desejosa de uma distração qualquer, e percorre as fotos que as pessoas adicionaram. Yuko e Gemma de pé junto ao gradeamento do pátio no Jolly Llama. Nell e Colette a fazerem um brinde. Francie sustém a respiração quando aparece uma foto de Winnie. Está sentada à mesa, com o queixo pousado na mão. Há outra foto dela, a olhar para as pessoas, com o sol a pôr-se por trás dela e uma expressão estranha, quase sonhadora, no rosto.

E depois Francie vê-a, ao fundo: a mancha de um vermelho vivo.

Amplia a imagem com os dedos. O boné de basebol vermelho.

É o tipo com quem Winnie esteve a falar. Está sozinho, com um copo na mão. Também aparece numa outra foto, o rosto bem visível em pano de fundo. E não está só ali parado. Está a fitá-las, a observá-las, a olhar diretamente para Winnie.

– Desculpe – diz Francie ao homem sentado ao seu lado, quinze minutos mais tarde, quando o autocarro para na paragem dela. Passa por cima das pernas dele, sai a toda a pressa do autocarro e encaminha-se para o seu prédio, corada de expectativa. A porta do prédio está entreaberta. Francie já pediu a Lowell pelo menos quatro vezes que consertasse o trinco, que não anda a fechar bem. Não é seguro. Dentro do prédio, o correio está empilhado na mesa de madeira instável no pequeno átrio, e ela vê uma conta de um cartão de crédito e um envelope grande com o seu nome escrito a verde em letras maiúsculas. Mete a conta do cartão de crédito no saco das fraldas, sabendo que tem de descobrir uma maneira de pagar os cem dólares das roupas de bebé que encomendou na Carter’s antes de Lowell ficar a saber que não conseguira o contrato para a renovação, e ignora o outro envelope – a letra assemelha-se vagamente à da sua mãe, e não quer ter de lidar com isso naquele momento, supondo que é o estúpido do vestido de batizado que a mãe insistia em lhe enviar. Sobe a correr os três lanços de escada e acaba por encontrar o portátil debaixo das receitas que imprimiu nessa manhã. A baloiçar a cadeira de Will com o pé, entra no Facebook e vai ao álbum de Yuko.

Sim.

É ele. O sujeito com quem Winnie esteve a falar. Francie examina cada foto, a ver se consegue avistá-lo. Enquanto faz isso, não consegue deixar de observar com atenção as fotos de Winnie mais uma vez. A expressão nos seus olhos de quem está longe dali. A maneira como é captada a olhar para baixo, para o telemóvel. É estranho, mas Francie tenta não pensar nisso. Tenta manter-se concentrada na boa notícia.

Agora tem um plano.

[5](#) *Gossip!* significa mexericos e *Writers and Artists* escritores e artistas. (N. da T.)

CAPÍTULO CATORZE

OITAVO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 12 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 59.º DIA

O mais provável é que ainda te falte perder alguns quilinhos. Não deixes que esse peso da gravidez que ainda carregas te deprima. Em vez disso, levanta-te lá! Pega no carrinho de bebé (e talvez em alguns elementos do teu grupo de mããs) e vai dar uma volta ao parque num passo acelerado. Opta por vegetais e fruta para os teus lanchinhos. Mastiga a comida lentamente. Evita os hidratos de carbono. Vais conseguir apertar o fecho dessas calças de ganga não tarda nada.

Colette está sentada à ilha da cozinha, com as mãos de Charlie nos seus seios inchados. – Charlie, vá lá – diz, afastando-o. – Agora não. Sabes que tenho de trabalhar.

– Eu sei – murmura ele. – Mas a bebé acabou de adormecer no carrinho e ontem ficaste outra vez a pé até tarde a trabalhar. Mereces os quinze minutos de lei para uma pausa para o café. – Desliza as mãos pela barriga dela, enfia-as nas calças do pijama e põe-nas em concha na parte interna das coxas dela. – Não me obrigues a denunciar uma funcionária secreta do *mayor* por violação das leis laborais.

Ela contorce-se para se libertar. – Por favor, Charlie, para. Preciso de acabar este capítulo.

Ele põe-se de pé e suspira. – Querida, estás a dar cabo de mim. Já se passaram três meses.

– Eu sei.

– Temos de dar a volta a isto.

Ela vira-se para ele, a tentar disfarçar a irritação. – Charlie, eu sei. Mas neste preciso momento? Estou a trabalhar. Eu não entro no teu escritório quando tu estás a escrever para te tentar seduzir.

Ele ri-se. – Sabes uma coisa, doçura? Se alguma vez te sentires minimamente inclinada a entrar no meu escritório para me seduzires enquanto estou a

escrever, deves obedecer a esse impulso. Imediatamente. Mesmo que eu esteja ao telefone com a minha editora. Mesmo que os meus pais estejam lá. Mesmo que, por qualquer razão, eu esteja a ter uma reunião com o papa. Acabo a conversa e satisfaço-te ali mesmo, de uma maneira absolutamente espetacular.

Colette sorri. – É bom saber isso.

Ele acena com a cabeça para o seu escritório ao fundo do corredor. – Queres experimentar? Para veres se estou a falar verdade?

– O papa está lá dentro?

– Não.

– Então não estou interessada. – Estende as pernas e pousa os dedos dos pés em cima dos dele. – Desculpa. Preciso de me concentrar. Acabei de procurar no dicionário a palavra «foi». Isto não está a correr bem. – Ele afasta os pés e vai ao frigorífico buscar o biberão de leite que ela preparou mais cedo. – Vais sair? – pergunta ela.

– Vou.

– Onde a vais levar?

– A correr.

– Eu tomo conta dela quando voltar. Esta reunião deve ser rápida.

Charlie acena com a cabeça.

– Leva o chapéu amarelo – diz Colette. – Os outros são muito grandes para ela.

– Está bem. Eu sei.

– Tens o protetor solar?

– Tenho.

– Parece que vai estar ainda mais quente hoje.

– Pois vai. – Charlie fecha o frigorífico e deixa-se ficar de costas para ela. – Eu sei tomar conta da minha filha.

– Estás irritado comigo?

– Estou.

Charlie vira-se, exasperado. – Isto é frustrante.

– Vais divorciar-te de mim?

Ele não consegue deixar de sorrir. – Sim, Colette, vou.

– Deixas-me ficar com a máquina do café?

Charlie pousa o biberão no balcão da cozinha e aproxima-se de Colette. – Não.

– A cafeteira, pelo menos?

– Fala com o meu advogado.

– Amas-me?

– Muito. Mas, por Deus, és mesmo teimosa. – Inclina-se para baixo e beija-lhe a testa. – Até logo.

Colette serve-se de uma chávena de café acabado de fazer e leva-a até à janela, de onde espreita para a rua, tão exausta que se sente enjoada. Passou a maior parte da noite na cadeira de baloiço, dormindo por instantes nos intervalos entre as mamadas de Poppy, sabendo que devia pôr a bebé no berço, obrigá-la a acostumar-se a adormecer sozinha, como recomendam todos os especialistas, deixá-la chorar por uns momentos se necessário. Mas não conseguia fazê-lo. O seu instinto é ficar com a sua bebé, deixar que Poppy durma nos seus braços toda a noite, se é disso que ela precisa.

A visita ao pediatra não tinha corrido bem. – Ela tem um atraso no desenvolvimento – disse o médico. – Isso é claro. Tem alguma fraqueza muscular na parte superior do corpo, um pouco mais pronunciada do lado direito. E preocupa-me a maneira como ela segura a cabeça.

– O que é que isso quer dizer? – perguntou Colette, com Poppy contra o peito.

– É demasiado cedo para podermos saber. Tudo o que podemos fazer nesta fase é mantê-la sob vigilância. Volte daqui a três meses.

– *Três meses?* Porquê tanto tempo? Não há nada a fazer antes disso?

– Não nesta idade. Temos de nos limitar a esperar. As crianças podem ultrapassar este tipo de coisa.

Charlie aparece no passeio lá em baixo. Ajusta os fones e depois começa a correr devagar, empurrando o carrinho de bebé para a entrada do parque. Reagira à notícia como Colette esperava. Calmamente.

– OK, então levamo-la lá outra vez daqui a três meses – disse. – Se nessa altura ele nos disser que precisamos de nos preocupar, começamos a preocupar-nos.

Aparece um carro a toda a velocidade a descer a rua quando Charlie está a começar a atravessar sem esperar pelo semáforo. Colette sustém a respiração quando ele volta ao passeio e berra alguma coisa ao condutor. Depois de ele atravessar a correr e virar no muro, ela fecha o cortinado, pousa a caneca de café em cima da mesa, ajoelha-se diante do sofá e tateia o chão à procura do envelope com a *pen*.

Mete-a no bolso interior da sua mala e vai tomar um duche prolongado, com a água extra fria, para tentar desanuviar a mente e obrigar-se a acordar; para purgar os pensamentos que a têm atormentado desde o dia anterior. Encontraram um corpo.

A informação era escassa – um simples apontamento de Mark Hoyt no cimo da pilha. *Os restos mortais foram descobertos cerca das 17h de ontem. Enviados ao laboratório, identificação a ser confirmada pelas 12h de amanhã. Atualizarei informação logo que possível.*

Colette fecha os olhos debaixo da água fria e recorda o sonho que teve na noite anterior. Winnie estava num campo, debruçada sobre o corpo sem vida de Midas. Colette aproximou-se e estendeu a mão para pegar no braço de Winnie, mas quando ela se virou Colette viu que estava enganada. Não era Winnie que estava debruçada sobre Midas. Era Francie.

Desliga o chuveiro e veste-se rapidamente. Quando chega ao quarto andar da câmara daí a uma hora, não encontra Allison à secretária. Colette aguarda uns minutos no átrio antes de se aproximar da porta de Teb e espreitar para dentro do seu gabinete vazio. Os seus passos na alcatifa são silenciosos quando se encaminha lentamente para o aparador, ao mesmo tempo que procura a *pen* no bolso da sua mala de mão. No momento em que está prestes a pô-la no chão debaixo de uma fila de cadeiras, Allison põe-se de pé por trás da secretária de Teb.

– Olá – diz ela.

– Oh, meu Deus. – Colette agarra a *pen* com força. – Pregou-me um susto de morte.

– Desculpe – diz Allison, pondo a mão em cima da barriga. – Ui. Isto pôs-me um bocado estonteada.

– O que é que está a fazer? – pergunta Colette.

Allison suspira. – Ouça, há alguma possibilidade de alguém ter entrado aqui e ter tirado alguma coisa da secretária do *mayor* enquanto a Colette estava aqui dentro a trabalhar?

– Ter tirado alguma coisa? – Colette pigarreia. – Não, não que me lembre.

– Que maçada!

– O que se passa?

– Oh, nada. Iria jurar que pus uma coisa aqui para o *mayor*, mas ele não consegue encontrá-la. Está aborrecido comigo.

– Posso ajudá-la a procurar – diz Colette. – O que é?

Allison acena com a mão. – Nem pense nisso. Já tem bastante com que se preocupar sem ter de se pôr agora a remediar uma asneira que fui eu que fiz. Mas – enrugando a testa – tenho de lhe pedir que aguarde lá fora. Disseram-me para não deixar entrar ninguém no gabinete do *mayor* quando ele não estiver aqui. Provavelmente, não se refere a si, mas já estou metida em trabalhos, por isso...

– É claro – diz Colette. – Não me importo de esperar lá fora.

Colette segue Allison para o átrio. Para lá dos sofás, diante das grandes janelas viradas a oeste, com vista para o City Hall Park, um homem novo está a montar um pódio enquanto outro espera por perto, com um ar de tédio, a empunhar um selo da cidade em cartão. Colette senta-se numa das cadeiras de pele e mete a *pen* na mala no momento em que Allison volta a aparecer com um envelope grande de papel pardo na mão.

– Chegou isto para si.

O nome de Colette está escrito a verde em maiúsculas na parte da frente do envelope, seguido pelo endereço da câmara. Quem lhe enviaria uma carta para o gabinete do *mayor*? Nem sequer é suposto ninguém saber que ela vem cá.

– Quando? – pergunta Colette.

– Ontem ao fim do dia.

Colette pega no envelope e mete-o na mala de mão. – Obrigada.

– De nada. Esperemos que não tenha de aguardar muito tempo, mas, para ser franca, não é muito provável. – Allison acena com a cabeça na direção dos dois homens novos que estão a montar o pódio. – Passa-se algo estranho aqui hoje.

Allison volta para a sua secretária e Colette instala-se na cadeira, preocupada com o envelope. Algo lhe diz que não devia abri-lo agora. Não aqui, não com pessoas à volta.

Nos trinta minutos seguintes, Colette folheia números atrasados da revista *New Yorker* para passar o tempo. Por fim, ouve pessoas a virem pelo corredor. Aaron entra no átrio acompanhado por uma mulher. Ela traz um fato cinzento-escuro e Colette vislumbra uma arma num coldre à sua cintura. Há algo familiar nela.

– Até logo – diz a mulher a Allison, e, ao ouvir a voz dela, Colette lembra-se. É a detetive que interrogou Winnie. A que aparece no vídeo da *pen*. Ela entra para o elevador enquanto Aaron se aproxima de Colette, com o telemóvel numa das mãos e um dossiê grosso na outra. Colette põe-se de pé, mas ele faz-lhe um gesto para que se volte a sentar. – Ainda não, desculpe lá. Surgiu uma coisa. O *mayor* pede desculpa. Dê-nos mais dez minutos.

– Posso voltar noutra ocasião mais apropriada.

– Não, estou a fazer os possíveis por a encaixar – diz Aaron, lançando um olhar por cima do ombro a Joan Ramirez, o adido de imprensa do *mayor*, que está à porta do gabinete. – Mais dez minutos. – Toca no ombro de Colette e vira-se para se afastar, mas, ao fazê-lo, o dossiê cai-lhe de debaixo do braço para o

chão e os papéis espalham-se aos pés dela. Colette baixa-se para o ajudar a apanhá-los, estendendo o braço para debaixo da sua cadeira.

A sua mão para a meio.

É uma fotografia de Midas. Colette pega na fotografia e olha para ela. Ele traz vestido um *babygrow* cinzento às riscas e está com a mão em punho na boca. Parece estar deitado num tapete branco.

– Colette?

Aaron tem a mão estendida. Ela põe-se de pé e dá-lhe a fotografia.

– Obrigado – diz ele, e pisca-lhe o olho. Acompanha Joan para dentro do gabinete do *mayor* e Colette volta a sentar-se, com a sensação de que o átrio está a andar à roda. Pousa a testa nas mãos, combatendo o impulso de pôr a cabeça entre os joelhos, como lhe recomendou um motorista de autocarro no segundo ano, quando reparou que ela estava a ficar pálida de enjoo no assento atrás do dele. *Os restos mortais foram descobertos*. Aquela fotografia. A detetive. A conferência de imprensa que estão a preparar.

Midas morreu.

Que outra coisa poderia ser?

Colette ouve a voz de Teb e ao olhar para cima vê-o a dirigir-se para ela. Põe-se de pé, com a mala apertada contra o corpo.

– Tenho más notícias, Colette – diz Teb. Fala num tom de voz sério. – Há algo aqui de que preciso de tratar. Lamento muito.

– O que é? – pergunta ela, mas Aaron aparece, com o telemóvel a tocar. Mete a mão no bolso interior do casaco do fato.

– Sim – diz Aaron ao telefone. – OK, tudo bem. – Desliga. – O comissário Ghosh acabou de chegar, *mayor*. Vem a subir. – Aaron lança um olhar ao pódio diante das janelas e depois volta a olhar para o *mayor*. – Talvez queira mudar de gravata. Algo um pouco mais solene.

Teb acena com a cabeça e vira-se para voltar para o seu gabinete. – Desculpe lá, Colette – diz Aaron, e acompanha-a ao elevador e prime o botão. – Sei que deve ser frustrante quando isto acontece, mas por vezes há coisas que estão fora do nosso controlo. Faz parte da natureza do cargo. – As portas do elevador abrem-se e Elliott Falk, do *New York Post*, sai de rompante. – Eu peço à Allison que lhe telefone a marcar nova reunião – diz Aaron. As portas do elevador fecham-se entre eles e quando voltam a abrir-se ela corre para a rua e faz sinal ao táxi mais próximo. Fecha a porta atrás de si.

– Para onde vai ser?

– Para Brooklyn – responde Colette, instalando-se no assento de pele quente e estalada. – Prospect Park West.

Prime o botão do televisor em frente ao seu lugar e o ecrã ilumina-se, enchendo o táxi com a música alta de um anúncio a colchões. O taxista buzina prolongadamente à entrada da ponte de Brooklyn. Na televisão está a passar um programa da manhã, vai a meio de um programa de culinária. Como fazer com que as crianças comam mais vegetais. O taxista sobe o volume do rádio, a competir com o som da televisão. Está a ouvir uma estação só de notícias.

Ela inclina-se para a frente. – Ouviu dizer alguma coisa sobre o Midas, aquele bebé que foi raptado?

– O rico?

– Sim.

– Está morto – diz o taxista. – Um ex-namorado da mãe matou-o, ao que parece.

– Não. – A palavra sai-lhe sufocada. – Onde é que ouviu isso?

– Foi a minha mulher. Disse-me no outro dia. – Faz um esgar. – Anda obcecada com esta história.

O telemóvel de Colette apita com uma mensagem. É de Nell.

PRECISO de te ver. Encontro às 5? No Spot. Vou sair mais cedo, tenho de ir buscar a Beatrice às 6.

Não posso, escreve Colette. Hoje não.

Três pontos. A resposta de Nell é imediata. POR FAVOR. É importante.

Colette pousa o telemóvel no regaço e fecha os olhos. *Lembre-se de respirar.* Imagina a *doula* ajoelhada à sua frente nos piores momentos do trabalho de parto, a repetir aquela frase uma e outra vez. *Tem tudo a ver com a respiração.*

A sério, escreve Nell. Tenho de falar contigo.

Tudo bem. Lá estarei.

– Desculpe – diz o taxista daí a quinze minutos. – Já chegámos.

Charlie está na cozinha a fazer uma sanduíche quando ela entra no apartamento.

– Já voltaste?

Ela pousa a mala à porta, tira o som à música que ele pôs a tocar e depois liga a televisão e percorre os canais.

– O que é que estás a fazer?

– O *mayor* vai dar uma conferência de imprensa. Acho que é sobre o Midas... – Quando chega a um canal de notícias, vê Teb no pódio, com a mão erguida a pedir silêncio aos jornalistas. «Os restos mortais foram descobertos num bosque

a cerca de cento e vinte metros da casa de Winnie Ross, na sua propriedade no Norte do estado de Nova Iorque. Como o corpo estava muito queimado, solicitámos a colaboração do FBI para identificar a vítima.»

– Não! – Charlie vem pôr-se ao lado de Colette e pega-lhe na mão. – Encontraram o Mid...

– Chiu.

«Recebemos confirmação esta tarde de que os restos mortais são os de Hector Quimby, um empregado de longa data da família Ross.» Teb consulta os apontamentos diante de si. «Nos últimos trinta anos, Mr. Quimby trabalhou na manutenção da propriedade dos Ross, bem como na da casa da família em Brooklyn, de onde o Midas foi levado na noite de 4 de julho.» Aparece momentaneamente uma fotografia no ecrã. O homem tinha sessenta e muitos anos, cabelo e bigode grisalhos e olhos azul-claros. «Não sabemos ainda se existe uma ligação entre a morte de Mr. Quimby e o rapto de Midas Ross, mas estamos a prosseguir na investigação com base nesse pressuposto.»

«Como é que o corpo foi descoberto?» pergunta alguém da multidão de jornalistas.

«Os investigadores do FBI e da NYPD foram conduzidos ao corpo de Mr. Quimby...» Teb tosse. «Peço desculpa. Foram conduzidos ao corpo de Mr. Quimby por cães pisteiros que andavam a farejar à procura de Midas Ross.»

Colette solta os dedos da mão de Charlie. – Preciso de um segundo. – Vai à cozinha, pega na sua mala e fecha-se à chave na casa de banho. Senta-se na sanita, tira da mala o envelope de papel pardo e abre-o. Não há sinal de quem o mandou. Nenhuma carta. Nenhuma assinatura. Só uma única folha de papel.

É o retrato de um preso.

Na fotografia, é adolescente. Não tem rugas à volta dos olhos nem brancas na barbicha. Fita a objetiva com uma expressão de desafio no rosto. A chapa com o nome que segura ao peito indica a data do seu nascimento e o local em que foi detido. Mas não aquilo de que era acusado. Nem sequer o seu nome.

Mas é claro que é ele. Token.

—

Francie encolhe a barriga, consciente de que está a aproximar-se um indivíduo, mas ele passa por ela e senta-se na outra ponta do bar. Ela volta a verificar as horas: 15:32. Ele está trinta e dois minutos atrasado. Talvez tenha mentido. Talvez não venha.

– Mais outro copo de vinho branco?

Ela puxa o tecido do seu decote pronunciado quando vê o olhar do empregado do bar. – Acho que sim – diz, lançando um olhar à mensagem da sua sogra, Barbara, enviada há uns minutos, com uma foto de Will deitado em cima de uma manta no parque. Estamos ótimos. Espero que a sessão fotográfica esteja a correr bem. Boa sorte!

A mão treme-lhe quando entrega uma nota de dez dólares ao empregado do bar, e pensa de novo na discussão que ela e Lowell tiveram nessa manhã, depois de ele sair do quarto e encontrar Francie sentada no sofá, a dar o biberão a Will e a tentar conter as lágrimas.

– O que é desta vez? – perguntou-lhe Lowell.

– O que é o quê?

– Pareces perturbada.

– Não estou.

– Francie...

– Não é nada. Não quero falar sobre isso. – Não pode contar a Lowell o que está a incomodá-la, como telefonou a Mark Hoyt ontem para o informar de que encontrou fotografias do sujeito que tinha abordado Winnie no Jolly Llama.

– Sinto-me dececionada por ter de ser eu a fazer este trabalho – disse a Hoyt, impressionada com o tom de autoridade da sua voz. – Mas que assim seja. Envio-lhas por email agora, a não ser que, por razões de segurança, prefira mandar um agente cá a casa para as vir buscar em pessoa?

– Francie, escute-me – disse Hoyt. – Tem de parar com isso.

– Parar com isso? Está...

– Ouviu-me bem, Mrs. Givens. Pare com isso. Encontre outra coisa para fazer. Leve o seu bebé aos baloiços. Ou vá ver o seu médico. Confirme que está tudo bem. Deixe-nos fazer o nosso trabalho.

– Que vá ver o meu...– Escapou-lhe uma gargalhada. – Faz *alguma ideia* do trabalho de merda que está a fazer? Tem sequer noção de que há um bebé recém-nascido a contar consigo para o devolver à mãe? Que eu vá ver o meu médico? Está a *brincar* comigo? Não preciso que outro homem...

– Adeus, Mrs. Givens.

É claro que Francie nunca poderia contar isto a Lowell, que ficou ali, a olhar para ela como se ela estivesse doida, com as costas contra o balcão da cozinha e os braços cruzados no peito. – Estou a começar a sentir-me preocupado contigo, Francie.

Sente-se agoniada agora ao pensar no que disse a Lowell depois daquilo, como o acusou de ser frio e pouco compreensivo enquanto ele se vestia, desviando o rosto do seu beijo quando ele se dirigiu para a porta para ir buscar a mãe ao aeroporto (aparentemente, Lowell tinha telefonado a Barbara a pedir-lhe para vir do Tennessee por uns dias, dizendo-lhe que Francie se sentia assoberbada e precisava de ajuda com o bebé, sem sequer discutir o assunto com ela antes). Francie detesta que discutam. Antes, quase nunca discutiam, mas agora, desde o nascimento do bebé, tudo o que ele faz a irrita. Sabe que precisa de lhe pedir desculpa e acalmar as coisas, especialmente com Barbara em casa deles, a dormir no sofá na sala de estar, a poder ouvir todas as palavras que eles troquem. Estende a mão para o telemóvel, mas depois sente um par de mãos a rodear-lhe a cintura.

Vira-se, com o telemóvel paralisado na mão, estonteada com a beleza dele vista de perto: os seus olhos de um azul gélido; o maxilar forte, quadrado; o cabelo escuro por baixo do boné de basebol vermelho. Antes de ela ter tempo de dizer olá ele levanta-a do banco e aperta-a contra si, beijando-a de uma maneira como não é beijada há muito tempo, ajudando-a a esquecer tudo sobre Lowell.

Ele solta-a. – És *tu* a mulher com quem é suposto eu encontrar-me, correto?

– Sou. Olá. – Francie lamenta o tremor nervoso na sua voz.

Ele atira-se para o banco ao lado do dela e faz sinal ao empregado do bar a pedir uma cerveja e um *shot* de uísque, sem se oferecer para pagar uma bebida a Francie. – Desculpa o atraso. Surgiu uma coisa. – Bebe o *shot* de um só gole e segue-o com um gole de cerveja. Ela estende a mão para o seu copo de vinho, lançando-lhe um olhar. Tinha razão. Ele anda pelos trinta e tal anos, a mesma idade que Archie Andersen teria agora. Ele pede outra bebida, e Francie observa a maneira como agarra no copo, a *t-shirt* retesada sobre os seus bíceps. É muito mais alto e forte do que ela o recordava quando o viu no Jolly Llama. – Gosto do teu estilo – diz ele, e limpa a boca com as costas da mão.

Ela ergue as sobrancelhas. – Do meu vestido, queres dizer? – O olhar dele percorre-a, dos seios para o pescoço e depois para os olhos, com as pestanas postiças que ela aplicou uma hora antes na casa de banho de um Starbucks nas imediações.

– Bem, sim. Do vestido também. Mas referia-me a não teres perdido tempo. Há muitas raparigas que querem trocar emails dias e dias antes do encontro.

Francie sente-se orgulhosa da rapidez com que conseguiu conceber este esquema, tudo graças a Nell. Ontem, depois de o contacto com Mark Hoyt não dar em nada, ela enviou um email a Nell para o trabalho dela.

Sei que é um tiro no escuro, mas encontrei umas fotos daquele sujeito com quem a Winnie esteve a falar no Jolly Llama, escreveu Francie. Alguma hipótese de através delas descobriremos alguma coisa sobre ele?

Nell respondeu daí a sete minutos. Isto é tudo o que consegui encontrar. Pus a fotografia dele numa aplicação de reconhecimento de rostos. Parece simpático.

Francie abriu o *link* e ali estava ele: as fotos dele e o perfil a acompanhá-las num *site* chamado Sex Buddies⁶, uma espécie de *site* de encontros. Revelava muito pouco sobre si mesmo – a altura, o peso e uma preferência por mulheres com seios grandes, mas não o seu nome (a não ser que se chamasse realmente Doktor Danger).

O que vais fazer com esta informação? escreveu Nell.

Nada, respondeu Francie. Mantê-la à mão, só para o caso de ser necessária.

Na realidade, passou a hora seguinte a maquilhar-se, a tirar *selfies*, a tentar parecer tão sugestiva quanto possível e a publicar o seu perfil no Sex Buddies. Bastaram três emails da conta falsa de Gmail que criou para combinar este encontro. Ler as coisas que as pessoas tinham escrito no *site* deixou-a a sentir-se deprimida e depois profundamente grata, por Lowell, pela vida que têm, pela linda família que criaram.

Ele inclina-se para ela. – Cheiras incrivelmente bem – diz.

– Obrigada. Mas, primeiro, nem sequer sei o teu nome.

– O meu nome? Qual queres que seja o meu nome?

– Qual *quero* que seja?

– Sim. – Ela sente o cheiro a tabaco no hálito dele. – Porque não escolhes tu o nome?

Francie finge matutar por um momento. – Quero que o teu nome seja Archie.

Ele ri-se. – Como o tipo dos desenhos animados? – Ela ri-se também, a tentar disfarçar a sua decepção. Não pode ser ele. A menos que fosse um ator digno de um Oscar não responderia com tanto à-vontade se ela tivesse adivinhado o nome dele. – Archie. Gosto.

– Ainda bem – diz ela. Bom, mesmo assim... pensa. Talvez não seja Archie Andersen, mas vai poder responder a algumas perguntas de importância crítica: porque abordou Winnie, do que falaram, onde Winnie foi naquela noite.

– Tu podes ser a minha Veronica – diz ele. – Se ao menos tivéssemos uma Betty...⁷

Lança um olhar a algo por trás de Francie e sem uma palavra pega na mão dela, puxa-a do banco e na direção das traseiras do bar. Ela tem dificuldade em acompanhar o passo dele e derrama vinho no vestido, tentando equilibrar-se nos saltos altos que traz. Percorrem um corredor estreito e às escuras que fede a urina e depois entram numa sala vazia nas traseiras, com uma mesa de bilhar a um canto e um sofá velho do outro lado.

Ele leva-a para o sofá e puxa-a para si, com os lábios na orelha dela. – É mais privado aqui atrás – murmura, e depois empurra-a para trás até ela cair atabalhoadamente no sofá, a derramar a maior parte do seu vinho. Ele senta-se ao lado dela, poussa-lhe no joelho uma mão calejada e começa a fazê-la subir-lhe lentamente pela coxa acima.

– Ainda não – segreda ela, tirando-lhe a mão da perna. Sente-se tremendamente aliviada quando entram dois homens na sala. Dirigem-se para a mesa de bilhar, com as botas cobertas de poeira e os cintos com ferramentas; é provável que estejam no intervalo para o almoço de umas obras ali por perto. Ela não consegue evitar o pensamento: e se, por um horrível azar, eles a conhecem? E se são colegas de Lowell, pessoas com quem ele trabalha num projeto de uma obra qualquer?

– Tenho quarenta minutos antes de ir trabalhar, Veronica – diz o falso Archie. Parece um pouco irritado. Ela não pode realmente censurá-lo. O Sex Buddies não é exatamente conhecido como um *site* através do qual as pessoas combinam encontros em bares durante o dia para falarem sobre os interesses que têm em comum. E ela própria não tem muito tempo. Disse a Nell que se encontraria com ela no Spot às cinco; há algo de que Nell quer falar-lhes, a ela e a Colette. Entretanto, Francie tem este plano para executar. Um plano que passou a noite acordada a congeminar.

Põe-se de pé, senta-se sobre as pernas esticadas de Archie e poussa as mãos nas suas coxas, com os seios a centímetros do rosto dele, envolvendo-o no aroma do seu perfume. – Vou buscar outra rodada.

Ao balcão, Francie reprime o desejo de olhar mais uma vez para a fotografia de Will no parque, sentindo mais uma vaga de culpa por ter mentido a Lowell e a Barbara, dizendo-lhes que tinha posto um anúncio no *site* do The Village e tinha sido contratada para tirar fotos a um bebé de nove meses. Leva as bebidas para o sofá nas traseiras, a esforçar-se ao máximo por parecer calma e confiante quando se senta ao lado dele.

– Então. Veronica. – Ele tem a boca perto da orelha dela. – Sobre o que é que queres falar?

Ela bebe um longo gole de vinho e depois pronuncia as palavras que ensaiou de manhã. – Precisava mesmo desta bebida. Perdi o emprego.

– Que chatice! – Ele tira o boné de basebol e acaricia-lhe o pescoço com o nariz.

– Pois é. Era empregada de mesa. Num sítio mesmo fixe em Brooklyn. O Jolly Llama.

Ele recosta-se. – Eu vou lá às vezes.

– Estás a brincar!

– Não estou não. Fica perto do meu apartamento.

– Isso é mesmo esquisito. – Ela semicerra os olhos e observa-o com mais atenção. – Oh, meu Deus, espera lá. És *tu*.

Ele franze a testa. – Tu quem?

– Tu! – Pousa o copo na mesa pegajosa, vira-se para ele e põe a mão no joelho dele. – Estiveste no Jolly Llama no Quatro de Julho?

Ele pensa um pouco. – Sim, estive. Como é que sabes isso?

– Tu és *aquela* tipo. Mas que coincidência! – Ri-se e dá-lhe uma palmada no joelho. – As minhas colegas não vão acreditar nisto. Temos andado todas a falar em ti.

Ele parece pasmado. – Em mim? Porquê?

– Tu és o sujeito que esteve a falar com aquela mulher. Aquela Winnie.

– O que é uma winnie?

Francie sente-se surpreendida com a atuação convincente dele, a fingir que não sabe do que ela está a falar. – A Gwendolyn Ross? A atriz? Aquela a quem raptaram o filho?

– Quando?

– A sério? Não lêes o jornal? Não vês televisão?

– Só o desporto.

Custa-lhe acreditar. Ele realmente não sabe. – Lembras-te de teres falado com uma mulher no bar naquela noite? Bonita? Talvez tenhas desaparecido com ela por um pedaço?

Finalmente, uma expressão de quem acabou de juntar dois mais dois. – *Aquela* tipa? Raptaram-lhe o filho?

– Raptaram. O filho, o Midas. Foi levado nessa noite.

– Porra, porra! Ouvi falar disso. As raparigas lá no trabalho estão sempre a falar nisso. No Midas. Como o deus grego. – Pousa a cerveja na mesa e inclina-se para a frente, a rir. – Isso é uma loucura. Espera só até eu contar aos meus amigos.

– Porquê? – pergunta Francie num tom de conspiração. – O que é que os teus amigos vão dizer?

– Foram eles que me desafiaram para fazer aquilo.

O tom divertido esvai-se da voz dela. – Fazer o quê?

– Ir falar com ela. Atirar-me a ela. – Parece aturdido. – Havia umas mamãs lá atrás, no pátio.

– Sim, lembro-me delas. Ela estava com elas.

– Os meus amigos disseram que me davam vinte dólares se eu me atirasse a uma delas. Sabes, por piada. Tipo, quem é que conseguia engatar uma mamã boazona? Eu aceitei a aposta. A primeira que abordei deu-me uma nega ainda antes de eu poder oferecer-lhe uma bebida, mas depois ela... essa tal Winnie... estava interessada. – Ri-se. – Mesmo, mesmo interessada.

Francie bebe mais um gole da sua bebida. Precisa de abrandar o ritmo. O vinho está a toldar-lhe a mente. – Então, tu não a conhecias antes dessa noite?

– Não. – Faz um sorrisinho. – Mas não há dúvida que fiquei a conhecê-la até ao fim dessa noite.

Ela adota um tom mais suave e olha-o de soslaio. – Estou intrigada.

Ele fica calado, a olhá-la com atenção. Põe a bainha do vestido de Francie entre os dedos e dobra-a, tornando o vestido mais curto, pondo à mostra as coxas depiladas dela, brilhantes da loção com aroma a pêssego que aplicou. – Tens a certeza de que queres ouvir? É mesmo uma loucura.

Ela força um tom de namorico na voz. – Eu gosto mesmo de loucuras.

– Ai sim, Veronica? Ora prova-o lá.

– Provo-o?

– Sim. Digamos que eu tenho uma história incrivelmente boa para te contar.

– OK.

– Mas tens de a merecer. – Tem o rosto a centímetros do dela. – Beija-me, e eu conto-te.

Inclina-se para ela e comprime os seus lábios contra os dela com força, enfiando-lhe a língua na boca. Quando para de a beijar, ela sente um travo amargo a cerveja na garganta. – Paguei-lhe uma bebida.

Francie ergue as sobrancelhas e depois franze a testa. – Isso não é nenhuma loucura.

– Não, isso foi só o princípio. – Passa o polegar pela clavícula de Francie. – Queres mais?

Ela acena com a cabeça e ele enfia a mão debaixo do vestido dela e força-a delicadamente a abrir as pernas. Aperta-lhe a parte interior das coxas, com o

polegar a roçar as cuequinhas dela. – Continua – diz ela. A sua própria voz soa-lhe cava e estranha.

– Convidei-a para ir para casa comigo. – Um dos trabalhadores das obras que estão na mesa de bilhar lança-lhes um olhar quando o falso Archie pega na mão de Francie e a põe entre as pernas dele. Francie sente-o a ficar duro e ele guia-lhe a mão para a frente e para trás, por cima do tecido das calças de ganga.

– E ela foi? Foi para tua casa contigo? – pergunta ela. Ele beija-a. Quando para de a beijar, ela sente a vista toldada. O cheiro da cerveja no hálito dele. A barba por fazer do seu queixo, que arranha. Não é ele que ela está a ver – não este homem a quem está a chamar Archie – mas o professor de Ciências. Mr. Colburn.

– Não, infelizmente não. Ela disse que tinha de pensar no filho. Estava preocupada com ele.

Francie estende os dedos, com a sensação de que se está a afundar, enquanto continua a fazer pressão entre as pernas dele. Fecha os olhos. – A Winnie estava preocupada?

– Estava. – Ele afasta-lhe as calcinhas e ela sente-se manietada, a aspereza do cobertor barato em cima da cama de Mr. Colburn. Sente vontade de gritar, mas não pode. – Disse que tudo o que queria era ir comigo. Saltar para cima de mim. – A mão dela move-se com mais rapidez sobre o tecido das calças dele. – Que detestava estar presa em casa. A ter de se preocupar com o bebé o tempo todo.

Francie segreda-lhe ao ouvido. – Ela disse isso? Que detestava ter um bebé?

– Algo do género. Fechámo-nos na casa de banho. Eu não conseguia tirar-lhe as mãos de cima. Ela tinha um corpo incrível. Pedi-lhe que ficasse pelo menos um bocadinho mais. Que me deixasse pagar-lhe outra bebida.

– E?

– Ela começou a berrar comigo. A dizer-me que tinha de ir tratar das coisas. Que não era dessas. Qualquer coisa, tipo, que era uma boa mãe. – A respiração de Archie está cada vez mais acelerada no pescoço de Francie, e ela sente que o corpo dele começa a retesar-se. – Eu teria matado para a levar comigo para casa. Para a atirar para cima da minha cama. Para lhe arrancar aquele vestido. – Tira a mão de entre as pernas de Francie e agarra o pulso dela, pressiona-lhe a mão para baixo, a forçá-la a acelerar o ritmo, com os olhos fechados e a boca aberta. – A Winnie. Meu Deus. Ela era boa como o milho. – Francie sente as lágrimas a escorrerem-lhe dos cantos dos olhos enquanto ele geme, uns gemidos profundos e baixos, com o som a encher a sala.

Eles estão a olhar. Os sujeitos na mesa de bilhar. Imóveis, com os tacos em riste como forquilhas ao seu lado. Archie não parece reparar que ela está a chorar e fita o teto, a lambe os lábios, com a cabeça pousada nas costas do sofá.

– O filho dela. Raptado. – Abana a cabeça, senta-se direito e estende a mão para o resto da sua cerveja. – Espero bem que a polícia lhe faça umas perguntas. Aquela rapariga era marada de todo.

Nell está sentada a uma mesa perto da montra no Spot, com uma caneca de chá preto a arrefecer-lhe na mão enquanto vê as fotografias de Beatrice que tirou no dia anterior à noite; dúzias de imagens das suas mãos pequeninas, dos seus minúsculos pés, com as plantas amarelas como manteiga, tão doces que dá vontade de as comer.

Nell olha outra vez para a porta do café, esperando que Colette e Francie venham a caminho. Está morta por ir buscar Beatrice ao infantário – com a consciência do absurdo que é passar horas e horas a olhar para fotografias dos pés da sua bebé enquanto paga a estranhas para olharem por ela.

Nell mete o telemóvel na mala e quando olha para cima vê Colette junto à mesa, com Poppy a espreitar da faixa em que ela a traz ao peito. Colette tem os olhos vermelhos e as sardas muito distintas na sua pele, que está mais pálida do que o costume. – Estás bem? – pergunta Nell.

– Viste a notícia? – Colette senta-se pesadamente na cadeira em frente a Nell. – Identificaram o corpo.

Nell acena com a cabeça. – Vi no trabalho, na cantina. Toda a gente estava colada à televisão. Julguei que ia ser o Midas. Desde que telefonaste ontem que tinha a certeza de que o cadáver ia ser o dele.

– Eu sei. Eu também. – Colette inclina-se para Nell. – Tenho de te falar sobre uma coisa. Recebi uma coisa pelo correio...

Nell avista Francie perto da porta, a olhar para a lousa com o menu que está por cima do balcão. – Oh, ainda bem, ela chegou – diz Nell. Põe-se de pé e acena a Francie, surpreendida por a ver com um vestido justo e decotado de onde desponta um *soutien* de renda preta.

– Viram? – pergunta Francie quando se aproxima da mesa. – Aquilo do corpo? – Tem o rímel esborratado em arcos por cima das pestanas postiças compridas, como pernas finas de uma aranha.

Nell acena com a cabeça. – Eu vi. É...

Francie senta-se. – E o Bodhi Mogaro? Soltaram-no. – A notícia da sua libertação soube-se nesse dia, numa conferência de imprensa convocada por Oliver Hood. Na escadaria da penitenciária, ao lado de Mogaro, da mulher e da mãe dele, Hood exigiu um pedido de desculpas dos agentes envolvidos na investigação, do comissário Rohan Ghosh e do *mayor* Shepherd.

«Veremos a NYPD em tribunal», dissera Hood.

– Preciso mesmo de um café – diz Francie. – E de um copo de água. – Nell repara na maneira como Francie arrasta as palavras, na transpiração sobre o seu lábio superior.

– Francie, estás bêbeda?

Francie lança um olhar irritado a Nell. – Não, Nell. Não estou bêbeda. Sou uma mãe que amamenta. – Estende a mão para o copo de água que está em frente de Nell e bebe longamente. – Estou muito abalada com esta notícia do tal Hector. Vi-a quando vinha para cá. Fazem ideia de quem o matou?

– Não, mas ouçam... – diz Colette, mas Francie interrompe-a.

– Ele tinha a chave da casa dela. Podia ter entrado. Ou ter deixado entrar alguém. Vão juntar dois mais dois, certo? Até um idiota como o Mark Hoyt é capaz de estabelecer a ligação.

– Sim – diz Nell. – E estão a pedir voluntários para revistar a propriedade e a zona em volta à procura do Midas. Devíamos ir.

Francie tem o rosto crispado. – Queres dizer, à procura do corpo dele.

Colette inclina-se para a frente. – Ouçam. Tenho uma coisa que preciso de vos contar... Aconteceu uma coisa muito perturbadora hoje. – Tira um envelope do saco das fraldas em que aparece o seu nome escrito a verde em letras maiúsculas. – Chegou isto para mim hoje, ao gabinete do *mayor*.

Nell vê as letras maiúsculas. A tinta verde. Pega na mala que tem aos pés e tira dela um envelope similar, com o seu nome escrito na mesma letra. – Chegou isto para mim, ao meu trabalho – diz Nell. – Foi por isso que vos pedi para nos encontrarmos. Para vos mostrar.

O envelope estava no seu cacifo do correio quando ela regressou do almoço. Abriu-o sentada à cabeceira de uma mesa, antes de uma reunião para informar os outros funcionários da empresa sobre as mudanças iminentes no sistema de segurança. Fez a sua apresentação à toa, nervosa com o que estava dentro do envelope.

Francie arregala os olhos. – Oh, meu Deus! Eu também recebi um desses. Em casa, hoje de manhã. Não o abri. O que é? – Arranca o envelope das mãos de Nell e tira dele o retrato da polícia. – Quem enviou isto?

– Não faço ideia – diz Colette, quase a segredar. – Alguém que sabe que estou a trabalhar para o *mayor*. Que são, tipo, vocês e o Token, que duvido que tenha sido o remetente disto.

– Porque é que ele foi preso?

– Não diz aqui – responde Nell. – Andei a pesquisar, mas...

– A pesquisar? – Francie está a fitar Nell. – Onde?

– Em alguns *sites*. Queria ver o que conseguia encontrar. Quer dizer, porque é que me enviariam isto? Ainda é mais sinistro agora. Porque é que nos foi enviado *a todas*? – Baixa a voz. – Fui ao *site* do The Village, à página do administrador das Mães de Maio. Entrei nela para ver o perfil dele, para ficar a saber um pouco mais sobre ele.

– Como...? – Francie não tira os olhos de Nell.

– Não importa. É uma coisa que sei fazer.

– E? – pergunta Colette.

– E nada. Mal o preencheu. Cresceu em Manhattan, o que penso que sabíamos. A pessoa com quem vive chama-se Lou. Nem sequer incluiu uma fotografia.

Francie fala em voz baixa. – Devias voltar a entrar no *site*. Ver o perfil da Winnie. Ver se ela diz quem é o pai do Midas.

Nell hesita e depois inclina-se mais para a frente. – Já fiz isso.

Um homem esbarra contra a cadeira de Nell, derramando alguma coisa no ombro dela. Ela vira-se, irritada, e vê que é alguém que conhece – um vizinho do seu prédio.

– Nell, olá. Desculpe lá isto.

É o tipo que vive no andar de baixo, o que tem sempre a perna direita das calças enrolada, pronto a montar uma bicicleta; o que tem uma mulher mal encarada.

– Que tal vai isso? – pergunta ele. – Como está a bebé?

– Está ótima, obrigada.

O homem acena com a cabeça. – Dá a ideia de que anda a ter dificuldade em adormecer, não?

– O que quer dizer?

– A Lisa e eu ouvimo-la chorar por vezes. Pelo teto.

– Oh, certo. Bem...

– De facto, a Lisa até fez uma pesquisa. Deixam a bebé usar chupeta?

– Chupeta? Deixamos.

– Oh. Porque a Lisa leu que a chupeta pode ajudar a que os bebés não chorem.

– Certo – diz Nell. – Deduzo que não têm filhos.

– Ou há umas faixas novas. Acho que se chamam Enchanted SleepSuit ou coisa do género. Se o bebé chorar...

– É simpático da sua parte estar tão preocupado – diz Nell, com a paciência a esgotar-se. – Mas não há necessidade. O choro ontem à noite. Não era a bebé.

– Não? Quem era?

– Era o meu marido. O Sebastian.

– O Sebastian?

– Sim. Estava a ver o *Eternamente Amigas* outra vez. Comove-o sempre.

O homem faz um sorriso amarelo. – Certo. Até logo, Nell.

Ficam as três em silêncio enquanto ele acaba de pôr leite e açúcar no seu café ao balcão, perto delas. Mal sai do café, Colette inclina-se para Nell. – O que dizia no perfil da Winnie?

– Não estava lá – responde Nell. – Não tem perfil no *site*. Não há nenhum registo de se ter inscrito que eu conseguisse encontrar.

– O que é que isso quer dizer?

– Não sei bem. Suponho que ela cancelou a inscrição e o sistema não guarda um registo disso. E, na verdade, quem a pode censurar? Imagina-a a abrir o email, na esperança de ter boas notícias sobre o Midas, e a ver-se inundada com dezasseis emails sobre os exercícios Kegel.

Colette pousa a testa nas mãos. – Isto está a ficar uma loucura. Não faço ideia do que devíamos fazer agora.

– Eu faço – diz Francie. Olha de Colette para Nell, com uma expressão perturbadoramente opaca, como se uma persiana tivesse sido corrida sobre os seus olhos. – Vamos fazer o que for preciso para encontrar o Midas. Não vamos desistir dele. Não até ter de ser. Não até termos a certeza de que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para ele voltar para onde devia estar: em segurança com a mãe dele.

⁶ Amigalhões do Sexo. (*N. da T.*)

⁷ Archie, Veronica e Betty são personagens de uma banda desenhada popular nos Estados Unidos. (*N. da T.*)

CAPÍTULO QUINZE

OITAVA NOITE

Tenho andado a pensar numa coisa nestes últimos dias – naquela promessa que fiz a mim mesma quando descobri que estava grávida. Que momento aquele! Acocorada sobre a sanita na farmácia Duane Reade, demasiado ansiosa para esperar até chegar a casa para fazer o teste, vendo as duas linhas de um tom rosa de pastilha elástica a formarem imediatamente uma cruz, como a que a minha mãe tinha pendurada por cima da porta do quarto dela.

Não, jurei a mim mesma, não vou ser uma dessas mães.

Não vou ler os livros todos. Não me vou preocupar com os ftalatos no champô, os pesticidas no leite em pó. Com o bisfenol A na embalagem da comida chinesa. Nunca, jamais me porei no supermercado a falar alto com o meu filho na esperança de que toda a gente ouça como sou compreensiva, como somos chegados, como se ser mãe fosse uma porra de uma *performance* artística.

Não me tornarei uma pessoa diferente.

E depois quanto tempo é que demorei a quebrar essa promessa?

Três minutos.

Sim, três minutos: o tempo que demorou a envolver o teste de gravidez em papel higiénico, metê-lo na minha mala, lavar as mãos e sair. Três minutos e passei a ser uma pessoa completamente diferente.

Uma mamã.

Como soube? Porque fiquei à esquina, sem carros à vista, e esperei pelo semáforo. Nunca tinha feito isso na minha vida. Ainda me estou a ver. Uma multidão a passar por mim a toda a pressa, para a rua sem carros, a caminho do ginásio, de um *brunch*, com os seus copos de café a derramarem umas gotas nos fatos de treino, enquanto eu me deixei ficar ali, imóvel, com as palmas das mãos encostadas à barriga, convencida de que mal descesse do passeio um carro ia disparar rua abaixo vindo do nada, dobrar a esquina e esborrachar o bebé (e eu com ele) contra o para-brisas.

E nunca mais olhei para trás. De repente, era quem eu era. Foi como se uma escada rolante tivesse aparecido por magia debaixo de mim, fazendo-me subir

contra a minha vontade, a levar-me para um lugar onde de repente tudo era de rezear: microondas, tampas de saneamento, o pó das obras na casa ao lado. Tudo era motivo de preocupação, coisas que eu não podia ignorar se não queria correr o risco de perder o bebé. De que me fosse roubado.

Dei o meu melhor para o proteger.

Falhei.

É mais tarde agora. Acabei de acordar de uma sesta intermitente, que esperava que pudesse fazer-me sentir melhor, desanuviar-me a mente. Dar-me coragem para ser mais sincera.

Começo a arrepende-me da minha decisão.

Pronto, já o disse. Já são horas de ter a coragem de deitar isto tudo cá para fora. E aqui vai mais:

Isto não está a resultar, entre nós. Receio que, faça eu o que fizer, o Joshua nunca seja feliz comigo. Os nossos dias juntos têm sido difíceis. Ele anda mal-humorado, ignora-me, afasta-me.

Desliga, como se eu nem estivesse ali. Como se os meus sentimentos não tivessem importância. (Nunca lhe diria isto, mas juro que é *tal e qual* o pai dele.)

Hoje de manhã recordei-lhe que isto era algo que *ambos* queríamos. E depois disse algumas coisas que preferia não ter dito. Disse-lhe que talvez eu tivesse cometido um erro. Que talvez estivesse melhor antes. Que teria de viver com o que fiz para o resto da vida e que já não acreditava que tivesse valido a pena. Consigo ser tão má por vezes! Não devia ter dito nada daquilo.

Tenho andado a tentar ver as coisas pelo lado dele. Como deve ser irritante a minha necessidade constante de falar sobre as coisas, especialmente agora que soltaram o Bodhi. Como ainda não percebi tudo. Conte-lhe todas as minhas histórias, claro – como sempre fui tão *esperta*, a rebentar com a escala em pequena, uma solucionadora nata de problemas, como dizia a minha mãe. E agora penso que ele está à espera de que seja eu a resolver este impasse, a conceber a estratégia correta. A assegurar-me de que estamos protegidos.

Mas sabem o que mais chegou a hora de admitir? Que não sou nada esperta. Que, de facto, sou uma autêntica atrasada.

Não podemos ir para a Indonésia. O Joshua não pode tirar o passaporte, obviamente. Eu devia ter-me apercebido disso desde o início – é exatamente o

tipo de coisa em que o Dr. H me teria ajudado em tempos. A ver as inconsistências nos meus raciocínios, a minha incapacidade de interpretar até as coisas mais simples. Por isso, estamos de volta a Brooklyn, de volta à *bolha*, a tentar pensar num novo plano, a viver discretamente, a tentar pôr as coisas em ordem para sair daqui.

As Mães de Maio estão por toda a parte. Por vezes, ponho-me à janela, a espreitar por trás da cortina para apanhar um pouco de sol na cara, e vejo-as. Há umas horas, foi a Yuko, a caminhar no passeio à sombra com um tapete de ioga debaixo do braço e fones nos ouvidos. Depois, nem daí a vinte minutos, a Colette. Estava com um tipo que deduzi ser o Charlie. O grande escritor Charlie. Trazia a Poppy numa faixa ao peito e ele e a Colette iam de mãos dadas, a rirem-se de alguma coisa, a passarem um café gelado entre os dois, ela com os braços carregados de flores do mercado biológico. A família ideal de Brooklyn. Tão bons a fazerem com que a perfeição pareça fácil.

O que as pessoas como eles não compreendem é o efeito que ver cenas como aquela provoca em pessoas como *eu*. Em pessoas que não têm o que ela tem. Eu e o Joshua fomos dar uma volta de carro ontem, e eu estava a olhar pela janela nuns semáforos. Vi uma mamã no carro ao lado. Estava no lugar da frente, a olhar em frente, mas tinha o braço estendido para o assento de trás e estava de mãos dadas com uma menina pequena que estava presa na cadeirinha do carro. Era uma cena tão simples e tão linda! Mal ela sabia que estava a despedaçar-me o coração. Na cidade consegue sentir-se, o ritmo das crianças. Os gritos e os risos de manhã cedo, corpinhos a correrem, a correr entre aspersores em jardins de traseiras invisíveis da rua, a disputarem os baloiços nos parques infantis. Depois a calma por volta do meio-dia, quando regressam a casa para lavarem as mãos, almoçarem e fazerem a sesta, em silêncio, tranquilamente, de queixo descaído e respiração audível, até acordarem daí a umas horas, com energia renovada.

Não suporto manter-me dentro de casa por muito mais tempo, mas também não suporto a ideia de dar com uma delas na rua, de ter de fazer conversa sobre como me sinto, onde estive. De ter de ouvir a pergunta inevitável: *Meu Deus, o que terá acontecido ao Midas?*

Oh, não! O Joshua acordou. Tenho de ir. Ele detesta mesmo ver-me a chorar.

CAPÍTULO DEZASSEIS

NONO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 13 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 60.º DIA

Falemos de... sexo. O mais certo é teres andado demasiado cansada nestas últimas semanas para dares grande atenção ao tópico. Embora seja comum sentir uma diminuição da libido depois de dar à luz, há boas hipóteses de que as coisas comecem a dar a sensação de terem voltado ao normal nesse setor. É importante que nós, as novas mamãs, não nos esqueçamos de que também somos esposas. Por isso, talvez tenha chegado o momento de abrir uma garrafa de vinho, pôr uma musiquinha e ver o que acontece. (Mas lembrem-se, meninas: OS CONTRACETIVOS SÃO OS NOSSOS MELHORES AMIGOS.)

Francie está sentada na soleira quente e áspera de um prédio antigo, a comer um *pretzel* com cobertura de chocolate e a pressionar a bolha que tem no calcanhar, com a máquina fotográfica pousada no regaço.

Faz todo o sentido, pensa mais uma vez.

A maneira como ele olhava para Winnie durante os encontros, lhe segredava ao ouvido, lhe guardava um lugar ao lado dele na manta. Era como se estivesse obcecado por ela. E para onde foi, depois de desaparecer tão abruptamente do Jolly Llama? Francie devia ter-se concentrado nisso desde o princípio, não se ter deixado descarrilar por pistas falsas. Archie Andersen, que parecia ter-se evaporado. O falso Archie Andersen. Só de pensar naquele sujeito sentia repulsa – as mãos dele no seu corpo, o fedor do hálito dele. Tem-se sentido agoniada desde que se levantou daquele sofá, com a desculpa de que tinha de ir à casa de banho, e saiu porta fora.

Não contou a Nell e a Colette que se encontrara com ele, nem as coisas que ele lhe disse. Não havia necessidade. Era um mentiroso. Ela adivinhou logo, mal o viu. *Talvez* ele tenha contado a verdade em certas partes. *Talvez* ele e Winnie se tivessem enrolado. E depois? Winnie era solteira, podia fazer o que quisesse.

Francie nunca tinha dormido com mais ninguém a não ser com Lowell (o professor de Ciências não contava), mas tem noção de como as coisas funcionam no mundo real. Especialmente nos dias que correm, especialmente em Nova Iorque, e com toda a certeza no caso de uma mulher tão linda como Winnie. Mas ela ter dito aquelas coisas sobre Midas? Que não queria o seu filho?

Não.

Francie conhecia mulheres que não gostavam dos próprios filhos. Tinha sido criada por uma delas. Mas Winnie não era nada assim.

Uma porta fecha-se com estrondo do outro lado da rua. Francie pega na sua máquina fotográfica e fixa-a numa mulher com calças de ioga e um *top* de alças que vem a descer as escadas do número 584, o endereço que Nell copiou do perfil de Token nas Mães de Maio. A mulher para e faz uns alongamentos nos degraus e depois vira-se na direção do parque, começando a correr um pouco mais abaixo. Francie começa a sentir-se impaciente. Está sentada nesta soleira há mais de uma hora, e há pessoas a chegarem para consultas no consultório do quiroprático no rés do chão. A mãe de Lowell, Barbara, marcou hora no cabeleireiro para o meio-dia, e Francie prometeu que voltaria para olhar pelo bebé muito antes disso. Pega na máquina fotográfica e promete a si mesma que só ficará mais dez minutos, pondo-se a ver as fotografias guardadas – os bebés do encontro das Mães de Maio cinco dias antes, trabalho a que não se dedicou ainda, as imagens de Hector Quimby com a sua camisa amarelo-clara de golfe, à porta da casa de Winnie.

Francie fecha os olhos e vê Hector tal como o observou do seu lugar no banco de jardim, com as mãos unidas atrás das costas, a andar lentamente de um lado para o outro em frente à casa de Winnie. Quem *era* ele? Segundo Patricia Faith, o corpo de Hector foi descoberto depois de a mulher telefonar para a esquadra local a dizer que o marido tinha ido tratar de umas coisas na propriedade dos Ross e não voltara para casa. Eram casados há cinquenta e dois anos. Tinham dez netos. Ele fazia trabalho voluntário como motorista de uma organização de solidariedade que levava refeições a casa. Trabalhara quase trinta anos para a família Ross, Winnie era como uma filha para ele. As provas forenses indicavam que, depois de ser morto, o seu corpo fora arrastado para o bosque, encharcado em gasolina e queimado.

Francie põe-se de pé e mete a máquina fotográfica na mala, sabendo que já é hora de desistir e voltar para casa. Está demasiado calor para ficar ali sentada mais tempo. Uma coisa boa que resultou da visita de Barbara é que Lowell

chegou a casa ontem à noite com um aparelho de ar condicionado novinho em folha, depois de a mãe se queixar do aparelho em segunda mão. O que Francie vai fazer é ir para casa, ligá-lo e pôr-se a brincar com Will algumas horas no apartamento fresco. Sente a barriga a dar horas quando desce as escadas e se vira para descer a rua íngreme de regresso a casa, mas depois ouve uma coisa: a porta do prédio de Token a fechar-se mais uma vez.

É ele.

Traz Autumn num marsúpio e está a pôr uns óculos de sol, desce as escadas e vira para oeste, em direção ao parque. Francie põe a mala a tiracolo e segue-o pela rua íngreme acima, tentando ignorar a dor da bolha no calcanhar, e tendo o cuidado de se manter a meio quarteirão de distância dele. Ele vira para norte na Eighth Avenue e percorre dois quarteirões, até ao Spot. Ela atravessa a rua, acocora-se por trás de uma carrinha *Volvo* e espreita pelas janelas da carrinha. Quando ele se senta num banco junto à montra, Francie ergue a máquina fotográfica e observa-o através da mira enquanto ele folheia um jornal que alguém deixou no balcão e mexe o seu café – o mesmo *espresso* duplo com um pouco de leite quente que ele costumava levar para todos os encontros.

Token bebe o café em três goles de seguida, faz um telefonema e depois encaminha-se para a porta. Francie põe-se por trás de outro carro e cola o telemóvel à orelha, a fazer de conta que está a falar com alguém. Vira-se cautelosamente e, quando o vê começar a subir a rua íngreme, segue-o do outro lado da rua, a tentar manter-se fora de vista por trás dos carros estacionados entre eles. Dá a ideia de que ele vai virar à direita, afastar-se do seu apartamento, e Francie começa a atravessar a rua. Contudo, subitamente, ele para e dá meia-volta. Ela está no meio da rua, à vista dele. Gira sobre os calcanhares e volta a correr para o passeio, mas tropeça na berma, tentando proteger a máquina fotográfica, e sentindo um ardor na base de ambas as mãos e uma dor no joelho onde bateu com ele no passeio.

– Oh, meu Deus! A senhora está bem? – Uma mulher de mais idade está de pé junto a ela, com um cão pequeno com sapatinhos pela trela. – Deixe-me ajudá-la.

– Eu estou bem – diz Francie, pondo-se de pé. Tem um corte grande no joelho e corre-lhe um fio de sangue pela canela abaixo.

– Tem a certeza? Deixe-me dar-lhe um lenço de papel.

– Eu estou bem – repete Francie, tentando afastar a senhora. Pega na mala e vira-se, dando de caras com Token.

Token sai da cozinha estreita junto à sala de estar com uma compressa de gelo numa mão e duas canecas de café na outra. – Merda! – exclama, pousando as canecas na mesa de apoio. – Esqueci-me de que, ao contrário de mim, que vivo à base disto, não tomas café.

– Já me deixei disso. – Francie pega na caneca e na compressa de gelo.

– Espera aí. Deixa-me ir buscar qualquer coisa para esse corte. É bastante feio.

Sai pela porta dupla no outro lado da sala e desaparece para um quarto de dormir. Um grande ecrã de televisão encaixado numa estante está sintonizado no *The Faith Hour*, que mostra nesse momento a cena da propriedade de Winnie no norte do estado, filmada de um helicóptero, onde mais de cem pessoas vieram para ajudar a revistar a zona. Patricia Faith, a filmar ao vivo toda a semana a partir do salão de baile de um hotel Ramada, que foi escolhido para quartel-general da busca, está sentada a uma mesa de banquete a falar com o pastor de uma igreja protestante das imediações. Patricia parece particularmente preocupada hoje.

«Do meu ponto de vista», diz ela, «há duas opções.» Ergue um dedo com uma unha perfeitamente envernizada. «Hector Quimby esteve envolvido no desaparecimento do Bebé Midas. Talvez alguém lhe tivesse pago – não especulemos sobre quem seria, para já – para ele levar o Midas e se livrar dele. E talvez esse plano tenha dado para o torto.» Ergue outro dedo. «Ou ele é mais uma trágica vítima nesta já trágica história. Talvez soubesse alguma coisa que não deveria saber. Talvez tivesse de ser silenciado.»

O pastor abana a cabeça. «Com o devido respeito, Miss Faith, mas eu conheço o Hector e a Shelly Quimby há quase quarenta anos. Batizei-lhe os filhos e os netos. E juro sobre a Bíblia do meu avô que de maneira nenhuma aquele homem bom, caloroso e *cristão* poderia ter tido alguma coisa a ver com o rapto ou o assassinio de um bebé.»

«E o que pode dizer-me sobre Winnie Ross?» pergunta Patricia, fitando o pastor com os olhos semicerrados. «A família dela tem aquela casa há décadas. Conhecia algum deles?»

O homem limpa a boca com um lenço de pano. «Não, minha senhora, não posso dizer que conhecesse. Tanto quanto sei, nem um único elemento da família Ross alguma vez pôs o pé em *alguma* igreja da zona.»

Francie desvia o olhar da televisão, sentindo-se estonteada. Token verificou-lhe a cabeça, passando-lhe os dedos pelo cabelo e pressionando-lhe suavemente

a cabeça toda. Embora não houvesse sinal de nenhum hematoma, ela sente a cabeça a latejar. Olha à sua volta para o apartamento, que é pequeno e está arrumado. O sofá em que está sentada, estofado com um tecido de linho, tem ao lado uma mesa de apoio antiga de mogno, e há pequenas fotos emolduradas com cenas da vida citadina na parede junto a uma mesa de jantar em que está pousado um vaso com rosas frescas. Francie levanta-se e vai pé ante pé à estante, com o joelho a latejar, e observa algumas fotos emolduradas de Autumn e Token, Autumn e uma mulher qualquer. A casa de banho fica ao lado da sala de estar e ela espreita lá para dentro e vê frascos de produtos de limpeza do rosto e gel de cabelo muito bem alinhados no peitoril de um postigo.

Ouve os passos de Token a aproximarem-se dela e fecha a porta da casa de banho. – Estava debaixo do fraldário – diz ele, erguendo a pequena bisnaga de Neosporin. – É claro, onde mais haveria de estar? – Volta a conduzir Francie para o sofá. – Senta-te. Deixa-me pôr-te um bocado disto no joelho.

– Eu posso fazer isso – diz ela, pegando na bisnaga.

Ele senta-se na cadeira em frente a ela. – Para onde é que ias a correr com tanta pressa?

– Sabes como é. Estava a ver se fazia algum exercício. – Aponta para a dobra mole da sua barriga. – Dizem que o peso que se ganha na gravidez desaparece com a amamentação. É mentira.

– Com a mala da máquina fotográfica?

– É. Ando a tentar começar aquele negócio dos retratos. Nunca se sabe quando se vai encontrar um potencial cliente.

Ele acena com a cabeça e lança um olhar à televisão. – Não sei porque é que tenho a televisão ligada para esta mulher horrível. Ela anda encantada com esta notícia da morte do Hector.

– Do Hector?

– Sim. Do Hector Quimby. O tipo...

– Eu sei de quem estás a falar – diz Francie. – Mas disseste o nome dele como se o conhecesses.

Token olha para ela. – Disse?

Francie desvia o olhar. A compressa de gelo faz-lhe arder o joelho. – Este apartamento é jeitoso – consegue dizer, e depois, pela porta dupla que dá para o quarto de dormir, vê três guitarras pousadas em cavaletes. – Tocas guitarra?

Ele encolhe os ombros. – Não tanto como dantes.

– Hum... – Francie bebe um gole de café. – Então, fala-me de Lou.

Soa um alarme na cozinha. – Eu volto já. – Regressa com um bolo, que pousa numa base em cima da mesa.

– Saí para ir dar um passeio e esqueci-me de que tinha isto no forno. Ainda bem que me lembrei antes que pegasse fogo ao prédio todo. – Corta o bolo com uma faca comprida e fina. – Para ser franco, não tenho jeito nenhum para fazer bolos. Seja como for. Vou tentando.

– Para mim, só uma fatia pequena – diz ela. – Ando a tentar cortar nos hidratos de carbono e no açúcar.

Token estende-lhe uma fatia num guardanapo e comem em silêncio por uns momentos. Francie repara em como lhe treme a perna, na maneira como está sempre a pigarrear e a desviar os olhos para o ecrã da televisão por trás dela.

– Sabes, tenho andado a pensar – diz Francie. – Nunca chegaste a contar a tua história do parto.

– A minha história do parto, hein? Não esperava que chegasse a minha vez.

– Porque não?

– Não fui eu que fiz o trabalho.

– Referes-te à mamã?

– Sim. – Token ri-se e amarrota o guardanapo nas mãos. – À mamã.

– Adotaste?

– Se adotei? Não.

– Então como é que arranjaste a bebé?

– Como é que a *arranjei*. – Fita Francie com os olhos semicerrados. – Bem, sabes, Francie, quando duas pessoas se amam...

– Não, quero dizer...

Token ri-se. – Estou a brincar. Foi a Lucille que a teve.

– A Lucille? – Francie engole o bolo a custo. – Espera lá. O Lou é a Lucille?

– É. A minha mulher.

– Mas tu és *gay*.

Ele recosta-se na cadeira e ergue as sobrancelhas. – Sou?

Francie solta uma risada nervosa. – Não és?

– Acho que não.

– Bem, então como é que nunca te ouvi falar da tua mulher? E a coisa do grupo de mamãs. Não é realmente uma coisa que...

Ele está a acenar com a cabeça. – Eu tinha a sensação de que vocês todas pensavam isso. Não. Sou o mais heterossexual possível, e não adotámos. Tivemo-la à moda antiga. Com cesariana marcada e tudo. – Sorri. – Pelo menos, esse era o plano. Mas a Autumn tinha outra opinião. Chegou umas semanas

antes da data prevista e ainda por cima na noite em que eu estava fora, a tocar num concerto. Tenho quase a certeza de que a Lou ainda se sente irritada com a Autumn e comigo por causa disso. Não foi um parto fácil.

– E vocês estão a aguentar-se bem?

– A Lou e eu? Não. Na verdade, não. – Põe-se de pé e leva o bolo para a mesa de jantar, de costas para Francie. – Sabes como é depois de se ter um bebé. Temos de nos adaptar. – Vira-se para a olhar de frente. – Mas uma coisa te digo, se não fossem as Mães de Maio eu sentir-me-ia bastante perdido. Isola muito, fazer isto sendo homem. Mas vocês todas têm sido fantásticas. Eu não tinha a certeza, sabes? Um pai, a aparecer num grupo de mamãs. Digamos só que me sentia um bocado nervoso. Tem sido mais difícil nesta última semana, sem a expectativa dos encontros. Sinto falta de ver toda a gente.

– Toda a gente? – pergunta Francie. – Ou a Winnie?

Ele inclina a cabeça. – A Winnie? O que queres dizer?

– Quero dizer que talvez não sintas a falta dela. Talvez tenhas andado a vê-la desde aquela noite. Talvez saibas mais do que dás a entender. – Francie não pode negar que se sente encantada por olhá-lo nos olhos, por dizer aquelas palavras em voz alta.

Ele cruza os braços no peito e encosta-se a uma das cadeiras de jantar. Não parece saber bem o que dizer.

– E não é só isso, também pareces um bocado obcecado por ela. – Francie pousa os pés no chão e pousa o guardanapo e a compressa de gelo na mesa de apoio. – Vou ser frontal e dizer-te. Sabemos tudo sobre ti.

Francie juraria que o vê contrair os músculos dos maxilares. – Sabem tudo sobre mim?

– Sim. A tua detenção. O teu cadastro. Diz-te alguma coisa?

– O meu cadastro?

– Sim, é isso mesmo. – Faz uma pausa. – Então, o que é que tu fizeste?

Um lento sorriso alastra pelo rosto de Token. – Já que sabes tudo sobre mim, porque é que não me dizes tu?

– Bem, essa parte não sei. A Nell tentou descobrir, mas não conseguiu.

– A Nell tentou descobrir?

– Tentou.

– Como é que ela fez isso? – O pânico que Francie julgara ver no rosto dele é substituído por outra coisa. Fúria.

– Não tenho bem a certeza, para ser franca. Ela sabe entrar em *sites*. Procurou-te na Internet. Leu o teu perfil nas Mães de Maio. – Mal as palavras lhe saem da

boca, Francie duvida que devesse tê-las dito. Talvez não seja boa ideia denunciar assim Nell, mas está a sentir-se incomodada com o tom arrogante da voz de Token, com a maneira como está a olhar para ela. Endireita as costas, preparando-se para exigir uma explicação do motivo pelo qual ele saiu do bar naquela noite, para onde foi, o que anda a esconder. Mas, antes de ter tempo de o fazer, ele dirige-se para ela.

– Têm todas andado a investigar-me? A escarafunchar, é isso?

– Sim, mas...

Mas antes que ela possa dizer o resto das palavras, ele põe-se diante dela, estende a mão, agarra-lhe o pulso com força e levanta-a à bruta do sofá.

A bebé chora nos braços de Token e ele tenta acalmá-la ao mesmo tempo que sente uma fúria a crescer dentro de si. A irritação cutânea de Autumn provocada pelo calor está a deixá-la muito rabugenta. O médico disse que é o resultado de ela passar demasiado tempo no marsúpio com este calor – tem andado pelos trinta e tal graus nos últimos três dias –, mas é a única maneira de a adormecer, e Token precisa que ela durma para lhe dar algum descanso a ele.

Vai à cozinha e deita o resto do bolo no caixote do lixo, lembrando-se da expressão no rosto de Francie, de como pareceu assustada quando ele a conduziu à porta e a empurrou para o corredor lá fora. Segura a bebé contra o ombro e liga a torneira, com o vapor da água quente a erguer-se enquanto lava o prato do bolo. Calculou mal quando pensou que poderia confiar naquelas mulheres. Que poderia juntar-se ao seu grupo, tentar integrar-se, pensar...

Inspira lentamente, tentando recompor-se. Precisa de dormir. Esteve acordado a maior parte da noite passada, a pensar em Winnie, na mensagem que ela lhe deixou na manhã anterior, antes de se saber a notícia, a dizer-lhe que tinham encontrado o corpo de Hector. Token ainda não conseguiu entrar em contacto com Winnie – ela não está a atender-lhe as chamadas – e não sabe o que fazer. Desliga a água e estende a mão para o pano que está no armário por baixo da lava-loiça. Ao fazê-lo, julga ouvir passos lá fora, à porta do apartamento. Vai à sala de estar e põe-se à escuta. Está alguém à porta, a desandar uma chave na fechadura.

– Olá, meu querido. – Dorothy pousa a mala no chão ao lado da porta. – Meu Deus, está mesmo quente hoje! Dizem que é a temperatura mais alta de que há registro... – Cala-se quando repara na expressão do rosto dele e aproxima-se e abraça-o, com Autumn entre os dois. – Estás bem?

Ele acena com a cabeça, acalmado pelo perfume familiar, com os braços dela a rodear-lhe as costas. – Esqueci-me completamente de que vinhas.

Ela afasta-se e toma-lhe o rosto nas mãos, a estudar-lhe os olhos. – Mas pode ser hoje?

– Sim, claro.

– O que é que se passa?

– Nada, mãe. Não te preocupes. Só estou cansado.

– Como é que está a correr a viagem da Lucille? – pergunta Dorothy enquanto tira as sandálias e as põe ao lado da porta antes de lhe tirar Autumn dos braços.

– Prolongaram-na. – Ele entra na cozinha e pousa as canecas do café no balcão. – Só volta amanhã, afinal. Mas dá a ideia de que está a correr bem. – Ainda bem que Dorothy não pode ver o rosto dele. Saberá que ele está a mentir.

Lou telefonou na véspera à noite de Los Angeles a dizer que a sua última reunião tinha sido adiada um dia. Ele sabe que não é verdade, que ela só ficou lá para passar mais uma noite com ele. Com *Cormac*. O raio do patrão. O parvalhão com cartão de membro de um ginásio de luxo e motorista. Há um ano que Token encontrou os emails deles quando se pôs à procura do número de telefone do dentista enquanto Lou estava no duche.

Os nomes carinhosos. Os locais de encontro.

Lou jurou que tinha sido só um caso sem importância, que já tinha acabado tudo. Que estava pronta a fazer o que Token andava a pedir-lhe: comecem a tentar ter um filho.

– A minha neta está pronta para o Dia da Vovó?

Dorothy levava Autumn para o seu primeiro Dia da Vovó quando a bebé tinha apenas vinte e três dias. Lou já tinha regressado ao trabalho. Estava em vias de fechar um negócio importante quando as águas lhe rebentaram, duas semanas antes da cesariana que marcara, e não lhe agradou nada parar de trabalhar antes de atar as pontas a esse negócio. Disse que ia para o escritório só por umas horas, naquele primeiro dia, mas só regressou a casa às nove e meia da noite, e voltou a trabalhar sessenta horas por semana desde essa altura. Ou dizia que estava a trabalhar.

– Não achas que devias reduzir? – Token perguntou a Lou há umas semanas, com laivos de fúria na voz, a fazer-lhe saber que não estava disposto a continuar

a alinhar naquela charada. – Sabes o que quero dizer, reduzir esse *trabalho* todo?

Ela encrespou-se toda e saiu da sala. – E como é que eu hei de fazer isso? – berrou do quarto. – Se não tivéssemos o meu salário...

– Tens a certeza de que estás bem? – pergunta-lhe agora a mãe ao entrar na sala de estar com Autumn ao colo. Ela está com um vestido de algodão com margaridas amarelas.

– Estou bem, mãe. A sério.

– OK. – Dorothy mete Autumn no carrinho de bebé.

– Compraste-lhe esse vestido?

– Não consigo controlar-me. – Dorothy aproxima-se dele e faz-lhe uma festa na face. – O que é que tu vais fazer?

– Ainda não sei bem.

– Dormir, espero.

– É, provavelmente. – Ele beija-lhe a testa. – Obrigado, mãe.

Fecha a porta e aguarda um momento antes de entrar no quarto, onde abre a gaveta da mesa de cabeceira e tira o envelope. Espreita para dentro dele, assegurando-se de que os papéis ainda lá estão, e depois enfia os ténis à janela, para confirmar que a mãe está fora de vista antes de sair de casa.

Sabe exatamente onde vai e caminha rapidamente, antes de ter tempo de se arrepender. Que se lixe a Nell, pensa. Que se lixe a Francie, a segui-lo nessa manhã, a «esconder-se» por trás daquele carro, a vê-lo tomar café no The Spot. Que se lixem elas todas. Quando chega à casa de Winnie, daí a dez minutos, vê que o número de jornalistas à espera cá fora diminuiu, porque muitos deles com certeza foram para o norte do estado para cobrirem os avanços da busca.

Mantendo-se à distância, do outro lado da rua, com os olhos escondidos por trás dos óculos de sol, repara que apareceram dúzias de novas girafas Sophie desde o dia anterior e lê as mensagens mais recentes para Midas – *Rezamos pelo Bebê Midas. TRAGAM O MIDAS PARA CASA* – afixadas à tília em frente à casa de Winnie. Olha para cima, para as janelas de Winnie, e imagina o que estará a passar-se por trás dos espessos cortinados de seda. Imagina Mark Hoyt na cozinha, acorocado ao lado da ilha, a inspecionar uma pequena mancha que acabará por se revelar ser molho de tomate derramado no chão de cerâmica dez dias antes; os especialistas forenses a passarem os dedos com luvas de látex na vidraça da janela do quarto de Midas, a percorrerem lentamente o quarto de Winnie, a verificarem, mais uma vez, a porta para o terraço. Token olha para a porta e recorda a primeira vez que entrou naquele quarto.

Vira costas à casa e tira o envelope dobrado do bolso. Apareceu na sua caixa do correio há dois dias. Ainda não sabe quem o enviou, ou porquê, e tencionara ignorar os papéis nele contidos, com a certeza de que quem quer que estivesse por trás daquilo só tinha más intenções.

Atravessa a rua e aproxima-se de Elliott Falk, que está encostado ao capô de um *Subaru* castanho à sombra, a fumar um cigarro.

– Quer uma história?

Falk solta uma baforada de fumo. – Provavelmente. Sobre o que é?

– É sobre a noite em que o Midas foi raptado. Sobre a mulher que aparece na fotografia que a Patricia Faith divulgou. Aquela que estava bêbeda, no Jolly Llama.

Os olhos de Falk brilham. – E o que é que ela tem?

– Chama-se Nell Mackey.

– Nell Mackey?

– Sim. E devia investigá-la.

– Investigá-la? Como assim?

Entrega o envelope a Falk. – Ela não é quem diz ser.

Falk atira com o cigarro para a rua e tira os papéis do envelope. Assobia baixinho enquanto lê. – Uau, pá, obrigado!

Token tenta responder, mas fica com as palavras presas na garganta. Afasta-se na direção do parque, com os olhos pregados no chão e um nó duro de vergonha no peito.

CAPÍTULO DEZASSETE

DÉCIMO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 14 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 61.º DIA

Não é para te alarmar, mas devias começar a prestar atenção à forma do crânio do teu bebé. Embora «de costas» seja o método preferível de o pôr a dormir, demasiado tempo passado deitado de costas pode fazer com que o teu pequerrucho desenvolva um ponto mole, conhecido como plagiocefalia posicional. Podes evitar este problema se te assegurares que ele fica de barriga para baixo o tempo suficiente todos os dias. Se o ponto achatado te parecer pronunciado, fala com o pediatra.

– Ellen! Ellen! Sorria para nós!

– Ellen, sabe o que aconteceu ao Midas?

Sebastian bloqueia as máquinas fotográficas dos jornalistas com o braço e abre caminho à força por entre a multidão, a proteger Nell.

– Algum comentário à sua foto no Jolly Llama? Estavam muito bêbedas, você e a Winnie, naquela noite?

– Está com ótimo aspeto, Ellen! O que pensa da nomeação para o Prémio Nobel da Paz de Lachlan Raine esta manhã?

Nell agarra a mão de Sebastian, atordoada com o clarão das máquinas fotográficas e o zunido constante dos obturadores. Entra para o banco traseiro e Sebastian fecha a porta e acena-lhe um adeus do passeio enquanto ela diz a morada do escritório ao taxista. Este olha pelo espelho retrovisor e vê-a pôr a mala contra o vidro para obstruir a visão dos jornalistas, com os óculos de sol embaciados pelas lágrimas. – A senhora é atriz ou coisa do género?

– Não. Por favor, arranque – implora ela.

Quando o táxi se põe em movimento, o ecrã nas costas do assento da frente liga-se, sintonizado para um programa da manhã. Estão três mulheres sentadas a uma mesa, com canecas de café ao lado dos braços e uma expressão divertida no rosto. Nell odeia estes televisores estúpidos, instalados recentemente na parte de trás de todos os táxis. Pergunta-se porque será que as pessoas têm tanto medo de

ficarem a sós consigo mesmas durante uma corrida de táxi na cidade de Nova Iorque sem a distração deste «entretenimento» idiota. Ouve a voz da sua mãe na noite anterior ao telefone. *Respira fundo, Nell. Tudo vai ficar bem.*

Nell está a estender a mão para desligar o som da televisão quando ouve o seu nome.

«Ellen Aberdeen volta às notícias esta manhã,» diz uma das mulheres, com o cabelo louro oxigenado à *Barbie* e a testa tão imóvel e lisa como vidro. «Ontem à noite, foi noticiado por Elliott Falk, do *New York Post*, que Aberdeen, agora com trinta e sete anos, está a viver em Brooklyn e trabalha na Simon French Corporation. Dá pelo nome de Nell Mackey. Suponho que se casou.»

Uma das outras mulheres solta uma risadinha. «Deve ter sido um primeiro encontro um bocado embaraçoso. ‘Tu não és a do caso Aberdeen?’»

«Um momento», diz a terceira mulher, e ergue a mão em sinal de protesto. «Ela era uma estagiária de vinte e dois anos. Ele era o secretário de estado de sessenta e seis anos, e candidato à presidência. Por que demos o nome *dela* a este caso?»

Aparece uma fotografia num ecrã largo por trás da mesa delas: a imagem de Nell naquela noite no Jolly Llama. «Há mais», diz a primeira mulher. «Não vão acreditar nisto, mas *ela* é a mulher que estava no bar naquela noite...»

Nell tira o som à televisão e pressiona os olhos com as mãos em punho, sentindo o pânico a invadi-la. *Não, não, não. Por favor, que isto não esteja a acontecer outra vez.*

Uma fotografia de Nell com o secretário de estado Raine aparece a seguir – a fotografia original: eles nas escadas de incêndio, com uma garrafa de tequila entre os dois, os pés descalços de Nell pousados na coxa dele. Depois outras, as mesmas fotografias que apareceram estampadas nas primeiras páginas de jornais e nas capas de revistas por todo o mundo há quinze anos. Nell, de pé ao lado da mãe no dia em que se licenciou na universidade de Georgetown. Sozinha no banco traseiro de um táxi, depois de rebentar a notícia do caso, a expressão apossada nos seus olhos na capa da *Gossip!*.

Mergulha nas trevas, deixando-se inundar pelas recordações. O arrependimento persistente por se ter deixado levar – pela maneira como Lachlan falava com ela, pela maneira como olhou para ela da primeira vez que se viram, quando ele percorreu a fila a apertar a mão aos novos estagiários. Os presentes que lhe deixava na gaveta de cima da secretária que lhe foi atribuída ao fundo do corredor do gabinete dele, a aparecerem algumas semanas depois de ela ter começado a trabalhar para ele, depois de lhe ser concedido o estágio no

departamento de estado. Concorrera por impulso durante o último ano na universidade de Georgetown, que frequentava com uma bolsa de estudos. Era a única maneira de alguma vez ter chegado ali. Com o dinheiro que a mãe e o padrasto ganhavam, nunca teriam tido posses para pagar as propinas.

– Conseguiu, Ellen – disse a mãe de Nell quando ela lhe telefonou a dizer que tinha sido escolhida entre mais de oito mil candidatos. Não há limites para o que vais fazer, tenho a certeza.

Começou com uma moeda rara da viagem recente de Raine à Índia. Depois foi uma caixa de joias, com uma mensagem a dizer que a tinha visto numa montra em Paris e pensara nela; que não pôde deixar de reparar como as pedras de peridoto na tampa condiziam com os olhos dela. Por fim, foi uma volta fina de ouro com um E.

Para a Ellen, dizia esse cartão. Vou ficar até tarde no gabinete hoje à noite. Passa lá por volta das 8.

Havia muitas razões para dizer que não. Ele tinha o triplo da idade dela. Tinha mulher e quatro filhas, a mais velha apenas um ano mais nova do que Nell. Kyle, o namorado dedicado de Nell há quatro anos, pedira-a em casamento há pouco tempo. Mas Nell não disse que não ao secretário de estado. Lachlan anunciara recentemente que ia candidatar-se à presidência. Ela tinha vinte e dois anos, e receava não seguir as ordens dele, curiosa por saber o que queria.

Ele estava à secretária quando ela bateu à porta, e convidou-a a entrar, disse-lhe para fechar a porta e que precisava de ajuda para descobrir como imprimir com a nova impressora em rede. Mostrou-se descontraído, encantador, a rir-se da sua embaraçosa falta de capacidades técnicas; ia mandar vir comida indiana, será que ela gostava de camarões *korma*? Comeram sentados no chão, encostados à secretária dele, enquanto homens armados, de fato escuro, do serviço de segurança diplomática, andavam de um lado para o outro lá fora no corredor. Raine deu-lhe a provar o seu arroz doce e contou-lhe histórias de como tinha assistido ao célebre discurso de Martin Luther King, do seu encontro recente com o primeiro ministro britânico, de como tinham bebido duas garrafas de vinho ao jantar e adormeceram depois na sala de cinema da residência oficial em Downing Street, a ver o *Zoolander*.

A Nariguda. Foi o que lhe chamaram quando o breve caso dos dois foi revelado, depois de um aluno de liceu ter vendido a fotografia que tirara do seu telhado – Nell e Lachlan sentados na escada de incêndio. Kyle estava ausente nessa noite, e Nell aceitou quando Lachlan lhe ofereceu uma boleia para casa no banco de trás de um automóvel não oficial. Respondeu de novo que sim quando

ele se propôs a entrar por uns minutos. «É sempre tão interessante ver como vivem os jovens como você nos dias que correm», disse ele ao entrar no pequeno apartamento dela em Dupont Circle, a desapertar a gravata.

Nell ainda consegue ver o rosto de Kyle, a expressão nos olhos dele quando ela chegou a casa no dia em que a fotografia apareceu na primeira página do *Washington Post*. Kyle estava sentado à pequena mesa na cozinha deles, a beber uísque. Ao lado dele, no chão, estava uma mala. A dela.

– Tens de te ir embora.

– Não, por favor. Podemos falar..

Ele ergueu a mão. – Ellen, chega. Não quero ouvir nada. – Fitou-a com uma expressão cheia de repugnância. – Aqui? No nosso quarto?

– Não – respondeu ela. – Nunca. Só aconteceu uma vez. Eu não sabia como dizer...

– Não quero ouvir. Está tudo acabado entre nós.

Ela sentou-se em frente a ele. – Mas, Kyle. Os convites do casamento. Acabámos de os mandar.

– A minha mãe já começou a telefonar às pessoas, a dizer-lhes que foi cancelado. – Kyle acabou de tomar a sua bebida, dirigiu-se calmamente ao lava-loiça e lavou o copo. Pousou-o no escorredor e a seguir tirou o casaco do gancho perto da porta. – Falei com a Marcy. Ela disse que podes ficar lá. Vai-te embora antes de eu voltar.

Despediram-na do estágio daí a três dias, algo que ficou a saber quando um jornalista telefonou a pedir-lhe um comentário; um dos mesmos jornalistas que lhe chamaram destruidora de lares. Galdéria. Uma rapariga gorducha de nariz grande e em busca de uma figura paterna, sem a mínima contemplação pela mulher daquele homem. Priscilla Raine manteve-se ao lado do marido na conferência de imprensa, a escutá-lo, estoica, enquanto ele exprimia o seu arrependimento perante o público americano, a voz cheia de falsa contrição; quando ele prosseguiu, admitindo que tinha sido fraco, insinuando que Nell o seduzira – que lhe chamara «bonito» e se oferecera para trabalhar até tarde. Raine pôs o braço por cima dos ombros magros de Priscilla e explicou que pedira à família que lhe perdoasse, que andava a aconselhar-se com o pastor da sua igreja, que começara a procurar tratamento para o seu problema de álcool e que já não concorreria à presidência dos Estados Unidos. Eles – os meios de comunicação, os comentadores, as revistas de mexericos – afirmavam todos que Nell se gabara do caso aos amigos e lhes dissera que Lachlan ia deixar Priscilla

para ficar com ela. Nell nunca dissera tal coisa. Nunca o pensara. Não o queria por nada.

Umas buzinas interrompem os pensamentos de Nell, e apercebe-se de que estão a vir do táxi. O taxista debruça-se da janela e acena com o punho a um homem novo de bicicleta. – Chega-te para lá! Que é que tu tens, pá? – O cheiro de um camião do lixo à frente deles invade o táxi.

Foi Alma quem lhes disse, quem revelou a identidade de Nell a Mark Hoyt, que, por sua vez, deve ter contado aos meios de comunicação. *Tem* de ter sido ela. Nell tem a certeza desde o momento em que recebeu o telefonema de Elliott Falk no dia anterior, ao fim da tarde, a pedir-lhe que confirmasse a sua identidade e a dizer-lhe que a notícia ia aparecer na Internet daí a dez minutos.

Nell não planeava contar o seu passado a Alma, mas saiu-lhe tudo, naquele primeiro encontro, depois de saber que ia oferecer o lugar a Alma. Nell *tinha* de lhe contar. Alma ia passar cinquenta horas por semana com Beatrice. Precisava de saber, para o caso de acabar por chegar o momento que Nell receava há quinze anos – para o caso de ela ser descoberta.

Isto.

O táxi atravessa para Manhattan. Ela tenta recompor-se, mas as lágrimas voltam. Odeia-se. Todo o trabalho que teve, os passos que deu para se tornar outra pessoa. Os anos de psicoterapia, escondida em Londres, onde a pronúncia se tornou uma parte natural dela, obter o mestrado, trabalhar num instituto a ensinar alunos demasiado jovens para fazerem ideia de quem ela era. Nem mesmo Sebastian sabia, não até ao oitavo encontro dos dois, altura em que lhe contou tudo, convencida de que ele a deixaria.

Mas ele não a deixou; puxou-a para si. – Lamento muito que isso te tenha acontecido – disse.

– Eu alinhei naquilo – disse Nell, afastando-se dele e olhando-o nos olhos. – Não foi só ele.

Sebastian acenou com a cabeça e pegou-lhe nas mãos. – Eu sei. Mas tu eras uma miúda.

Nell examina o seu reflexo na janela do táxi: o cabelo curto, a tatuagem, o nariz incrivelmente pequeno e arrebitado, que ainda a espanta por vezes quando o vê ao espelho de manhã – pago pelo seu pai, que ela mal via, que vivia em Houston com a segunda mulher e dois filhos e lhe telefonava algumas vezes por ano. Nada disso importa, todos aqueles passos para parecer completamente diferente, para *ser* completamente diferente. Ela ainda é *ela*. Ela será *sempre* ela.

– Já chegámos – diz o taxista. Nell passa-lhe para as mãos uma nota de vinte dólares, abre a porta do táxi e sai para o passeio, de volta às luzes das máquinas fotográficas.

Daí a duas horas, Nell está sentada à secretária a rever a versão final do manual e a debicar uma sanduíche de ovo com salada que Sebastian lhe preparou nessa manhã, sabendo que ela já não pode comer na cantina da empresa. Não, sabendo a maneira como a olharão.

Há uma pancada leve na porta do seu gabinete. – Bom dia, Nell. – Ian espreita da porta e a seguir entra. – Que tal te estás a aguentar?

Ela gira na cadeira para o olhar de frente e força-se a sorrir. – Oh, sabes como é. Está a ser um pouco difícil neste momento. – Nell tem a certeza de que os editores da *Gossip!* estão neste momento lá em cima a falar sobre a história, a perguntar-se o que deveriam fazer, como tratarão da questão de escrever sobre ela. – Deve passar tudo numa questão de dias. Vão encontrar sangue fresco noutro sítio qualquer. – *Os tubarões como tu*, é o que ela quer dizer.

– A quantidade de máquinas fotográficas aqui em frente hoje de manhã, quando cheguei! Era uma multidão de respeito.

– Já falei com o chefe da segurança – diz ela. – Estão a ver o que podem fazer para manter as pessoas afastadas da frente do edifício.

– Não podem fazer nada. Telefonaram-me. É um espaço público. – Faz uma pausa. – Tu sabes como isto funciona, Nell. Os jornalistas têm todo o direito de estar ali.

– Sim, bem. – Encolhe os ombros. – Nunca se sabe. Pode ser que haja uma crise humanitária algures. Uma fraude eleitoral. Talvez um governo a bombardear os seus próprios cidadãos sobre o qual os americanos prefiram ler, em vez de sobre mim. Há que ter esperança, certo?

Ian inclina-se para a frente com uma expressão de perplexidade no rosto. – Tenho de te dizer, e falo sinceramente... o sotaque britânico? É um golpe de *génio*. A sério que eu não fazia ideia *nenhuma*. – O sorriso dele desvanece-se ao ver que ela não reage. – Lamento realmente aquilo do bebé da tua amiga. Deve custar muito.

Nell acena com a cabeça.

– Estavas lá na noite em que aconteceu, não estavas?

– Estava.

– Foste uma das pessoas que entrou na casa dela naquela noite? Antes de a polícia a isolar?

Nell acena com a cabeça mais uma vez.

– Ui! – Ian fecha a porta. – Então, o que é que achas que aconteceu? – Piscas o olho. – Há alguma coisa que queiras confidenciar-me? Só aqui entre nós?

– Para com isso de me piscares o olho, Ian. Nem tentes.

Ele suspira e encosta-se à porta. – OK, Nell, ouve. Detesto ter de ser eu a dizer-te isto, mas nós pensamos que devias tirar um tempo.

– Tirar um tempo?

– A pressão disto tudo deve estar a afetar-te.

– Eu estou ótima. Já sobrevivi a isto antes e voltarei a sobreviver.

– Pois. – Acena com a cabeça. – A questão, Nell, é que não tens realmente estado no teu melhor desde que voltaste ao trabalho.

– No meu melhor? Ian, poupa-me. Foi há menos de uma semana.

– É o que eu estou a fazer. A oferecer-te uma pausa. Talvez tenhamos exigido demasiado de ti, voltares assim...

– Ian, eu...

– Nós pagamos-te. Considera-o uma licença com vencimento a longo prazo. Uma licença de maternidade prolongada, se preferires. Por uns meses. Um pouco mais, se ajudar.

Nell ri-se. – Falas a sério? Uma licença de maternidade prolongada? É nova política da empresa? As senhoras vão ficar encantadas. – Ian sorri e ela tenta controlar a fúria que sente. – Quando queres que comece a minha licença de maternidade?

– Hoje.

– Hoje? Ian, a formação sobre a segurança é amanhã. Tenho andado a preparar-me para ela. Regressei ao trabalho mais cedo para a supervisionar.

– Nós já falámos com o Eric, e ele vai assumir as tuas responsabilidades. – Ian olha pela janela, a evitar o olhar de Nell. – Ele não vai fazer o trabalho que tu farias, mas confiamos que vai dar conta do recado, incluindo substituir-te amanhã. Vai lá fazer o descanso de que precisas. Passa algum tempo com a Chloe.

– Ela chama-se Beatrice. Olha, eu sei que isto é inconveniente, mas não fiz nada de errado. Encontraram-me. Tudo bem. Mas o que aconteceu foi há quinze anos...

– Nell – diz Ian, olhando-a nos olhos. – Lamento muito.

– Fala com a Adrienne.

Ele morde o lábio. – Porquê?

– Porque ela sabe. Soube desde sempre. E não se importa. Não podem obrigarme a ir embora.

– Foi a Adrienne quem me mandou cá a baixo. Sente-se mesmo mal com isto. Todos nos sentimos. Mas não podemos lidar com esta publicidade toda. É uma distração demasiado grande.

Nell emperrega-se. – De quê? De escreverem sobre o assunto? De decidirem que fotografia minha usar na capa da *Gossip!* da próxima semana? É disso que se trata? Eu podia vestir um biquíni e arranjar uma bandeira, se isso ajudasse.

Ele mantém o olhar firme no dela. – Não compliquemos. Por favor, arruma as tuas coisas. Podemos rever a situação daqui a umas semanas. Ver como param as modas.

Ela fecha os olhos e recorda: ela a meter os seus pertences num caixote no departamento de estado. As pessoas a desviarem o olhar quando se encaminhou para o elevador. Sair para a multidão de câmaras e máquinas fotográficas. Os anos seguintes sem conseguir arranjar trabalho, recusada em todos os empregos, a expressão no rosto de todos os potenciais empregadores: *Ele desistiu da hipótese de ser presidente por ela?*

Abre os olhos e fita Ian. – Não.

– Não.

– Não. Eu não me vou embora. Vocês não me podem despedir.

– Ninguém está a *despedir* ninguém...

– Eu não me vou embora, Ian. Contrato um advogado, se tiver de ser. Mas não me vou embora.

– Mas, Nell. Eu estou... é...

– Desculpa lá a rudeza, Ian, mas tenho de te pedir que saias. Considera-o uma licença de ausência temporária do meu gabinete. – Volta-se para o computador. – Tenho uma ação de formação para acabar de preparar para amanhã.

Ian abre a porta do gabinete de Nell e sai em silêncio para o corredor. Nell levanta-se da cadeira para a fechar nas costas dele e repara no jovem que está a uns passos de distância, a tentar ouvir a conversa, provavelmente na esperança de tirar discretamente uma fotografia para o raio da sua página do Facebook.

Volta para a secretária e lê apaticamente o manual, a tentar esquecer o que se passou. Ian. O rapaz no corredor. Os fotógrafos lá fora. O artigo que leu antes de Ian entrar.

«Na mesma manhã em que o ex-secretário de estado Lachlan Raine é nomeado para o Prémio Nobel da Paz, Ellen Aberdeen é relacionada com o desaparecimento do Bebê Midas. De facto, foi identificada como sendo a mãe inebriada a dançar no Jolly Llama a 4 de julho, a noite do rapto.»

Nell pega na sua mala e remexe na carteira, a pensar em Alma. Ela partilhou alguns segredos seus na manhã em que Nell admitiu a verdade sobre o seu passado: falou a Nell do tipo em Queens que lhe tinha vendido um cartão da segurança social falsificado, das mentiras que o marido dela contara para obter um emprego como gerente do Hilton do aeroporto – pormenores que Nell se tem andado a perguntar se a polícia já descobriu.

Encontra o cartão de visita que Mark Hoyt lhe deu e marca o número, fitando uma fotografia de Beatrice que tem em cima da secretária. Hoyt atende ao segundo toque.

Nell desliga. Marca outro número e desfaz-se em lágrimas quando ouve a voz suave a dizer estou.

– Mãe – diz. – Preciso de ti. Podes vir, por favor?

Colette faz deslizar a esmeralda para a frente e para trás na fina volta de ouro. Quando acordou esta manhã encontrou a caixa em cima da almofada de Charlie. *A pedra de nascimento da Poppy, por ocasião dos seus dois meses*, leu no postal. *Obrigado por seres uma mamã tão fantástica.*

Pega no telemóvel. Lamento imenso, escreve Colette, a reprimir um nó na garganta ao pensar nas imagens que dominam as notícias esta manhã. As fotografias de Nell em jovem: os vídeos que a mostram a ir do táxi para o edifício da Simon French nessa manhã, a tentar ocultar o rosto com a mala. Quem me dera que me tivesses dito.

A Nariguda. Essa era Nell. Colette lembra-se bem do escândalo. A sua mãe foi uma das que se juntaram ao coro de ativistas dos direitos das mulheres a manifestarem-se contra o que tinha acontecido, que tentaram analisar a situação como realmente era: não a história de uma jovem promíscua a tentar dormir com o seu poderoso patrão que os meios de comunicação se apressaram a apresentar, mas a história de uma jovem mulher a ser vítima do assédio de um homem poderoso.

Olha mais uma vez para o relógio por cima da secretária de Allison, tentando ignorar o formigueiro nos mamilos. Isto não pode estar a acontecer: a primeira vez que se esqueceu de meter a bomba na mala é o dia em que talvez precise mesmo dela. Ficou tão perturbada ao ver as notícias sobre Nell esta manhã que teve dificuldade em recompor-se e esqueceu-se de tirar leite antes de sair de casa. Já saiu atrasada e ainda teve de voltar atrás a buscar a carteira. E agora, dá-se conta, esqueceu-se da bomba manual com que anda sempre, deixou-a na ilha da cozinha. Além disso, Teb está atrasado, embora tenha prometido que chegaria a horas. Ele sabe que ela tem de estar em casa até às duas.

É importante que acabemos a tempo hoje, escreveu numa mensagem a Teb de manhã cedo. O Charlie tem uma reunião.

Não é uma reunião qualquer. O editor da *New York Times Magazine* convidou Charlie para um almoço de última hora, para falar sobre a possibilidade de publicar um excerto exclusivo do novo romance de Charlie.

– Não, Colette, não posso arriscar – disse Charlie na noite anterior. – Se não podes alterar o teu encontro com o Teb, eu vou arranjar uma *babysitter*.

– Eu volto a tempo – disse-lhe ela. – Prometo. O Teb prometeu. Eu não me atraso.

Pega na mala e vai à casa de banho, com os saltos a martelarem audivelmente o soalho. Está alguém no primeiro cubículo; ela senta-se na sanita no segundo e verifica o telemóvel. Nell respondeu à mensagem dela.

Que se lixem. Isto destruiu-me uma vez. Desta vez não. Não com a Beatrice a poder ver.

A mulher que estava no outro cubículo sorri quando Colette se aproxima do lavatório, mas a sua expressão altera-se quando olha para os seios de Colette. Colette vê-se ao espelho. Dois grandes círculos cinzentos estão a alastrar pela sua blusa de seda branca. A mulher acaba de lavar as mãos à pressa e, quando ela sai, Colette liga o secador de mãos e põe a parte húmida da blusa debaixo da corrente de ar quente, mas as manchas reaparecem mal secam. O papel higiénico dobrado que enfia dentro do *soutien* deixa rugas irregulares visíveis por baixo da blusa.

Segura a mala contra o peito, sentindo as picadas do leite a continuar a pingar enquanto volta para o átrio. O seu telemóvel toca dentro da mala. É uma mensagem de Charlie. Tenho de sair. Presumo que vens a caminho. Vou deixar a bebé no andar de baixo, com a Sonya. Vai correr tudo bem. Combinei com ela. Podes ir buscar a bebé lá.

– Colette. – Allison está ao lado dela. – Ele já pode recebê-la.

Colette põe o telemóvel em silêncio e mantém a mala contra o peito enquanto se dirige para o gabinete de Teb. Sonya? Aquela rapariga do segundo andar que encontraram uma ou duas vezes nas festas do prédio? Teb está recostado na sua cadeira, a passar o dedo pelo telemóvel. Acena com a cabeça para uma das cadeiras de pele em frente a ele e não pede desculpa pelo atraso. – Sente-se.

– Como está? – pergunta ela.

– Ótimo – responde, mas o tom de voz e a expressão são bastante frios.

– Dá a ideia de que... – Ele ignora-a e inclina-se para a frente para premir uma tecla no telefone da secretária.

– Aaron, chegue cá dentro. – A porta abre-se quase imediatamente, como se Aaron estivesse à espera da ordem. Aaron acena com a cabeça a Colette e dirige-se para o aparador, de onde tira uma pilha de dossiês que pousa no regaço. Ela vê o nome de Midas escrito no dossiê do cimo da pilha. – OK, Colette. – O olhar de Teb é duro. – Estamos com um grande problema.

O coração cai-lhe aos pés. Eles sabem.

Sabem que ela esteve com Winnie naquela noite e que levou o dossiê. Mandaram analisar o sangue que ela tinha deixado nos papéis ao cortar o dedo há alguns dias, e identificaram o ADN dela. Descobriram de algum modo que ela levou a *pen*, que ainda está no apartamento dela, escondida dentro de uma bolsa velha no seu armário. O leite encharca o papel higiénico amarrotado e escorre pelo tecido do *soutien*. Colette está a tentar decidir por onde começar – como explicar por que tem andado a esconder a verdade, as razões por que não conseguiu resistir a ler o dossiê de Midas – quando Teb começa a falar.

– Este livro é horrível. – Teb está a esfregar os olhos.

Ela expira profundamente. – Como?

Teb recosta-se na cadeira. – C, o que é que aconteceu? Porque é que isto está tão mau?

Porquê? Uma gravidez inesperada. Privação de sono. As suas preocupações com a saúde de Poppy. Pânico de que Midas esteja morto. – Em parte talvez seja porque o Teb anda mais ocupado agora – responde ela. – Não é como na vez anterior. Tem sido um pouco difícil mantermos os encontros marcados...

Teb abana a cabeça. – Não. A questão não é essa. A questão é que isto não parece algo que eu tenha escrito.

– Bem, não foi escrito por si.

Aaron dispara um olhar a Colette ao mesmo tempo que Teb gira lentamente na cadeira na direção dela.

– O que quer dizer?

Colette sente a boca seca; devia ter trazido uma garrafa de água. – Quero dizer que não foi o Teb que escreveu este livro. Fui eu.

– Colette. – Aaron fala num tom cauteloso. – Não tenho a certeza...

– Desculpe – diz ela. – É claro que faço todo o gosto em reescrever o livro, mas precisamos de marcar uns encontros para falarmos mais sobre algumas destas experiências que quer incluir. Com o devido respeito, Teb, tem sido difícil sentar-me a falar consigo.

– Penso que o que o *mayor* quer dizer – explica Aaron – é que isto não está a resultar.

– Eu compreendo. Então, falemos sobre como resolver a questão.

Aaron começa a falar, mas Teb interrompe-o. – Lamento ter de dizer isto, C. Mas temos de arranjar outro escritor.

– Outro escritor?

Aaron inclina-se para a frente. – Já falámos com o editor – diz. – Vamos contratar outra pessoa para escrever o livro. Alguém com mais nome. Aquele tipo da *Esquire*.

– Deve estar a brincar! Já trataram disso? Sem falarem comigo?

– Vá lá, Colette – diz Aaron, e belisca a cana do nariz. – Este livro vai ser uma parte fundamental da campanha do *mayor* para a reeleição. A Colette sabe-o. Não podemos levar o que escreveu nem ao editor *nem* aos eleitores. Estamos metidos em trabalhos até ao pescoço com esta coisa do rapto do bebé. Aquele tipo louco da imobiliária está a atirar pazadas de dinheiro ao nosso novo adversário. Mal nos estamos a aguentar.

Ela tenta encontrar a reação apropriada, mas não diz nada. Está feito.

Já não terá de fingir que consegue dar conta dos dois recados, cuidar da bebé e este trabalho. Vai poder ficar em casa com Poppy.

– Tem a certeza quanto a isto? – Dirige-se a Teb, mas é Aaron quem responde.

– Receio bem que sim, Colette. – O telemóvel dele toca. – E nós, infelizmente, vamos ter de ir. – Teb está a olhar pela janela, a evitar olhar para ela. – As pessoas do banco já chegaram – diz Aaron a abotoar o casaco, e faz um gesto na direção da porta. – Colette, muito obrigado. – Tem uns modos ligeiros, como se estivessem a rematar uma conversa para combinarem um *brunch*. – O *mayor* gostou realmente de trabalhar consigo.

Colette põe-se de pé, à espera de que Teb diga alguma coisa, mas ele mantém-se em silêncio. Ela sai do gabinete dele e dirige-se para o elevador. Tem a cabeça a andar à roda. O que vai acontecer agora? O que é que isto vai significar para a sua carreira? Devia telefonar ao editor ou ao agente; precisa de se explicar.

Mas depois lembra-se de Poppy, sozinha com uma mulher que não conhece.

Passa pelo elevador a toda a velocidade e desce a correr os quatro lanços de escadas. Lá fora, não há táxis à vista, e ela atravessa a correr o mais depressa que pode o City Hall Park e desce as escadas para o metro. Está um comboio na plataforma, e as portas estão a começar a fechar-se quando ela passa pela barreira. Chega mesmo a tempo de meter o braço entre as portas, que se fecham sobre o seu cotovelo. As portas abrem-se uns centímetros e antes de voltarem a fechar-se ela força-as com ambas as mãos, o suficiente para entrar e se sentar num dos últimos lugares vazios. A mulher ao lado de quem se senta cheira a laca do cabelo, e Colette surpreende o olhar de uma mulher mais velha com um monte de sacos de plástico cor de laranja no chão entre os seus pés. A mulher emite um som de reprovação bem audível. – A atrasar as outras pessoas todas – diz, carrancuda. Colette desvia os olhos. Sente o cotovelo a latejar.

Dos fones de um homem sentado em frente a Colette sai música rap, e ela tapa os ouvidos, tentando pensar em como explicar isto a Charlie. Ele não sabe que a escrita do livro tem andado a correr mal, que ela se tem debatido com imensas dificuldades. O que irá dizer? Colette abre os olhos e vê que o homem em frente a ela tem nas mãos um exemplar aberto do *New York Post*, com a fotografia de Nell no Jolly Llama na primeira página.

O ar enche-se com o som de travões a guincharem e o súbito choro de um bebé. A mulher ao lado de Colette aperta-lhe a coxa quando o comboio para abruptamente, e um homem de idade perto da porta cai ao chão.

– Desculpe – diz a mulher que está sentada ao lado dela, e tira a mão da sua coxa. Um casal novo está a ajudar o idoso a erguer-se do chão, e há pessoas a levantarem os olhos dos telemóveis e a olharem atentamente umas para as outras enquanto se instala um silêncio atordoadado na carruagem do metro. A mulher mais velha com os sacos das compras volta a emitir um som de reprovação e começa a dizer alguma coisa, mas as suas palavras são abafadas pela voz do condutor. – Polícia aos carris. Se me ouvem, polícia aos carris do nível inferior perto da plataforma F. Temos uma pessoa nos carris. – Ouve-se um zunido, e a seguir: – Ele está amarrado a qualquer coisa.

Há um corte de eletricidade, que silencia o ar condicionado e apaga as luzes; um silêncio fantasmagórico abate-se sobre a carruagem. Colette sente movimento à sua volta, com as pessoas a virarem-se para os seus telemóveis, como ela, embora saiba que não tem rede.

Tenho de ir para casa, para junto da Poppy.

A porta do fundo da carruagem abre-se. – Não julgaram que isto ia acontecer? – O tipo está de calções de ganga e uma *t-shirt* branca de alças que deixa ver os seus braços enxutos e musculosos. Percorre em grandes passadas a carruagem até à porta no outro extremo, serpenteando por entre as pessoas que estão de pé no corredor. – Não julgaram que veríamos um bombista suicida em Nova Iorque, com este burro como presidente?

Colette sente um aperto de pânico no peito. Vê o rosto de Poppy, como estava a meio da noite, a mamar, com os seus olhos de um azul-escuro cheios de amor a fitarem a mãe. Colette ainda mal consegue acreditar que seja possível sentir um amor assim tão profundo, como a pedreira abandonada para dentro da qual ela tinha tanto receio de saltar quando era pequena, a pedreira que mais tarde viria a engolir um rapaz da escola secundária dela, cujo corpo nunca chegou a ser encontrado. Pega no telemóvel e escreve uma mensagem a Charlie. Não poderá enviá-la sem rede, mas se alguém encontrar o telemóvel, se ele resistir à explosão...

Amo-te mais do que tudo. Poppy. Por favor diz-lhe que...

As luzes voltam a acender-se e o ar frio do ar condicionado sobressalta-se. «Senhoras e senhores, fala-vos o condutor. Vamos abrir as portas da carruagem da frente. Encaminhem-se para a saída. Avancem de um modo tão rápido e ordeiro quanto possível.»

Colette põe-se de pé e integra-se no caudal silencioso de pessoas a percorrerem o corredor cheio. Na carruagem seguinte, uma adolescente está sentada sozinha num lugar à janela, com o telemóvel na mão e uma lágrima a deslizar-lhe pela face. Traz uns *collants* com um estampado de losangos, rasgados num dos joelhos, e um brinco de ouro brilha-lhe na curva da narina. Colette toca-lhe no braço e a rapariga olha para cima.

– Preciso de telefonar à minha mãe, mas não tenho rede.

– Anda daí – diz Colette, pegando no braço da rapariga. – Vem comigo. – Mantém a mão no cotovelo da rapariga, a impeli-la para a frente. Quando chegam à primeira carruagem, fica aliviada ao ver que a metade da frente se encontra numa estação; não terão de andar ao longo dos carris. Aguarda a sua vez de sair e depois ela e a rapariga começam a correr com o resto da multidão, pela plataforma, para o outro lado das barreiras e pelas escadas acima. A rapariga desaparece num enxame de pessoas e Colette afasta-se a correr da entrada do metro. No quarteirão seguinte, vê alguém a sair de um táxi e precipita-se para ele, passando à frente de um homem que está a preparar-se para entrar para o lugar de trás.

– Desculpe – diz ela. – Preciso de chegar a casa.

Bate com a porta e ouve o homem chamar-lhe nomes horríveis e o som dos punhos dele a baterem na janela. – Para Brooklyn – diz ao taxista, e indica-lhe a morada. – Por favor, apresse-se.

Fecha os olhos, e parece que já passaram horas quando chegam por fim ao prédio dela. O céu está esvaído de luz e ela sente as pernas fracas ao entrar e se aproximar da secretária do porteiro. – Preciso de saber o número do apartamento da Sonya.

No segundo andar, tenta recompor-se, e depois bate delicadamente à porta de Sonya. Não tem resposta. Continua a bater, com tanta força que lhe começam a doer os nós dos dedos.

– Sonya? Sonya? – A porta em frente abre-se. É um homem de vinte e muitos anos, com um cão pequeno a mordiscar-lhe os calcanhares e música clássica a tocar em fundo.

– O que é que está a fazer? – pergunta ele, empurrando o cão para dentro do apartamento com o calcanhar despido.

– Ela não abre a porta. Tem a minha bebé. Eu vivo no andar de cima.

– Ela saiu.

– Saiu?

– É, ouvi-a sair. Ouve-se tudo neste prédio.

– A que horas?

– Não sei. Há uns vinte minutos?

Há vinte minutos? Charlie teria leite para lhe deixar? Ter-lhe-ia dado o protetor solar? Colette não sabe o número de telemóvel desta mulher. Nem sequer tem a certeza do seu apelido.

Vira-se e corre pelas escadas acima, a subir os degraus dois a dois. Vai telefonar a Charlie, interromper-lhe a reunião, exigir que volte para casa e a ajude a procurar a bebé. Procura o telemóvel na mala e enfia a chave na fechadura.

Charlie.

Está ali, deitado no chão ao lado de Poppy, que está a tentar chegar aos dedos dos pés no tapete ao lado dele. Colette deixa cair a mala, corre para a bebé, pega nela e beija-lhe o rosto com tanta sofreguidão que Poppy choraminga com irritação. A respiração de Charlie é entrecortada; está a dormir. Poppy roça a pele quente do peito de Colette com o nariz, à procura de leite. Colette sente todo o peso da sua exaustão, a sala a andar à roda. Fecha os olhos, a imaginar que se deita ao lado de Charlie, se enrosca nele, lhe conta tudo. Sobre o que

aconteceu no metro, como perdeu o trabalho. Sobre o terror que tem andado a sentir, a necessidade desesperada de saber que Midas ainda está vivo. Quer falar-lhe da culpa que sente por ter de deixar a bebé, como se tem esforçado tanto por aguentar tudo. Quer acordá-lo e dizer-lhe que não consegue esperar mais três meses até à próxima consulta de Poppy para começar a preocupar-se. Já se sente aterrada.

Mas tem demasiado medo. Medo de que, se começar a falar, desatará a chorar e nunca mais parará, que sucumbirá à tristeza, ao medo, à impotência que sente, à certeza de que tudo o que tem lhe está a escapar por entre os dedos.

– Tens de fazer isso aqui mesmo, assim diante de mim? – O som da voz de Charlie é como um choque a atravessar-lhe o corpo. Ele está acordado.

– Fazer o quê?

– Isso. Estares toda pinga-amor com ela. – Colette não diz nada. Não tem palavras para responder. – Não é fácil ver como és afetuosa com ela, quando te afastas de mim sempre que te toco.

– Charlie, não. Por favor. Eu pensei... tens o...

– Não fui.

– Porquê?

Ele põe-se de pé e começa a percorrer o corredor para o seu escritório. – Sabia como ficarias incomodada se eu deixasse a bebé. Não queria fazer-te isso.

Ela segue-o e estende a mão para o braço dele, mas ele afasta-se. – Agora não, Colette. Preciso de algum tempo.

– Charlie, desculpa. Ouve, há algumas coisas...

Mas ele já fechou a porta.

CAPÍTULO DEZOITO

DÉCIMO PRIMEIRO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 15 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 62.º DIA

Já todas tivemos alguns dias em que nos sentimos com os nervos em franja, até mesmo momentos em que nos sentimos tristes e assoberbadas. Essas sensações devem estar a passar por esta altura, agora que tu e o teu pequerrucho já têm uma rotina estabelecida. Mas se tu – ou alguém de quem gostas – começas a perguntar-te se o que andas a sentir é mais do que a melancolia pós-parto, não deixes que o embaraço ou o orgulho te impeçam de falar com o teu médico. Obter ajuda para ti mesma é por vezes a melhor coisa que podes fazer pelo teu bebé.

Francie percorre lentamente o corredor estreito das obras de ficção na livraria na parte de trás do Spot, com o romance de estreia de Charlie nas mãos, tentando convencer-se de que tudo vai correr bem, de que Nell ultrapassará tudo isto. Francie não fazia ideia de nenhuma das coisas que os jornalistas andavam a dizer sobre Nell. Nem sequer estava a par do escândalo – o candidato presidencial que desistiu da corrida depois de ter um caso com uma estagiária de vinte e dois anos do departamento de estado. Francie tinha dezasseis anos quando aquilo aconteceu, e a sua mãe não era do tipo de expor a família a escândalos sexuais políticos (ou algo que tivesse a ver com um político do Partido Democrático, fosse bom ou mau).

E depois havia a questão do Token. A maneira como ele a pôs fora à bruta do apartamento dele dois dias antes, sem dar nenhuma explicação para a sua detenção, o que só suscitava mais questões.

O pior, contudo, foi o que aconteceu essa manhã. Francie dirige-se para a parte da frente da loja para pagar o livro de Charlie e sente mais uma vaga de náusea ao recordar o momento. Barbara estava sentada no sofá, a ver televisão, à espera de Francie, que se oferecera para lhe fazer a sanduíche de ovos mexidos que ela comia todas as manhãs. Francie estava a fazer os possíveis por se abstrair do que

a sogra estava a contar, mexericos lá da terra delas. Como a sobrinha da sua amiga acabara de ter a quarta filha, uma menina linda. Como havia um novo salão de manicura na cidade, onde Barbara fora arranjar as unhas para a viagem. Como havia quatro mulheres a trabalhar lá, que, provavelmente, eram imigrantes ilegais. *Orientais*.

Francie ouviu o nome de Colette quando a fatia de pão estava a saltar da torradeira. Virou-se para olhar para a televisão e viu Colette no ecrã, a correr pelo passeio perto do prédio dela, de rosto corado e sem fôlego. – Deixem-me em paz! – disse Colette, passando a toda a pressa pelas câmaras e pelas máquinas fotográficas, os braços a ocultar o rosto. – Não tenho comentários.

«Colette Yates é a filha de Rosemary Carpenter, a conhecida ativista dos direitos das mulheres», disse a jornalista. «Tem também uma relação com o romancista Charlie Ambrose, com quem teve uma filha há dois meses.» Colette era uma das mulheres que estavam com Winnie no bar naquela noite, acrescentou a jornalista, e, embora segundo uma fonte, fosse próxima do *mayor* Shepherd, ele recusava-se a comentar. E depois, subitamente, estavam a falar dela – de Francie. Até tinham uma foto dela, da noite no Jolly Llama, com o rosto encostado ao de Nell.

A jornalista acrescentou que Francie era mãe a tempo inteiro, e, quando Lowell entrou na cozinha, Francie ouviu Barbara soltar um arquejo. «O marido dela, Lowell Givens, é um dos principais sócios de Givens and Light Architects, uma nova firma de Brooklyn.»

– Isto é horrível – disse Barbara, ignorando Francie e olhando diretamente para Lowell. – O que é que vai significar para o teu negócio?

Francie dá o dinheiro ao empregado, embora saiba que não devia ter comprado o livro de Charlie, que devia ter esperado para o requisitar na biblioteca. Mas a biblioteca só abre ao meio-dia e o apartamento de Francie é muito pequeno e ela precisava de sair, de se afastar de Barbara e da expressão no seu rosto. Da reprovação. Da decepção.

Francie recebe o troco e vira-se, à procura de uma mesa. E depois vê-a, no passeio lá fora.

Está com óculos de sol e um casaco comprido e sem forma, e tem o cabelo enfiado num boné de basebol, mas Francie sabe que é ela.

– Winnie!

O nome escapa dos lábios de Francie mais alto do que ela contava e silencia as pessoas que estão à espera de cafés. Francie fura por entre elas e corre porta fora para o passeio. – Winnie! Espera, Winnie!

Com Will contra o peito, corre desajeitadamente atrás de Winnie, que está a subir a rua íngreme em passos rápidos. – Winnie, espera, por favor! – Não compreende porque Winnie não para. Will começa a choramingar quando Francie desata a correr a toda a velocidade atrás dela, alcançando-a no momento antes de ela chegar à sua casa. Winnie está a remexer na mala à procura das chaves. – Winnie, por favor. Preciso de falar contigo. Tenho andado tão preocupada! – Francie tenta recuperar o fôlego. – Recebeste as minhas mensagens? Lamento tanto que nós...

Um carro trava de repente, com os dois pneus da frente a enfiarem-se contra o passeio poucos metros à frente. Um homem baixo e com excesso de peso, de chapéu e calções de xadrez, salta do lugar do condutor, a mão a agarrar a máquina fotográfica grande que traz ao pescoço. – Gwendolyn! Olhe para aqui. Como é que está? Gwendolyn!

Winnie apressa-se a meter a chave na fechadura e Francie segue-a, tropeçando no degrau e entrando para o átrio fresco, que está na penumbra. Winnie fecha a porta com força nos punhos do homem e Francie segue-a pelos quatro degraus de mármore acima e pelo corredor, com o *flash* da máquina do fotógrafo a iluminar as paredes. Os cortinados espessos de seda estão corridos na sala de estar e Francie sente-se atordoada com o ar viciado e o fedor de comida a apodrecer. Winnie abre os cortinados das portas de vidro que dão para o terraço e Francie demora um minuto a ajustar-se ao choque da luz do sol. Há dois tapetes grandes enrolados e encostados à parede do fundo. Uns caixotes de mudanças estão empilhados à toa a um canto. Há recipientes com comida espalhados em cima da mesa e no chão; uma garrafa de vinho vazia está caída perto das portas que dão para o terraço. Francie não deixa de reparar nos dois copos de vinho que estão perto da garrafa, ao lado de um roupão de seda cor-de-rosa enrodilhado.

Winnie tira o casaco. Parece esquelética. – Recebi as tuas mensagens. Desculpa. Não tenho tido energia para te telefonar.

Francie está de pé no meio da sala, a dar palmadinhas no rabinho de Will e a tentar recuperar o fôlego. – Winnie. Não sei o que dizer. Tu... tu vais-te mudar?

– Mudar-me? – pergunta Winnie.

Francie aponta para os tapetes enrolados, para os caixotes. – Os caixotes...

– Oh. – Os olhos de Winnie percorrem ligeiros a sala. – Foi a equipa de detetives que fez isto tudo. Nos dias a seguir... – Não completa a frase. – Vi o que aconteceu à Nell. E agora tu e a Colette. Apareceram nas notícias.

– Nós? Não te preocupes connosco. Como é que tu estás? Nem consigo...

– Estou bem.

– Bem? – Francie sente dificuldade em encontrar mais palavras, abismada com a diferença no aspeto de Winnie. Tão magra. Esvaída. Nada como a mulher que Francie tanto admirava, há alguns meses, quando a viu pela primeira vez a atravessar o relvado em direção ao salgueiro, muito grávida. Nada como a mulher linda e bondosa que se sentou em frente a Francie no Spot ou a rapariga de rosto fresco nos DVDs do *Bluebird* que Francie já viu uma série de vezes.

– O que queres que te diga, Francie? – pergunta Winnie. – O meu bebé desapareceu. Não há nada que eu possa dizer para descrever aquilo por que estou a passar.

Francie sente as lágrimas a começarem a acumular-se-lhe nos olhos. *Eu compreendo*, apetece-lhe dizer. *Mais do que possas imaginar, compreendo o que é perder um filho*. Mas não se atreve. – Há alguma coisa que eu possa fazer para te ajudar? Alguma coisa de que precisas? Fazes a mínima ideia do que aconteceu? – As palavras estão a sair-lhe da boca demasiado depressa.

Winnie vira-se para as portas do terraço. – É claro que não sei o que aconteceu.

– Tenho andado a pensar bastante nisto – diz Francie. – Nem acredito até que ponto a polícia tem sido incompetente. Ao princípio, eu tinha a certeza de que tinha sido o Bodhi Mogaro. Acreditei neles, sabes? E depois comecei a pensar em outras possibilidades. Como aquele sujeito com quem tu estiveste a falar no bar.

Winnie vira-se para olhar para ela, com um brilho nos olhos de *algo*, Francie não sabe bem o quê. Ou talvez seja do rosto dela e da maneira como está a falar. Parece tão artificial, vazio.

– O sujeito no bar?

– O que foi ter contigo naquela noite. O que tu... Aquele com quem tomaste uma bebida.

– Eu não tomei uma bebida com ninguém nessa noite.

Will acalma-se, pousa a cabeça no peito de Francie, e ela tem de resistir ao impulso de se ir embora. Porque estará Winnie a mentir-lhe? – Então onde é que estiveste? Depois de saíres da mesa?

Winnie evita os olhos de Francie e parece não ter ouvido o que ela disse. Em vez disso, vira-se e vai à cozinha, de onde regressa com uma garrafa de vinho e dois copos de plástico. Serve o vinho e passa um copo a Francie. Francie aceita-o, mas não se mexe, a ver Winnie no último encontro das Mães de Maio no

parque, com os lábios no cabelo de Midas, a rejeitar o vinho que Nell lhe ofereceu. *Não, obrigada. O álcool nem sempre me cai bem.*

– Fui para o parque – responde Winnie.

– Para o parque? Para quê?

– Para visitar a minha mãe. – O copo treme nas mãos de Winnie.

– A tua mãe? Mas, Winnie, a tua mãe já faleceu.

Winnie dispara um olhar a Francie. – Obrigada, Francie. Estou ciente disso. – Bebe um gole de vinho. – Há uma árvore de corniso que o meu pai e eu trouxemos da nossa propriedade lá de cima. Plantámo-la no parque numa noite, no local favorito da minha mãe, perto do prado comprido. É uma coisa secreta que eu sempre tive, um lugar onde me sinto perto dela. Fui lá nessa noite.

– Porquê?

– Sinto a falta dela. – Winnie abre a porta que dá para o terraço e sai para a varanda larga. Francie segue-a. As gargalhadas estridentes de crianças a brincarem na areia no pátio traseiro de um infantário, alguns prédios abaixo, trespassa o ar pesado à volta delas. Há vasos com ervas aromáticas murchas ao longo do parapeito. – Não é um grande álibi.

– Um álibi? O que queres dizer?

– Eu ter estado no parque. Ninguém me viu. Sei o que as pessoas andam a dizer. Sei onde... – Bebe mais um gole de vinho. – Eu nunca faria mal ao meu bebé.

Francie lembra-se do copo que tem na mão e bebe um gole, que tenta engolir apesar do nó cada vez maior que sente na garganta.

– Pensei que a pior coisa que alguma vez me aconteceria seria perder a minha mãe. Estava enganada. – Francie estende a mão para o braço de Winnie, mas ela afasta-se. – Não quero mais perguntas. Não consigo pensar racionalmente, de uma maneira linear. O tempo está a andar em círculos. – O seu rosto parece endurecer quando repara em algo à distância. Francie olha na mesma direção que ela e vê uma mulher numa varanda pequena do outro lado do pátio, com um bebé pousado em cima de uma manta no ombro dela, a regar um vaso de zínias cor-de-rosa. A mulher pousa o regador no chão e tira algumas folhas murchas à planta antes de voltar para dentro de casa e fechar a porta atrás de si.

– Mães e bebés. Vocês estão por toda a parte. Espero que apreciem tudo o que têm. – Winnie bebe o que resta no copo e depois olha para Will. – Não quero ser mal educada, Francie, mas não consigo realmente lidar com...

Francie sente-se invadida por uma sensação de arrependimento. Como é que não lhe ocorreu isso? Como seria egoísta e insensível forçar Winnie a ver Will.

Como cada dia devia ser difícil para Winnie, rodeada pela visão de mães com os seus filhos. Compreende agora porque Winnie lhe fugiu à porta do café.

– Desculpa, Winnie – diz Francie. – Eu devia ter tido mais consideração. – Voltam para dentro e Francie fecha a porta do terraço. Winnie está de costas voltadas para Francie enquanto sobe as escadas.

– Não te acompanho até à porta.

– Se houver alguma coisa de que precisas... – Francie faz uma pausa. – Ele está vivo, Winnie. Sinto-o. Por favor. Não percas a esperança. Eu não perdi.

Winnie dobra uma esquina lá em cima e desaparece por um corredor.

Francie atravessa a sala de estar, um pouco cambaleante, e passa por outra pilha de caixotes de mudanças – triste com a ideia de estranhos a passarem a pente fino a casa de Winnie, a porem as mãos no que é dela – e abre a porta para o passeio. Começa a andar, sem saber bem para onde está a dirigir-se, e apercebe-se do som de passos a correrem para ela. O tipo do chapéu vem a correr da esquina, com a máquina fotográfica a cobrir-lhe o rosto. – Hei! Mary Frances! O que é que a Winnie disse... – O obturador da máquina abre-se e fecha-se sem parar, e ele faz perguntas aos berros, mas Francie não lhe presta atenção e continua a andar, a cabeça baixa, os braços a protegerem o seu bebé e a mente numa névoa.

—

– O que é que estás a fazer? – pergunta Lowell a Francie mais tarde nesse dia. Ela está sentada no chão da sala de estar, com um aperto no estômago, a pôr velas com aroma a lavanda num círculo à volta de Will, que está deitado na manta em frente a ela.

Francie tenta manter um tom de voz calmo. – Estou a praticar *hygge*.

Lowell acena com a cabeça. – Ai sim? O que é isso?

– É a grande moda na Dinamarca. – Francie sopra para a sua caneca com um insípido chá de camomila, consciente da maneira como Lowell está a olhar para ela. – Significa «estar aconchegado». É por isso que esse povo é tão calmo e feliz. Pensei que podia ajudar a pôr o Will mais bem-disposto.

– É uma boa ideia. – Lowell senta-se no sofá e abre uma cerveja. – E como é que estás a tua disposição?

Francie calça um par de meias de algodão lavadas a Will. O artigo dizia que era melhor uma pessoa rodear-se de pelo de ovelha, mas Francie não se atreveu

a gastar dinheiro no tapete que encontrou na Internet, sabendo que estas meias de algodão terão de servir. – A minha disposição? Ótima. Porquê?

– O que é que tu queres dizer com porquê? Não posso perguntar à minha mulher como é que ela se está a sentir?

– Bem, a tua mãe disse-me esta tarde que acha que o nosso chão é pouco higiénico. E que devia lavá-lo com lixívia. – Francie mantém a voz baixa. Barbara está na casa de banho, a tomar o seu banho de imersão da noite, com uma máscara de argila no rosto e a ouvir rádio no seu iPod.

– O que é que tu respondeste?

– Nada. Mas não posso usar lixívia neste chão. *Lixívia?* Com um *bebé* por perto? Dá-me a sensação de que ela anda a encontrar defeitos no nosso apartamento. Em metade das coisas que faço.

– Francie. – A expressão do rosto de Lowell crispa-se. – Ela não pensa isso. Estás a imaginar coisas.

Francie bebe uns goles do chá, tentando reprimir a ansiedade. Não quer falar sobre Barbara, quer falar sobre Winnie, sobre a conversa que tiveram. Mas não pode, não com Lowell. Não lhe contou o que aconteceu, sabendo como ele ficaria furioso por ela ter levado Will ao apartamento de Winnie. Para agravar as coisas, Barbara ficou em casa toda a tarde, com o cabelo cheio de rolos, a segredar ao telemóvel no quarto deles. Francie supõe que estava a telefonar às amigas no Tennessee, a perguntar se tinham ouvido mencionar Lowell nas notícias, a dizer-lhes que afinal sempre tivera razão em relação aos perigos da cidade de Nova Iorque. Barbara só saiu do quarto depois de Lowell chegar a casa e nessa altura Francie já sentia demasiado receio de dizer fosse o que fosse.

– France, anda lá. A intenção dela é boa. As coisas eram diferentes quando ela teve os filhos. Ela só...

– Oh, meu Deus! – O berro de Barbara da casa de banho sobressalta Francie, que entorna umas gotas de chá quente no braço de Will. Ele começa a chorar a plenos pulmões e Lowell levanta-se de um salto, esbarra na mesa e derrama a cerveja, que apaga duas das velas. Precipita-se pelo corredor em direção à casa de banho e bate à porta.

– Mãe! – Desanda o puxador mas a porta está trancada. – Mãe! Estás bem?

– Eu sabia! – A voz de Barbara é triunfante. – Eu disse-o desde o princípio.

– De que é que estás a falar?

A porta abre-se de rompante e Barbara sai para o corredor, com uma toalha à volta do corpo, o rosto uma superfície retesada de cinzento, espuma a deslizar-lhe pelas pernas para o chão.

– Vão levá-la para a esquadra para um interrogatório oficial – diz Barbara, com a máscara de argila a estalar. – Àquela tua amiga. A mãe. Eu *sabia* que ela andava a esconder alguma coisa.

CAPÍTULO DEZANOVE

DÉCIMA PRIMEIRA NOITE

Tenho uma imagem mental de alguém a cortar-me.

Uma faca longa e fina a penetrar-me na barriga, abaixo do umbigo, um corte fácil, uma linha direita para o meu coração. Estou vazia por dentro. Tão negra como cinzas, os meus órgãos como pó. Um toque e o meu coração desfaz-se num milhão de poeiras carbonizadas, um pó preto no chão, a deixar pegadas escuras para onde quer que eu vá.

Sempre fui assim. Uma menina má. O meu pai andava sempre a dizer isso. – Deixa-a em paz! – gritava-lhe a minha mãe. – Porta-te melhor – segredava-me ela quando ele não estava por perto. – Deixa de lhe dar razões para ele se zangar.

Pensei que tornar-me mãe fosse modificar-me, mas estava errada. O bebé só piorou as coisas. E agora toda a gente vai ficar a conhecer o meu verdadeiro eu. Era inevitável, certo, que já lhes tenha cheirado alguma coisa? A Francie, aquela parvalhona bisbilhoteira e metediça.

A manta do Midas. Porque é que não tratei disso antes? Porquê

Porquê

Porquê porquê porquê

Os meus pensamentos estão a descontrolar-se. Tenho de me manter calma. Ouço uma voz atrojada na minha cabeça, como se estivesse a falar através de um megafone. Consigo imaginar a voz. Tem bigode e usa uma cartola grande, óculos redondos com armações de arame e sapatos cor de esmeralda revirados nas pontas.

Ei, menina, berra pelo seu megafone. Tens de te manter calma. Este não é o momento para ficares histérica.

(Ah, sabes que mais, voz? Consegui. Tornei-me exatamente aquilo que o meu pai dizia que todas as mulheres se tornavam. *Histérica.*)

Vamos desaparecer. Eu sei que estou sempre a dizer isto, mas desta vez é a sério. Amanhã. O problema é, bem...

O dinheiro já quase se foi. Tenho tido demasiado medo de ir ver, mas fi-lo. Ontem. Setecentos e quarenta e três dólares e doze cêntimos. É tudo.

Não tive outra opção senão dizer ao Joshua.

– Mas não te preocupes – disse-lhe ontem à noite, mantendo-me de costas para ele para não lhe ver o choque e a fúria nos olhos. – Não foi todo. – Pela primeira vez há vários meses, sinto-me contente por o Dr. H não estar por aqui. («Eu já disse um milhão de vezes: cuidado com o dinheiro», dizia ele, com uma expressão de viva decepção, como se eu ainda fosse uma adolescente.)

E depois hoje apareceu a Francie, a distrair-me o pensamento do dinheiro e a recordar-me que temos problemas maiores. E se eles não acreditarem em mim? Finalmente, formulei a pergunta em voz alta. E se eles não forem na história que nós criámos?

E se eu for parar à cadeia?

Mas o Joshua limitou-se a virar-me as costas. Sei que só o facto de mencionar isso o deixa aterrorizado. Mais tarde, enquanto jantávamos em silêncio, eu sentia-me bem ciente do que ele estava a pensar.

A Miss Espertinha não consegue tirar-nos deste impasse. Foste Miss Génio da Matemática no Décimo Ano e ainda não encontraste uma solução para a equação simples que é saber para onde podemos ir?

Não posso desperdiçar mais tempo. Não com a maneira como começam a apertar o cerco. O Tennessee. Montana. O Alasca. Metemo-nos no carro e vamos estrada fora até encontrarmos um lugar onde queiramos viver ou ficarmos sem gasolina. Instalamo-nos. Eu arranjo um emprego. Alugamos uma casa modesta. O Joshua quer um lugar remoto e com privacidade. Uma terra em que nos possamos perder, começar de novo. Um lugar onde nunca possamos ser encontrados.

Eu também quero isso. Acho que quero, pelo menos, quando tento imaginá-lo. Um jardim nas traseiras. Talvez umas galinhas.

Uma arma por perto, para proteção. Pelo sim, pelo não.

CAPÍTULO VINTE

DÉCIMO SEGUNDO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 16 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 63.º DIA

Já deste à luz há nove semanas e chegou o momento de falarmos de EQUILÍBRIO. Sabemos como é. Cuidar do bebé. Ir às compras. Recuperar a forma. Para algumas de nós, prepararmo-nos para o regresso ao trabalho. Não é fácil. A melhor coisa que podes fazer por ti – e pelo teu bebé – é tentar obter o equilíbrio certo na tua vida. Talvez possas contratar uma pessoa para te ajudar umas horas por semana, ou pedir a uma amiga que tome conta do bebé para poderes ir ao ginásio. Talvez gastes um pouco mais de dinheiro para te trazerem as compras do supermercado a casa. Descobre o que resulta para ti. Afinal de contas, mãe feliz, lar feliz.

Nell sente-se como se o seu corpo fosse feito de cimento e tivesse as pernas engessadas. Ouve o grito, mas é abafado. A bebé está a chamá-la de debaixo de água. Tenta mexer-se, mas não tem força suficiente.

– Nell.

Sente o vestígio de baunilha na loção para as mãos da sua mãe e abre os olhos. Margaret está de pé junto à cama.

– Estou atrasada para o trabalho? – pergunta Nell.

– Não. Ainda não são sete horas. – A mãe acocora-se ao lado dela. – Custa-me acordar-te, mas tens de vir ver uma coisa.

Nell repara na expressão da mãe. Senta-se na cama. – A Beatrice está bem?

– Está, minha doçura. Está ótima. Está ferrada no sono. O Sebastian acabou de sair para o trabalho. Mas vem à sala de estar comigo.

Nell levanta-se dos lençóis mornos e segue a mãe pelo corredor. Margaret chegou na noite anterior, saindo do trabalho assim que Nell lhe telefonou e conduzindo durante quatro horas sem parar, de Newport até Brooklyn. Dormiu num colchão de ar na sala de estar, com o intercomunicador ao seu lado, e tomou conta de Beatrice para que Nell e Sebastian pudessem ter uma noite inteira de sono pela primeira vez desde o nascimento da bebé.

A televisão está ligada na sala de estar e Nell vê que o *mayor* Shepherd se encontra em cima de um pódio, a afastar-se para o lado para dar um lugar a Rohan Ghosh junto aos microfones.

Nell olha para Margaret. – O que aconteceu?

Ghosh está a erguer a mão. «Falarei quando todos se calarem», diz, e faz uma pausa para beber um gole de água de uma garrafa. «Na noite passada, fomos levados a revistar de novo o carro de que Winnie Ross é proprietária, tendo descoberto uma manta azul de bebé enfiada no espaço do pneu. A manta condiz com a descrição da que foi levada do berço do bebé Midas na noite em que foi raptado. A nossa equipa forense confirmou que as fibras da manta contêm vestígios do ADN de Midas Ross, assim como marcas do seu sangue.»

– Não! – exclama Nell, com um aperto no peito.

«O que os levou a voltar a revistar o carro?», grita alguém de entre a multidão de jornalistas.

Ghosh continua a falar, erguendo a voz. «Aproximadamente às seis da manhã de hoje, Winnie Ross foi detida e acusada formalmente do desaparecimento do seu filho, Midas Ross.»

Nell sustém a respiração e a mãe vem pôr-se ao seu lado e pega-lhe na mão.

«Encontraram o corpo?»

«Teremos mais pormenores para vos dar mais tarde. Neste momento, gostaria de agradecer ao detetive Mark Hoyt pelo seu trabalho diligente no caso. E, claro, reconhecer o trabalho do *mayor* Shepherd. Os senhores jornalistas foram bastante duros para com ambos, mas toda a gente envolvida fez um trabalho de excelência.» Ghosh recolhe os seus papéis do pódio. «É tudo por agora, minha gente. Obrigado.»

Nell agarra a mão de Margaret enquanto a imagem no ecrã passa para um vídeo de Winnie a ser levada do assento traseiro de um jipe anónimo para a esquadra central da polícia em Lower Manhattan. Winnie espreita para as câmaras por baixo do cabelo escuro, os pulsos algemados atrás das costas e um homem de uniforme de cada lado.

Entra no edifício e o rosto de um locutor enche o ecrã, mas a seguir o vídeo volta a ser passado desde o início: Winnie a sair do carro, a dirigir-se para a esquadra da polícia, a olhar para a câmara, de olhos vazios e rosto empedernido.

Não. Francie embala Will, a andar de um lado para o outro no corredor, e a dizer a palavra alto. – Não.

Pega no telemóvel do balcão e escreve. Estão a receber as minhas mensagens? Precisamos de falar sobre isto. Tenho uma ideia.

Precisa que Will pare de chorar. Precisa de um momento para pensar. Vai à cozinha, aliviada por ter finalmente o apartamento só para si, com Lowell a caminho do aeroporto para levar a mãe. Francie já não come desde o almoço do dia anterior, e sente-se desfalecida com a fome, mas não há nada que queira nos armários. Abre o congelador e tira uma embalagem de milho que encosta à nuca. O apartamento está um forno – abafadíssimo – e ela quer ligar o ar condicionado, mas esta manhã Lowell pediu-lhe, quase num murmúrio, que evitasse ligá-lo para pouparem dinheiro na conta da eletricidade até Francie receber o pagamento pelo trabalho fotográfico que ela supostamente teria feito.

– Não! – Diz a palavra mais alto desta vez. – Não encontraram o corpo dele. Pode ser que ainda esteja vivo.

A campainha toca de novo. Têm andado a tocar à campainha nas últimas duas horas. Jornalistas à procura de um comentário. Mrs. Karan, a senhoria, já telefonou a Francie para lhe dizer que ela tem de os fazer sair da entrada e ir-se embora, e a queixar-se de que alguém lhe tinha derrubado os vasos de gerânios. Francie verifica o telemóvel, impaciente por uma resposta de Nell e de Colette, e escreve outra vez, com o polegar que tem livre.

A sério. Devíamos falar com a Scarlett. Acho que ela pode ajudar.

Aquela mulher que Francie viu na varanda em frente à casa de Winnie, a regar as plantas: Francie pensa que talvez fosse Scarlett. A princípio não tinha a certeza, mas na noite anterior, enquanto Lowell dormia na cama deles e Barbara no sofá, Francie fechou-se na casa de banho quente e sem janela a reler o bloco de apontamentos que esconde na gaveta da roupa interior, à procura de algo que lhe possa ter escapado à atenção. Daí a trinta minutos, nua na banheira, sentindo a água do chuveiro como picadas de gelo nas costas e na cabeça e o cabelo como cortinados ao lado das faces, recordou-se de algo: do último encontro das Mães de Maio, umas semanas antes, quando Scarlett lhes disse que Winnie andava deprimida. Francie recorda-o claramente. Estavam sentadas em cima das mantas, a beber o vinho que Nell tinha trazido. Scarlett disse que estava muito preocupada com Winnie. Que eram vizinhas e tinham dado uns passeios juntas.

Francie pousa Will delicadamente no baloiço, mete-lhe a chupeta na boca e põe o ar condicionado no máximo.

Talvez a Winnie lhe tenha dito alguma coisa, escreve. Algo que possa ajudar.

Envia a mensagem e o seu telemóvel toca de seguida. É Colette. Dá a impressão de que está a chorar.

– Francie, tens de parar. Estás a agarrar-te a coisas que não levam a nada.

– Não, não estou. – Francie começa também a chorar. – A mantinha azul. A polícia nem sequer tinha revistado a mala do carro da Winnie antes da noite de ontem?

– Não, não foi isso que eles disseram. Disseram que a revistaram outra vez. Alguém...

– Eu estive acordada toda a noite a pensar nisto. Se a Winnie falou à Scarlett da depressão dela, talvez também lhe tenha falado sobre outras coisas. Talvez haja alguma coisa, algo que as pessoas não estão a ter em conta...

– Não. – Francie ouve o tom de impaciência na voz de Colette. – Tens de me dar ouvidos, Francie. Eu sei que isto é difícil. É difícil para todas nós. Mas estou a ficar seriamente preocupada.

– Eu sei. Eu também. Ando preocupada...

– Não, Francie. Refiro-me a ti.

– A mim? Isto não é sobre mim...

– Precisas de descansar, Francie. Não estás a pensar racionalmente. Precisas de...

– Mas eles ainda não disseram que ele está morto. Ainda não encontraram o corpo. – Francie tem a garganta tão apertada que lhe dá a sensação de que poderia sufocar. – Talvez ele ainda esteja vivo. Talvez ainda haja tempo para o salvar. Ele precisa de estar com a mãe dele...

– Não! – A palavra soa áspera nos ouvidos de Francie. – Ele não pode estar com a mãe dele, Francie. A mãe dele foi quem lhe fez mal. Aceita isso. Acabou.

Francie atira o telemóvel para o sofá. *Acabou?*

A campainha toca de novo e a seguir ela ouve passos nas escadas. Batem à porta com força. É Mrs. Karan a vir dizer-lhe que já não consegue viver com aquele caos. Vem dar-lhes ordem de despejo. A ela, a Lowell, ao bebé: não vão ter onde viver.

– Olá? Francie? – É uma voz de homem.

Ela aproxima-se da porta. – Quem é?

– É o Daniel.

– O Daniel? – Francie sente a cabeça a andar à roda. Aquele nome. É familiar. *Daniel.*

Fecha os olhos e pressiona as têmporas com os dedos. O artigo que leu. A entrevista que Winnie deu depois da morte da mãe. *Tenho-me apoiado no Daniel. Ele é a única coisa que me ajuda a suportar a dor do luto.*

Ele está a bater com mais força.

O namorado de Winnie? Está aqui, no apartamento dela? Teria sido a Winnie a enviá-lo? Talvez com uma mensagem – algo que a conduza a Midas?

– Francie, abre. Por favor. Tenho de falar contigo.

Ela corre o fecho, entreabre a porta e espreita para o corredor. A palavra sai-lhe num murmúrio:

– *Token?*

—

– Tu eras o namorado dela?

– Era – responde ele. – Há muito tempo.

– E agora... estão *juntos*?

– Não, não. Não é nada disso. – Will começa a chorar e Francie põe-se de pé, mas Token chega primeiro e tira-o do baloiço. Encosta-o ao peito e começa a andar de um lado para o outro na sala de estar.

Ela volta a sentar-se no cadeirão, mantendo os olhos fixos no seu bebé. – Mas vocês os dois...

– Somos apenas muito bons amigos. – Ele está de olhos postos no chão, a evitar os dela. – Depois da morte da mãe, ela acabou comigo. Afastou-se de toda a gente, eu incluído. Fiz o que podia para ela mudar de ideias, mas recusou-se a ver-me.

– Não compreendo. Porque é que tu estás aqui?

O riso dele soa estranho – amargo até. – Não sei, para ser franco. Queria verte. Talvez sejas a única pessoa que vê o que se está a passar.

– O que é que queres dizer?

– A Winnie não fez isto.

Francie sente-se muito cansada; tem a mente toldada. Não lhe agrada que ele tenha Will nos braços, mas sente-se estonteada. – A tua prisão. O que...

– Como é que descobriste?

– Vimos o teu retrato da polícia.

– Calculei que fosse isso. Encontraram-no na Internet. Mas porque é que...

– Não. Não foi na Internet. Foi-nos enviado pelo correio.

Ele para de andar de um lado para o outro. – Enviado a quem?

– A nós. A mim, à Nell e à Colette.

– O que queres dizer com isso, que vos foi enviado pelo correio? Por quem?

– Não sei. Chegou pelo correio. Alguém o enviou à Colette para o gabinete do *mayor*. Não tinha remetente.

– Para o gabinete do *mayor*? – Token fecha os olhos. – Não compreendo.

– O que é que tu fizeste?

– Quase matei uma pessoa.

Francie põe-se de pé e tira-lhe Will dos braços. – Vai-te embora. Imediatamente. – Volta-lhe as costas, a proteger Will. – Eu chamo a polícia.

– Não, Francie, ouve-me. Não foi nada disso. Foi para proteger a Winnie. Ela estava em perigo.

Francie dá meia-volta. – Em perigo?

– Andava um homem a persegui-la.

– Sim, eu sei. O Archie Andersen. Li sobre isso.

Token acena com a cabeça. – Foi depois de a Winnie romper comigo. Ela não sabia, mas eu seguia-a até aos ensaios, quando voltou para o trabalho, para me assegurar de que chegava bem, de que ele não andava a segui-la. A Winnie julgou que o Archie tinha perdido o interesse por ela, mas depois ele apareceu no funeral da Audrey. Aquilo aterrorizou-a. Eu queria assegurar-me de que ela não corria perigo.

– E?

– Foi no terceiro dia de volta ao trabalho depois da morte da mãe dela. Ele estava à espera dela na esquina, depois de ela sair do metro. Eu não tive a certeza de que fosse ele ao princípio, mas mantive-me por perto. Ele seguiu-a até lá dentro e depois agarrou-a e forçou-a a ir para as escadas. Eu saltei-lhe para cima numa questão de segundos. Ele nem sequer me viu. Bati-lhe com a cabeça no chão com tanta força que lhe rachei o crânio. Ele esteve semanas no hospital.

– Foste para a cadeia?

– Nove meses. Declarei-me culpado de agressão em troca de uma sentença mais ligeira. Cumpri um ano de prisão, saí mais cedo por bom comportamento. O juiz selou o caso, a pedido dos advogados da Winnie, e conseguimos evitar que fosse noticiado. A Winnie deixou a série depois disso. Fez tudo o que pôde para desaparecer da vista do público.

– Ele recuperou? O Archie Andersen?

– O suficiente para se mudar para a Virgínia Ocidental, onde acabou por matar um casal de idosos numa tentativa falhada de os assaltar. Está preso há onze anos.

Francie abana a cabeça. – Isso não foi noticiado.

Token lança-lhe um olhar. – Não?

Francie sente a boca seca ao pousar os lábios na testa de Will. Andersen está na cadeia. – Porque é que não nos disseste simplesmente que tu e a Winnie eram amigos?

– A Winnie é muito ciosa da sua privacidade. – Token senta-se no sofá. – Talvez tenhas reparado? Depois de nascerem os nossos filhos, ela persuadiu-me a vir a um encontro das Mães de Maio. Mas pediu-me que não contasse a nossa história. Só levaria a perguntas. Ela não gosta de falar sobre esses anos.

– Nem estou em mim. Tu foste para a cadeia por ela.

– Fui. – O rosto dele ensombra-se momentaneamente. – E fá-lo-ia de novo sem hesitar. Faria tudo e mais alguma coisa para a proteger. – Baixa os olhos. – E ao Midas.

Francie olha-o por uns momentos. – Ouve – diz, e senta-se ao seu lado no sofá. – Tenho uma ideia. É uma coisa que me ocorreu ontem. Algo que acredito que possa ajudar.

Ele mantém os olhos pregados no chão, mas parece a Francie que deteta uma mudança na expressão dele. Quando finalmente olha para cima, está a sorrir. – Algo que a ajude?

CAPÍTULO VINTE E UM

DÉCIMO TERCEIRO DIA

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 17 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: 64.º DIA

Quando tens um bebé, toda a gente parece ter uma opinião. (Ah! Quem somos nós para falar?) Como lidar com isso? Primeiro, encara o que te disserem com alguma reserva. Nada minará mais a tua autoconfiança do que dar ouvidos a todos os conselhos e mais alguns. Compreende também que a intenção é boa. Embora nós amemos os nossos bebés mais do que qualquer outra coisa no mundo, muitas outras pessoas (estamos a olhar para ti, vovó!) querem desempenhar um papel, na tentativa de manter o pequerrucho em segurança.

Colette traça os riscos da luz do sol na face de Charlie. Ele tem a mão na cintura dela.

– Sabes quão raramente, nos quinze anos em que estamos juntos, choraste diante de mim?

Ela acena com a cabeça e fecha os olhos, vendo a imagem de Winnie a ser conduzida para a esquadra da polícia no dia anterior. Sente-se inundada por mais uma vaga de sofrimento.

– Quem me dera que tivéssemos falado sobre isto antes – diz Charlie, puxando-a a si. Depois de ver as notícias sobre Winnie, Colette foi-se abaixo e confessou tudo. Que tinha feito cópias do dossiê da polícia e tirado a *pen*. Que tem andado a tentar a custo manter-se à tona e que se sente preocupada com Poppy, que tem andado a observá-la obsessivamente, à procura de algum sinal de melhoras. Que tem sido muito difícil tentar equilibrar tudo: ser uma boa companheira, uma boa mãe, uma escritora competente.

– O que queres fazer? – pergunta-lhe Charlie agora.

– Não sei. – Pelo intercomunicador, ouvem Poppy choramingar, e Colette levanta-se para ir buscá-la, mas Charlie põe-lhe a mão nas costas.

– Vamos dar-lhe um segundo para resolver isto sozinha.

Colette volta a descontrair-se nos braços de Charlie.

– De facto, é mentira. Sei o que quero fazer. Quero ter a certeza de que ela está bem. Quero ser só mãe por uns tempos. E a certa altura volto a escrever. Mas os meus próprios livros. – Limpa as lágrimas na fronha. – Embora o meu cérebro já não funcione, e eu não tenha assunto sobre o qual escrever.

Charlie sorri. – Faz o que todas as novas mães fazem. Escreve sobre ter um bebé.

– Tenho de ir buscá-la – diz Colette quando Poppy choraminga outra vez.

– Eu vou lá. – Ele senta-se na cama, à procura dos *boxers* no chão. – É sábado. Fica na cama. Dorme mais um bocado.

Colette desliga o intercomunicador e volta a afundar-se na cama, a inspirar o cheiro de Charlie na almofada. Lá fora, os estorninhos juntam-se na escada de incêndio, a comer no comedouro para pássaros que ela instalou há uns dias. Fecha os olhos, desejando poder ficar aqui todo o dia, afastar a sua angústia e as imagens de Winnie a ser levada para a prisão, à espera de, a qualquer momento, ouvir a notícia de que o corpo de Midas foi encontrado.

Na mesa ao seu lado toca o telemóvel. Apetece-lhe ignorá-lo, mas sabe que não pode.

Senta-se e estende a mão para ele. – Estou?

– Estás a caminho?

Colette não responde imediatamente. – Não.

– São quase nove horas. Sempre vens, não vens?

Colette esfrega os olhos. – Nell, não tenho a certeza. Eu...

– Colette, não – diz Nell. – Não faças isso. Disseste que ias. Ambas dissemos. – Nell faz uma pausa. – Falo a sério, Colette. Temos de fazer isto. Prometemos-lhe que o faríamos.

Charlie está a fazer café, com Poppy a palrar alegremente na cadeira de baloiço aos pés dele, quando Colette entra na cozinha com o seu vestido amarelo. – Preciso de sair por algum tempo – diz.

– Não me tinhas dito nada. Aonde vais?

– Tenho de fazer uma coisa rápida. – Beija-o. – Volto daqui a pouco. E adivinha o que vamos fazer hoje à noite?

Ele põe os braços à volta da cintura dela e aperta as ancas dela contra as suas. – Faço uma ideia.

Ela ri-se. – Isso também. E fiz uma reserva para irmos jantar fora.

– Nós os três?

– Não. Arranjei uma *babysitter*.

– Estás a brincar. Quem?

– A Sonya, a vizinha do andar de baixo. Sabias que ela foi ama de uns gémeos durante dois anos?

Ele inclina a cabeça. – É *claro* que sabia. E obrigado. Vai ser muito bom. – Dá-lhe um beijo prolongado. – Leva o guarda-chuva, está a começar a chover. E volta depressa.

—

Nell está à espera em frente ao The Spot, com um jornal a pingar por cima da cabeça para se proteger da chuva e um copo com café gelado na mão.

– Desculpa, cheguei atrasada – diz Colette.

– Anda daí. – Nell bebe o resto do café e atira o copo para um contentor do lixo. – A Francie já me telefonou três vezes.

Colette apressa o passo para acompanhar Nell. Sabe que o que vão fazer é o mais acertado. Francie apareceu em casa de Colette na noite anterior, com os olhos inchados e as palavras a saírem-lhe da boca aos atropelos: Token tinha ido a casa dela e contou-lhe que ele e Winnie tinham sido namorados no secundário. Francie contou a Token o que Scarlett tinha dito no último encontro das Mães de Maio, que Winnie andava deprimida, e falou-lhe da sua certeza crescente de que Scarlett era a mulher que ela vira da casa de Winnie.

– Ele acha que eu devia falar com a Scarlett – disse Francie a Colette. – Pensa que é mesmo boa ideia. Mas eu já lhe enviei vários emails e ela não responde. O Token disse que eu devia confiar nos meus instintos e continuar a tentar. Quero encontrá-la. Ambos pensamos que talvez esta seja a nossa última hipótese de encontrar o Midas e ajudar a Winnie.

– Francie, isso é uma ideia louca – disse Colette.

– Não, não é. Nós nem sequer nos demos conta de que a Winnie estava deprimida. Além disso, a Scarlett é uma daquelas mulheres. daquelas que sabem sempre o que fazer. Estou a dizer-te. Precisamos de falar com ela.

Colette ainda não conseguiu livrar-se da imagem do olhar desesperado de Francie, que continua a acompanhá-la enquanto desce a rua íngreme a toda a pressa ao lado de Nell. – OK, então qual é o plano? – pergunta Nell.

– Deixamos que ela entregue a carta. E depois eu sugiro que vamos tomar um café. Falamos com a Francie lá, dizemos-lhe que estamos muito preocupadas com ela.

– Quem me dera que pudéssemos saltar essa parte e ir diretas ao café. Imagina o que a Scarlett vai pensar quando ler a tal carta?

– Eu sei, é ridículo, mas é o melhor que me ocorreu. – Um trovão ribomba à volta delas e a chuva começa a cair com mais força. Colette aproxima-se de Nell para a abrigar com o seu guarda-chuva. – Falei com a editora do Charlie. Ela passou por isto depois de lhe nascer o primeiro filho. Deu-me o nome de três psicólogos.

– Ótimo – diz Nell. – Se a Francie se recusar a marcar uma consulta, telefonamos ao Lowell. Ele precisa de compreender que há algo mais grave a passar-se com ela.

Dobram a esquina e Colette vê Francie à espera em frente a um prédio ao fundo do quarteirão. Alguém está com ela debaixo do guarda-chuva.

– É o Lowell? – pergunta Colette.

Nell semicerra os olhos. – É o Token. Ela disse-te que ele vinha?

– Não. Pensei que íamos ser só nós as três.

– Estão atrasadas – diz Francie quando elas se aproximam. Empunha o envelope. – Querem ler? O Token – olha para ele – desculpa, o Daniel acha que está bem.

– Tenho a certeza que está ótimo – diz Colette. – O que é que escreveste?

Francie lambe a dobra do envelope e sela-o. – Só aquilo que te disse ontem à noite. Que nos questionamos se ela saberá alguma coisa que possa ajudar.

– Ótimo – diz Colette.

Francie inspira fundo e dirige-se para a entrada. Token aproxima-se de Colette.

– Não te importas? – pergunta, acenando com a cabeça para o guarda-chuva dela. Colette e Nell afastam-se para arranjar lugar para ele. O ombro dele roça no de Colette e ela sente o seu hálito no pescoço enquanto veem Francie baixar-se debaixo do guarda-chuva para ler os nomes nas caixas do correio. – Eu tinha razão! É mesmo o apartamento dela – diz, quando uma mulher abre a porta do prédio do lado de dentro e bate contra a anca de Francie.

– Desculpe – diz a mulher. Mantém a porta aberta. – Queria entrar?

Francie lança um olhar para trás e Colette abana a cabeça. – Não – diz Colette. – Deixa só...

Francie estende a mão para a porta. – Sim, obrigada.

– Que raio! – resmunga Nell entre dentes.

– Venham daí – diz Colette ao ver Francie desaparecer no interior do prédio. Corre para a entrada, com Nell a segui-la, e agarra a porta antes que ela se feche. – Também vens? – pergunta a Token.

– Não – responde ele, pondo o capuz. – Acho que, provavelmente, é melhor eu ficar aqui. Pelo sim, pelo não.

– Sim, fica a vigiar – diz Nell, e depois baixa a voz e segreda teatralmente. – Se não estivermos de volta daqui a três dias, chama a polícia.

Colette e Nell entram no átrio. – Francie! – chama Colette para as escadas alcatifadas. – Deixa a carta e vamos embora.

– A sério, eu não tenho mesmo tempo para isto – diz Nell, começando a subir as escadas. – A minha mãe vai-se embora hoje.

Colette segue Nell até ao terceiro andar, onde vê o guarda-chuva molhado de Francie encostado à parede ao lado de uma porta aberta ao cimo das escadas. Colette entra no apartamento, para uma pequena cozinha. No corredor estão caixotes de mudanças bem empilhados, com etiquetas em maiúsculas: TACHOS E PANELAS. TOALHAS. PRATOS. O balcão da cozinha está cheio de biberões, vitaminas pré-natais, ervas medicinais chinesas e embalagens de chá de lactação.

Francie está de pé na sala de estar, separada da cozinha por uma ilha forrada a azulejos brancos, a observar o espaço. – Como é que tu entraste? – pergunta-lhe Nell.

– A porta... abriu-se simplesmente.

Colette olha para o puxador da porta, que está amolgado e solto, e repara num puxador no chão. – Francie, arrombaste a porta?

– Não. O puxador estava solto.

– Isto já foi longe de mais – diz Colette. – Deixa a carta cá fora.

– Está bem. – A voz de Francie é distante quando passa por Colette; percorre o corredor, evitando os caixotes, em direção ao quarto. – Deem-me só um minuto.

Colette suspira e depois repara que Nell está a folhear um bloco de apontamentos no balcão da cozinha. – Olha-me para isto – diz Nell. – É um gráfico, a registar as mamadas e as mudanças de fraldas do bebé. – Vira para outra página. – Meu Deus, ela até toma nota de cada vez que ouve um arrote.

– Tu não? – pergunta Colette.

– Sim, claro – responde Nell. – Mas só os arrotos do Sebastian. Tenho um armário cheio dessas coisas.

Francie volta a entrar na cozinha e passa por elas. Sem dizer uma palavra, abre a porta de vidro e sai para a pequena varanda. No gradeamento estão pendurados

vasos com flores e ervas aromáticas e há uma planta de tomate a começar a crescer. Olha em frente por uns momentos e depois volta para dentro de casa, com os caracóis salpicados de chuva, e espreita para dentro de um armário junto à cozinha. – Acham que é possível que ela tivesse um intercomunicador com vídeo ou uma câmara de vigilância?

– Não – diz Colette. Dirige-se para o armário e fecha a porta. – Decididamente, isso não é possível. – Pousa as mãos nos ombros de Francie. – Deixa a carta. É tudo o que podes fazer.

Nell aproxima-se. – A Colette tem razão, France. Vamos até ao Spot. Têm sido uns dias bastante difíceis. Os queques são por minha conta. – Nell belisca o pneu na sua cintura. – Estás a ver?

Francie limpa o nariz. – Acham que ela telefona quando receber a carta?

– Acho – responde Colette. – Estás a fazer o mais correto. Mas é hora de irmos.

Francie acena com a cabeça. – Deixei a minha mala no quarto. – Percorre o corredor para a parte de trás do apartamento enquanto Colette vai à sala de estar para fechar a porta da varanda.

Nell espreita pelo corredor. – Seria esquisito se eu fosse à casa de banho dela? Não devia ter tomado aquele café. – Mas depois a sua expressão altera-se, e aproxima-se da porta.

– O que se passa? – pergunta Colette.

Nell ergue a mão. – Escuta. – Colette ouve-o então: um bebé a chorar.

– Não pode ser ela – segreda Colette.

– Eu sei. Ela está fora, certo?

– Pronto, bebé. Pronto. – Ouvem-se uns passos a correr pela escada acima. – Já estamos quase em casa.

– Oh, meu Deus! – segreda Nell, agarrando o braço de Colette. – É ela. Voltou.

Colette segue Nell pelo corredor até ao quarto e fecha a porta atrás delas. Ouvem Scarlett entrar na cozinha. – O que é que vamos fazer agora? – pergunta Nell.

– Não sei.

Nell corre para a janela. – Há uma escada de incêndio ou coisa do género?

– Francie – diz Colette. – Estás a prestar atenção? Ela está aqui.

Mas Francie não parece ouvi-la. Está em frente a uma secretária no canto do quarto, a vasculhar uma gaveta, com uma expressão vazia. Scarlett canta na cozinha.

– *Não chores, meu bebê. A mamã vai cantar-te uma canção de embalar.* OK, meu amor – diz. – São horas do almoço. Pronto, vá. A mamã está aqui. Deixa-me só tirar estas roupas molhadas.

A porta abre-se e o quarto enche-se com o som penetrante do grito de Scarlett.

—

– Colette. – O cabelo de Scarlett cai-lhe pelas costas, molhado, e tem o rosto contraído de medo. Olha para Nell e Francie, com os braços à volta do bebê, a protegê-lo, e ele contorce-se contra o seu peito, debaixo da pala da chuva do marsúpio. – O que é que estão a fazer aqui?

Colette ri-se nervosamente. – Scarlett. Meu Deus, que embaraçoso que isto é. Pedimos imensa desculpa. Isto é...

Francie avança um passo. – Estamos aqui por causa da Winnie.

– Da Winnie? Não compreendo. Isto tem a ver com os emails que tens andado a enviar-me?

– Tem. Não me respondeste. Não tive outra opção a não ser vir cá. – Há um tom alarmante na voz de Francie e uma expressão tresloucada nos seus olhos, e então ocorre uma ideia a Colette: onde está Token? Porque é que ele não as alertou que Scarlett estava a chegar a casa?

– Para ser franca, Francie, se eu te respondesse seria para te pedir para parares. A quantidade de emails que me mandaste! É um pouco perturbador.

– Eu vi-te no outro dia, na tua varanda, quando estava em casa da Winnie.

– Na minha varanda? O que queres dizer? Nós temos estado fora.

– Não, eu vi-te – diz Francie. – Tinhas um regador na mão.

Scarlett está a abanar a cabeça. – OK...

– A Winnie fez-te confidências – diz Francie. – Foi o que nos disseste, no último encontro. Admitiu que estava deprimida.

O bebê de Scarlett solta um gemido de fome, e ela começa a embalá-lo. – Sim, e...

– E tu estavas em casa naquela noite, certo? – A voz de Francie é ríspida. – Com os teus sogros?

– Eu falei com os detetives sobre tudo o que sei. – Scarlett desvia o olhar de Francie para Colette e Nell. – Desculpa lá, mas seja lá o que for que andas a

fazer... os emails incessantes. E agora isto, vires aqui, entrares no meu apartamento... é completamente imperdoável. – Tem a voz tensa de fúria. – Já para não mencionar que é ilegal.

Colette sente um calor de embaraço no pescoço. – Scarlett, lamentamos muito. Íamos só deixar-te uma carta...

– Como é que vocês conseguiram entrar cá em casa?

– A tua porta... não estava fechada – diz Francie.

– A minha porta não estava fechada? – Scarlett cora. – Que estupidez a minha.

– Nós não tencionávamos... – Colette tenta controlar o tremor na voz. – Nós...

– Não tínhamos a intenção de entrar – diz Nell, aproximando-se de Francie, pousando a mão no seu cotovelo. – E se nos fôssemos embora e te deixássemos ir à tua vida?

O bebé de Scarlett chora mais alto. Ela vira-se para percorrer o corredor em direção à cozinha. – Boa ideia.

Colette respira fundo. – Venham daí.

Nell conduz Francie até à porta, mas ela solta-se da mão dela e volta a dirigir-se à secretária.

– Francie – segreda Nell em voz ríspida. – Isto já não tem graça nenhuma. Anda lá.

Francie tira silenciosamente uma pilha de papéis da gaveta de cima da secretária e ergue-os.

– «Remédios Naturais para Ductos Mamários Entupidos». «Seis Dicas de Sono Imperdíveis».

– Francie, vá lá.

Francie mostra-lhes as páginas seguintes, um artigo da Internet.

GWENDOLYN ROSS DETIDA NO CASO DO DESAPARECIMENTO DO FILHO

LACHLAN RAINE ADMITE CASO COM ESTAGIÁRIA DO DEPT. DE ESTADO ELLEN ABERDEEN

Francie continua a folhear os papéis. É o email de Nell. O Jolly Llama. 20:00 de 4 de julho. Venham todas, especialmente a Winnie. Não aceitaremos um não como resposta.

As mãos de Francie tremem quando abre um bloco de apontamentos, e leem a página juntas.

E se eles não acreditarem em mim? Finalmente, formulei a pergunta em voz alta. E se eles não forem na história que nós criámos?

E se eu for parar à cadeia?

Mas o Joshua limitou-se a virar-me as costas. Sei que só o facto de mencionar isso o deixa aterrorizado.

Francie vira para a página seguinte e um punhado de papéis dobrados cai ao chão aos pés delas. Nell pega neles e desdobra-os.

O retrato da polícia de Token. Três cópias.

Colette fecha os olhos, a ouvir apenas o som da chuva a bater na claraboia acima delas.

– Oh, meu Deus! – murmura Nell.

Colette abre os olhos. *Vão*, diz Francie, formando as palavras só com os lábios, sem som.

—

Scarlett está de pé junto à porta. O bebé chora agora com mais força.

– Parece ter fome – diz Francie. – Posso fazer alguma coisa para te ajudar?

– Podes ir-te embora – responde ela. – O meu marido está a estacionar o carro e volta a qualquer momento. Acredita, ele não vai ser tão compreensivo como eu.

Colette dirige-se para Scarlett. Imagina-se a descer as escadas a correr, a sair para o passeio, a ir a toda a velocidade à chuva para casa, para junto de Charlie e Poppy, nada disto real. Mas fita Nell e depois Francie e dá uns passos na direção de Scarlett.

– O que é que tu estás a fazer? – pergunta Scarlett, com as mãos na cabeça do bebé.

Colette estende o braço para a pala do marsúpio. Scarlett recua, mas Colette vislumbra o cabelo e o rosto do bebé.

– É o Midas – diz Francie por trás de Colette enquanto Scarlett se encaminha bruscamente para a cozinha. Colette segue-a, com as pernas bambas.

Os gritos do bebé intensificam-se quando Colette chega junto a Scarlett. Mete as mãos à força dentro do marsúpio e aperta-as à volta do bebé. Sente que Scarlett se inclina para o balcão, e vê a faca na sua mão fechada.

Num instante, apercebe-se de uma pontada de dor lancinante no lado do seu corpo. Ouve o som da voz de Nell. Vê o rosto de Poppy.

E depois fica tudo às escuras.

—

Pouso a faca em cima da mesa.

A Francie está imóvel. A Nell está ajoelhada ao lado da Colette, que tombou no chão. O bebé está aos gritos contra o meu peito. – Vê só o que fizeste agora! – digo, olhando para ele. – Incomodaste o Joshua.

– Scarlett, o que é que tu... – A Francie está a aproximar-se de mim. – Dá-mo. Dá-me o Midas.

– O Midas? O Midas morreu. Este é o Joshua. – Vejo a expressão aterrorizada nos olhos do bebé e segredo-lhe ao ouvido. – Não te preocupes, minha doçura. Vai ficar tudo bem.

O espaço começa a andar à roda. O ar brilha com poeira. Elas estão aqui de visita.

Sou a anfitriã de um Encontro das Mães de Maio.

A Nell está a chorar, com o telemóvel junto à orelha. Tenho de pensar rapidamente. Aproximo-me dela e arranco-lho da mão.

– Não! Dá-me isso. – Está desvairada. – Temos de chamar uma ambulância.

Pouso calmamente o telemóvel no lava-loiças e abro a torneira. – Nada de telefonemas durante o nosso encontro, minhas senhoras. É mal-educado. – Viro-me para a Francie. – Tu também.

– Eu também?

– Sim. – Estendo a mão. – Dá-me o teu telemóvel.

Francie estende a mão para o bolso de trás dos seus calções, os mesmos calções da *Old Navy*, verde-ervilha e com manchas de leite, que tão mal lhe ficam e que ela usa em todos os encontros, a pobre da rapariga. – O meu telemóvel. Eu não...

Passo por cima da Colette e faço girar a Francie, com as unhas a enterrarem-se nos bíceps moles dela, e tiro-lhe o telemóvel do bolso. Atiro-o para o lava-loiças ao lado do da Nell. Deito um fio de gel azul por cima dos telemóveis e fico a vê-los desaparecer sob uma nuvem de bolhas. Vejo o meu reflexo no vidro do lousheiro e reparo nas minhas olheiras, no estado do meu cabelo. Estou com um aspeto horrível.

Belisco as faces e passo os dedos pelo cabelo. Realmente devia ter-me esforçado mais para ter bom aspeto para este encontro. Sei a importância que estas mulheres dão a isso.

– Desculpa – digo, virando-me para a Francie. – Não é minha intenção ser indelicada. O Joshua tem andado um bocadinho maldisposto e isso está a começar a afetar-me. Mas vocês sabem como *isso* é, certo?

Vou à porta do apartamento e tranco o ferrolho e o cadeado. Ajoelho-me e arranjo forças para empurrar uma pilha de caixotes de mudanças contra a porta. Sinto-me um pouco tonta quando me ponho de pé. – Não vale a pena irmos ao parque com esta chuva – digo, e vou até ao frigorífico. – É melhor fazermos o encontro aqui. É mais confortável. E tenho de dar de mamar ao bebé.

Tiro um biberão de leite materno do congelador, quase o último que consegui extrair antes de me secar o leite. Sei que devia ter sido mais disciplinada quanto a isso, que devia ter posto o despertador para o meio da noite para continuar a tirar leite, que devia ter tomado mais ervas medicinais e bebido aquele horrível chá de lactação. Mais uma vez, falhei.

– Senta-te – digo à Francie, e meto o biberão no micro-ondas. – E por favor não me digas que aquecer o leite materno no micro-ondas lhe destrói todas as propriedades. Estou ciente disso. Li os mesmos livros. E opto por aderir à minha própria filosofia maternal. Chama-se *Mães: Vão-se Todas Lixar*. – Rio-me e lanço um olhar à Colette, que está a deixar uma poça de sangue nos ladrilhos da cozinha. – Talvez devesse escrever um livro sobre *isso* – digo-lhe.

Levo o biberão para o sofá e, quando olho para as outras, reparo numa coisa. – Esperem lá – digo. – Onde é que estão os vossos bebés?

A Francie está em silêncio, mas depois algo muda na expressão dela. Parece recompor-se. – É um dia só para as mães – diz ela, sentando-se ao meu lado, com os olhos pregados no Joshua. – Não te lembras? Nada de bebés, foi o que combinámos. Certo, Nell?

– Um dia só para as mães? – Puxo para baixo o tecido do marsúpio e meto a tetina na boca do Joshua. – Parece divertido. Deve-me ter escapado esse email. Só espero que não estejam com fome. Este encontro é inesperado.

A Colette geme do chão da cozinha, e vejo que a Nell está a pressionar a ferida no lado do corpo dela com uma das minhas toalhas de mãos das boas. – Trouxeste os queques? – pergunto à Colette.

A Nell está com a cara da cor da cal. – Os queques?

– Não é o que ela costuma fazer? Traz os queques e nós trazemos o tédio. – O Joshua mexe-se contra o meu peito e eu tiro-lhe o biberão da boca. Ele solta um

arroto. Não é bem um arrote, mas basta. Levanto-me do sofá para tomar nota no meu bloco de apontamentos, mas depois decido voltar a sentar-me. Faço isso mais tarde, depois de elas se irem embora.

– Bem, e que tal um café? – pergunta a Francie.

– Café? E o ducto mamário entupido? Eu disse-te que a cafeína só agrava o problema.

– Eu sei. Mas desisti. Agora dou-lhe leite em pó.

– Em pó? A sério? Isso é muito mau. – O Joshua está a olhar para mim, e sei que não vale a pena continuar a evitar os olhos dele. Vejo logo o olhar de repreensão, a fúria. Parece-se tanto com o pai neste momento! A perguntar-me como deixei acontecer isto, porque é que não me precavi melhor para o evitar, como tinha prometido. Desvio os olhos. – Café? Vejamos.

Volto a entrar na cozinha estreita e abro os armários. – Não. Já meti a cafeteira num caixote. Vai ter de ser chá de lactação. Ora bem, onde é que eu tenho as canecas?

Ponho água a ferver e remexo num dos caixotes que estão contra a porta, onde avisto a caneca com a frase *Cape Cod Is for Lovers* que o Dr. H me comprou por piada numa paragem durante o primeiro fim de semana em que fomos para fora juntos, há dois anos. Na primeira vez em que fizemos amor noutra lugar que não o chão do consultório dele, com a máquina de ruído de fundo com o volume no máximo para o caso de o paciente seguinte chegar cedo. No fim de semana em que me disse pela primeira vez que me amava, e muito antes de eu descobrir o monstro que ele era.

Encontro um frasco de pickles por abrir e uma lata de feijão preto na parte de trás do armário. Abro os pickles, deito os feijões numa taça limpa, e, depois de a água ferver, levo a taça e o chá para a mesa de apoio.

– Parece ótimo – diz a Francie, mas não está com uma expressão de agrado. Se bem a conheço, está a julgar-me por eu não ter feito um bolo. Pega no chá. – Ora bem, como tu sabes, temos uma determinada maneira de começar estes encontros – diz ela.

– Referes-te à história do meu parto? – Rio-me. – Essa ideia foi minha, não foi?

A Francie acena com a cabeça. – E, como és a anfitriã, devias começar tu.

Insisto com o Joshua para que aceite a chupeta que tem presa à camisa. – Bem, dei à luz no Dia da Mãe. Deitei-me para fazer uma sesta...

– Não – interrompe a Francie. – Antes disso. Começa pela gravidez.

– Oh, OK. Vejamos. Então, o doutor H não queria mais filhos. Diz que o enganei, mas eu tomava a pílula. Sou o um por cento. – rio-me. – Não *esse* um por cento. O outro. Aquele sobre que a embalagem da pílula avisa.

– O doutor H?

– O meu psiquiatra. O pai do Joshua. Em tempos chamava-lhe meu namorado. – Estremeço ao recordar aquele momento num bar em Queens, ao lado do hotel onde nos encontrávamos por vezes. – O meu namorado quer outro uísque – disse à empregada do bar, uma mulher dos seus setenta anos, com brincos de plástico a baloiçarem-lhe nos lóbulos distendidos e, por trás dela, um copo de esferovite com pontas de cigarros a boiarem dentro, entre as garrafas de vodca aromatizada cheias de pó.

Ela virou-se para preparar a bebida e ele crispou-se todo, sentado ao meu lado. – Nunca mais me voltes a chamar isso – segredou-me ao ouvido, com a mão a apertar-me a coxa com tal força que me deixou cinco marcas roxas que descobri mais tarde nessa noite, quando estava a despir-me para ele. – Não somos uma porra de um casal de adolescentes.

– Ele é casado – digo à Francie. – Mas estivemos juntos dois anos. – Reviro os olhos. – Sabes como é, com interrupções.

A Francie acena com a cabeça. – É ele que está a estacionar o carro agora? O teu marido?

– Hum? – Oh, certo. Eu tinha dito isso antes. – Não. Eu não tenho marido.

– Então o doutor H...

– Já não falamos há meses, desde que lhe disse que ia ficar com o Joshua. Ele é um bocado marado. Tem um distúrbio de personalidade narcisista, se queres a minha opinião. Dificilmente são capazes de amar outras pessoas. Fiquei a saber isso por ele, na verdade. *A única pessoa de quem o teu pai conseguia gostar era dele mesmo.* Era o que dizia sempre o doutor H, mas, juro por Deus, podia estar a falar de si próprio. – Surpreende-me sentir um nó na garganta. Não é fácil falar disto.

– Seja como for, os meus pais não foram propriamente o melhor modelo para mim, e eu não fazia tenção de ter filhos. Mas depois apareceu o Joshua e percebi que era o que mais queria na minha vida. Desde o momento em que apareceu como um sinal de mais, cor-de-rosa, entre duas placas finas de plástico, senti que o *conhecia*.

Esfrego as costas do Joshua, a pensar naqueles tempos, como foram felizes, enquanto o sentia a crescer dentro de mim. A ler-lhe livros na banheira. A levá-lo a dar um passeio de manhã até ao novo parque infantil, a prometer que o

levaria de novo um dia. Andava descalça na parte com areia, a imaginá-lo a colecionar pedras, a aprender a trepar às árvores. Todas as coisas que as crianças costumam fazer. – Era um pequerrucho tão ativo! Dava tantos pontapés! Sempre a dizer-me o que queria. – Rio-me enquanto deito mais um pouco de açúcar no chá. – Lembras-te de como eles falavam connosco lá de dentro?

Vejo pela expressão vaga na cara da Francie que me desviei do assunto. – Desculpa lá. O doutor H sempre disse que eu falo demasiado e me arrisco a maçar as pessoas de morte. – Pressiono as têmporas com os dedos, a tentar ordenar os pensamentos, concentrar-me no que estou a dizer e não na maneira como o Joshua está a olhar para mim.

– Mantém-te concentrada, Scarlett – digo. Sorrio à Francie. – Eu tinha um plano de parto muito específico. Sabes, nada de epidural, contacto de pele contra pele, polvilhá-lo com um pó mágico biológico, mas não o limpar antes de mo porem nos braços. O caso é que ninguém pareceu querer saber do meu plano. Antes de eu poder pegar sequer nele, levaram-no para aquela coisa tipo mesa, com aquelas luzes e aqueles fios todos.

«Não me lembro do nome da médica, mas parece que ainda a ouço a berrar qualquer coisa, a gritar ordens às pessoas. Depois pôs-se a ligar uns fios, levaram-no da sala, nem sequer me deixaram ver a cara dele para eu ver se era como eu o imaginava. O outro médico apareceu lá, a dizer-me que tinha de ser cosida onde me tinha rasgado. *Tem de se deitar, mamã. Temos de tratar de si primeiro.*

«Queres um picle? – Estendo o frasco à Francie. – Não? Nell? – A Nell está com os olhos inchados. Abana a cabeça. – Seja como for, encefalopatia hipóxico-isquémica. Foi o que a médica me disse. Por outras palavras, sufocou durante o parto. Ou, por outras palavras ainda, morte fetal. *Morte fetal*. Não soa como um nome de uma banda *punk* de mulheres? – Começo a rir-me e descubro que tenho dificuldade em parar. – Desculpem – acabo por dizer. – Sei que isto não tem graça nenhuma. Para ser sincera, estou destroçada com a sensação de culpa. Tive *tanto* cuidado durante a gravidez! Fiz tudo o que podia para o manter em segurança. Não sei o que aconteceu. Não queria fazer-lhe mal...»

A Francie toca-me na perna. – Scarlett. Não foi nada que tu tenhas...

– Seja como for – digo eu, pondo-me de pé e afastando-me da compaixão na cara dela. – Outra mulher entrou na sala para me perguntar se eu queria pegar no meu filho antes de o levarem embora. Eu não sabia se queria pegar nele. «É isso o que as pessoas fazem?» perguntei-lhe. «É», disse ela. «Para fazer o luto.» Foi a expressão que usou. Alguém se tinha lembrado de lhe pôr um gorro antes de mo

trazerem. Como se ainda tivéssemos o luxo de nos preocuparmos se ele sentiria frio.

Paro de falar para meter um montinho de feijões frios na boca, a dar-me conta de como me sinto esfomeada. Já não consigo lembrar-me de quando foi a última vez que comi.

– Disseram-me que tinha quarenta e oito horas para registar a morte dele. Nunca cheguei a fazê-lo. Para ser franca, sinto-me um bocado nervosa por causa disso. Será crime? – Embalo o Joshua até à porta da varanda e abro-a. Preciso de ar fresco. Pego no binóculo que está na estante e olho sobre os pátios traseiros molhados pela chuva para a casa da Winnie, perguntando-me o que estará a fazer. Não a vejo há dois dias, desde que o Daniel lá esteve, quando o vi a abrir os cortinados e depois a fazer-lhe o jantar, a sentar-se ao lado dela no sofá, a passar-lhe lenços de papel da caixa que tinha no regaço, com o prato dela intocado em cima da mesa de apoio.

Oh, certo, lembro-me agora, e volto a pôr o binóculo no lugar. Ela não está em casa. Está na cadeia.

Viro-me para a Francie. – Seja como for, basicamente é isso. – Rio-me. – A minha «história do parto». Ainda bem que tive a minha vez. Queria oferecer-me para a contar naquela noite, quando a Winnie recusou. Mas, não sei, senti-me acanhada.

– Que noite? – pergunta Nell.

– A do Quatro de Julho. No Jolly Llama.

– Tu estavas lá?

– Estava. Fiquei dentro do bar ao princípio. A ver-vos. E ia ter convosco à mesa, mas pareceu-me esquisito. Nunca senti que realmente me integrasse no grupo. E depois, claro, conheci aquele tipo.

Vejo-o, ali parado, a olhar para mim. Eu sabia o que ele queria. Tinha acabado de o ver tentar a mesma coisa com a Winnie. O contacto visual descarado de onde ele estava ao balcão. O sorriso. A maneira como me olhou de alto a baixo quando finalmente se aproximou de mim. A Winnie tinha-o rejeitado imediatamente, mas eu não consegui resistir. – Aceitei a bebida que ele me ofereceu – digo à Francie. – E uma coisa levou à outra. – Sinto as mãos dele debaixo do meu vestido no cubículo da casa de banho, a suplicar-me que vá para casa com ele. Se ao menos eu tivesse dito que sim. Suspiro e abano a cabeça. – Já tinha sido há algum tempo.

A Francie está imóvel. – Ele estava com um boné vermelho?

– Era difícil não reparar nele, certo? Tão giro. Mas sim, aquele estúpido boné de basebol vermelho.

– Não compreendo – diz a Nell. – Como é que tu levaste o bebé? Com a Alma...

– A Alma teve sorte.

– Sorte? – pergunta a Nell.

– Sim. Depois de eu sair do bar com a chave que tu me deste, tinha a certeza de que ia ter de a pôr fora de ação. Mas ela poupou-me uma data de trabalho. Estava ferrada no sono.

Juntam-se lágrimas no queixo de Nell. – Eu dei-te a chave?

– Deste. Nós falámos as duas naquela noite, lá no bar. Não te lembras?

A Nell fecha os olhos com força. – Lembro... julgava que me lembrava. Mas toda a gente disse que tu não estiveste lá. Disseram que foi com a Gemma que eu falei.

– Não. Espera lá. – Ponho-me de pé e vou ao pequeno armário ao lado da cozinha e tiro da prateleira de cima a peruca loura e o chapéu de palha à *cowboy*. Ponho a peruca, mas está a assentar-me mal. Olho para dentro dela e o telemóvel da Winnie cai ao chão aos meus pés. – Oh, está aqui. Não sabia onde tinha metido esta coisa. – Volto a pôr a peruca e viro-me para Nell. – Pareço-te familiar?

– Sempre eras tu.

– Era. Nem queria acreditar que me tinhas reconhecido. A Colette e o Daniel... perdão, o *Token*... estiveram *mesmo* ao meu lado durante uns dez minutos e nem lhes passou pela cabeça que era eu. É claro que estavam demasiado ocupados a fazerem olhinhos um ao outro. Lembras-te, Colette? Falaste ao Daniel sobre o teu trabalho com o *mayor* e pediste-lhe que jurasse que o segredo ficava entre vocês os dois.

«Por fim, decidi tentar a sorte, aproximar-me, ver do que é que vocês estavam a falar. Fiquei junto ao gradeamento, com a cara virada para o telemóvel. E depois tirei aquela fotografia tua, Nell, toda animada e descontrolada. – Não consigo reprimir uma risada. – Mandar essa foto ao detetive Hoyt resultou melhor do que eu poderia ter imaginado. Pensava que só ia pôr o Hoyt no teu encalço e conseguir mais algum tempo para mim. Em vez disso, desviou as atenções de toda a gente da verdadeira questão. Que a polícia não tinha conseguido encontrar o bebé. – Meto o dedo no frasco para tirar mais um picle.

– Eu vi a coisa toda. A Winnie a deixar o telemóvel. Tu a apagares a aplicação. A meteres o telemóvel na tua mala. Depois esbarraste em mim

quando eu ia a sair da casa de banho, mesmo no momento em que tinha decidido ir para casa. ‘Anda daí,’ disseste. ‘Vamos pedir um cigarro a alguém. Há séculos que não fumo.’

«Fomos para o pátio dos fumadores, onde um cavalheiro muito simpático te deu um cigarro. Eu bebi um copo de vinho tinto, tu fumaste um *Camel Light* e bebeste um *gin* tónico com os meus últimos quatro Xanax. Em menos de meia hora, eu tinha o telemóvel e a chave da Winnie. Acredita em mim. Eu e o Joshua, juntos por fim? Não pensei por um *segundo* que isso fosse possível. Não continuei a ir aos vossos encontros por achar que conseguiria de facto recuperá-lo.»

– Os nossos encontros – diz a Francie. – Tu aparecias. Tinhas um bebé.

– Não. – Ergo as sobrancelhas. – Tinha uma boneca de porcelana dentro de um carrinho de bebé. Topas? Obrigadinha por nunca me terem pedido para pegar nele, já agora. O facto de neste grupo as pessoas só olharem para o próprio umbigo jogou realmente a meu favor.

– Oh, meu Deus! Tu... – as palavras da Nell dissolvem-se num soluço.

– Segui-te para dentro da casa de banho. Tu tentaste dar luta, mas já estavas mais para lá do que para cá por essa altura. Esperem lá. Escutem. – Ouço um ruído no corredor. – As outras também vêm?

– Não – responde a Francie, e ergue a caneca. – O meu chá está frio. Podes dar-me outro?

– Acho que sim. – Encosto o Joshua ao ombro e passo por cima da Colette, para dentro da cozinha.

– Então, tu e o Joshua vão mudar-se para Westchester? – pergunta a Francie quando acendo o fogão. – Vai ser bom.

– Westchester? Nem morta me apanhavam em Westches... – Mas depois lembro-me. – Isso também foi mentira. Meu Deus, sou terrível. Não sei bem para onde vamos. A minha mãe já morreu há anos e Deus sabe que eu nunca viveria com o meu pai. Estivemos no norte do estado por uns dias, na casa da Winnie, mas não podemos voltar para lá.

A Francie tem os olhos arregalados. – Espera. Queres dizer que...

– Que a Winnie sabia disto? É claro que não. Mas pode-se encontrar o que se quiser na Internet desde que se procure com afinco. Como o retrato da polícia do Daniel. Ou a tua verdadeira identidade, Nell, se uma pessoa tiver queda para recordar rostos e acesso ao Lexus Nexus⁸. O endereço da casa de campo da Winnie Ross estava ali mesmo no relatório policial da morte da mãe dela. Eu tinha a certeza de que de maneira nenhuma ela esconderia uma chave, mas,

surpresa das surpresas, estava debaixo de um vaso. No mesmo sítio onde a minha mãe costumava esconder a nossa chave. – Sinto uma nuvem negra a passar por mim ao pensar naqueles quatro dias tranquilos com o Joshua, como foram de paz. – Ainda lá estaríamos, se dependesse de mim. Mas o Hector veio aparar o relvado e deu cabo de tudo.

– O Hector. – A expressão da Francie é severa. – Scarlett, tu não...

– Teve de ser. Ele viu-nos. Eu nem queria acreditar ao vê-lo entrar na cozinha quando eu estava a fazer ovos mexidos para o pequeno-almoço. – Devia estar em Brooklyn – disse-lhe eu. Tinha andado a vigiá-lo. Depois de os jornalistas se despregarem da porta da Winnie e irem para as suas casas, chegava o Hector. Trazia-lhe compras do supermercado. Dava-lhe um jeito à casa. Não estava previsto que ele fosse à casa de campo; isso não estava nos meus planos. Mas foi, e teve de pagar o preço, e agora a Winnie também.

Vou fechar a porta que dá para a varanda, para abafar o som de sirenes que corta o ar. Pego na caneca da Francie e volto para a cozinha e deito água a ferver em cima de uma saqueta de chá. – Estou a ser sincera quando digo isto, realmente não queria que a Winnie fosse parar à cadeia. Aquela infeliz já sofreu quanto baste. Tentei deitar as culpas para outros. Sabem quantas vezes eu telefonei para aquela linha de apoio da polícia, a comunicar suspeitas? O tipo branco no banco de jardim. O agressor sexual lá no quarteirão. A Alma. Pobrezinha. Não falta muito para que seja deportada. – Volto a pôr a chaleira em cima do fogão e depois, subitamente, ouço uma agitação atrás de mim. A Nell está a arrastar os caixotes e a Francie a tentar abrir o fecho. Antes que eu tenha tempo de perceber o que está a passar-se, o Daniel aparece, a abrir a porta à força.

– Daniel! – exclamo. – Bem me parecia que tinha ouvido alguém a bater à porta antes. Chegaste atrasado.

– Estou farto de te enviar mensagens – diz ele à Francie. – Vi-a chegar. Tenho estado a tentar entrar no prédio, mas... – Interrompe-se ao ver a Colette no chão. Fica pálido.

– Daniel – diz a Francie em voz baixa. – Ela tem o Midas.

Ele põe-se a olhar para mim com atenção, com uma expressão esquisita. Quando se aproxima, de repente parece muito grande. Sinto a luz a mudar à nossa volta: uma sombra cinzenta sobre o espaço, como nuvens a ocultarem o sol. As pernas cedem-me e estendo a mão para o balcão, para proteger a cabeça do Joshua. Não me sentia assim tão desorientada desde o primeiro trimestre da gravidez.

– Tu roubaste o Midas? – pergunta-me o Daniel.

– Ele chama-se Joshua.

– Joshua?

– Daniel, por favor, não te aproximes tanto de mim – peço. – Vai-te sentar. Há feijões.

A Francie aparece ao lado dele. – Scarlett, nós só queremos ajudar. Tiveste um dia muito cansativo. Só tu e o bebé.

– Pois tive – concordo. – Custa muito.

– Eu sei. – A Francie põe a mão nas costas do Joshua. – Pois é. Custa.

Olho para o Daniel e, apesar da expressão dura na cara dele, sinto uma vaga de tristeza por ele. – Deve ser muito mais difícil para ti. Tentar fazer isto sendo homem. – Consigo soltar uma risada. – Eu sei. Um tipo com estudos, rico e branco. Que peninha! O peso disso. Mas falando a sério, ser um papá que fica em casa? Não deve ser nada fácil.

– Dá-me esse bebé – diz o Daniel. Agarra-me o braço. Tem a pele suave, os dedos fortes, tal e qual como imaginei que seriam ao tocar no corpo de uma mulher.

– Não, não te dou o bebé – respondo. – Tu tens o teu. – As sirenes soam mais altas e tenho as costas contra a parede e há passos nas escadas. Talvez seja a Gemma, ou a Yuko, com o seu tapete do ioga, a chegar tarde mais uma vez. Mas depois a porta abre-se à força e uns homens com camisas pretas correm para dentro do apartamento.

A Francie está a dizer o nome do Midas e o Daniel tem as mãos no Joshua. Há imensos gritos e eu não consigo compreender o que se está a passar.

Cheira-me a chuva.

Estou nas escadas, a descer os degraus a custo, com a barriga espetada, até ao passeio, a rezar para que o táxi chegue depressa. Sinto a dor a ferrar-se-me nas costas e vejo a expressão na cara do taxista. Sai um líquido de mim e estou deitada numa cama de hospital, a desejar que o Dr. H estivesse aqui. Grace, a enfermeira, manda-me respirar.

Sinto a dor e o escuro, e sei que se passa algo de errado. Algo de terrivelmente errado. Sei que vou perder o Joshua. Mais uma vez.

– Esperem! – berro. – A Francie está a prender-me os braços e o Daniel está a arrancar-me o Joshua. – Não posso deixar que o levem. Deixem-me ver a cara dele. Quero ver que aspeto tem!

– Ponha as mãos acima da cabeça! – berra a Grace. Mas não é a Grace. É uma agente da polícia.

– Por favor não o lavem. Quero tê-lo nos braços. Contacto pele contra pele, imediatamente a seguir ao nascimento. – Sinto uma pressão a comprimir-me o peito. – É de importância crítica.

– Mãos acima da cabeça! – diz a Grace mais alto, com uma arma apontada ao meu coração.

Ponho as mãos na parede e fecho os olhos.

Fazer o luto.

Os meus dedos trepam pela parede como pernas de aranha e estendo a mão para a faca pendurada na fita magnética. Sinto o metal liso e frio da lâmina e envolvo o cabo com os dedos, a puxar, a sentir os campos magnéticos a separarem-se, a libertarem-se uns dos outros.

A sensação mantém-se quando ouço a Francie gritar; quando vejo o brilho de luz onde a lâmina da faca corta um fino raio de sol que se infiltra pela janela da varanda.

Fecho os olhos e, antes de a faca penetrar a minha pele, chamo-o uma última vez.

Joshua.

[8](#) Um serviço que fornece informação legal e sobre o mundo dos negócios. (*N. da T.*)

EPÍLOGO

CATORZE MESES DEPOIS

PARA: Mães de Maio

DE: As vossas amigas no The Village

DATA: 4 de julho

ASSUNTO: Conselho de hoje

O TEU BEBÉ: AOS CATORZE MESES

Em honra do feriado, o conselho de hoje é sobre independência. Já reparaste que o teu pequerrucho, antes todo destemido, subitamente sente medo de tudo quando estás longe da vista? O adorável cão do vizinho é agora um predador aterrador. A sombra no teto tornou-se um fantasma sem braços. É normal que o teu bebé comece a pressentir o perigo no seu mundo, e cabe-te agora a ti ajudá-lo a ultrapassar estes medos, fazê-lo saber que está em segurança e que, mesmo que a mamã esteja longe da vista, estará sempre lá para o proteger, aconteça o que acontecer.

Winnie põe os óculos de sol e enfia o cabelo curto debaixo de um boné de baseball antes de sair para o pequeno jardim. Atravessa a rua rapidamente, com a cabeça baixa para se proteger do vento.

Um homem de cartola está diante de uma coluna de som à entrada do parque, com uma marioneta suspensa de cada mão e uma fila de crianças sentadas muito atentas em frente a ele, boquiabertas, maravilhadas. Uma rajada de vento arranca-lhe a cartola da cabeça, e Winnie afasta-se das multidões e encaminha-se na direção oposta, pelo caminho que dá para a abertura no muro. Conduz o carrinho de bebé por cima do cascalho e passa debaixo do arco, e, quando sobe a encosta e entra no relvado largo, abranda o passo, a olhar para as pessoas. Duas raparigas a usar a parte de cima de um biquini estão deitadas de barriga para baixo, a rir-se de alguma coisa, com copos de café gelado nas mãos e secções do *New York Times* espalhadas na relva à frente delas. Está a decorrer um jogo de futebol por perto, com dúzias de homens em tronco nu a correrem na poeira que se levanta e a berrarem uns aos outros em crioulo. Winnie avista-as à distância, onde disseram que estariam – em cima de mantas à sombra do salgueiro delas.

Atravessa o relvado, desviando o olhar do corniso florido à sua esquerda, debaixo do qual cerca de uma dúzia de pessoas está reunida; balões vermelhos,

brancos e azuis ondulam na brisa, presos às pernas de uma mesa de plástico. Ela vê-se à sombra daquela árvore – a árvore da sua mãe – há um ano. Não voltou ao parque desde essa noite, desde que veio até aqui, vinte minutos depois de sair do Jolly Llama, a andar ao acaso, primeiro pelas ruas desertas e depois com um objetivo. Os mosquitos rondavam-na e o calor opressivo daquela noite de julho abatia-se sobre ela, ali sentada com as costas contra o tronco nodoso, a escrever uma carta à mãe.

É um hábito que mantém há anos, vir aqui com o bloco de apontamentos com capa de pele que encontrou na noite da morte de Audrey, embrulhado em papel prateado e deixado em cima da mesa da sala de jantar quando a sua mãe saiu para ir comprar gelado. A dedicatória na primeira página, escrita na letra delicada de Audrey, está quase desvanecida: *Hoje fazes dezoito anos, mas serás sempre a minha bebé. Feliz aniversário, Winnie.*

O bloco de apontamentos está quase cheio, com longas cartas que Winnie escreve à sua mãe sempre que tem alguma coisa que precisa de partilhar: que abandonou a série *Bluebird*, que ela e Daniel romperam. Que usou algum do dinheiro da família para criar uma fundação para jovens bailarinas. Que Archie Andersen foi para a cadeia, finalmente, na mesma semana em que o pai dela morreu de um ataque de coração durante uma viagem de negócios a Espanha. Foi também à sombra do corniso que Winnie escreveu a Audrey dois anos antes, a dizer-lhe que o tinha feito: encontrara o dador de esperma certo. Ia ter um bebé.

Inicialmente, não planeara vir à árvore da sua mãe na noite em que Midas foi raptado, mas, mal Alma chegou, Winnie soube que preferiria de longe ficar sozinha do que num bar cheio de gente. Depois de entrar pé ante pé no quarto de Midas e de dar um beijo de despedida ao seu filho adormecido, pegou no bloco de apontamentos da prateleira. Mais tarde nessa noite, quando o céu faiscava com fogo de artifício da multidão do outro lado do relvado, ela chorou enquanto escrevia à luz de um lampião do parque sobre como Midas era um bebé tão fácil. Sobre como cheirava, como dava a sensação de ser tão pequeno nos braços dela e como os olhos dele eram tão parecidos com os de Audrey que, por vezes, quando ele olhava para ela, Winnie julgava estar a olhar para a sua mãe.

Um grupo de pessoas por perto desata a cantar «Parabéns a Você», e Winnie vê que Nell lhe está a acenar do salgueiro. Apressa o passo, tentando não pensar naquela noite, e é só quando se aproxima da manta delas que se apercebe de que se enganou. Não conhece aquelas mulheres.

– Olá – diz uma delas. – Podemos ajudá-la?

– Winnie! – Francie está a acenar-lhe da árvore ao lado. – Estamos aqui. – Por trás dela, Colette e Nell estão a espalhar caixas de presentes em cima de uma manta. Beatrice, Poppy e Will andam a cavar na terra por perto.

– Desculpem – diz Winnie às outras mulheres, e Francie vem ter com ela, com a sua nova filha, Amelia, de duas semanas, a dormir dentro da faixa que traz ao peito.

– Chegaste – diz Francie. Winnie deteta um tom de alívio na voz de Francie. – Fico mesmo contente que tenhas vindo.

Winnie segue-a até às mantas. – Perdemos a nossa árvore – diz Colette, olhando para cima e sorrindo-lhe.

– Fomos substituídas por mulheres mais novas – diz Nell. – Ainda bem que nenhuma de nós tem a experiência da sensação que *isso* dá. – Abana a cabeça a Colette, que está a tirar guardanapos e pratos de um saco. – Pela quinta vez, deixas-me fazer isso?

Colette afasta as mãos de Nell. – Eu consigo pegar em *guardanapos* – diz. – De facto, tanto a Poppy como eu tivemos a nossa última consulta de fisioterapia ontem. Ela está exatamente no estádio em que devia estar e – pousa a palma da mão no lado do corpo, por cima do local da ferida – eu estou mais perto de voltar a sentir-me como dantes.

Francie está a olhar para Winnie. – Estás bem?

– Estou ótima.

– Sim? Tens saído de casa?

No caminho pavimentado por trás das árvores passa um casal de patins. – Um bocadinho.

Colette abre a tampa de um recipiente grande para bolos.

– Trouxeste um bolo com um... quadrado cor de laranja? – pergunta Nell.

– Supostamente, é uma casa. – Colette lambe um pouco de cobertura do bolo de um dedo. – Fui eu que o fiz.

– Estás a brincar. Nunca teria adivinhado.

– Está lindo – diz Francie. – Aquela casa está feita à escala. O Lowell anda sempre a dizer às pessoas que comprámos uma casa com três quartos, mas, a não ser que ele ache que alguém vai dormir num armário, está a exagerar. É tão simpático da vossa parte fazerem isto por mim! – Tira um guardanapo da pilha. – Estas hormonas. Já me tinha esquecido de como tudo fica *emotivo* com um recém-nascido. – Assoa o nariz. – Vou sentir saudades vossas.

Nell ri-se. – Francie, tu nasceste para te mudares para Long Island. Vais chegar a *mayor* da cidade ainda antes do Natal. Embora, ao ritmo que levas, o

mais provável é que sejas mãe de seis filhos até lá.

– Sair, mamã. – Midas está a olhar para cima, para Winnie, a contorcer-se para se libertar das fitas que o prendem no carrinho e a apontar para as outras crianças. Winnie solta-o e ele desliza para o chão e corre até aos outros.

Colette serve o bolo e comem em silêncio por uns momentos. – Não sei se queremos falar sobre isto – diz Colette. – Mas preferia arrumar já o assunto. Vi o programa ontem à noite.

– Imaginei que fosses vê-lo – diz Nell. – Eu também o vi. – Lança um olhar a Winnie. – Querem falar sobre isto?

Winnie sorri. – Tudo bem. – Ela também o viu: *Bebé Midas: Uma História de Caos e Mães Modernas*, com Patricia Faith. Um programa especial de duas horas passado em horário nobre, no primeiro aniversário do rapto de Midas.

Daniel apareceu em casa dela ao fim da tarde com um saco de hambúrgueres e cervejas. – Não sei se queres ver o programa – disse ele. – Mas, se quiseres, fico e vejo-o contigo.

Ela já sabia a maior parte dos pormenores. Mark Hoyt foi visitá-la alguns dias depois de Midas voltar para casa e contou-lhe tudo o que Scarlett tinha confessado. O parto de um nado-morto. Como, depois de voltar do hospital para casa, passara horas sentada no seu apartamento às escuras, a ver Winnie pelo binóculo e a fantasiar que Midas era o seu bebé. Como mentiu e disse às Mães de Maio que Winnie lhe confessara que se sentia deprimida, e como pagou trezentos dólares a um jovem serralheiro para ele lhe abrir o carro de Winnie, dizendo que era dela, e meteu a manta de Midas no espaço do pneu.

– Ela entrevistou a Scarlett – diz Colette. – Foi de partir o coração.

Francie para de mastigar. – Estás a brincar. Eu nem consegui ligar a televisão.

– A Patricia Faith visitou a Scarlett na prisão. Ainda está detida na ala psiquiátrica, mas deixaram que ela a sentasse diante das câmaras por uma hora. Parece que a Patricia Faith fez um donativo substancial à prisão.

Nell abana a cabeça. – A Scarlett não tem *ninguém* que olhe pelos interesses dela?

– Eu ando a fazer os possíveis por não pensar mais no assunto – diz Francie. – Durante o parto da Amelia, não consegui deixar de pensar nela. Conseguem imaginar? Ali deitada, sem saber o que está a acontecer. Para onde levaram o bebé. E depois dizerem-lhe que...

– Não – diz Colette. – Não consigo.

– Quando me entregaram a Amelia, fartei-me de perguntar às enfermeiras: *Ela está bem? Está a respirar?* Tiveram de me dizer várias vezes que estava ótima.

Foi só então que me permiti acreditar que ela era real.

– A Scarlett disse à Patricia Faith que o que mais lamentava era ter sobrevivido à facada, naquele dia em que encontrámos o Midas. – Colette dirige o olhar para o círculo de novas mães à sombra do salgueiro. – E que costumava levar aquela boneca aos parques infantis e a aulas de música, e a mantinha dentro do carrinho de bebé. Nunca ninguém deu conta de nada.

Winnie empurra a fatia de bolo no prato com o garfo.

Alguma vez tem alucinações, Winnie?

Alguma vez imagina fazer mal a si mesma?

Vimos o seu registo médico. Sofreu de um problema severo de ansiedade depois de a sua mãe falecer. Custa-nos muito perguntar isto, Winnie, mas alguma vez pensou em fazer mal ao Midas?

– Eu não consegui ver o programa todo – diz Nell. – Aquelas histórias sobre o pai abusador. E aquele psicólogo que a engravidou? Que ser humano horrível!

—

Andavam sempre a dizer-lhe que saísse – as Mães de Maio, Daniel, o pediatra – toda a gente a argumentar que seria bom para ela tirar uma folga de cuidar de Midas por umas horas. Mas ela não queria uma folga. – Encontrei uma aplicação para o teu telemóvel –

disse Daniel enquanto comiam uma sanduíche no parque no dia anterior. – Chama-se Peek-a-Boo! Podes ficar de olho no bebé. Eu acho que elas têm razão, Winnie. Precisas de uma folga.

Mas depois ela deixou o telemóvel em cima da mesa, com a chave de casa dentro. Uma profunda vaga de arrependimento cresce dentro de si. Fecha os olhos, vendo-se ao balcão do bar a pedir mais um chá gelado. Lucille telefonou a Daniel, a dizer que Autumn não parava de chorar e que ele tinha de ir para casa, e depois aquele tipo aproximou-se, inclinou-se demasiado para ela, pôs-lhe a mão na cintura. O seu hálito rançoso, o ribombar da música, o aperto da multidão de rapazes e raparigas.

Precisava de sair dali.

Soube logo. Estava encostada à árvore, com o bloco de apontamentos no regaço, a ver o fogo de artifício do outro lado do relvado, quando ouviu as sirenes da polícia. Soube, da mesma maneira que soubera no momento em que olhou nos olhos o polícia que lhe apareceu à porta de casa vinte anos antes.

– Aconteceu alguma coisa.

Procurou o telemóvel na mala, desvairada, a precisar urgentemente de ouvir Alma dizer que Midas estava bem. Recorda ainda o ardor nos calcanhares, os sapatos a roçarem a pele, quando trepou pelo caminho pedregoso e correu pelo passeio, com o som dos pés no pavimento a ecoar-lhe como trovões na cabeça. A porta estava aberta e a polícia estava lá e Alma estava a soluçar, e depois puseram-se a fazer aquelas perguntas todas. Onde é que ela tinha estado? Alguém a tinha visto sair do bar? Alguém, tanto quanto sabia, queria fazer mal a Midas?

– Seja como for – diz Colette –, já basta. Trouxe uma coisa para todas. – Tira do saco três maços de papel encadernados com argolas em espiral e entrega um a cada uma delas. – O meu romance.

Nell pega num. – Acabaste-o?

– Dois meses a recuperar da operação deixa muito tempo para escrever – diz ela.

Nell folheia-o. – Mal posso esperar. O que é que a editora do Charlie achou?

– Eu não quis dizer nada até ter a certeza, mas ela gostou. – Os olhos de Colette brilham com excitação. – Querem publicá-lo.

O vento sopra com mais força e Francie solta um guincho quando Nell tira a rolha a uma garrafa de champanhe. – Devia ter trazido duas garrafas.

Nell serve a cada uma um copo de plástico, e brindam, ao mesmo tempo que soa uma grande risada das novas mães à sombra do salgueiro.

– Eu tenho exatamente o mesmo pensamento, *constantemente* – diz uma mulher com um vestido vermelho de alças. – Quando estava a arranjar as unhas ontem, entrei em pânico, a pensar que tinha deixado a bebé no passeio, na cadeirinha do carro. Ela estava em casa com a minha sogra. Dei cabo das unhas. Acho que estou a enlouquecer.

Francie lança um olhar na direção delas e ri-se baixinho. – Mamãs de primeira viagem. – Tira Amelia da faixa. – As minhas costas estão a dar cabo de mim. Quem a quer?

– Eu – diz Colette, e estende os braços para a bebé. Enfia os lábios nos caracóis escuros de Amelia. – Digam-me lá se há alguma coisa mais deliciosa do que o cheiro a bebé pequeno.

– Este bolo. – Francie olha para Nell. – Vais ler o livro todo agora?

Nell pousa o manuscrito de Colette na manta ao seu lado. – Não, amanhã. Vou a Washington de comboio. – Afasta o cabelo, que lhe chega agora aos ombros e voltou à sua cor natural. – Vamos fazer uma cimeira sobre licença paga. – Há meses que Nell se despediu da Simon French Corporation para se tornar diretora

executiva de Women for Equality.⁹ – Ouçam só isto – diz, e Winnie esforça-se por prestar atenção, mas está a ter dificuldade em concentrar-se, atraída pelas mãos à sombra do salgueiro. A mulher do vestido de alças vermelho levantou-se da manta e está a dirigir-se para um grupo de carrinhos de bebé estacionados ali perto.

– Viram aquele artigo ontem? – pergunta ao seu grupo enquanto espreita para dentro do carrinho do seu bebé. – Diz que se pensa agora que enfaixar os bebés *causa* síndrome de morte súbita.

– Isso é absurdo. O livro que ando a ler diz exatamente o contrário.

Winnie vira-se para Francie, que está a estender a mão para cortar mais uma fatia de bolo, mas ela para, a faca suspensa na mão, ao ouvir uma agitação súbita por trás delas. Está uma mulher no meio do relvado a gritar o nome de uma criança.

– Lola! – A mulher gira sobre si mesma, com as mãos em concha junto à boca. Um homem vem a correr ter com ela. – Não consigo encontrá-la.

– Lola! – berra a mulher contra o vento.

– Ela estava aqui mesmo, nem há um minuto.

Os olhos de Winnie viram-se para Midas. Está perto das mesas de piquenique, a raspar a terra com ambas as mãos.

– Lola!

– O que está a acontecer? – pergunta Colette, olhando na direção do casal.

– Ali – diz Nell, e aponta para o cimo da encosta. – Há uma menina ali. – Winnie avista a pequenina à distância, a correr para o caminho entre as árvores, a distanciar-se do casal que está a chamá-la aos gritos.

Colette põe-se de pé. – Temos de ir buscá-la.

– Sim, rápido. Vai. – Francie deixa cair a faca do bolo e estende os braços para Amelia. – Passa-me a bebé.

– Lola!

Winnie sente uma deslocação de ar quando um pequeno *spaniel* castanho e branco passa disparado pela manta delas com uma bola de ténis rachada na boca. O casal tomba de joelhos e apanha o seu cão, que salta entre os dois a arranhar-lhes o peito e o queixo com as patas, na brincadeira. – É a última vez que te deixamos correr sem trela – diz o homem, e prende-lhe uma trela à coleira.

Colette senta-se, com o rosto corado. O seu riso é forçado. – Acho que me parou o coração.

Ficam em silêncio e depois Nell pega num embrulho com papel de presente que está em cima da manta. – Toma. – Atira-o a Francie. – Abre alguma coisa.

Francie desembrolha o presente de Colette – um conjunto caro de taças de cobre – e Winnie tenta controlar a tremura das mãos. Ao pousar o copo na relva, repara na figura à distância.

É uma mulher, parada no caminho à sombra por trás do círculo de mães. Está com óculos de sol, um *top* preto e um chapéu de aba larga. Olha alternadamente para as mães à sombra do salgueiro e para o lugar onde Midas está a brincar.

– Para ser franca, sinto-me mais nervosa por ir mudar de casa do que esperava – está a dizer Francie enquanto estende a mão para outro presente. – Espero que me venham visitar.

– Não te preocupes, vamos – diz Colette. – Não vamos, meninas?

– Claro – diz Winnie. Não consegue divisar as feições da mulher, mas é o mesmo cabelo espesso e castanho debaixo do chapéu. O mesmo maxilar definido.

Não é ela. Não pode ser.

Francie pousa ao seu lado a manta de retalhos de bebé com o nome de Amelia bordado que Winnie lhe comprou e tira um biberão do saco das fraldas. – Isso é leite em pó? – pergunta Nell.

– Já te disse. Estou a fazer as coisas de maneira diferente desta vez. Deixei de ser uma mãe perfeita. – Francie ri-se, e o som do seu riso soa agudo aos ouvidos de Winnie.

– Vou à casa de banho – diz a mulher do vestido de alças vermelho. Sobe o caminho, a afastar-se do salgueiro, com o vento a fazer-lhe esvoaçar o vestido à volta das ancas. – Alguém me olha por ela? – berra para trás, mas nenhuma das outras mulheres do grupo parece ouvi-la. Uma delas está a contar uma história. Passam um saco com *pretzels* de mão em mão.

A mulher do chapéu está a observá-las.

– Midas – chama Winnie, mas ele não olha para cima. A mulher começa a andar na direção do salgueiro. Na direção de Midas.

– Midas! – Winnie põe-se de pé. O boné voa-lhe da cabeça e ela corta os pés nos galhos aguçados ao correr para junto da árvore e puxar Midas com força pelo braço. Ao ouvir o choro de Midas, o grupo à sombra do salgueiro olha na direção de Winnie no momento em que a mulher chega perto delas. Tira os óculos de sol e Winnie vê que não está com um *top* preto, mas com uma faixa em que traz um bebé.

– Olá – diz a mulher. – São as Mães de Maio?

– Somos.

Midas está agarrado ao ombro.

– Oh, ainda bem! Não tinha a certeza se este era o grupo certo. – Atira o chapéu para o chão, desembaraça-se de uma mochila e depois tira um bebé da faixa. – Sou a Greta.

– Greta! Conseguiu vir. – As mulheres afastam-se para arranjar espaço para ela. – Finalmente.

– Dói, mamã. – Pelo rosto de Midas correm lágrimas sujas de poeira. Winnie baixa-se e aperta-o contra si. As mulheres à sombra do salgueiro param de falar e olham para ela, enquanto o choro de Midas se torna cada vez mais agudo. – Estás a apertar de mais, mamã. Dói.

– Desculpa – segreda-lhe ela. – Desculpa.

– Winnie. – Ouve alguém chamar o seu nome. – Winnie.

Winnie, tens mesmo de vir. Insistimos.

Winnie, conta a história do teu parto.

Não compreendo, Winnie. Alguém a viu sair do bar?

– Winnie, está tudo bem. – Vira-se. Daniel está de pé ao lado dela.

– Vieste – diz ela.

– É claro que vim. – Daniel pega em Midas e depois sorri. – Anda daí. Vamos sentar. Está tudo bem.

Ela estende a mão para a de Daniel. Entrelaça os dedos nos dele e deixa-o conduzi-la de volta ao círculo, sob o olhar das mulheres à sombra do salgueiro, que apertam contra o peito os seus bebés, os olhos toldados de preocupação e as mantas a agitarem-se à volta delas, sob a brisa quente de verão.

[9](#) Mulheres pela Igualdade. (N. da T.)

AGRADECIMENTO

A autora professa a sua profunda gratidão a Billy Idol pela generosa autorização para usar a letra da sua canção nesta obra.